



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

CAROLINA DE NOVAES RÊGO BARROS

DA IMPRENSA AO ROMANCE: O PERCURSO DE JUANA MANSO NO BRASIL

BELÉM-PARÁ

2024

CAROLINA DE NOVAES RÊGO BARROS

DA IMPRENSA AO ROMANCE: O PERCURSO DE JUANA MANSO NO BRASIL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Unidade Federal do Pará (PPGL-UFPA), como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha 2. Literatura: interpretação, circulação e recepção

Orientador(a): Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz.

Belém - Pará

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R343i Rêgo Barros, Carolina de Novaes.
 Da imprensa ao romance: : o percurso de Juana Manso no
 Brasil / Carolina de Novaes Rêgo Barros. — 2024.
 180 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof^a. Dra. Juliana Maia de Queiroz
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
 Letras, Belém, 2024.

 1. Século XIX. 2. Imprensa. 3. Juana Manso. 4. A Família
 do Comendador (2022). 5. Abolicionismo. I. Título.

CDD 860.98

CAROLINA DE NOVAES RÊGO BARROS

DA IMPRENSA AO ROMANCE: O PERCURSO DE JUANA MANSO NO BRASIL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Unidade Federal do Pará (PPGL-UFPA), como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha 2. Literatura: interpretação, circulação e recepção

Orientador(a): Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz.

Data da aprovação: 29/09/2024

Banca Examinadora:

Orientadora

Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz
Presidente da Banca Examinadora
Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales

Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UFPA
Membro Interno

Profa. Dra. Regina Simon da Silva

Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGEU/UFPA
Membro Externo

Esta dissertação é dedicada ao meu amado
irmão Cézar Augusto de Novaes Rêgo Barros
e a minha querida tia Emília Nazaré Rêgo
Barros dos Santos (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar esse agradecimento dedicando, primeiramente, aos meus pais, que sempre colaboraram e estiveram do meu lado quando decidi realizar um Mestrado. Nunca esquecerei do abraço fraterno que me deram no dia do resultado, muito obrigada Waldirene Pantoja e Paulo Cézar, sem o apoio e a dedicação de vocês, isso não seria possível.

Agradeço imensamente à minha orientadora e amiga professora Dra. Juliana Maia de Queiroz, que está me acompanhando desde a graduação, quando fui sua bolsista PIBIC - UFPA durante 3 anos, minha orientadora do TCC e hoje é minha orientadora do Mestrado. Muito obrigada pelos puxões de orelha na escrita, pelos conselhos e pela sua dedicação afetuosa aos seus orientandos. Tenho certeza de que a senhora não me aguenta mais, mas brincadeiras à parte, eu lhe agradeço, do fundo do meu coração, por estar presente e fazer parte da minha jornada acadêmica. Agradeço também às professoras Germana Sales e Regina Simon por terem participado da banca de qualificação e contribuído muitíssimo para o avanço e, agora, conclusão do meu trabalho. Às professoras, o meu muito obrigada!

Gostaria de agradecer aos meus amigos que estiveram comigo nessa caminhada, ao David Tavares, que me aturou nos momentos de felicidade e surtos acadêmicos e aguentou ler meus textos; à Beatriz Costa, que me incentivou a continuar no ramo da literatura, ao Thalisson Assis, meu amigo de conversas profundas; à Elizabete Silva, que me escutava quando eu me sentia um fracasso; à Dalita Gabriela, que mesmo morando no Sul do país me ajudou inúmeras vezes me questionando sobre meu tema e à Silvia Castro, que corrigiu meu texto e me lotou de dúvidas sobre a Juana Manso e a outras (os) amigas (os) que me fortaleceram de alguma forma na minha trajetória.

Ao meu namorado, Harryson Ruiz, que me fortaleceu e esteve ao meu lado nesses últimos meses. Ele, que na reta final emprestou seu notebook, sem pensar duas vezes, me salvando de conseguir finalizar esta dissertação. Muito obrigada pelo seu companheirismo, dedicação e amor.

Não posso deixar de agradecer à minha tia Rosivanda Novaes, que me recebeu em sua casa quando necessitei realizar estágio obrigatório e compartilhei tantas vezes sorrisos, abraços e pizzas.

Agradeço profundamente a minha tia Emília Nazaré Rêgo Barros dos Santos, que não está mais entre nós e deixou na família um vazio imenso, obrigada pelo apoio ao descobrir que eu faria um Mestrado. Tia Emília me ajudou não apenas com sua leveza e alegria de viver, mas

no primeiro ano de curso me ajudou financeiramente. Obrigada, tia Emília, pelo carinho que a senhora nutria por mim.

E por fim, agradeço ao meu irmão, Cézar Augusto de Novaes Rêgo Barros, que sempre me incentivou e afirmava que eu era capaz de qualquer coisa. Agradeço a oportunidade que a vida me deu em poder me despedir de você e dizer o quanto te amo incondicionalmente. Eu acredito que você deva estar muito feliz e orgulhoso de me ver chegar ao final de mais uma conclusão dentro da Universidade Pública.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), muito obrigada pelo financiamento que possibilitou o avanço da minha pesquisa.

RESUMO

Ao longo do século XIX, no Brasil, a cena literária foi sendo conquistada pelas mulheres oitocentistas. Um dos inúmeros exemplos foi a escritora Juana Paula Manso, dessa forma, esta dissertação tem como objetivo explorar a trajetória da escritora Juana Manso (1819-1875) no Brasil do século XIX, com foco em seu romance *La Familia del Comendador* (1854), destacando o domínio das mulheres na obra e seus aspectos abolicionistas. Além disso, visamos distinguir as formas de poder das personagens femininas dentro do romance, analisamos a construção da família brasileira e as dinâmicas familiares do século XIX, conforme retratadas na narrativa, examinamos a representação dos personagens negros e sua relevância, identificamos os elementos que caracterizam a narrativa como abolicionista e enfatizamos a importância da autora argentina durante seu exílio no Brasil. Para tanto, buscamos primeiramente compreender o cenário literário brasileiro no qual a escritora estava inserida e, para tal fim, utilizamos como aporte teórico os textos de Constância Lima Duarte (1994), Zahidé Muzart (1995), Mary Del Priore (2016) e outros. A metodologia desta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa dividida em duas partes principais: a primeira consistiu na pesquisa documental, explorando trabalhos previamente publicados sobre o tema, enquanto a segunda parte envolveu o levantamento bibliográfico das fontes de pesquisa relacionadas à autora e à obra em questão, conforme definido por Gil (2002).

Palavras-chave: Século XIX; Argentina; Brasil; imprensa; Juana Manso; *A Família do Comendador* (2022); abolicionismo.

ABSTRACT

Throughout the 19th century in Brazil, the literary scene was increasingly shaped by women writers. One of the many examples is Juana Paula Manso, who dedicated part of her life and career to Brazil. Therefore, this dissertation aims to explore the trajectory of writer Juana Manso (1819-1875) in 19th-century Brazil, focusing on her novel *A Família do Comendador* (2022), highlighting women's dominance in the work and its abolitionist aspects. Additionally, we aim to distinguish the forms of power held by female characters within the novel, analyze the construction of the Brazilian family and familial dynamics of the 19th century as portrayed in the narrative, examine the representation and significance of black characters, identify elements characterizing the narrative as abolitionist, and emphasize the importance of the Argentine author during her exile in Brazil. To achieve this, we first seek to understand the Brazilian literary landscape into which the writer was inserted, drawing on theoretical frameworks from Constância Lima Duarte (1994), Zahidé Muzart (1995), Mary Del Priore (2016) and others. The methodology of this research adopts a qualitative approach divided into two main parts: the first involves documentary research exploring previously published works on the topic, while the second part entails bibliographic research of sources related to the author and the work in question, as defined by Gil (2002).

Keywords: 19th century; Argentina; Brazil; nineteenth-century women writers; Juana Manso; *A Família do Comendador* (2022); abolitionism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uma mulher lendo (1869/1870), Jean Baptiste Camille Corot.....	19
Figura 2 - Texto de apresentação do <i>O Jornal das Senhoras</i> redigido por Juana Manso, em janeiro de 1852.	33
Figura 3 - Trecho do periódico <i>O Jornal das Senhoras</i> sobre o anonimato das colaboradoras, 1852.	34
Figura 4 - Retrato de Juana Manso, 1870.	45
Figura 5 - Capa da tradução da obra <i>El Egoismo y la amistad o los efectos del Orgullo</i> (1834).	48
Figura 6 - Capa e contracapa da segunda obra traduzida do Francês por Juana Manso.	48
Figura 7 - Anúncio do Colégio de Santa Clara no periódico <i>Jornal do Commercio</i> (RJ) (1842).....	49
Figura 8 - Anúncio do Colégio de Santa Clara no periódico <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (1843).	49
Figura 9 - Anúncio da mudança de endereço do Colégio de Santa Clara publicada no periódico <i>Jornal do Commercio</i> (1843).	49
Figura 10 - Anúncio das disciplinas ofertadas no periódico <i>Jornal do Commercio</i> (1853).....	50
Figura 11 - Anúncio do tipo de método educacional e valor das mensalidades publicado no periódico <i>Jornal do Commercio</i> (1853)	50
Figura 12 - Anúncio das disciplinas e das provas publicado no periódico <i>Jornal do Commercio</i> (1843).....	50
Figura 13 - Aviso no <i>O Jornal das Senhoras</i> sobre a chegada de Nísia Floresta no Brasil (1852).....	53
Figura 14 - <i>A Família do Comendador</i> (1853) no periódico <i>A Imprensa</i>	56
Figura 15 - <i>La Familia del Comendador</i> (1854) no periódico <i>Album de Señoritas</i>	57
Figura 16 - Anúncio da segunda publicação do <i>O Jornal das Senhoras</i> presente no periódico <i>Jornal do Commercio</i> , no ano de 1852.	62
Figura 17 - <i>O Jornal das Senhoras: Modas, Litteratura, Bellas - Artes; Theatros e Critica</i> , 1 de janeiro de 1852.....	64
Figura 18 - <i>O Album de Señoritas</i> , 29 de janeiro de 1854, Buenos Aires, por Juana Manso...	65
Figura 19 - Ornamentos especiais presentes no periódico <i>O Jornal das Senhoras</i> (1852).	66
Figura 20 - Exemplo do primeiro texto (editorial).	67
Figura 21 - Nota da autora presente na publicação do último capítulo do romance <i>Misterios del Plata</i> (1852).....	69
Figura 22 - Terceira contribuição de Juana Manso.	70
Figura 23 - Homenagem de Gervasia Nunezia à Juana Manso.	70
Figura 24 - Carta aberta à Juana Manso no editorial.	71

Figura 25 - Enaltecimento de Gervásia Nunezia ao trabalho teatral de Juana Manso.	72
Figura 26 - Crônica sobre o significado da felicidade.	73
Figura 27 - Editorial da última edição do <i>O Jornal das Senhoras</i> publicado em dezembro de 1857.	74
Figura 28 - Apresentação do periódico <i>O Jornal das Senhoras</i> (1852)	79
Figura 29 - Apresentação da redatora-chefe Juana Manso.	80
Figura 30 - Primeiro texto sobre o intuito de divulgar a emancipação da mulher	81
Figura 31 - Início do artigo sobre a acolhida e condenação do texto sobre emancipação das mulheres.	84
Figura 32 - Trecho destacado sobre a educação dos filhos	86
Figura 33 - Resposta à uma carta de um leitor desrespeitando Juana Manso e seus ideais.	88
Figura 34 – Trecho do último artigo de Juana Manso sobre a emancipação da mulher.	92
Figura 35 - Anúncio da peça <i>As Manias do século ou os rapazes d'agora</i> no periódico <i>O Correio Mercantil</i> (1853).	99
Figura 36 - Anúncio da peça <i>A Saloia</i> presente no periódico <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (1853).	100
Figura 37 - Notícia sobre a estreia de Eulalia no teatro.	101
Figura 38 - Anúncio de várias peças teatrais no periódico <i>O Correio de Assú</i> (1859).	101
Figura 39 - Anúncio de duas peças teatrais no periódico <i>O Brado do sul</i> (1860).	102
Figura 40 - Anúncio da companhia infantil presente no periódico <i>D. Pedro IV</i> (1871).	102
Figura 41 - Anúncio referente a peça teatral <i>A Saloia</i> presente no periódico <i>O Lobishomen</i> (1871).	103
Figura 42 - Anúncio presente no <i>O Jornal das Senhoras</i> (1855).	104
Figura 43 - Elogio de Machado de Assis à atuação de Juana Manso presente no periódico <i>Correio Mercantil</i> (1855).	105
Figura 44 - Trecho do artigo <i>Casamento</i> presente no <i>Periódico dos Pobres</i> (RJ), 1851.	108
Figura 45 - Trecho do artigo <i>Casamento</i> publicado no periódico <i>A Verdadeira Marmota</i> (BA), 1851.	109
Figura 46 - Trecho do folhetim <i>A Mulher do Artista</i> presente no periódico <i>A Imprensa</i> (1852).	109
Figura 47 - Anúncio de venda da obra <i>As Consolações</i> no periódico <i>Marmota Fluminense</i> (1857).	110
Figura 48 - Trecho da obra <i>Páginas da Mocidade</i> presente no periódico <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (1858).	111
Figura 49 - Trecho da obra <i>As Consolações</i> presente no periódico <i>Marmota Fluminense</i> (1856).	112
Figura 50 - Trecho de <i>Um episódio da tirania de Rosas</i> publicado no periódico <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (1857).	113
Figura 51 - Trecho do artigo <i>A Mulher casada</i> publicado no periódico <i>O Domingo</i> (1874).	114

Figura 52 - Artigo <i>O Jornalismo</i> publicado no periódico <i>O Correio de Assú</i> (1875).....	114
Figura 53 - Poema que Juana Manso dedicou a Soror Dolores publicado no periódico <i>Marmota Fluminense</i> (1875).	115
Figura 53: Árvore genealógica da família Neves protagonistas na obra <i>A Família do Comendador</i> (2022).....	120
Figura 54: Árvore genealógica da família Souza protagonistas na obra <i>A Família do Comendador</i> (2022).....	121
Figura 55: Principais espaços presentes na narrativa <i>A Família do Comendador</i> (2022).....	125
Figura 56 - Aqueduto e Convento de Santa Teresa, 1860, Carlos Linde.	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Anúncios das peças teatrais que Juana Manso escreveu e nas quais atuou no Brasil.....	77
Tabela 2 - Folhetins e anúncios das obras de Juana Manso no Brasil.....	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A FORMAÇÃO DE UM CÂNONE LITERÁRIO FEMININO	17
2.1 A educação feminina no Brasil no período oitocentista	21
2.2 A profissionalização da pena feminina oitocentista.....	28
2.3 O anonimato das escritoras brasileiras oitocentistas	31
2.4 Contexto histórico no Brasil e na Argentina durante a fuga de Juana Manso	35
2.5 Contextualizando o Brasil oitocentista	35
2.6 Contextualizando a Argentina oitocentista	37
2.7 Sobre a ditadura de Rosas e a fuga de Juana Manso	38
3 JUANA PAULA MANSO: vida e obra.....	43
3.1 Juana Manso: a vida de uma intelectual exilada	43
3.2 A Imprensa no Brasil feita por mulheres e para mulheres: Juana Manso nos periódicos oitocentistas femininos e feministas.....	60
3.3 Emancipação feminina no periódico O Jornal das Senhoras	75
3.4 As obras de Juana Manso no Brasil.....	95
4. O ROMANCE A FAMÍLIA DO COMENDADOR (1853).....	117
4.1 Publicação e circulação do romance A Família do Comendador (1853) no Brasil 	117
4.2 As personagens femininas e a construção das relações familiares no romance A Família do Comendador (2022).....	130
4.3 Uma tentativa (in)eficaz de dar voz aos personagens negros em um romance oitocentista.....	150
4.4 O Abolicionismo presente no romance de Juana Manso	163
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
REFERÊNCIAS.....	175

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da minha participação como aluna ouvinte em uma disciplina ministrada pela professora Juliana Maia de Queiroz, que tratava sobre a autoria feminina no Brasil, e que perpassou por algumas escritoras ao longo dos séculos. O encontro com a escritora Juana Paula Manso (1819-1875) aconteceu por meio de uma campanha promovida no site Catarse, desenvolvida pela editora Pinard em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cujo intuito é promover a reedição de obras latino-americanas. A escolha da autora não foi por acaso, visto que, ao ler a sinopse do romance *A Família do Comendador* (2022), percebi sua ligação com o Brasil oitocentista. Ao iniciar mais buscas sobre a escritora e sua obra, verifiquei que os estudos acerca da autora ainda estão em desenvolvimento e que sua ligação com o nosso país foi mais importante do que pensávamos, visto que foi ela quem fundou o primeiro periódico dirigido por uma mulher com o intuito de atender às necessidades de um público leitor feminino.

A fonte que instigou esta dissertação foi a leitura do catálogo *As Mensageiras: Primeiras Escritoras do Brasil*, elaborado pela Câmara dos Deputados, em 2018, além da descoberta da campanha organizada pela editora Pinard, de publicar a primeira tradução do romance *A Família do Comendador*, 167 anos depois da primeira edição. Dessa forma, ao analisarmos a importância de Juana Manso no texto do catálogo e a reedição de sua narrativa, percebemos que estudar a trajetória literária da romancista contribuirá para os estudos da escrita de obras literárias e de impressos produzidos por mulheres no Brasil.

Assim, no catálogo *As Mensageiras*, organizado pela Câmara dos Deputados, a escritora está no rol das pioneiras das “nossas letras que não nasceram no Brasil, mas viveram quase toda a vida no país e aqui publicaram” (2018, p. 49). Além disso, sua trajetória de vida foi marcada por diversos eventos internos e externos que acabaram por influenciar sua carreira e vida pessoal.

O objetivo geral desta dissertação é difundir a trajetória da escritora Juana Manso (1819-1875) no Brasil oitocentista, bem como seu romance *A Família do Comendador* (1854), além de reconhecer o domínio das mulheres presente na obra e os aspectos que o tornam uma narrativa abolicionista. Pretendemos, assim, distinguir as diferentes formas de poder das personagens femininas no interior do romance; analisar a construção da família brasileira e as relações familiares do século XIX de acordo com a narrativa; identificar a representação de personagens negros e sua importância dentro da obra; buscar os traços que tornam essa uma

narrativa abolicionista e, sobretudo, destacar a importância da autora argentina durante seu exílio no Brasil.

A metodologia desta pesquisa consiste em uma análise qualitativa dividida em duas partes: a primeira é a busca de cunho documental e a segunda comporta o levantamento bibliográfico das fontes de pesquisas sobre a autora e a obra em questão. Portanto, de acordo com Gil (2002), a pesquisa documental refere-se a documentos ainda não tratados sobre o tema abordado. Ela vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (Gil, 2002, p. 45). Também é válido ressaltar que esses documentos são considerados fontes primárias, e em consonância com Zilberman (2004), elas constituem, em princípio, matéria da História, que constrói uma narrativa a partir dos documentos que certificam o passado (Zilberman, 2004, p. 15). Dessa maneira, o romance analisado ajudará na construção do entendimento acerca das temáticas já apresentadas anteriormente no decorrer desta dissertação.

No que se refere à segunda parte, ainda em consonância com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (Gil, 2002, p. 44). Baseados nessa premissa, nossa bibliografia trabalhará para fortalecer a análise documental do romance de Juana Manso (1819-1875).

No segundo capítulo, propomos uma apresentação da história da autoria feminina oitocentista no Brasil. Nesse trajeto foi necessário abordar alguns caminhos percorridos para a conquista dos direitos da mulher, sendo o direito à educação feminina um dos principais. Após o reconhecimento desse direito, ocorreu uma nova ruptura, o direito ao trabalho, principalmente o magistério. Logo, ser professora, ao longo dos Oitocentos, no Brasil, era ter acesso à liberdade feminina, pois a mulher poderia ter o seu próprio salário.

Após essa apresentação do contexto histórico feminino, volto-me a outro ponto importante: contextualizar como estavam o Brasil e a Argentina politicamente. É importante situarmos os dois países, pois é a partir dessa comparação que podemos entender como era a vida de Juana Manso, já que ela deixou seu país natal devido a perseguições políticas, estabeleceu-se primeiramente em Montevideu, capital do Uruguai, porém novamente se retirou do país e chegou ao Brasil junto de seus pais. No Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, Juana Manso abre uma escola em sua casa, casa-se, trabalha intensamente no teatro brasileiro e consegue fundar o periódico *O Jornal das Senhoras* (1852). O nome da nossa periodista é Juana Paula Manso, às vezes grafada como Joanna, o sobrenome Noronha surge após o casamento com o violinista português Francisco Sá de Noronha. Destacamos que, mesmo após

a separação, Juana Manso continuaria divulgando seus trabalhos com o sobrenome do ex-marido, que deixa o Brasil e se estabelece em Portugal, deixando a autora e duas filhas.

O terceiro capítulo tem o intuito de divulgar a trajetória pessoal e profissional da autora, abordando desde seu nascimento, seu exílio, seu casamento, até o último dia de vida; também busquei analisar os textos presentes no seu jornal tratando da “Emancipação moral da mulher”, termo que ela utilizou em seus artigos jornalísticos. Um de seus principais objetivos foi divulgar que as mulheres poderiam ser muito mais do que apenas donas de casa, devendo ser tratadas com dignidade pelos seus maridos, e poderiam trabalhar fora de casa, cuidar dos filhos e ter um casamento honesto. Por fim, apresento as obras que Juana Manso escreveu ao longo de sua carreira, perpassada pelo teatro, poemas, livros educacionais e romances.

O último capítulo é dedicado à análise do romance *A Família do Comendador*. A obra teve sua primeira publicação em 1853, com apenas 4 capítulos publicados, no periódico *A Imprensa*, no Rio de Janeiro. A escritora, após deixar o cargo de redatora-chefe do Jornal das Senhoras, em 1853, retorna à Argentina e funda o periódico *O Album de Senõritas*, onde a periodista publicou 9 capítulos da narrativa. No mesmo ano, o romance é publicado em solo argentino pela casa editorial Imprensa J.A. Bernhein, no entanto, somente 152 anos depois surge uma reedição em espanhol, mais especificamente no ano de 2006, com o estudo de Lidia Lewkowicz e, em 2021, temos a primeira edição traduzida do romance no território brasileiro, por meio de um projeto realizado pela professora Regina Simon Silva, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

De acordo com Regina Silva (2020a), os leitores do século XIX não estavam preparados para um romance que buscou retratar assuntos substanciais como a escravidão e a formação das relações familiares brasileiras baseadas no abuso de poder. Assim, resgatar o romance que, como afirma Regina Silva (2020a), possui o Brasil como personagem principal, apresentará novas informações acerca da nossa formação tanto no ambiente privado, familiar, como na esfera pública, bem como da sociedade brasileira do século XIX, logo:

Em consequência de uma visão tão revolucionária para a época, o romance, assim como sua autora, foram esquecidos pelo público argentino, e o Brasil não chegou a conhecer essa obra – da qual é personagem principal – no momento de sua publicação. Essa situação está sendo revista com o resgate da obra de escritoras que foram relegadas pelo cânone literário, como é o caso de Juana Paula Manso, entre outras (Silva, 2020a, p. 220).

Pode-se afirmar que Juana Manso ousou ao trazer questões até mesmo revolucionárias para o período. É o que Cíntia Schwantes (2006) afirma sobre a aceitação e representação do público sobre uma obra:

Uma coisa que não pode ser ignorada é que toda a representação tem como horizonte um público que vai recebê-la e que vai aprová-la ou não – e as representações que estão em dissonância com o meio muito provavelmente serão malditas, *outsiders*, escandalosas (Schwantes, 2006, p. 12).

O romance, que foi esquecido pela história literária brasileira, retrata aspectos da nossa sociedade, que vão desde a escravidão no Brasil, o comando de mulheres, perpassando pelas relações familiares, as diferenças sociais e a formação da sociedade brasileira no século XIX. É importante destacar que um dos primeiros romances brasileiros que buscou retratar cenas de denúncia da escravidão foi *Úrsula* (1859), da escritora Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Contudo, Juana Manso, anos antes, já buscava denunciar em seu romance o retrato da escravidão no Brasil. Regina Silva (2020a) destaca a não abordagem do assunto na literatura brasileira do período, diferentemente do índio, que foi destaque em romances como *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), ambos do escritor José de Alencar. Para a estudiosa, é mais comum vermos a denúncia acerca da escravidão nos relatos dos viajantes do que na própria literatura brasileira:

Embora nos relatos dos viajantes sejam constantes as cenas que denunciam uma acentuada presença da escravidão e dos maus tratos de que eles eram vítimas, o mesmo não acontece na literatura, principalmente nos romances brasileiros desse período (Silva, 2020a, p. 211).

Logo, os romances do século XIX, que buscam abordar o assunto e foram esquecidos pela historiografia literária, são importantes para o resgate da história brasileira dentro e fora do universo da literatura. Para além da trajetória literária, ao analisarmos o romance, mostrou-se a visão de uma estrangeira acerca dos costumes brasileiros. Além do mais, a narrativa tem um papel denunciativo ao abordar de maneira realista o poder das ideias patriarcais enraizadas na figura das personagens femininas, a influência da igreja católica dentro do seio familiar brasileiro e os horrores da escravidão. Dessa forma, a análise do romance consiste em apresentar o enredo, tempo, espaço e análise dos personagens, principalmente as construções femininas, pois essas personagens são a maioria na obra e possuem muitas diferenças e camadas de construções sociais.

2 A FORMAÇÃO DE UM CÂNONE LITERÁRIO FEMININO

Em 1994, Constância Lima Duarte, em um artigo publicado pela Folha de São Paulo, questionava o fato de que as mulheres não aparecem no *hall* do cânone literário. O texto inicia dando exemplos de nomes de figuras estrangeiras que foram aos poucos apagadas da historiografia literária mundial por meio dos ataques de ciúmes dos maridos e dos próprios filhos, mostrando que o trabalho feminino no papel de escritora foi renegado em qualquer lugar do planeta, principalmente nos séculos passados. Da mesma forma questionadora, em 1995, Zahidé Muzart indagava o desaparecimento feminino nos estudos do cânone literário e ao mesmo tempo afirmava que elas, em comparação aos escritores, poucas publicaram, mas muitas escreveram.¹ Em 1999, Zahidé Muzart publica uma antologia denominada *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*; 23 anos depois, Constância Lima Duarte publica *Memorial do Memoricídio - volume 1*, mostrando como o sistema literário feminino foi enorme, porém relegado ao esquecimento. O trabalho do resgate literário feminino, de ambas as pesquisadoras, norteiam atualmente as demais pesquisas sobre a autoria feminina brasileira, não apenas as oitocentistas, mas as autoras esquecidas e apagadas dos últimos anos também.

Dessa forma, respaldada no trabalho dessas pesquisadoras, fazemos o mesmo questionamento: o que aconteceu ao longo da história para que as escritoras não estejam presentes no cânone literário brasileiro? É importante salientar que não tentaremos fechar uma resposta, pois com o passar dos séculos foram surgindo novas maneiras de apagamento, mas o intuito é apresentar alguns fatores que levaram ao esquecimento e/ou apagamento dessas escritoras, principalmente as oitocentistas. Sendo assim, para Constância Lima Duarte (1994), o contexto familiar de não incentivar a escrita feminina como fonte de trabalho foi um motivador para que as mulheres tivessem mais receio em publicar. Enquanto isso, as famílias abastadas, que apoiavam e incentivavam a educação e a escrita feminina, conseguiam garantir a publicação das obras literárias, mas não alcançaram os críticos literários que rechaçavam tais escritos. Pela mesma razão, algumas famílias que possuíam intelectuais masculinos em destaque não encorajavam os escritos das mulheres em virtude do sucesso que a figura feminina poderia ter sobre o homem. A pesquisadora exemplifica com os seguintes casos:

As relações familiares, hierarquizadas e funcionais, não incentivavam o surgimento de um outro escritor na família, principalmente se a concorrência vinha de uma mulher. Não é por acaso que de algumas só se sabe que foi "irmã de Balzac", "esposa

¹ MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. Universidade Federal de Santa Catarina. *Anuário de Literatura*. v.3, 1995, p. 85-94. Disponível em: <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/issue/view/855/showToc>

de Musset", "mãe de Lamartine" e mal se conhecem seus nomes ou seus escritos (Duarte, 1994, p. 87).

Como podemos verificar no trecho acima, as mulheres, quando parentes de homens “famosos”, eram adjetivadas pela sombra desse homem. Zahidé Muzart (1995) descreve a formação do cânone como vinculada ao poder dos estudos presentes nas universidades, aos grupos de poder predominante organizados e só para homens, aos escritores nascidos no eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, e aos círculos de amizade e influência que possuíam:

O estudo do cânone está ligado, pois, a várias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros. Aquilo que, é canonizado em certas épocas, é esquecido noutras; o que foi esquecido numa, é resgatado em outra (Muzart, 1995, p. 86).

Se para Muzart (1995) o cânone está ligado a diversos fatores sociais, do mesmo modo, Constância Lima Duarte (1997) reafirma que o esquecimento e apagamento das escritoras oitocentistas foram de mulheres instruídas, com realidades financeiras ligadas à denominada burguesia, ou seja, que possuíam recursos financeiros, e mesmo assim foram sumindo ao longo dos séculos:

(...) estamos falando de mulheres instruídas do século 19 e que pertenciam a uma classe social de recursos. Nem se cogita de mulheres do povo, porque é sabido que estas não teriam a menor chance de se tornar escritoras, por maior que fosse a vocação (Duarte, 1997, p. 86-87).

Outro dado a ser destacado ao longo da pesquisa de Zahidé Muzart (2003) é o fato de que as obras literárias de autoria feminina foram apagadas ao longo do tempo, na verdade, advém de um fator político, “pois não só porque mulheres escritoras são esquecidas; são esquecidas sobretudo as mais atuantes, as feministas, em uma palavra” (Muzart, 2003, p. 2). Logo, pensando no período em que estavam inseridas, destacamos que as autoras que “desapareceram” foram aquelas que lutavam pela emancipação feminina, ou seja, o direito de a mulher ir à escola, trabalhar, publicar obras literárias ou artigos em periódicos e abrir seus próprios estabelecimentos jornalísticos, todas aquelas que quebraram o silêncio (Perrot, 2005) imposto pelos homens.

No entanto, percebemos que, ao analisarmos a história de vida dessas escritoras oitocentistas, é comum percebermos que, em sua maioria, eram mulheres da alta sociedade e parte de uma minoria que dispôs de alguns benefícios. Tais autoras brasileiras possuíam um grau de conhecimento elevado; desfrutavam de educação (leitura e escrita) fora ou dentro de casa e foram retratadas (figura 1) sempre ligadas aos ambientes em que estavam inseridas; sabiam mais de duas línguas, principalmente o Francês; dedicavam-se não somente às letras,

mas nos estudos da arte, da pintura, além do aprendizado em instrumentos musicais, como, por exemplo, o piano; outras eram incentivadas pela mãe e pai, por tias, tios e, posteriormente, pelo marido, pelas filhas, filhos e outrora netos.

Figura 1 - *A leitura* (1892), Almeida Júnior.



Fonte: Pinacoteca de São Paulo.

Exemplos de incentivos familiares foram as escritoras Juana Manso (1819-1875) – mais detalhada no capítulo seguinte –; Nísia Floresta (1810-1885), Inês Sabino (1853-1911), Corina Coaraci (1858-1892), Luísa Leonardo (1859-1926) e Júlia Lopes (1862-1934), que a princípio foram ajudadas de alguma forma pelos próprios familiares (pai, mãe, tias, padrinhos etc.) e algumas pelos maridos. A maioria dessas mulheres tinha outros empregos, como os de professora e preceptora, além do de escritora, também deviam manter salvaguardados o serviço de cuidar da casa, dos filhos e, às vezes, de responsabilizar-se pelo marido ou algum parente doente.

Um exemplo é o caso de Corina Coaraci – oriunda de família nobre, estudou nos Estados Unidos, fazia publicações enquanto solteira nos jornais do próprio pai; depois voltou ao Brasil e terminou seus estudos, casou-se e continuou publicando em diversos periódicos brasileiros, depois acabou retornando aos Estados Unidos e torna-se correspondente do periódico *O Paíz*, de acordo com os estudos de Eliane Vasconcelos (1999). Como podemos perceber, a trajetória dessas escritoras foi diversa e em sua maioria elas foram ajudadas pelos familiares e outras retiravam o dinheiro de outros trabalhos, principalmente do magistério, para conseguirem publicar seus escritos.

A partir da recuperação realizada por Zahidé Muzart (2000), reforçamos a identificação dessas escritoras oitocentistas através de características inerentes apresentadas pela pesquisadora. Logo, podemos mencionar que várias autoras não tiveram a mesma oportunidade ao longo de suas carreiras de sucesso, algumas mostraram “possuir memória extraordinária e inteligência precoce”² (Luciana Abreu [1847-1880]); muitas, com a perda de familiares, fizeram da arte o seu sustento (Maria Angélica Ribeiro [1829-1880]) ou desde que iniciaram a prática de escrever se dedicavam integralmente àquela ação (Izabel Gondim [1839-1933]; Amália dos Passos Figueroa [1846-1875]); algumas se dedicaram à literatura após perderem, principalmente, os filhos (Maria do Carmo de Melo Rego [1839-1909]; Rita Barém de Melo [1840-1868]); outras, depois de perderam gradativamente a visão, passaram a aguçar a audição (Delfina Benigna da Cunha [1791-1857]; Ana Ribeiro de Góis Bittencourt [1843-?]) ou eram totalmente ou parcialmente cegas (Ângela do Amaral Rangel [1725-?]; Serafina Rosa Pontes [1850-1923]); e inúmeras tentavam utilizar a escrita como forma de protesto (Júlia da Costa [1844-1911]; Josefina Álvares de Azevedo [1851-1913]), seja lutando pela liberdade feminina (Ana Eurídice Eufrosina de Barandas [1806-1863]; Nísia Floresta Brasileira Augusta [1810-1885]; Maria Benedita Câmara Bormann [1853-1895]) ou pelo fim da escravidão (Juana Paula Manso de Noronha [1819-1875]; Maria Firmina dos Reis [1825-1917]; Inês Sabino [1853-1911]).

Outro aspecto a relembrar é que a maior parte das obras foram divulgadas e publicadas em periódicos da época; porém, também podemos aludir que, possivelmente, essas obras foram publicadas, mas se perderam no tempo, como foi o caso de *Úrsula* (1859), reencontrada em um lote de livros antigos pelo bibliógrafo e colecionador Horário de Almeida e reeditada praticamente 100 anos depois da primeira edição; um segundo exemplo é o romance *O Mameluco* (1882), escrito por Amália Rodrigues, reeditado a partir da publicação presente no periódico *Echo Sant’Amarense*, de 1882, que está arquivado no acervo da Biblioteca do Estado da Bahia. Há também o manifesto *Direito das mulheres e Injustiça dos Homens*, escrito por Nísia Floresta, com a terceira edição publicada em 1839 pela editora Casa do Livro Azul, no entanto, 150 anos depois, Constância Lima Duarte resgatou a obra, em 1939; ou o caso de Juana Manso, que iniciou a publicação do romance *A Família do Comendador*, em 1853, no periódico *A Imprensa*, mas não seguiu com a publicação e nem publicou o livro físico no território brasileiro, sendo a primeira publicação em livro no território Argentino.

² Muzart, 1999, p. 440.

A história literária feminina durante o Oitocentos é diversa e o papel de resgatar essa trajetória torna-se crucial a partir do momento em que percebemos que, durante o período em que viveram, muitas autoras não passaram despercebidas e foram aclamadas pelo público e hoje estão apagadas do cânone literário. Diversos nomes tiveram importância e relevância para a época, no entanto, por diversos motivos suas histórias foram sendo esquecidas, e desde o final do século XX seus nomes estão sendo resgatados e reapresentados para a sociedade contemporânea, tornando o cânone literário cada vez mais amplo, diverso e, finalmente, reparando o enorme apagamento das escritoras ao longo dos últimos séculos.

2.1 A educação feminina no Brasil no período oitocentista

Ao longo dos séculos, a mulher foi tratada de forma inferior pelo homem e pelos sistemas políticos em vigência. Luiza Lobo (1999) destaca os diferentes tipos de comportamentos que as sociedades destinavam aos homens e às mulheres, para eles eram os trabalhos considerados pesados e a elas foram os julgados como serviços leves:

Na Antiguidade, passando pela organização das primeiras sociedades não-nômades, a força física era importante na guerra, na caça e nos trabalhos pesados, enquanto o trabalho exercido pela mulher no fabrico dos bens de consumo (tecidos, culinária e trabalhos domésticos e com a prole em geral) pôde ser substituído pelo trabalho de escravos. Na sociedade grega, o trabalho da mulher, ligado à casa - tecidos, culinária, organização da casa - quando foi transferido para os escravos capturados na guerra, foi igualado negativamente ao trabalho escravo, e assim surgiu um simbolismo negativo com relação a ambos que o exerciam (Lobo, 1999, online).

Do mesmo modo que Luiza Lobo (1999) apresenta acima os comportamentos sociais, Mary Del Priore (2020) reitera a participação da Igreja católica na disseminação de ideias sobre a inferioridade da mulher na sociedade durante os séculos XII e XVIII. Tais informações qualificaram-nas como um “grande mal na terra”³ e os problemas de ordem natural eram explicados como oriundos do pecado da mulher. Se no catolicismo a figura feminina foi sendo desqualificada ao longo dos anos, no século XVI, Martinho Lutero, criador do protestantismo, também concordava com a “natureza inferior feminina”⁴. Para Lutero, a mulher servia apenas para ser “reprodutora e subserviente aos homens”⁵. Logo, mesmo com as divergências em algumas questões religiosas, a Igreja católica e o protestantismo tinham algo em comum, o fato de acreditarem que as mulheres seriam seres inferiores aos homens.

³ Priore, 2020, p. 18.

⁴ Priore, 2020, p. 19.

⁵ Priore, 2020, p. 20.

Vera Kessamiguiemon (2002) identificou que o modelo ideal de mulher, no período oitocentista, deveria estar associado à submissão: “ser mulher era não passar as raia da moralidade dominante. Era não desviar-se, mas submeter-se; pois, na época, insubmissão e insanidade mental eram consideradas sinônimos ou consequências mútuas; uma resvalando ou conduzindo à outra” (Kessamiguiemon, 2002, p. 5). Dessa forma, podemos perceber que o modelo feminino foi sendo construído através das ideias comportamentais de como as mulheres deveriam portar-se socialmente. Além do mais, a medicina vinha publicando ideias acerca da inferioridade feminina, por esse motivo, foi comum associar o homem como possuidor do poder e da razão e a mulher ao sentimentalismo e à submissão. Vera Kessamiguiemon (2002) afirma que:

No século XIX, século do “homem natural”, tornou-se comum a associação entre mulher e natureza, homem e cultura. Seres diversos, com capacidades distintas. A medicina e a biologia corroboravam esse pensamento ao atribuir aos homens cérebro, inteligência, razão, lucidez, discernimento; às mulheres, coração, emoções, sensibilidade, sentimentos, fraqueza de espírito (Kessamiguiemon, 2002, p. 5).

Esse “homem natural” era oriundo da corrente iluminista da época, pois afirmava-se que os homens eram aqueles que possuíam capacidades mais distintas e as mulheres deveriam apenas ser modelos de pureza e doçura, como mencionado na citação acima. Para entendermos melhor, o Iluminismo foi um movimento cultural que ocorreu a partir do século XVIII, o qual manifestava a razão como forma de poder com o objetivo de reformar tanto a sociedade quanto o conhecimento que foi herdado da tradição medieval e de tudo o que comumente se refere como Antigo Regime, como afirma Maria Santos (2015).

Para Maria Santos (2015), Denis Diderot e Jean-Jacques Rousseau foram os maiores precursores do movimento, além de mencionarem principalmente temas como a estrutura familiar, a educação e o papel da mulher dentro da sociedade a partir do pensamento iluminista. A pesquisadora observa que, enquanto o Iluminismo trouxe uma revolução significativa no pensamento e na estrutura da sociedade ao romper com os valores tradicionais impostos pela Igreja e pela nobreza, as mudanças propostas pelos filósofos iluministas em relação ao papel social da mulher foram notavelmente mais moderadas. Logo, o comportamento idealizado nas terras brasileiras foi oriundo de pensamentos e comportamentos do modelo europeu já impostos no século anterior.

Os iluministas argumentavam que as mulheres deveriam receber uma educação distinta dos homens. Eles acreditavam que era importante instruí-las para que pudessem aprimorar suas qualidades naturais, como delicadeza, pureza e doçura, além de cultivar sua beleza e outras

características que eram consideradas necessárias para agradar aos homens, vistos como os principais atores na vida social da época, de acordo com Maria Santos (2015).

Ela [a natureza] que dá às mulheres um espírito tão agradável e tão versátil [...] ela quer que elas [as mulheres] pensem, julguem, amem, conheçam, cultivem seu espírito como seu rosto; são as armas que lhes dá para suprir a força de que carecem e para dirigir a nossa. Elas devem aprender muitas coisas, mas as que lhe convém saber (Rousseau, 1995, p. 432, *apud* Santos, 2015, p. 53).

Santos (2015) estabelece, segundo a concepção iluminista, como a de Rousseau mencionada acima, que era evidente o modo no qual as mulheres deveriam concentrar-se nos cuidados da beleza física e da etiqueta social, pois esses atributos eram considerados essenciais para realçar a figura feminina. Além disso, Rousseau enfatizava a importância de educar as mulheres conforme sua destinação natural, ou seja, principalmente para o cuidado do lar, dos filhos e do marido. As ideias de quais deveres as mulheres deveriam ter e quais eram destinados aos homens será visto no pensamento de Juana Manso, abordado no capítulo seguinte.

No entanto, apesar das dificuldades impostas pela sociedade, pelos homens (pais e maridos) e pela ciência, muito se discutiu sobre a educação feminina brasileira. Além do mais, um dos fatores que era apontado acerca da falta de instrução era a crença, principalmente dos pais e maridos, de que o conhecimento da escrita poderia favorecer a comunicação entre amantes⁶. Ao ter acesso à leitura e à escrita, as mulheres poderiam ser facilmente cortejadas por outros homens, o que, se viesse a público, mancharia a pureza da mulher solteira e desonraria a mulher casada. Cecília Barreira (2014) descreve que tais cartas eram construídas “frase por frase, advérbio por advérbio”⁷ e outra característica marcante foram as trocas de palavras por flores e plantas. Dessa maneira, as mulheres terem acesso à educação poderia prejudicar a sua própria reputação e a de seus familiares, de acordo com a perspectiva masculina oitocentista. Ademais, “até 1815 e, malgrado passagem da família real, a educação feminina se restringia a recitar preces de cor e calcular de memória, sem saber escrever nem fazer as operações” (Priore, 2016, p. 285). Outras restrições eram colocadas em uma longa lista na qual as mulheres não deveriam realizar, Priore (2016) cita o fato da memorização feminina, Cecília Barreira (2004), como já dito anteriormente, comenta a censura na escrita de cartas, pois acreditava-se que as mulheres poderiam se utilizar como um meio para encontro de amantes:

As cartas poderiam ser interceptadas pela família. Havia que tomar precauções. Um modo reconhecido e bastante utilizado para iludir a vigilância dos pais fazia-se com o nome de flores e plantas que substituíam determinadas palavras: amargura era aloés; amor em linguagem esotérica, mirto; beleza / rosa; solidão / cogumelo; vida / flor de

⁶ PRIORE, Mary Del. *Histórias da gente brasileira volume 2 Império*. São Paulo: LeYa, 2016.

⁷ Barreira, 2004, p. 15.

café; esperança / vime; loucura / violeta. Frases como «Estou ramo de rosas por te ver. O cogumelo da minha flor de café é um aloés constante», eram frequentes. Tradução: «Estou morto por te ver. A solidão da minha vida é uma amargura constante. Todavia, a paz do meu coração é uma tristeza infinda» (Barreira, 2004, p. 18).

Como podemos analisar, o uso de códigos florais e botânicos revela-se uma estratégia inteligente e poética para comunicar sentimentos profundos de amor e emoção, ao mesmo tempo ocultando sua verdadeira intenção, o sentimento amoroso por alguém.

No geral, a mulher brasileira possuía três princípios, que eram: batizar, casar e enterrar (Duarte, 2016). Do mesmo modo, como afirma Mary Del Priore (2016), a “ignorância feminina era incentivada pelos homens da casa” (Priore, 2016, p. 285), contudo, como veremos mais adiante, apesar da história educacional feminina ter sido vista com bons olhos para alguns e, em sua maioria, rechaçada por outros, muitas famílias possuíam algum senso crítico e tentavam oferecer uma educação digna às suas meninas, como é o caso de grande parte da história familiar das diversas escritoras brasileiras do século XIX.

De acordo com o capítulo Mulheres e Livros: Escritas e Leituras Femininas, de Mary Del Priore, presente no livro *Sobreviventes e Guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*, publicado em 2020, os viajantes estrangeiros, ao chegarem no Brasil, criticaram o fato da educação feminina ter distinção da educação voltada ao público masculino, visto que, na Europa, já não se via tal diferença. Os estrangeiros, que aqui desembarcavam, percebiam que as mulheres eram, de alguma forma, mantidas longe de assuntos importantes da sociedade da época. No entanto, apesar de ser um pensamento comum de que as mulheres não escreviam, não participavam da vida da política e não ajudavam financeiramente suas famílias, os estudos no final do século XX e durante o atual século demonstram que elas se envolviam nas mais diversas áreas da sociedade, porém foram sendo esquecidas pela história e não mencionadas ao longo dos anos e mesmo fazendo parte da construção da história brasileira, as mulheres foram sendo silenciadas e esquecidas. Ainda assim, consonante aos estudos de Mary Del Priore (2020), o século XIX “foi o momento em que as mulheres ocuparam outro espaço decisivo: o do texto literário ou político, muitas vezes fazendo de suas canetas uma maneira de ganhar a vida” (Priore, 2020, p. 105), o que corrobora a pesquisa de Zahidé Muzart (2003) ao discorrer que as mulheres do século XIX produziram em demasia, principalmente no campo literário, além de estarem presentes nas diversas regiões do país:

E quando parei para pensar no pedido de recuperação da memória literária das mulheres do século XIX em 20 minutos... me dei conta do quanto ainda elas foram e são ignoradas e subestimadas, pois o número de mulheres no século XIX que escreveram, tanto em periódicos como em livros, é enorme e seu campo de atuação, também muito amplo: habitaram diversas regiões no Brasil, pertenceram a mais de

uma classe social, da mais alta à bem pobre, foram brancas arianas ou negras africanas ... (Muzart, 2003, p. 2).

Sendo assim, a educação era voltada principalmente aos homens brancos burgueses, educação e poder andavam juntos e o sexo masculino detinha o dever e o direito de possuir educação de qualidade e, conseqüentemente, poder sobre os mais vulneráveis, as mulheres e os demais grupos sociais do século XIX. Para Cristina Knapp (2021), no Brasil oitocentista “a escrita e o saber estiveram associados à ideia de poder, e quem o detinha na sociedade patriarcal era o homem, em consequência a mulher assumia uma posição de inferioridade” (Knapp, 2021, p. 169). No entanto, apesar desse status de poder, diversas vozes femininas se destacaram, tendo o início na área educacional, como foi o caso da escritora Amália Franco, oriunda de uma família voltada para a educação, sua mãe que era professora, apoiava os estudos da filha.

É importante salientar que o número de escolas voltadas para meninas no Brasil foi um árduo trabalho. As pesquisas de Mary Del Priore (2016) mostram que, em 1816, o Brasil possuía apenas dois colégios particulares; em 1827, surge a primeira lei que permitia às mulheres frequentarem as escolas, porém apenas o ensino elementar, ou seja, o ensino básico, o primário. O ensino secundário era proibido e apenas em 1879 foi permitido o acesso das mulheres ao ensino superior no Brasil, como nos informa Marina Colasanti (2012). Outros dados acerca da escolaridade no território brasileiro foram divulgados com o primeiro censo realizado no país, em 1872, o qual teve como resultado a seguinte estatística: 81,43% das pessoas ditas como livres eram analfabetas, sendo apenas 19,85% homens e 11,5% mulheres alfabetizados (as), entre as pessoas em situação de escravidão não alcançava 1% aqueles que sabiam ler e escrever, ademais, a contagem total da população dita brasileira⁸ chegava a cerca de 4.806.609 mulheres e 5.123.869 homens. Ainda em 1879, de acordo com Constância Lima Duarte (2016), o governo inaugurou as primeiras instituições voltadas para as mulheres no ensino superior. O Colégio Dom Pedro II, em 1880, passou a aceitar o ingresso de meninas, porém durou apenas cinco anos. O colégio mudou de direção e “achou por bem transferir as quinze alunas matriculadas para estabelecimentos mais adequados ao sexo, voltando a atender somente meninos” (Duarte, 2016, p. 18).

Ainda na década de 1880, outras instituições de renome, como o Liceu de Artes e Ofícios e o Liceu Santa Isabel, este último fundado por Francisca Senhorinha Diniz, oferecem o curso secundário às meninas, além de música, desenho e línguas. Se essa era a situação educacional das jovens da elite na principal cidade do país, pode-se imaginar como devia ser nas demais províncias (Duarte, 2016, 18).

⁸ Os dados aqui informados são mencionados por Constância Lima Duarte (2016) na introdução do livro *Imprensa feminina e feminista no Brasil*.

Ao longo dos anos, depois de muita reivindicação, diversas mulheres, em sua maioria escritoras, romancistas, poetisas e jornalistas, foram abrindo a porta de suas residências divulgando o trabalho como professoras, pensionistas ou preceptoras de meninas, como ocorreu com a escritora Juana Manso, que divulgava nos jornais do Rio de Janeiro o seu serviço como pensionista e que utilizava as novas ideias educacionais oriundas da Europa, ou Maria Firmina dos Reis, que era professora pública do Estado do Maranhão e oferecia aulas gratuitas em sua residência para as crianças de ambos os sexos, afirma Moraes Filho (1975). No entanto, depois de dois anos e meio foi obrigada a fechá-la por causar um escândalo ao lecionar sem distinção para as crianças.

Outros exemplos de escritoras brasileiras que trabalharam na área educacional voltada para o público feminino, de acordo com a antologia de escritoras oitocentistas organizadas por Zahidé Muzart (2000), foram Maria Josefa Barreto (1775-1837), fundadora de uma escola mista na sua própria residência, em Porto Alegre; Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), dirigente de um educandário para meninas em Vila Velha; Ildefonsa Lara César (1794- ?), a qual foi professora, na Bahia; Nísia Floresta Brasileira Augusta, fundadora do colégio Augusto, em 1838, para meninas, no Rio de Janeiro, com novas práticas educacionais; Ana Luísa Azevedo Castro (1823-1869), professora, preceptora e diretora de uma escola de humanidades, no Rio de Janeiro, com grandes honrarias; Isabel Gondin (1839-1933), professora concursada, escreveu livros didáticos, em 1893 foi aposentada contra sua vontade, porém continuou a lecionar por mais 25 anos e em 1927 recebeu uma medalha de mérito por seu trabalho educacional; Luciana Abreu (1847-1880), que depois de casada e com dois filhos, retomou os estudos no qual se formou como professora primária, destacando-se pelo seu apelo às questões sociais e referentes aos direitos da mulher; Adelina Lopes Vieira (1850-1922), professora pela Escola Normal, no Rio de Janeiro, Delminda Silveira (1856-1932), professora de Francês e Português no colégio Sagrado Coração de Jesus, escola católica para meninas; e Juana Manso que abriu, em 1843, o Colégio Santa Clara, no Rio de Janeiro, voltado apenas para matrículas femininas.

Como podemos perceber, a educação voltada para meninas estava ganhando novas percepções, visto que inúmeras mulheres passaram a exercer o cargo de professora. No entanto, é importante destacar que o fato de professoras mulheres estarem ganhando espaço, de acordo com Vera Kessamiguiemon (2002), possuía uma “forma ambígua” de interpretação. Para a pesquisadora, os críticos consideram a “feminização do magistério como conquista feminina, outros a vinculam às concessões masculinas ou, simplesmente, à transformação dos costumes, num mundo em evolução social e econômica” (Kessamiguiemon, 2002, p. 10). Ou seja, alguns

estudiosos acham que a profissionalização feminina foi uma conquista das mulheres, outros acreditavam que, na verdade, foram os homens que começaram a abrir espaço para o labor feminino. Sendo assim, a conquista da profissionalização do magistério feminino estava sendo atendida.

Por fim, apesar da ambiguidade dessa “permissão”, diversas mulheres viam no magistério uma forma de ganhar um sustento digno, de se tornarem independentes longe dos homens, de poderem sair sem serem obrigadas a estarem acompanhadas de um homem. Sendo assim, Jane Almeida (1998) salienta que:

A intolerância social para com a mulher solteira, em nome da moral cristã e para assegurar a descendência, levava as jovens ao casamento como anteparo da família. O magistério significou uma ruptura com esse estado de coisas ao permitir que as professoras vivessem com dignidade sem submeter-se às imposições sociais (Almeida, 1998, p. 71).

A educação proporcionada pelo magistério permitiu às mulheres solteiras viver com dignidade, rompendo com as imposições sociais que as obrigavam ao casamento para garantir a moralidade e a descendência. No geral, o magistério estava tornando-se quase que exclusivamente feminino e a educação da mulher se tornava importante para evitar a perda de sua moral ou uma desonra no seio familiar. Vera Kessamiguiemon (2002) observa que, entre os séculos XIX e XX, a medicina propagava, primeiramente, a mulher como um ser assexuado, depois que possuía uma essência dupla má e boa, anjo/demônio, além de acreditarem na ligação entre o feminino e a insanidade mental. Essa última relação acabou funcionando como uma forma de manutenção da elite sobre as mulheres, uma vez que relacionava-se o comportamento feminino sexual e moral como condutas perigosas se ultrapassassem o que os homens acreditavam como comportamentos aceitáveis.

Para Sandra Vasconcelos (1995), a crença no poder da educação, difundida pelo Iluminismo por toda a Europa, não abrangia necessariamente as mulheres, que enfrentavam restrições severas para o acesso a um ensino sério. Elas eram excluídas não apenas da educação, mas também da participação política e do poder. Assuntos literários, filosóficos, políticos e comerciais eram predominantemente do domínio masculino, discutidos em clubes e cafés. Em contraste, as mulheres eram instruídas na arte da conversa, na modéstia e na administração doméstica. O foco principal para elas não estava nos assuntos sérios, mas sim na modéstia, graça, decoro, recato e delicadeza.

Vasconcelos (1995) também identificou que, por outro lado, comportamentos frívolos, como flerte e coqueteria, eram amplamente condenados como desvios graves para as mulheres. Patricia Meyer Spacks (1974) argumenta que a sociedade do século XVIII estabeleceu uma

divisão nítida entre comportamento virtuoso e não virtuoso para as mulheres. Além disso, havia uma clara distinção de classe: esperava-se que as mulheres de classes média e alta fossem castas e não se comportassem como seres sexuais, enquanto menos restrições eram impostas às mulheres das classes mais baixas.

No segundo momento, a medicina divulgou que ser professora era como um ato puramente maternal. Uma vez que a maternidade estava ligada intrinsecamente à essência e natureza da mulher, logo, os cientistas ligaram a natureza da maternidade com o papel do magistério. Em ambos, a mulher teria o papel de cuidar e educar as crianças, portanto, a docência feminina era algo tão natural quanto a maternidade, de acordo com os cientistas do século XIX, como salienta Vera Kessamiguiemon (2002).

Assim, para entendermos a trajetória da escrita feminina no Brasil é necessário investigar como era o papel da mulher na sociedade brasileira oitocentista. Logo, falar de escritoras é contar a história da educação da mulher ao longo do século XIX, que durante muitos anos eram proibidas de frequentar qualquer ambiente, como relatamos anteriormente, seja ele educacional ou não, seu papel como filha e esposa era apenas cuidar da casa e procriar.

Portanto, a partir da nova conjuntura da profissionalização feminina dentro do magistério, ao ganharem seu espaço, cedido ou não pelos homens, acabou modificando o olhar da sociedade oitocentista, além da postura e dos direitos que a mulher poderia e deveria ter impulsionados pelo acesso delas à educação. A partir do ato de ensinar, as professoras também exerciam o ato de escrever e seus escritos começaram a ganhar notabilidade, pois muitos homens sentiam-se incomodados com os novos ares que a escrita feminina vinha ganhando ao longo do século XIX, o que acaba gerando uma rebelião de ideias e ações a favor e contra a voz da mulher brasileira na sociedade oitocentista.

2.2 A profissionalização da pena feminina oitocentista

De acordo com Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2015), a profissionalização do escritor no Brasil do século XIX foi definida em dois conceitos, o de propriedade literária e o de direitos autorais. Além do mais, nas duas primeiras décadas do século XIX, não era permitido, no Brasil, a abertura de prelos e tipografias, apenas o Estado tinha o direito à imprensa. Dessa forma, a impressão de livros dependia de uma concessão deferida pelo Estado:

Vigoravam dois conceitos – o de propriedade literária e o de direitos autorais – que não são sinônimos. O primeiro predominou no período, ao menos no Brasil, já que o segundo ainda não estava consolidado, o que só acontece quando sancionando a Lei

n. 496, de 1º de agosto de 1898, que define e garante os direitos autorais (Lajolo; Zilberman, 2015, p. 78).

Com a sanção da Lei n. 496 em 1898, consolidou-se a transição do conceito de propriedade literária para o reconhecimento e garantia dos direitos autorais no Brasil. Essa legislação é um marco crucial na proteção legal da produção intelectual, estabelecendo novos padrões para a valorização e preservação do trabalho criativo dos autores. A partir de 1860, destaca-se uma relação contratual entre escritores e autores no cenário brasileiro. Um dos grandes nomes desse período foi o livreiro Jean Baptiste Garnier (1769-1840), que praticamente predominou durante os anos de 1858 e 1872. No seu catálogo estavam nomes como Machado de Assis (1839-1908), José de Alencar (1829-1877) e Joaquim Manuel de Macedo (1836-1852). Assim, esses escritores assinavam um contrato de venda exclusiva de suas obras ao livreiro mencionado.

Michele Fanini (2008) afirma que na obra *Cartas literárias*, de Adolfo Caminha (1867-1897), “narra os constrangimentos a que um escritor brasileiro precisava se submeter para ter seus textos publicados, uma espécie de calvário, sendo o editor um de seus grandes “adversários” (Fanini, 2008, p. 10). Dessa maneira, podemos ver que, mesmo perante as ditas dificuldades no mundo literário masculino, ainda era mais fácil um escritor publicar seu livro do que uma mulher ousar divulgar seu trabalho literário.

Outro ponto relevante a ser destacado durante a profissionalização feminina é o fato de que, quando as escritoras se sobressaíam, eram qualificadas com adjetivos masculinos, ou seja, o trabalho literário delas era tão magnífico que era comum declararem que aquilo só poderia ter sido redigido por um escritor do sexo masculino. Como o exemplo do caso das escritoras Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Júlia Cortines (1868-1948) e Francisca Júlia (1871-1920), sendo elas adjetivadas por um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Lúcio de Mendonça, como possuidoras de “índole máscula” e a afirmação de que elas tinham “varonilidade do espírito” (Micheli Fanini, 2008).

No entanto, com a educação feminina sendo divulgada e frequentada, um novo fator surge na história da emancipação feminina. Se a profissão de professora foi para as mulheres um símbolo de liberdade financeira e de ir e vir, a profissionalização da pena feminina, no Brasil do século XIX, deu-se no início com a imprensa, como afirma Nádia Gotlib (2012), “um dos veículos dessa emancipação, que possibilitou a divulgação dos textos das mulheres, tanto literários quanto mais propriamente políticos, foi a imprensa. E, dentro da imprensa, o periodismo feminino” (Gotlib, 2012, p. 11). Isto posto, foi por meio da publicação de periódicos que as mulheres tiveram mais espaço para lutarem por seus direitos e de construírem uma rede

de distribuição de conhecimentos de mulheres para outras mulheres. Logo, para Zahidé Muzart (2003), a abertura de periódicos com direção e textos femininos foi um marco dentre as inúmeras conquistas que viriam a seguir, assim, “uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto” (Muzart, 2003, p. 2).

Um dos principais periódicos fundados e dirigidos por uma mulher foi *O Jornal das Senhoras*, inaugurado em 1852, no Rio de Janeiro, por Juana Paula Manso de Noronha, que permaneceu à frente do periódico por cerca de seis meses, sendo substituída por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco (1817-1875) e, posteriormente, por Gervásia Numésia Pires dos Santos, em 1853, com o objetivo de ajudar na educação e na divulgação da emancipação feminina:

A imprensa feminista teria nascido, pois, no Brasil, com a argentina Juana Paula Manso, cujas ideias foram logo encampadas por outras mulheres que também se tornaram jornalistas, e isso foi uma verdadeira bola de neve, pois os periódicos pipocaram por todo o país. No Nordeste, fértil celeiro, foram inúmeros e traduziam não somente as inquietações das mulheres sobre a condição feminina, mas também o momento político nacional. As nordestinas escreveram muitos artigos, poemas, contos sobre a questão da abolição da escravidão, visando sempre a uma maior participação nas áreas da educação, da profissionalização e da política (Muzart, 2003, p. 3).

Como veremos mais adiante, a imprensa feminista de Juana Manso foi o início para que mais mulheres tivessem ousadia em publicar seus escritos. Nádia Gotlib (2012) enfatiza que “a maioria das mulheres escritoras da época acumula à atividade da escrita, um trabalho didático, mais ou menos profissionalizado, e um trabalho jornalístico, na divulgação das propostas de teor feminista, mais ou menos politicamente engajado” (Gotlib, 2012, p. 30). Portanto, a partir da entrada da mulher brasileira na educação, deu-se o pontapé para que elas compreendessem que não estavam reservadas apenas ao cunho de ser esposa, mãe ou dona de casa. O ato de liberdade feminina de ser professora e o de fundar periódicos trouxe novos ares de mudança no território brasileiro para elas e para aquelas que lutavam pela sua liberdade e a de outras comunidades prisioneiras do patriarcado civil e científico do século XIX. Dessa forma, podemos verificar que o percurso da mulher, no Brasil, ao longo do século XIX, foi cheio de barreiras, no entanto, aos poucos foram sendo ultrapassadas por meio de muita luta. Após o acesso das mulheres às áreas educacionais, um novo fator surge no enfrentamento ao favorecimento dos direitos femininos, a imprensa oitocentista liderada por mulheres.

2.3 O anonimato das escritoras brasileiras oitocentistas

Quando pesquisamos obras escritas por mulheres durante o século XIX, é comum encontrarmos a barreira do anonimato, do pseudônimo, das siglas e das expressões, como foi o caso da escritora Maria Firmina dos Reis, que usou o enunciado “uma maranhense” para nomear a autora do romance *Úrsula* (1859). Contudo, é importante lembrarmos que essas escritoras existiram, deixaram o seu legado e inspiraram diversas outras a terem coragem de também publicarem suas obras. Para Constância Lima Duarte (2007), as mulheres faziam verdadeiros movimentos “intercambiantes de informação e cultura”⁹ para conseguirem fazer seus escritos circularem pela sociedade e, outras, tomadas pela coragem, publicaram com seus nomes estampados na capa ou contracapa do romance, mas, por algum motivo se perderam “na poeira dos arquivos”:

Por isso, para realizar o desejo de publicar seus trabalhos, muitas usaram pseudônimos, o anonimato, ou se juntaram para criar jornais e revistas que atravessaram muitas vezes os limites de suas cidades, de seus Estados, e se converteram em verdadeiras redes intercambiantes de informações e cultura. Outras, apesar de tudo e todos, ousaram escrever poemas, contos, romances, teatro, e publicaram seus livros, que com o tempo se perdiam nas primeiras edições e na poeira dos arquivos (Duarte, 2007, p. 65).

Portanto, muitas mulheres enfrentaram desafios ao publicar suas obras, recorrendo a pseudônimos, anonimato ou colaborações em jornais e revistas que ampliaram seu alcance. Outras persistiram na criação literária, lançando livros os quais, apesar de inicialmente subestimados, ganharam reconhecimento ao longo do tempo. Com a entrada feminina em ambientes antes quase exclusivamente masculinos, como o ambiente educacional, ocorreu uma divulgação cada vez maior em prol da emancipação feminina, pois o conhecimento e a liberdade estavam sendo lidos, estudados, aprendidos e experimentados por elas. Dessa forma, foi comum ler, em periódicos da época, textos como crônicas, poemas, artigos e até mesmo romances que ditavam sobre as novas e necessárias experiências femininas. Todavia, muitos homens não aceitavam que as mulheres tivessem o gosto da liberdade, dessa maneira, para não sofrerem represálias, tais textos eram assinados com nomes masculinos, pseudônimos ou de forma anônima. Cláudia Castanheira (2011) reitera as dificuldades encontradas pelas mulheres no cenário literário:

No caso brasileiro, contudo, sob os impositivos ideológicos de uma colonização econômica e cultural, a mulher deparou-se com graves obstáculos à sua inserção no

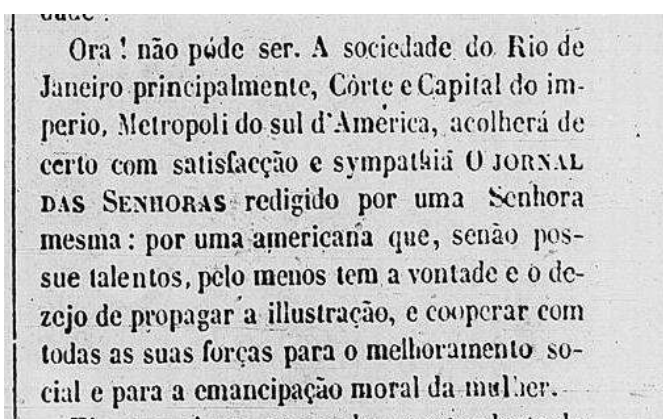
⁹ DUARTE, Constância Lima. *Arquivos de mulheres e mulheres anarquistas*: histórias de uma história mal contada. Estudos de Literatura Brasileira. Brasília, n. 30, jul. - dez., 2007, p. 63-70

cenário literário. Prevalecia o pensamento de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, portanto sua forma de pensar e de escrever não era levada em consideração. Por não possuir nem a independência intelectual nem a material – e uma coisa é ligada a outra –, a mulher, a que era considerada moralmente válida, não tinha como avançar muito além dos muros de seus quintais para adquirir uma cultura superior e dar vazão à sua criatividade (Castanheira, 2011, p. 26).

Essa inferioridade aos homens é refletida nas inúmeras críticas aos textos feitos por qualquer mulher que ousava escrever, o que levou, mesmo com o anonimato, as escritoras a iniciarem seus textos com um pedido de desculpas, afirma Cláudia Castanheira (2011). Dessa maneira, ao refletirmos sobre esses posicionamentos femininos, podemos verificá-los em romances e nos jornais escritos e dirigidos por mulheres, como, por exemplo, o romance *Úrsula* (1859), que se inicia com um pedido de desculpas ao leitor pelo “mesquinho e humilde livro”; ou como no periódico *O Jornal das Senhoras* (1852), de Juana Manso, que no primeiro tomo da publicação afirmava que talvez “não possui talentos”; sendo assim, temos o exemplo de duas publicações distintas, mas ambas contendo, ao mesmo tempo, o receio e a ambição ao quererem publicá-las, como podemos lê-las a seguir:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor-próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (Reis, 2018, p. 47).

Figura 2 - Texto de apresentação do *O Jornal das Senhoras* redigido por Juana Manso, em janeiro de 1852.



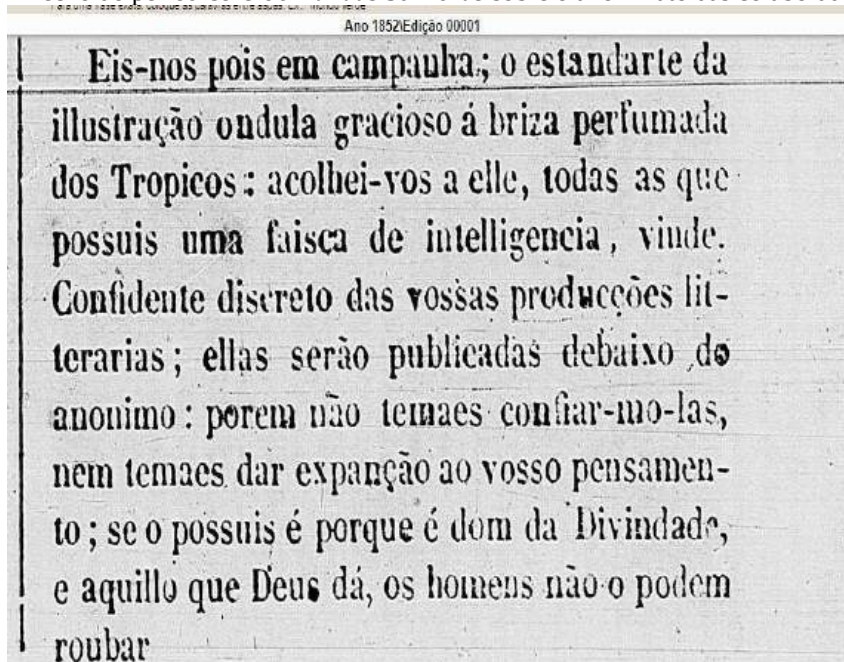
Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

No *O Jornal das Senhoras* (1852) havia diversos textos de forma anônima. A fundadora Juana Manso deixava claro que as colaboradoras seriam mantidas no anonimato, se assim o quisessem. A escritora Marina Colasanti (2012) afirma que, durante os primeiros anos, muitos

textos originais e traduzidos foram enviados ao jornal e até mesmo a seção de moda era impressa aos leitores de forma anônima; já os colaboradores masculinos enviavam normalmente seus textos com suas assinaturas. A pesquisadora salienta que “deverão passar cerca de quatro anos antes que algumas colaboradoras de *O Jornal das Senhoras* se atrevam a assinar com seus próprios nomes. Enquanto isso, os poucos homens que passam a colaborar se assinam imediatamente” (Colasanti, 2012, p. 21).

Dessa forma, podemos verificar no recorte abaixo, retirado do periódico, que está disponível no site da Hemeroteca Digital do Brasil gratuitamente, o texto da própria redatora, Juana Manso, que pede a colaboração de mulheres e confirma que manterá o anonimato se assim as colaboradoras quiserem:

Figura 3 - Trecho do periódico *O Jornal das Senhoras* sobre o anonimato das colaboradoras, 1852.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Para Elaine Showalter (1994), durante o final do século XVIII e ao longo do século XIX os papéis masculinos e femininos eram separados, “para os homens e para as mulheres, com pouca ou nenhuma sobreposição e com as mulheres subordinadas” (Showalter, 1994, p. 45). No Brasil, essa separação de papéis estava nitidamente ocorrendo em todos os espaços, sejam eles da esfera pública ou privada. Michelle Perrot (2005) confirma tal afastamento ao afirmar que as mulheres foram retiradas de certos locais como “a Bolsa, o Banco, os grandes mercados de negócios, o Parlamento, os clubes, círculos e cafés, grandes locais de sociabilidade masculina, e até mesmo as bibliotecas públicas” (Perrot, 2005, p. 34). Sendo assim, aqui incluímos que os homens tentaram afastar a mulher da esfera literária ao produzirem discursos

desencorajadores, críticas severas e o “amadorismo”, como nomeia Michele Fanini (2008). Como podemos perceber, o medo estava presente nos escritos femininos, no entanto, elas não se deixaram sucumbir à submissão ou à sombra dos homens e da sociedade e publicaram seus escritos em um período ainda mais difícil para as mulheres.

Portanto, o anonimato foi um dos processos de preservação da integridade física das donas de casa que gostavam de expressar suas opiniões e das escritoras que queriam ser lidas e escutadas. Ao longo do século XIX, o silêncio e a submissão feminina foram sendo rompidos e a “posição secundária e subordinada” (Perrot, 2005, p. 9) foi substituída pelas vozes femininas transgressoras que antes eram caladas pelos pais, maridos e críticos e a escrita deixou de ser um “fruto proibido” (Perrot, 2005, p. 36), passando a ser um alicerce da mulher; o papel e a caneta tornaram-se indispensáveis. Sendo assim, aos poucos o anonimato foi perdendo espaço e a coragem de assinalar o próprio texto tornou-se um ato de destemor entre as escritoras brasileiras. Além do mais, salientamos que para Juana Manso o anonimato não era usual.

2.4 Contexto histórico no Brasil e na Argentina durante a fuga de Juana Manso

Após a apresentação do contexto sobre a história da autoria feminina no Brasil, daremos seguimento à trajetória de uma escritora em específico, já citada ao longo do texto, que será a argentina Juana Paula Manso. A biografia dessa escritora está interligada à história do Brasil, pois foi por meio dela que o primeiro jornal feminino foi fundado, as primeiras menções sobre a emancipação moral da mulher foram citadas ao público brasileiro, dando abertura a um novo ciclo de jornalistas femininas que lutavam pelo direito à liberdade da mulher brasileira oitocentista.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que a relação dos países sul-americanos Brasil e Argentina, ao longo dos séculos, sempre foi marcada por amor e ódio, e, até hoje, não é diferente. Sendo assim, percebemos a necessidade de apresentar breves panoramas do que estava acontecendo no Brasil e na Argentina durante o período de produção e morte da escritora argentina e, posteriormente, com nacionalidade brasileira, Juana Paula Manso de Noronha (1819-1875), tomando como ponto de partida o período de 1829 a 1860. É pertinente destacar como os dois países estavam politicamente diferentes, passando por dificuldades políticas um pouco distintas, no entanto, explorando os seus próprios territórios de forma desenfreada, o que acabou resultando no extermínio de populações, como os indígenas e pessoas trazidas, principalmente, do continente Africano, para serem escravizadas.

2.5 Contextualizando o Brasil oitocentista

Durante o período dos Oitocentos, o Brasil passou por diversos movimentos políticos e sociais. De acordo com a cronologia levantada por Lilia Schwarcz (1998), durante o período de 1829 e 1860, teremos o fim da Guerra da Cisplatina (Brasil e Argentina guerreando pelo território hoje conhecido como Uruguai), o início e fim das revoltas nas províncias no território como a Cabanagem, no Pará; Farroupilha, no Rio Grande do Sul; Revolta dos Malês, na Bahia, todas iniciadas em 1835; em 1837 surge a Revolta da Sabinada na Bahia e em 1839 é anunciado o seu fim. Em 1840, dá-se o fim da Cabanagem; em 1841, o encerramento da Balaiada, “apesar das especificidades, possuía objetivo semelhante: a descentralização” (Schwarcz, 1998, p. 98). Destacam-se, também, o início da Revolução Praieira, em 1845, o nascimento das princesas Isabel e Leopoldina; o fim do tráfico de escravizados, em 1850, com a lei Eusébio de Queiróz; o rompimento das relações diplomáticas do governo brasileiro com Rosas, na Argentina, em 1850; a epidemia de febre amarela, em 1850; e em 1852 Rosas é derrotado e seu governo cai.

Lilia Schwarcz (1998) também relata que durante os anos de 1854 e 1858 ocorriam as construções das estradas de ferro ao longo do território e nossas linhas telegráficas, bem como “as primeiras linhas de navegação; a iluminação a gás chegou às cidades, e começou a crescer o número de estabelecimentos de instrução” (Schwarcz, 1998, p. 141). Foi nesse mesmo período que Juana Manso lançou parcialmente, no Rio de Janeiro, o romance *A Família do Comendador*, em 1854.

Mary Del Priore (2016) expõe que, apesar de o território brasileiro ser uma "unidade política" composta por vários territórios e povos, normalmente criada por conquista e dividida entre um centro dominante e periferias subordinadas, ainda possuíamos a mesma visão escravocrata, além disso, os grandes proprietários de terra alimentavam suas riquezas cada vez maiores e apoiavam a monarquia. Assim, com o novo estado político ocorreu uma troca, em vez dos senhores entregarem suas produções a Portugal, agora os produtos eram vendidos e comprados pelos ingleses¹⁰.

É também nesse período que surgem dois grupos importantes a serem destacados, os primeiros são dos homens livres e pobres, que podiam ser “brancos, pardos, negros ou índios sobreviventes da ocupação e da colonização” (Priore, 2016, p. 25). Esse grupo tinha um modo de vida que irritava os grupos políticos e as elites locais, pois eram pessoas que conseguiam se sustentar através da subsistência, plantando grãos e criando animais. Mary Del Priore (2016)

¹⁰ PRIORE, Del Mary. *Histórias da gente brasileira*: volume: Império. São Paulo, 2016.

confirma que “quando revoltados, inspiravam pavor. Eles também tinham sua demanda: queriam uma vida melhor” (Priore, 2016, p. 25).

O segundo grupo a ser destacado são as mulheres que contribuíram, ajudaram e participaram das revoltas citadas no início do texto. O século XIX, para as mulheres, no Brasil, foi transformador, a educação feminina estava aos poucos sendo instaurada e “aceita” no Império e as ideias de liberdade e emancipação feminina vão se alastrando na sociedade oitocentista, como poderá ser visto nos periódicos e nos romances de escrita feminina da época.

De acordo com Antonio Candido (2002), as tendências literárias reforçaram práticas que vinham sendo realizadas ao longo do século. Dessa forma, para o pesquisador, a independência brasileira desenvolve no romance e no teatro o sentimento patriótico, e a “disposição profunda de dotar o Brasil de uma literatura equivalente às europeias, que exprimiu de maneira adequada a sua realidade própria ou como então se dizia, uma literatura nacional” (Candido, 2002, p. 11). Além do mais, a ideia de patriotismo esteve presente durante o Romantismo, para Candido (2002), mais do que cantar a terra, os escritores acreditavam que suas obras eram uma contribuição valiosa ao progresso brasileiro.

No entanto, para Lilia Schwarcz e Heloísa Starling (2015), as obras românticas divergiam da dura realidade nacional, “tão marcada pela escravidão, heróis brancos e indígenas convivem em ambiente inóspito e se comportam como nobres. Se não nos títulos, ao menos nos gestos e ações” (Schwarcz; Starling, 2015, p. 344). Fora da ficção romanesca, os grupos sociais estavam em constante divergência.

É nesse ambiente que Juana Manso e seus pais desembarcam no território brasileiro e é nesse momento que a escritora se depara com uma não tão nova realidade, visto que guerras e escravidão também faziam parte da história da Argentina, contexto no qual ela estava inserida e que será abordado no tópico seguinte, o contexto histórico de Rio da Prata.

2.6 Contextualizando a Argentina oitocentista

A história da Argentina é marcada por muito derramamento de sangue indígena e da população civil, o que não é diferente das demais invasões dos países hoje conhecidos como “latino-americanos”. Segundo Ariel Palacios (2013), por volta de 1536 ocorreu o início da invasão no território conhecido como Buenos Aires, para a expedição, foi incumbido o espanhol Pedro de Mendonza, que, ao chegar em terra, ordenou que fosse levantada uma fortaleza com o nome de *Forte Nuestra Señora del Buen Ayre*. Durante este período, os indígenas,

conhecidos pelos Guaranis como Querandís¹¹, distribuem comida aos invasores espanhóis. No entanto, pararam de alimentá-los gratuitamente, o que para Ariel Palacios (2013) tem como um dos motivos para essa paralisação o fato de “os indígenas terem ficado ressentidos pelo desprezo e a soberba com os quais eram tratados pelos espanhóis” (Palacios, 2013, p. 34) Para além dos Querandís, denominação dada pelos invasores que significa “*hombres de grasa*” (homens com gordura), o território também era formado pelo Império Inca ao noroeste do território, ao sul estavam os Calchaquies, os Guaranis viviam na área que hoje é Conhecida como Paraguai e na Patagônia viviam os Araucanos ou Mapuches. É válido destacar dois nomes que lideraram rebeliões indígenas que atingiram o norte da Argentina, Túpac Amaru y Túpac Katari, de acordo com Torcuato Di Tella (2017).

O espanhol Mendonza tentou buscar alimentos na costa brasileira e no Rio Paraná, o que não foi bem-sucedido, partindo para uma vingança que ocasionou a morte de cerca de 5 mil indígenas, o sangue desse povo devastado correu pela margem do rio que posteriormente ficaria conhecido como rio Matanza, segundo Ariel Palacios (2013). Vale ressaltar que este seria o início da dizimação indígena no território Argentino.

No dia 11 de junho de 1580, quarenta anos depois da retomada dos indígenas, Buenos Aires era, novamente, fundada. Neste mesmo ano saíram em expedição o basco¹² Juan de Garay, 80 mestiços paraguaios, 75 indígenas guaranis e 9 espanhóis¹³ rumo a uma nova tentativa de fundar Buenos Aires, o que aparentemente deu certo. Os séculos foram passando e em 1776 Buenos Aires se tornaria a capital do Vice-Reinado do Rio da Prata, uma região que era “periferia do império colonial espanhol, além de estar na periferia geográfica do mundo” (Palacios, 2013, p. 36), a partir da mudança de titularidade e importância, o território teria sua história mudada para sempre.

Assim, passando esses decênios, surge uma nova figura política em Buenos Aires, vista como uma imagem de autoridade, de acordo com Cesar Barrio (2018) “a ascensão de Rosas representava, portanto, o restabelecimento do princípio da Autoridade, a restauração da Ordem,

¹¹ Os Querandís foram um povo indígena que vivia entre os rios de Santa Fé e Buenos Aires, tinham como idioma o Tehuelche, por volta de 1675 ocorreu o desaparecimento dessa população. Segundo dados do governo de Buenos Aires, o termo “Querandís” foi dado pelos Guaranis, pois aqueles se alimentavam de carne e utilizavam o couro para se aquecerem durante o frio, além de passarem no corpo a gordura do peixe como forma de repelente contra mosquitos. Disponível em: <https://servicios.abc.gov.ar/docentes/efemerides/12deoctubre/htmls/pueblooriginarios/querandies.html>. Acesso em 11 jan. 2023.

¹² Basco, segundo o dicionário Aurélio (2002) é: de, ou pertencente ou relativo ao País Basco (região situada parte na Espanha, parte na França).

¹³ PALACIOS, Ariel. *Os Argentinos*. São Paulo: editora Contexto, 2013.

ainda que às custas da Liberdade” (Barrio, 2018, p. 148). E é justamente essa figura controversa da história da Argentina que será apresentada no tópico seguinte.

2.7 Sobre a ditadura de Rosas e a fuga de Juana Manso¹⁴

Juan Manuel de Rosas foi um ditador argentino que ocasionou a fuga da escritora Juana Paula Manso (1819-1875) e de toda sua família para o Brasil. Seu governo perseguiu todos aqueles que eram contra suas práticas políticas, ele não aceitava críticas ou oposições e decretou diversas perseguições, principalmente de literatos argentinos que residiam em Buenos Aires. Como o pai de Juana Manso trabalhou em favor do primeiro governo presidencialista, de Bernardino Rivadavia, ocorriam divergências partidárias entre eles, já que Rosas foi governador de Buenos Aires e era de um partido opositor ao do presidente. Sendo assim, Rosas enxergava a família de Manso como uma ameaça que deveria ser aniquilada.

Em primeiro lugar, Rosas é contraditório, como todo e qualquer governante de um país; inúmeros documentos detalham o amor e ódio pelo político por parte da população; nos periódicos do Brasil não foi diferente, há textos e relatos que buscavam apresentá-lo como um monstro e outros como um governante, como qualquer outro, que visava apenas a “liberdade” do povo da Argentina. Tais como os artigos presentes nos periódicos brasileiros: *O Brasil: Vestra res agitur (RJ) - 1840 a 1852*¹⁵, *O Despertador: Diario Commercial, Politico, Scientifico e Litterario (RJ) - 1838 a 1841*¹⁶, *Diário do Rio de Janeiro (RJ) - 1821 a 1858*¹⁷, *O Americano (RJ) - 1847 a 1851*¹⁸, *Diário de Pernambuco (1840-1849)*¹⁹, nesses exemplos temos textos sobre notícias do Rio da Prata, o governo de Rosas e sobre o governante.

¹⁴ Este tópico faz parte integrante da publicação do romance *Misterios del Plata*, da escritora Juana Manso, publicado pela editora Delirium em 2022. O texto encontra-se presente ao final da narrativa como texto de apoio, nas páginas 193-196.

¹⁵ Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709565&Pesq=%22Juan%20Manuel%20de%20Rosas%22&pagfis=1512>.

¹⁶ Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706701&pesq=%22Juan%20Manuel%20de%20Rosas%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2946>

¹⁷ Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=%22Juan%20Manuel%20de%20Rosas%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22092

¹⁸ Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709549&Pesq=%22Juan%20Manuel%20de%20Rosas%22&pagfis=361>

¹⁹ Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_02&Pesq=%22Juan%20Manuel%20de%20Rosas%22&pagfis=1084

Rosas, que se chamava Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rosas, nasceu em 30 de março de 1793, filho de León Ortiz de Rozas e Agustina López de Osornio, de origem nobre. De acordo com os estudos biográficos do historiador Lyan Lynch (2001), a personalidade do rapaz teria sido herdada da mãe, que era considerada obstinada e dominadora.

Para Rezende (2016), sobre a relação de Rosas e a imprensa brasileira, é possível descobrir que grandes autores brasileiros detestavam o político, como José de Alencar (1829-1877), o qual menciona o ditador em sua obra *O Gaúcho* (1870), e Machado de Assis (1839-1908), que afirmava que o governo de Rosas era de uma “tirania odiosa”²⁰.

No que concerne a nossa autora, Juana Paula Manso de Noronha (1819-1875), a escritora exilou-se no Brasil com seus pais, o engenheiro José María Manso e Teodora Cuenca. O pai da escritora a levava para reuniões, recitais e viagens, sua família era ativamente política e recebia em sua casa políticos do governo anterior, Bernardino Rivadavia (1780-1845). Como consequência, a família foi vigiada pelo governo de Rosas e acabaram por fugir e procurar refúgio fora do país, primeiramente em Montevideu, e logo depois, em 1842, no Rio de Janeiro, capital do Brasil à época.

A autora buscava denunciar os crimes de Juan Manuel de Rosas em seus escritos, seja nos romances, nos jornais que fundou, tanto no Brasil quanto na Argentina; as obras literárias que denunciavam os crimes cometidos pelo ditador foram os folhetins: *Misterios del Plata* (1852), *Guerras civiles del Río de la Plata. Primeira parte. Una mujer heroica* – por Violeta – (1867), *Páginas da mocidade: memórias das guerras civis do Rio de Parta de 1838 a 1841* (1858), *O Ditador Rozas e a mazhorca* (1853); já seus periódicos foram: *O Jornal das Senhoras* (1852), *Álbum de Señoritas* (1854), *La Flor del Aire* (1864) e *La Siempre Viva* (1864), em todos os trabalhos há inúmeros textos que versavam sobre o ditador a partir de fortes discursos, o que

²⁰ Citamos aqui o crítico literário português Manuel Pinheiro Chagas, que publicou, em 1865, um artigo intitulado *A Literatura na América Espanhola*, no qual cita Juan Manuel de Rosas, na verdade o crítico detalha como o governante perseguia, torturava e matava o que o crítico chama de “homens de pensamento”. Além do mais, Pinheiro Chagas detalha o que aconteceu com alguns nomes ilustres da literatura argentina após a chegada de Juan de Rosas ao poder, como por exemplo Mármol que foi encarcerado e exilado; Echeverria torturado e exilado; Varela que é assassinado na porta de sua residência e Ascabusi que consegue fugir da sentença de morte na prisão. Como podemos perceber, Juana Manso e sua família conseguiram escapar de um destino terrível que os aguardava em Buenos Aires. O texto completo está presente no periódico *Archivo pittoresco: semanário ilustrado*, sendo possível ter livre acesso no site da Hemeroteca Digital de Lisboa. Aqui destacamos o seguinte trecho (Chagas, 1865, p. 351):

“Rosa, pois, oprimia e perseguia, mais que todos, os escriptores, e principalmente os poetas. Estes, a final, comprehenderam no nosso século qual era o seu poder e o seu dever, e, em vez de se coroarem de rosas e dedilharem a lyra no meio dos desastres públicos, fizeram da lyra gladio, e lançaram ao meio das refregas a sua voz poderosa e sempre escutada”.

Disponível em:

https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1865/TomoVIII/N44/N44_master/ArquivoPitresco1865N44.PDF

é compreensível, visto que ela, sua família e companheiros de luta foram perseguidos pelo governo de Rosas.

Os períodos em que Rosas esteve no poder foram em dois momentos: o primeiro, de 1829 a 1832, e o segundo de 1835 a 1852. A chegada/exílio de Juana Manso no Rio de Janeiro foi em 1842 e o Brasil ainda estava passando por diversas rebeliões, por consequência da subida ao trono de Dom Pedro II que, em 1840, foi declarado com maioridade, com apenas 14 de idade.

De acordo Raphael Rezende (2016), as relações entre Rosas e D. Pedro II eram amigáveis, visto que ambos trocavam cartas e nelas havia um certo tom de cordialidade entre as partes. O pesquisador relata que “a troca de cartas entre Rosas e Pedro II (divulgadas no *Despertador*), por ocasião da antecipação da maioridade do monarca brasileiro, também é elucidativa do bom estado de relações entre os dois governos” (Rezende, 2016, p. 54).

Outros relatos sobre o governo de Rosas se referem aos conflitos dentro do território argentino, principalmente a luta travada contra os indígenas que foram subjugados pelo exército. Bárbara Souto (2019) observa que a violência contra os indígenas foi intensificada em 1833 com a chamada “Campanhas do Deserto”; tal movimento visava a tomada de territórios indígenas dos povos Mapuche, Tehuelche e Ranquel. Para o historiador Gabriel Passetti, em entrevista à Juliana Cunha, em 2015, esse período dizimou populações inteiras, ou seja, perpetuou-se o genocídio indígena, o qual podemos comparar com as ações dos Bandeirantes, no Brasil.

Quanto à escritora Juana Manso, ela também versava sobre a situação indígena em seus trabalhos. Bárbara Souto (2019) afirma que a questão indígena foi mais pertinente no romance *Misterios del Plata* (1852) e em um artigo publicado no *Album de Señoritas*,

A partir de seu prisma, seria necessário capacitar missionários virtuosos para levar o Evangelho aos(às) indígenas, porém, sem fanatismos, anátemas ou narrativas apavorantes sobre o inferno. Bastava propiciar reflexões sobre “caridad”, “fé”, “esperanza” e “misericordia” (Souto, 2019, p. 151).

Para o período, o pensamento da escritora poderia ser “revolucionário”, hoje, podemos questionar e olhar com mais crítica a perspectiva de tornar os indígenas mais “adaptáveis” à sociedade da Argentina, além de levar o Evangelho aos povos que já possuíam suas religiões. Em contrapartida, o governo anterior a Rosas, o do próprio ditador e posteriores não pensavam em deixar a população indígena viva, o principal intuito deles foi anexar territórios e deixar a população mais próxima da Europa. Se os governos apoiavam o extermínio dos indígenas, Juana Manso criticava tal prática, pois, para a escritora, que conheceu outras culturas, tinha consciência da brutalidade do ato, além de realmente enxergá-los, não deixando-se levar pelo

pensamento do dito progresso. Além do mais, a periodista levava na prática o conceito religioso de humanidade, aspecto ausente nos governantes de Buenos Aires oitocentista.

Desse modo, Juan Manuel das Rosas foi um político que perseguia e matava seus opositores, fossem eles políticos ou não, justamente pelo medo que implantava na sociedade, e por isso a família de Juana Manso foge para o Brasil. No território brasileiro, ela vai crescer literariamente e no próximo capítulo abordaremos a trajetória da escritora, periodista, poetisa, teatróloga e muitas outras facetas que Juana Paula Manso desenvolveu ao longo de sua vida.

3 JUANA PAULA MANSO: vida e obra

No final do decênio de 1840 chega ao Brasil, ainda adolescente, a jovem escritora Juana Paula Manso com seus pais oriundos de uma Argentina agitada por conflitos políticos, com uma vida financeira estável, até o momento do surgimento de um governo ditatorial liderado por Juan Manuel de Rosas. Nesse tópico serão apresentados aspectos importantes da vida de uma mulher que lutou para sustentar a si, seus pais, suas filhas e o seu futuro casamento. Desta forma, Juana Manso foi e continua sendo um nome importante para a América do Sul, principalmente nos países nos quais teve que se exilar, como Uruguai e Brasil. Em ambos os países, ela abriu as portas de sua casa para ensinar novos métodos educacionais, demonstrando que as meninas poderiam e deviam aprender mais do que apenas costurar e cozinhar. Além do mais, ela se estendeu por diversos âmbitos, nos quais estavam inclusos a sua facilidade em aprender diferentes línguas estrangeiras, o seu amor pelo teatro, música e a circulação de informações por meio dos periódicos e acabou fundando, no Brasil, *O Jornal das Senhoras* (1852) e, na Argentina *O Album de Señoritas* (1854).

Um outro ponto importante está relacionado com o seu próprio nome “Juana Manso”, visto que pode ser encontrado grafado de outras formas, Nathalia Carvalho (2023) menciona o ensaio de Luma Medeiros, de 2021, no qual se destaca primeiramente sobre uma nota em um jornal nova-iorquino, de 1846, em que assinala com suas iniciais J. P. M. de N. Outra forma encontrada foi em um jornal brasileiro, sendo seu nome grafado como Joana Paula Manso de Noronha, deste modo, confrontando a forma como é encontrada a grafia no território argentino, Juana Manso.

Para uma mulher do século XIX, Juana Manso iniciou sua vida com alguns privilégios. No entanto, diferentes percalços a fizeram compreender que a vida de uma mulher é uma luta constante e, assim, a emancipação feminina tornou-se um dos principais temas reivindicados por ela diariamente.

3.1 Juana Manso: a vida de uma intelectual exilada²¹

²¹ Este tópico faz parte da publicação do romance *Misterios del Plata*, da escritora Juana Manso, publicado pela editora Delirium em 2022. O texto encontra-se presente ao final da narrativa como texto de apoio, nas páginas 189-192. Para esta dissertação foram acrescentadas mais informações sobre a vida e obra da escritora Juana Paula Manso de Noronha.

Juana Paula Manso de Noronha (figura 4) nasceu em 26 de junho de 1819, em Buenos Aires, e faleceu em 24 de abril de 1875. Nathalia Carvalho (2023) destaca que o nome Juana tem origem hebraica, oriundo de *Yohanan* ou *Yehohanan*, que significa “Yavé é bom, Yavé é misericordioso”, de acordo com cada país, assume uma forma diferente, no geral todos os locais o significado faz “referência a misericórdia e a bondade de Deus, chegando a “Juana” como sendo “agraciada por Deus” (Carvalho, 2023, p. 64). A pesquisadora reforça o significado do nome de Juana com a personalidade de nossa romancista, a qual era, de acordo com os documentos existentes sobre ela, uma pessoa que “falou em defesa não apenas de seus direitos individuais, mas em nome de todo o gênero feminino e de outros grupos invisibilizados, defendeu o acesso ao conhecimento e ao saber” (Carvalho, 2023, p. 65). Logo, durante o decorrer da pesquisa, percebemos o quanto a relação entre nome e significado tem sentido na vida de Juana Paula Manso e que poderemos comprovar ao longo dessa dissertação.

De acordo com Eliane Vasconcellos (1999), Juana Manso chegou ao Brasil ao lado de seus pais, o engenheiro andaluz José María Manso, oriundo de Málaga,²² e Teodora Cuenca, uma portenha de ascendência hispânica²³, ambos fugidos da ditadura na Argentina do ditador político Juan Manuel de Rosas, como mencionado no capítulo anterior. Luma Medeiros (2022) reforça que não há muitos documentos sobre a mãe de Manso, mas o tio da romancista, D. Luciano Cuenca, fazia parte como servidor da *Cuarta Compañia del Segundo Batallón del Cuerpo de Infantería Voluntarios Patricios*, do vice-rei, além do mais, também menciona que era proibido o casamento entre espanhol e “filha do país” e que ambos seriam espanhóis. Luma Medeiros (2022) traz à luz outros dados biográficos de Manso que foram publicados pela primeira biógrafa da escritora, Maria Velasco y Arias, tais como o fato que em 1821 nasceu a irmã mais nova da jornalista, Isabel, na Espanha. No Brasil, a escritora casou-se com o violinista português Francisco Sá de Noronha, em 1844. Após o casamento, viajaram para os Estados Unidos, visando principalmente a carreira musical do seu marido, o qual não obteve sucesso, como afirma a pesquisadora (1999)²⁴.

²² Medeiros, 2022, p. 59.

²³ PAGLIARULLO, Elisabetta. Juana Paula Manso (1819-1875). Presencia feminina indiscutible en la educación y la cultura Argentina del siglo XIX, con proyección americana. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia Boyacá, Colombia. v. 13, n. 17, jul.-dez, 2011, p. 17-42.

²⁴ MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX – Antologia volume I*. 2 ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

Figura 4 - Retrato de Juana Manso, 1870.



Fonte: *Archivo General de la Nación* – República Argentina (1870)

Considerando a trajetória educacional de Juana Manso, a escritora era oriunda de uma família instruída, por isso, teve em seu percurso um aprendizado quanto a leitura e a escrita dentro de casa, uma vez que seu pai era um modelo na área educacional. José María Manso trabalhou, no primeiro governo presidencialista, de Bernardino Rivadavia, no território de Buenos Aires, contribuindo na abertura de mais escolas pelo território, ele também fazia parte do partido unionista. De acordo com Elizabeth Azevedo (2021), o partido era opositor aos federalistas, ou seja, era opositor das oligarquias agrárias, além disso, José Manso e a filha, com a subida de Rosas ao poder, começaram a ser vigiados pelo governo, pois ambos publicaram nos periódicos argentinos queixas sobre o autoritarismo do regime em vigor.

Elisabetta Pagliarullo (2011) afirma que o pai da futura escritora era “un digno modelo en cuanto a la valoración de la educación, ya que fue un conspicuo impulsor de la creación de la Sociedad de Beneficencia, cuya labor principal sería el fomento de la educación, por lo tanto,

la creación de escuelas²⁵” (2011, p. 25). Ademais, ela frequentou a escola Monserrat, destacando-se pela sua inteligência e afinco pelos seus ideais, sempre criticando as imposições metodológicas que lhes eram impostas. Foi uma mulher autodidata, com enorme vocação literária (suas futuras publicações justificam essa vocação) e aprendia rapidamente outras línguas estrangeiras.

Seguindo pela sua cronologia, aos 14 anos de idade, Juana Manso, com a ajuda do pai, mandou imprimir a obra *El egoísmo y la amistad o los defectos del orgullo* (1834), na capa da novela é identificada a autora como “uma jovem argentina”. Na contracapa há uma pequena dedicatória de Juana Manso para suas leitoras, na qual ela pede desculpas pelo inocente romance que ali está sendo publicado, dirige-se com amor às terras argentinas e finaliza afirmando que traduziu a novela do francês em oito meses (figura 5). Em 1836, ela traduz outra obra do francês, também com a ajuda do pai, manda imprimir o texto *Mabrogenia o la heroína de Grecia* (1836) (figura 6), novela essa escrita por Jean François Ginouvier, em 1825. A tradução da novela histórica é dedicada a Pascuala Belaustegui de Arara, a qual foi a diretora da Sociedad de Beneficiencia em 1833, sendo a primeira escola dedicada às crianças órfãs, negras e filhos/filhas de escravos ou homens livres, visto que elas eram proibidas de frequentar as escolas públicas.

De acordo com Everton Barbosa (2018), a vontade de retornar ao seu país natal era lida em seus diversos textos, contudo, o exílio proporcionou a Juana Manso a circulação de ideias, culturas e aprendizados. Sendo assim, o pesquisador corrobora elucidando que “o exílio, além de influenciar a circularidade de pessoas e ideias, permitiu a interação com outras culturas, assim como novas estratégias de sociabilidade e sobrevivência no lar temporário” (2018, p. 25). Do mesmo modo, Regina Silva (2020a) esclarece que no exílio Manso permeou suas obras com temáticas visando a “luta pelos direitos da mulher, principalmente à educação, e pelas minorias, potencial vítimas dos poderosos” (Silva, 2020a, p. 204).

Antes de se exilar no Brasil, Juana Manso e a família fugiram para o Uruguai em 1840, porém, permaneceram lá por pouco tempo. No Uruguai, Juana Manso começou seus primeiros passos educacionais, a escritora abriu a porta de sua nova residência para as jovens uruguaias e passou a contribuir nos proventos da casa, pois, com a fuga, os seus familiares perderam todos os seus bens, uma vez que foram confiscados pelo governo de Rosas, de acordo com Elisabetta Pagliarullo (2011). A escola fundada em sua própria residência tinha como título *Ateneo de las*

²⁵Um modelo digno de valorização da educação, pois, foi um ilustre promotor da criação da Sociedade Benevolente, cuja principal obra seria a promoção da educação, portanto, a criação de escolas (2011, p. 25, tradução nossa).

Señoritas e era destinada às “jóvenes y señoras que aprendían aritmética, lectura, labores, lecciones de moral, gramática, francés, piano, canto y dibujo²⁶” (Silvia Roitenburd, 2009, p. 45). Juana Manso nomeou a mãe como diretora do colégio, porém, em 1842, elas são perseguidas pelo governo do Uruguai, comandado por Manuel Oribe, o qual era amigo de Juan Rosas.

Designó como directora del “Ateneo de Señoritas” a su señora madre, por la que profesaba un gran respeto, “Bajo la respetabilidad del nombre de mi señora madre...” así comenzaba el “Aviso a los padres de familia”, Montevideo, “El Nacional”, 12 abril de 1841. Las asistentes recibían una educación integral, aunque no obligatoria, ni graduada. En 1841, año de su creación, aún no existía un sistema educativo con respaldo legal, de carácter nacional en ese país, ni en el resto de América Latina (Pagliarulo, 2011, p. 11)²⁷.

O *Ateneo de Señoritas*, inaugurado em 1841 e dirigido pela mãe de Juana Manso, oferecia educação integral às alunas em Montevideo. Nesse período, a falta de um sistema educacional formal e nacional no Uruguai e na América Latina destacava a iniciativa pioneira e os desafios enfrentados na educação feminina.

Antes de chegar ao território brasileiro, a jovem participou da confecção de uma bandeira em prol da campanha militar do general Lavalle, no Noroeste da Argentina. Por esse motivo, acabou recebendo ameaças anônimas. Apesar disso, o militar Bartolomé Mitre lhe dedicou alguns poemas em agradecimento.

No Brasil, em 1842, ela ministrou aulas de espanhol e francês, devido a sua facilidade e oportunidade em ter estudado outros idiomas, aprendeu rapidamente o português e começou as suas leituras de obras brasileiras²⁸. No mesmo ano, abriu em sua residência uma escola denominada Escola Santa Clara, exclusiva para meninas, sendo anunciada no *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro (figura 7). No anúncio, são detalhados alguns serviços que a escola irá oferecer, tais como: leitura, escrita, aritmética, gramática, trabalhos manuais, moral e princípios religiosos, além de algumas disciplinas separadas: geografia, cosmografia, história, desenho, línguas estrangeiras, dança, piano e canto. Além disso, também esclarece que realizou o mesmo trabalho como professora no Uruguai, empregando o mais novo método do sistema educacional oferecido na França. Em 1843, ela realiza a sua mudança de residência e anuncia

²⁶Jovens e senhoras que aprendiam aritmética, leitura, trabalhos manuais, lições de moral, gramática, francês, piano, canto e desenho (Roitenburd, 2009, p. 45, tradução nossa).

²⁷ Designou sua própria mãe como diretora do "Ateneo de Señoritas", pela qual ela nutria grande respeito. "Sob o respeitável nome de minha senhora mãe..." assim começava o "Aviso aos pais de família", Montevideo, "El Nacional", 12 de abril de 1841. As participantes recebiam uma educação integral, embora não obrigatória, nem graduada. Em 1841, ano de sua criação, ainda não existia um sistema educativo com respaldo legal de caráter nacional nesse país, nem no restante da América Latina. (Pagliarullo, 2011, p. 11, tradução nossa).

²⁸ JUANA MANSO. Disponível em: <https://www.juanamanso.org>. María De Giorgio (criadora y responsable). Acesso em 20 de nov. 2022.

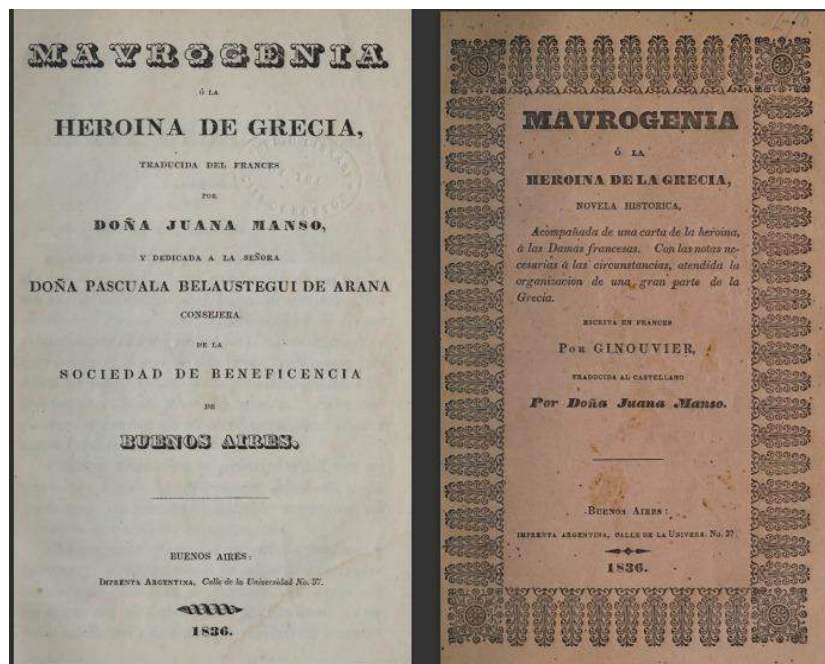
essa modificação no periódico *Diário do Rio de Janeiro* (figura 8), enquanto no *Jornal do Commercio* é possível encontrar mais quatro anúncios, sendo eles sobre: a mudança de residência (figura 9), sendo correspondente ao mesmo anúncio do *Diário do Rio de Janeiro*; o segundo sobre as disciplinas que estavam sendo ofertadas no novo endereço (figura 10), o terceiro anunciava o uso do método *Robertson* e que as mensalidades continuavam com o mesmo valor (figura 11) e, por fim, o quarto anúncio ditava sobre as classes nas quais Juana Manso era professora, sobre o pagamento separado das aulas de desenho, dança, música e cantoria, o uso dos métodos de *Java* e *Robertson*. Além disso, a cada três meses, as jovens seriam submetidas a provas visando garantir e verificar o aprendizado dos assuntos estudados por elas. (figura 12).

Figura 5 - Capa da tradução da obra *El Egoismo y la amistad o los efectos del Orgullo* (1834).



Fonte: Organização Juana Manso.

Figura 6 - Capa e contracapa da segunda obra traduzida do Francês por Juana Manso.



Fonte: Organização Juana Manso.

Figura 7 - Anúncio do Colégio de Santa Clara no periódico *Jornal do Commercio* (RJ) (1842).

AO PUBLICO.

A que subscreve tem a honra de participar ás mãs e pais de familia que abre um collegio de meninas pensionistas, debaixo do nome de — **Collegio de Santa Clara** —, rua dos Arcos n.º 8, a 15 do corrente.

Não é esta a primeira vez que o difficil emprego de ensino das meninas pesa sobre mim em Montevideo: exercitei-me algum espaço de tempo, e tenho a satisfação de ter cumprido com o meu dever.

Os meus methodos sao novos e á imitação do Polytechnico-graphiro, tão geral em Paris, e cujos resultados forao applaudidos.

As pessoas que me honrarem com a sua confiança, asseguro que não terao de que arrepender-se, pois em pouco tempo conhecerão os adiantamentos das meninas e os meus cuidados para o seu bem.

Os ramos do ensino geral sao: leitura, escripta, arithmetica, grammatica nacional, labores de mãos de todas as classes, moral e principios religiosos.

Ensinar-se-ha em classes separadas: geographia, cosmographia, historia etc.; desenho, idiomas estrangeiros, dança, piano e cantoria.

Os preços se fixarão com as pessoas interessadas.

As leis competentes para reger o estabelecimento serão uma garantia da ordem interna e externa do collegio.

Peço a confiança dos senhores que me favoreçam, fazendo experiencia por algum tempo, pois fico certa que terei a estimação que hoje pretendo grangear.

Joanna Paula Manso.

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 8 - Anúncio do Colégio de Santa Clara no periódico *Diário do Rio de Janeiro* (1843).

n. 213.
AVISO INTERESSANTE.
 D. Joanna Paula Manso, directora do collegio de Santa Clara, tem a honra de participar aos respeitaveis pais de familia, que mudou sua residencia para a rua d'Ajuda n. 213, advertindo que a casa offerece excellentes commodos para pensionistas, e como esteja situada em logar solitario, facilita o socego que demanda a imaginação para poderem dedicarem-se ao estudo; tambem ficando perto do mar, consulta-se a saude das meninas.
 O CAIXA da sociedade denominada — Fe-

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 9 - Anúncio da mudança de endereço do Colégio de Santa Clara publicada no periódico *Jornal do Commercio* (1843).

AVISO INTERESSANTE.
 D. Joanna Paula Manso, directora do collegio de Santa Clara, tem a honra de participar aos respeitaveis pais de familia que mudou sua residencia para a rua da Ajuda n. 213, advertindo que a casa offerece excellentes commodos para pensionistas; e como esteja situada em logar solitario, facilita o socego que demanda a imaginação para poderem dedicar-se ao estudo; e, ficando perto do mar, torna-se muito util a saude das meninas.
 AVISO AS MENINAS

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 10 - Anúncio das disciplinas ofertadas no periódico *Jornal do Commercio* (1853).

AO PUBLICO.
 A directora do collegio de Santa Clara offerece de novo aos pais e mais de familia o seu estabelecimento de educaçao, que trasladou para a rua da Ajuda n. 213.
 Admitte toda a classe de meninas, garantindo o maior cuidado e esmero no ensino dos ramos de sua profissao.
 Consta a instrucção geral de escripta, leitura, arithmetica, grammatica nacion. l, labore de maos, etc.
 Ensina-se, em classes separadas, francez, inglez, italiano, desenho, musica, dansa, geographia, historia moral, etc.
 O CERTO N.º DE MENINAS

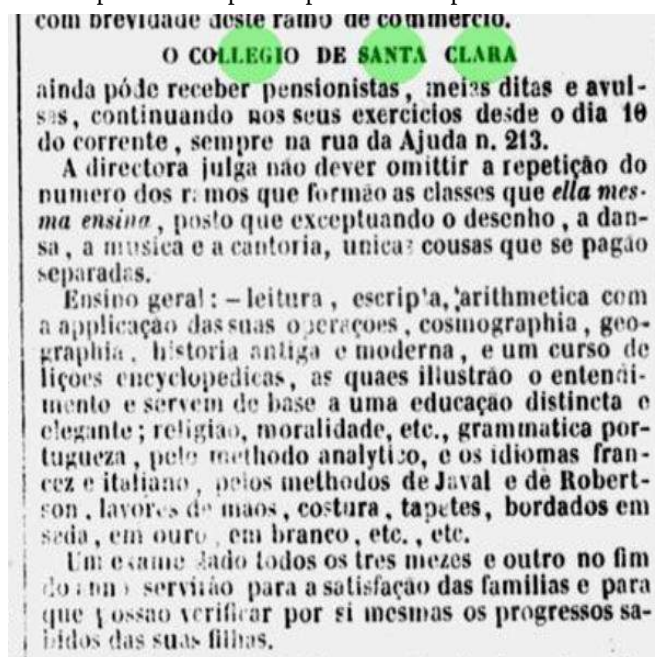
Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 11 - Anúncio do tipo de método educacional e valor das mensalidades publicado no periódico *Jornal do Commercio* (1853)

AO PUBLICO.
 A directora do collegio de Santa Clara tem a honra de prevenir aos pais e mais de familia que, contando desde o primeiro de novembro, ficao reunidos ao ensino geral até agora participado, os ramos de geographia e francez, os quaes ensinar-se-hao pelo methodo de Robertson.
 Os preços serao os mesmos até agora annunciados.
 É indubitavel o adiantamento que tal medida offerece para a educaçao da mocidade brasileira, e assim a dita directora espera que seus trabalhos nao serao inuteis.

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasileira

Figura 12 - Anúncio das disciplinas e das provas publicado no periódico *Jornal do Commercio* (1843)



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Em 1843, ela retorna a Montevideu (Uruguai), sendo nomeada diretora de uma escola para meninas, mas, devido à instabilidade financeira acaba voltando ao Brasil em 1844. De acordo com Elisabetta Pagliarullo (2011), ainda no Uruguai, ela conhece Jean-Baptiste Cuneo, militante italiano, amigo, colaborador e, posteriormente, autor da biografia de José Garibaldi. Nesse período, a escritora passou a ter contato com as ideias revolucionárias da Europa, se interessa pela causa, sendo apresentada a Garibaldi e sua esposa Anita Ribeiro. Ainda em 1844, no Brasil, conheceu seu futuro marido, o violonista português Francisco de Sá, no Teatro San Pedro Alcântara, ela passou a se dedicar a ele, até mesmo compondo canções para que ele tocasse em seus concertos.

No ano de 1846, o casal viaja para os Estados Unidos, embora o retorno financeiro e artístico seja limitado, Juana Manso mantém o seu ânimo e, com sua facilidade com os estudos, aprende a língua inglesa. Na Filadélfia, ela conheceu as ideias de emancipação feminina, além disso, realizou visitas em uma escola para cegos, surdos e mudos, uma casa de Refúgio do Estado da Pensilvânia, e uma penitenciária²⁹. A escritora também reafirma suas ideias abolicionistas e seus ideais contra a escravidão.

Em 1848, Manso, com uma filha no colo, outra em gestação e o marido viajaram para Cuba. Luma Medeiros (2022) reforça como a presença de Manso e família em Cuba foi marcante para a romancista, uma vez que, nos relatos de viagem, ela apresenta a imensa alegria

²⁹ Souto, 2020, p. 144.

ao vivenciar sua estadia na ilha e que “por ser mais familiar do que os Estados Unidos, já que devolveu o conforto da língua e de uma cultura mais receptiva” (Medeiros, 2022, p. 66). Em *Recuerdos de viaje*³⁰, a escritora salienta como foi sua estadia e por quais cidades ela e a família passaram. A periodista menciona que no Brasil ficaram seus pais e sua irmã e que nessa viagem suas duas filhas estão acompanhando-a e que quase perdeu uma das meninas. O texto de recordação sobre Cuba existe em duas versões, a primeira presente no *O Jornal das Senhoras*, publicado em 29 de fevereiro de 1852 e a outra versão em espanhol que está presente no apêndice da biografia de Juana Manso, escrita por Maria Velasco y Arias, de 1937 retirada do jornal *La Ilustración Argentina*, 1854, na época de 04/01/1854, p. 51. Contudo, existem algumas diferenças entre as duas versões, nas quais, duas serão destacadas, sendo a primeira em relação à família de Manso. Uma vez que, neste trecho da versão em espanhol, a romancista afirma:

con todo, de mis ojos brotava una lágrima de origen indefinible, todo cuando yo amaba más en el mundo fuera de mis padres y mi hermana que residían en el Brasil, estaba allí conmigo, mi marido y mis dos hijitas; pero una de ellas casi la había perdido en la habana, y llevaba otra que allí había nacido y aun no tenía un mes... (Manso, *apud*, Velasco y Arias, 1937, p. 365)³¹.

Deste modo, há uma modificação em relação à versão em português, dado que, em espanhol, Manso esclarece sobre seus pais e sua irmã morando no Brasil e a quase perda de uma filha em Cuba. Enquanto, na versão em português, esse trecho foi retirado, apenas temos o início do parágrafo falando sobre o sentimento de viajar para um local onde ninguém te espera.

Além disso, outra diferença entre as versões estão relacionadas às cartas de recomendações que seu marido levava, pois no apêndice em espanhol, Manso comenta que: “llevaba Noronha algunas cartas de recomendación; sin ese motivo la llegada de un artista eminente es siempre notable; así es que a los ocho días conocíamos medio pueblo³²” (Manso, *apud* Arias, 1937, p. 366) enquanto que, na versão em português, Manso muda o número de cartas: “tínhamos levado umas trinta cartas de recomendação; sem isso a chegada de um artista é sempre notável; e logo conhecíamos meio povo” (Manso, 1852, p. 69). Assim, podemos refletir: as duas versões são corretas? Ambas são válidas, uma vez que, para retirar um trecho e

³⁰ O trecho aqui apresentado de *Recuerdos de viaje* está presente no site da escritora: <https://www.juanamanso.org/obras/recuerdosviajessemblanzas/>.

³¹ No entanto, dos meus olhos brotava uma lágrima de origem indefinível. Tudo aquilo que eu mais amava no mundo, além dos meus pais e da minha irmã que residiam no Brasil, estava comigo ali: meu marido e minhas duas filhinhas. Mas uma delas quase a tinha perdido em Havana, e eu levava outra que havia nascido lá e ainda não tinha um mês... (Manso, *apud* em Arias, Maria Velasco y, 1937, p. 365, tradução nossa).

³² Levava Noronha cerca de cinquenta cartas de recomendação; sem esse motivo, a chegada de um artista eminente sempre é notável; assim, em oito dias, conhecíamos metade da cidade (Manso, *apud* Arias, 1937, p. 366).

diminuir as cartas de recomendações, possivelmente, ela deve ter tido motivos plausíveis. Deste modo, a escritora pode ter retirado sobre suas filhas, na versão em português, para preservar a história das meninas, quanto às cartas de recomendação do marido, hipoteticamente, a versão em português deve ser a verdadeira, pois no ano seguinte, em 1853, Manso se separou do marido, por este motivo, podemos pensar que no ano anterior o casamento se encontrava conturbado, sendo assim, decidiu contar a verdade sobre o número de recomendações, mas todas essas opções são apenas hipóteses. Além do mais, são memórias, e elas não são confiáveis, mas seletivas, Juana Manso expressou o que lhe veio à mente no momento da escrita.

Luma Medeiros (2022) destaca que as viagens de Manso foram fontes de inspiração para “seus projetos de ilustração e de política educacional e social para América do Sul, mas não como mera importação, e sim de maneira crítica, considerando as idiossincrasias próprias de cada região do Sul da América” (Medeiros, 2022, p. 64). Assim, no próprio periódico fundado pela romancista, podemos observar o impacto significativo das suas passagens por outros locais da América na sua carreira, pois, em inúmeras vezes ela consegue tanto exaltar quanto criticar as culturas das quais ela teve acesso.

Em 1849, ela retorna ao Rio de Janeiro e passa a ter interesses nas apresentações musicais e teatrais. Em 1850, adapta um texto de Eugène Sue, *Os Mistérios de Paris*, o qual é lançado no teatro na Bahia com o nome *A Família Morel*. No próximo ano, em 1851, adapta outro romance francês, agora de Victor Hugo, *Notre Dame de Paris*, sendo divulgado como *Esmeralda*.

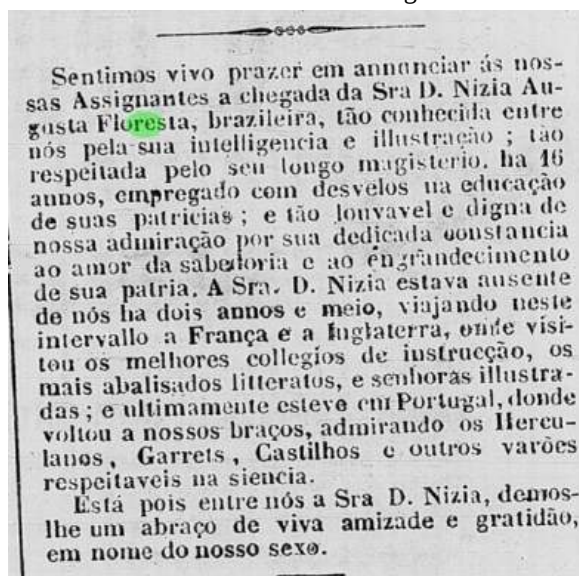
Em 1852, funda o periódico *O Jornal das Senhoras*, o qual continha textos que abordavam a emancipação feminina, teatro, música, partituras musicais, vestuário, poemas, crônicas, romances originais e traduzidos, no total, são contabilizadas 26 publicações contendo a sua direção, como afirma Bárbara Souto (2019). Conforme Elisabetta Pagliarullo (2011), as ideias do periódico não passaram despercebidas e Juana Manso recebia cartas de ameaça por causa de seus pensamentos transgressores para o período, as “producciones no pasaron desapercibidas para las autoridades y la sociedad brasileña, es más, causaron resquemores y enfrentamientos³³” (Pagliarullo, 2011, p. 27).

Além disso, ainda sob sua direção, a periodista comemora no *Jornal das Senhoras* (RJ), em 1852, a chegada de Nísia Floresta ao Brasil, após uma estadia na Europa, concluindo que

³³ "Suas produções não passaram despercebidas pelas autoridades e pela sociedade brasileira; pelo contrário, causaram ressentimentos e conflitos" (Pagliarullo, 2011, p. 27, tradução nossa).

as duas mulheres independentes eram conhecidas, se não pessoalmente, pelo menos pelos seus escritos (figura 13).

Figura 13 - Aviso no *O Jornal das Senhoras* sobre a chegada de Nísia Floresta no Brasil (1852).



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Aliado a isto, é possível ressaltar o livro biográfico de Silvia Miguens sobre Juana Manso, *Cómo se atreve - una vida de Juana Paula Manso* (2020), a qual escreve a vida da periodista em forma de romance, transformando o real em ficcional, em que sugere um suposto encontro entre as escritoras. Deste modo, na imagem acima Manso enaltece o retorno de Nísia Floresta ao Brasil, enquanto, e no capítulo 10 do romance biográfico, após um espetáculo em que Manso atua, as duas se reconhecem e são apresentadas pessoalmente, iniciando uma longa conversa sobre suas vidas, na ocasião, Nísia Floresta apresenta para Manso suas obras. Nathália Carvalho (2023) afirma que, ao se encontrarem, Manso e Nísia se reconhecem como mulheres intelectuais, as quais deveriam ser reconhecidas pelos seus trabalhos e que seus trajetos integravam suas vidas, pois foram essenciais para o transcurso de suas aprendizagens. Ao longo da conversa, Nísia menciona algumas obras para Manso, dentre elas: *Direito das Mulheres e injustiça dos homens*, de 1832; *Conselhos a minha filha*, 1842 e *Opúsculo Humanitário*, 1853; em cada obra mencionada Nísia inicia um discurso sobre a temática e aos poucos vai sendo questionada por Manso.

Por fim, Nathália Carvalho (2023) discorre que, no romance de Silvia Miguens, percebe-se que a ficcionalização de Nísia Floresta enriquece o texto literário por diversas razões: introduz o conhecimento dessa importante escritora do século XIX no Brasil e na América Latina; as obras mencionadas de Nísia não apenas enriquecem o texto ao apresentar algumas

de suas ideias, mas também exemplificam o diálogo entre seu pensamento e o de Juana Paula/Juana Manso. Além disso, observamos o processo de construção do conhecimento tendo Nísia como referência para Juana Paula e para o leitor do romance, ao acompanhar a revelação de saberes, ideias e fontes.

Sobre o seu casamento, a relação de Juana Manso e Francisco Noronha era conturbada, pois, apesar da dedicação quase exclusiva ao marido, houve abusos da parte de Noronha devido a ele não aceitar o fato de sua esposa ter ligações com tantas causas importantes da época. No começo de sua carreira como escritora, Manso acreditava que uma mulher casada deveria abdicar-se de si mesma, mas essa visão mudou após ser abandonada pelo marido, o que a deixou sozinha e responsável por sustentar a si mesma e as suas duas crianças. De acordo com Elizabeth Azevedo (2021), a separação foi um escândalo na época, sendo possível verificar as lamentações desse episódio na obra *As Consolações* (1856). Lidia Lewkowickz (2000) confirma que o marido da romancista diminuía o seu trabalho:

No obstante sufre una continua degradación por parte de su cónyuge. En principio la vive estoicamente porque ella misma es de la idea de que la vida de la mujer es de abnegación y sacrificio. Posteriormente comprende que esa apreciación debe ser enmendada (Lewkowicz, 2000, p. 50).³⁴

Inicialmente, Manso aceitava passivamente a degradação por parte de seu marido, conforme sua visão tradicional de que a vida da mulher é de abnegação e sacrifício. No entanto, mais tarde a romancista percebe a necessidade de revisar essa concepção, refletindo uma evolução em sua compreensão e posicionamento pessoal.

No período em que foi casada, o casal teve duas filhas; a primeira nasceu nos Estados Unidos e a segunda em Cuba, em 1848, elas se chamavam Hermínia e Eulália. Ademais, a escritora, que estava em terras brasileiras, em concordância com Deise Shell (2021), chegou a fundar um colégio para suas filhas no ano de 1853 e Juana Manso consegue se naturalizar brasileira, com o intuito de estudar medicina. Entretanto, foi recusada na Escola de Medicina, uma vez que era mulher e nesse período somente eram aceitos estudantes homens. De acordo com Alejandra Josiowicz (2018), a periodista foi “influenciada pelo exemplo de Madame Durocher, célebre parteira que instituiu o ‘Curso de Parteiras’ na Faculdade de Medicina de Rio de Janeiro” (Josiowicz, 2018, p. 5). Além disso, ela também ministrou aulas particulares e trabalhou como preceptora no Brasil, no Uruguai e na Argentina. Para Luiza Lobo (2009), além do fato de Francisco Sá ter abandonado Juana Manso e as filhas no Brasil, retornando para

³⁴ No entanto, ela sofre uma contínua degradação por parte de seu cônjuge. Inicialmente, ela suporta isso estoicamente porque ela mesma acredita que a vida da mulher é de abnegação e sacrifício. Posteriormente, ela compreende que essa visão deve ser corrigida (Lewkowicz, 2000, p. 50, tradução nossa).

Portugal com outra mulher em 1853³⁵, houve outros motivos que contribuíram para o seu retorno à Argentina com as filhas:

o retorno de Juana Manso à Argentina provavelmente deveu-se a três fatores: o término do seu casamento, o fato de ter sido recusada na Escola de Medicina e, principalmente, por ter chegado ao fim a ditadura de Juan Manuel de Rosas (1829-1852) (Lobo, 2009, p. 48).

No Brasil, Juana Manso (1819-1875) fundou o periódico *O Jornal das Senhoras*, em 1852, como já dito anteriormente. Nesse periódico, ela publicou, no mesmo ano de sua fundação, um dos seus romances mais famosos: *Misterios del Plata*, o qual retratava a ditadura na Argentina e, atualmente, é considerado um romance histórico, uma vez que descreve eventos reais da ditadura em seu país natal. A escritora afirma nas páginas de seu jornal que seus primeiros escritos da obra foram nos Estados Unidos e terminaram em Gravatá, no estado de Pernambuco: “comecei a esboçar este romance em Philadelphia, em 1846; foi concluído na fortaleza do Garavatá, onde morei cinco meses, em fins de 1849 e princípios de 1850” (Manso, 1852). Além do mais, de acordo com Bárbara Souto (2019), o romance, para o período, era considerado polêmico e Juana Manso tinha até certo medo de publicá-lo, visto que, quando terminou de escrevê-lo, o ditador argentino ainda era vivo e seu governo estava em vigência, em outras palavras, alguns personagens presentes na obra possivelmente estariam vivos. Para Bárbara Souto (2019):

O caso da obra *Misterios del Plata* é ainda mais polêmico, pois, além da autoria, a narrativa construída por Joanna Manso destoava daquilo que se considerava uma escrita feminina, que eram temáticas voltadas para a intimidade e a sensibilidade (Souto, 2019, p. 164).

Logo, por levantar questões reais da ditadura de Rosa, o folhetim retrata uma dura realidade do povo argentino, diferentemente dos romances da época, que em sua maioria consistem em serem voltados ao íntimo e ao sentimentalismo, como mencionado acima.

Além de *Misterios del Plata*, Juana Manso também publicou outros romances no Brasil durante seu exílio: *A Família do Comendador* (2022), publicado em dois periódicos: o primeiro em *A Imprensa*, em 1853, de janeiro a fevereiro do mesmo ano, contendo apenas os quatro primeiros capítulos (figura 14) e no *Álbum de Señoritas*, na Argentina, contendo 9 capítulos (figura 15), de 01 de janeiro até 17 de fevereiro de 1854; ambas as publicações foram interrompidas; *A Mulher do Artista*, folhetim de 10 capítulos, publicado no periódico *A Imprensa*, em 1852; *As Consolações*, publicado pela Emp. Tip. Dous de Dezembro de Paula

³⁵ Pontuamos que o leitor pode sentir-se confuso com as datas, mas Juana Manso faz esse jogo de idas e voltas entre Brasil e Argentina em um curto período de tempo.

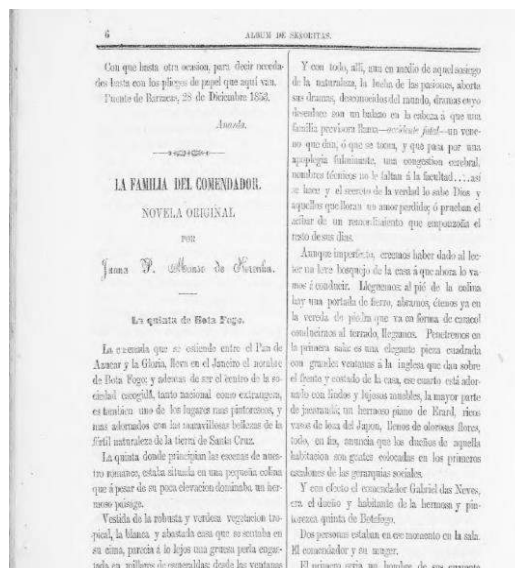
Brito, em 1856; e por último, *Páginas da Mocidade: memórias das guerras civis da Prata de 1883 a 1841*, folhetim publicado no periódico *Diário do Rio de Janeiro*, em 1858.

Figura 14 - A Família do Comendador (1853) no periódico *A Imprensa*.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 15 - *La Familia del Comendador* (1854) no periódico *Album de Señoritas*



Fonte: Biblioteca Nacional Mariano Moreno de la República Argentina

A vida da autora teve altos e baixos, por isso, após seu retorno à Argentina, Juana Manso não foi bem-aceita ou vista pela sociedade da época, pois seus escritos não eram “condizentes” para os críticos ou leitores em geral, uma vez que a escritora versava sobre assuntos além do que se consideravam como “apropriados” para uma autora do século XIX. A historiadora Deise Schell (2021) afirma sobre a autora e seus textos, durante seu retorno para Argentina, que, “as temáticas publicizadas, a linguagem politizada e o compromisso incontornável com a defesa de

causas sociais de Juana Manso eram elementos inusitados para a sociedade bonaerense da época” (Schell, 2021, p. 7).

Outro ponto interessante é que, após enfrentar várias críticas e dificuldades financeiras, Juana Manso retorna ao Brasil. As pesquisas de Deise Schell (2021) mostram que existem poucos documentos acerca da sua estadia neste período, isto é, durante aproximadamente 4 anos. Desta forma, entre os seus trabalhos, existem publicações dos seus textos em periódicos, peças de teatro e outros escritos.

A reviravolta na vida da escritora ocorreu em 1859, quando ela retorna a Buenos Aires, na Argentina, iniciando seus trabalhos em uma escola mista com o seu grande amigo Domingo F. Sarmiento. A partir desse momento, Juana Manso se dedicou aos estudos voltados para a educação de meninas e meninos, sem distinção de gênero ou classe social. Sendo assim, grandes nomes da educação elogiavam o trabalho escolar de Juana Manso, de acordo com Lidia Lewkowick (2003), uma dessas pessoas era Mary Mann, de Massachussets, a qual afirmou o seguinte sobre o empenho da escritora com a educação de crianças e jovens: “Juana Manso es la única de su sexo que a comprendido que bajo un humilde empleo de maestro está el sacerdocio de la libertad y la civilización...- Qué atmósfera para los trabajos de la inteligencia!³⁶” (Mann *apud* Lewkowick, 2005, p. 45).

Além disso, ainda refletindo sobre o trabalho educacional da escritora, ela também inaugurou a primeira biblioteca pública na Argentina, na cidade de Chivilcoy, em 10 de novembro de 1866. Nesse mesmo dia, a autora fez uma conferência sobre a educação, apesar das inúmeras tentativas de sabotagem, como protestos e agressões físicas contra a intelectual. Uma vez que os seus pensamentos progressistas eram subversivos demais para a época, especialmente para indivíduos de pensamentos conservadores, tais como: pensadores, estudiosos, professores homens e misóginos residentes na Argentina, de acordo com Schell (2021).

Por fim, Deise Schell (2021) confirma que a grande escritora Juana Manso sabia que as tentativas de seu silenciamento eram, sobretudo, pela autora ser mãe, separada e intelectual, afirmando que não deixaria passar as agressões sofridas. Além de ser, acima de tudo, uma grandiosa mulher, “a intelectual tinha consciência, no entanto, de que era por seu gênero que ela era impedida de falar mais, de fazer mais” (Schell, 2021, p. 46). Enquanto para Elisabetta Pagliarullo (2011):

³⁶ “Juana Manso é a única de seu sexo que compreendeu que sob um humilde ofício de professora está o sacerdócio da liberdade e da civilização... Que atmosfera para os trabalhos da inteligência!” (Mann *apud* Lewkowick, 2005, p. 45, tradução nossa).

La vida de Juana Manso está signada por los avatares del período histórico que le tocó vivir, sin embargo nada la amedrentó, ni sus problemas económicos, ni las persecuciones políticas, ni los ataques a sus ideas - osadas para la mentalidad de su época - ni la ruptura de su vínculo matrimonial, ni la inestabilidad producto de sus numerosas migraciones (Pagliarullo, 2011, p. 20)³⁷.

Assim, para Pagliarullo (2011), Juana Manso enfrentou com muita coragem os desafios de seu tempo, incluindo dificuldades econômicas, perseguições políticas, críticas às suas ideias avançadas para a época, divórcio e instabilidade devido a suas múltiplas migrações. Deste modo, sua vida é um testemunho de coragem e determinação frente às adversidades históricas e pessoais.

Para as estudiosas Bárbara Souto (2020) e Lidia Lewkowicz (2000), Juana Manso era uma feminista, por causa de suas ideias “inovadoras” para as mulheres. As suas ideias sobre a independência moral e intelectual feminina, as quais veremos mais adiante, mostram que a periodista pode ser qualificada como alguém que lutou pelos direitos da mulher de acordo com a época que vivia. A escritora, dentro de suas ideologias, como o fato de ser muito cristã, não se deixava ser subjugada e acreditava que as mulheres tinham o direito de saber reconhecer os seus direitos e deveres.

Podemos considerar a Juana Manso como “una feminista confesada”. La imposición de sus aspiraciones tuvo una repercusión que pretendió ser radical sobre la situación de la mujer fuera de la familia. La quería integrar al mundo de la educación a través de su formación. Apuntaba al fortalecimiento de la individualidad femenina, actitud que le generaría nuevos tipos de convivencia (Lewkowicz, 2000, p. 57)³⁸.

Dessa maneira, Juana Manso pode ser vista como uma feminista declarada, afirma Lewkowicz (2000). Sua luta por suas aspirações teve um impacto radical na posição das mulheres fora da família, buscando integrá-las através da educação e fortalecer sua individualidade, visando novas formas de convivência social.

Como foi dito no início desta seção, Juana Manso faleceu em 24 de abril de 1875. Em consonância com Regina Silva (2020a), o corpo de Manso ficou à espera de um sepultamento durante dois dias, pois os cemitérios da cidade não queriam enterrá-la, devido a ela não ter aceitado receber os últimos sacramentos da Igreja Católica. A pesquisadora salienta que o sepultamento ocorreu no dia 26 de abril de 1875, em um cemitério Britânico, contudo, apenas

³⁷ A vida de Juana Manso era assinada pelos desafios do período histórico em que ela viveu. No entanto, nada a amedrontava, nem seus problemas econômicos, nem as perseguições políticas, nem os ataques aos seus ideais (ousados para a mentalidade da época), nem o término do seu casamento, nem a instabilidade resultante das suas numerosas imigrações (Pagliarullo, 2011, p. 20, tradução nossa)

³⁸ Podemos considerar Juana Manso como uma feminista declarada. A imposição de suas aspirações teve um impacto que pretendia ser radical na situação da mulher fora da família. Ela buscava integrá-la ao mundo da educação através de sua formação. Seu objetivo era fortalecer a individualidade feminina, uma atitude que poderia gerar novos tipos de convivência (Lewkowicz, 2000, p. 57, tradução nossa).

em 1915 realizou-se a transladação dos restos mortais de Juana Manso para o cemitério da Chacarita, em Buenos Aires.

Nathália Carvalho (2023) frisa que a romancista foi uma figura multifacetada, uma intelectual que valorizava a constante busca pelo conhecimento e defendia o direito de expressar suas ideias. Além de escritora, desenvolveu diversos trabalhos em diferentes gêneros literários, expandindo suas contribuições para além do campo da escrita puramente literária.

Portanto, Juana Manso não se deixou desanimar por causa das adversidades de sua vida, pelo contrário, ela foi uma mulher que lutou e acreditou firmemente em seus princípios igualitários. Em cada país por onde ela passou, aprendeu novas formas de vida e de luta a favor da emancipação da mulher, justamente por ter tido a oportunidade e, principalmente, a curiosidade de conhecer novos conceitos culturais, sociais e políticos.

Para uma mulher oitocentista e, guardadas as devidas restrições impostas ao sexo feminino quanto ao direito à educação e à ilustração, surpreende a produção literária de Manso, não só pela quantidade como também pela relevância dos temas abordados e o seu pioneirismo (Silva, 2020a, p. 207).

Regina Silva (2020b) destaca a quantidade, a qualidade e o pioneirismo de Manso com os temas presentes nas suas obras literárias. Sendo assim, nos próximos tópicos buscaremos apresentar uma parcela do trabalho de Juana Manso no território brasileiro. Logo, esse pioneirismo se reflete na vida pessoal e profissional, não assumindo outras funções que não fossem as que estivessem voltadas à produção.

3.2 A Imprensa no Brasil feita por mulheres e para mulheres: Juana Manso nos periódicos oitocentistas femininos e feministas

Desde o seu surgimento, a imprensa é um dos principais veículos de comunicação da sociedade. O seu trabalho vai além da divulgação de notícias, por meio dela podemos nos instruir, distrair, analisar discursos e divulgar inúmeras notícias, sejam elas sobre o mundo ou corriqueiras. Para Sandra Lima (2007), hoje, a imprensa tem papel fundamental como fonte histórica, “o reconhecimento da imprensa como importante fonte histórica tem nos presenteado com a possibilidade de resgatar momentos passados do cenário da nossa vida cotidiana” (Lima, 2007, p. 222).

Dessa forma, analisando a imprensa do século XIX no Brasil, percebemos a ocorrência de inúmeras publicações, contendo os mais variados temas voltados, principalmente, para o público masculino. No entanto, ao buscarmos mais detalhadamente os jornais da época, notamos a ocorrência de um número expressivo de periódicos fundados por mulheres e

direcionados para o público feminino oitocentista. Assim, os jornais ou periódicos foram, de acordo com Constância Lima Duarte (2016), “mais que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência” (Duarte, 2016, p. 6). Sendo assim, a imprensa, a partir de agora denominada de imprensa feminina, se apoderou desse veículo de comunicação com o objetivo de correr ideias e ideais para o conhecimento e, consequentemente, o aprendizado do público feminino oitocentista.

Na seção anterior, esclarecemos sobre o árduo percurso da mulher oitocentista brasileira em busca dos seus direitos como a educação, além das tentativas patriarcais de restringi-la com um papel subalterno nos mais diferentes ambientes nos quais estavam inseridas. A situação na imprensa não foi diferente, para Bárbara Souto (2022), as mulheres realizaram verdadeiras “reflexões de uma práxis democrática” (2022, p. 31), além de seus textos enfatizarem a educação laica voltada para as meninas, o acesso à educação digna, o direito à expressão feminina³⁹ e a quebra do silêncio imposto socialmente pelos homens⁴⁰.

Ao buscarmos abordar a produção feminina na imprensa oitocentista brasileira, podemos encontrar inúmeros estudos voltados para as produções literárias e jornalísticas criadas por e para mulheres. Um dos estudos mais importantes é o dicionário ilustrado *Imprensa feminina e feminista no Brasil*, escrito por Constância Lima Duarte (2016), por meio dessa fonte destacaremos os primeiros jornais organizados por mulheres, até chegarmos ao ano de 1852, cujo periódico *O Jornal das Senhoras* foi publicado.

É importante citarmos alguns folhetos e periódicos anteriores ao *O Jornal das Senhoras*, de 1852, para percebermos que as mulheres já tomavam a frente da imprensa oitocentista com suas ideias e textos bastante diversos, visto que o periódico de Juana Manso foi pioneiro em dar notabilidade ao público feminino e à ideia de emancipação da mulher por meio da educação.

Dessa forma, enquanto *O Jornal das Senhoras* (1852) não era lançado no Rio de Janeiro, de acordo com Constância Lima Duarte (2016), o primeiro periódico tendo uma mulher a sua frente foi, na verdade, um folheto que tinha como título *Verdadeira Mai do Simplicio ou A Infeliz Viuva Peregrina*, de 1831, publicado no Rio de Janeiro e sem autoria específica. No entanto, a pessoa que o escreveu se intitulava mulher. O segundo, também um folheto, foi *A Filha Única da Mulher do Simplicio*, de 1832, no Rio de Janeiro, sem autoria, mas com uma breve apresentação na qual divulgava-se ser uma publicação de autoria feminina. A terceira

³⁹ Souto, 2022, p. 223.

⁴⁰ Perrot, 2005, p. 9.

publicação é o periódico *Belona Irada Contra os Sectarios de Momo*, publicado durante os anos de 1833-1834, em Porto Alegre, assinalado por Maria Josefa Barreto (1775-1837) e que possuía um tom específico contra o movimento dos Farroupilha. O quarto periódico foi o *Idade D'Ouro. Jornal Político, Agrícola e Miscelâneo*, de 1833, em Porto Alegre, também de Maria Josefa Barreto, igualmente ao anterior, com cunho político e dessa vez em favor da monarquia. O quinto encontrado foi *A Mineira no Rio de Janeiro*, de 1833, no Rio de Janeiro, sem identificação de nome, porém sabe-se que foi dirigido por uma mulher. O sexto é *A Filha de Timandro ou A Brasileira Patriota*, de 1849, no Rio de Janeiro, não temos identificação específica da autora, apenas revela-se que é uma mulher e filha de um político que leva o nome no título, Timandro. O sétimo periódico foi *O Beija-Flor*, de 1850, em Belém do Pará, o jornal era elaborado por mulheres que não se identificavam, porém usavam as iniciais de seus nomes. Logo, até o ano de 1852, esses foram os folhetos e periódicos encontrados pela pesquisadora anteriormente citada. Portanto, a partir da publicação do *O Jornal das Senhoras*, deu-se início a um novo ciclo de periódicos com teores diferentes dos mencionados acima.

Ao longo das viagens e muitos conhecimentos culturais, Manso passa a ter o desejo de divulgar tais aprendizados à sociedade brasileira. Conforme com Regina Silva (2020b), a periodista viu a oportunidade dessa transmissão através da publicação de um periódico e assim surge *O Jornal das Senhoras*, em 1852.

el vaivén de Manso por diversos países, y el contacto con distintas culturas, intelectuales, personas comunes y experiencias intensas le exigen constantes reajustes ideológicos que se reflejan en su aprendizaje y en su manera de ver el mundo (...) Con ese “repertorio cultural” adquirido –y de regreso a Brasil– Manso buscó una forma de transmitir sus ideas y vio en el periodismo una oportunidad. Para ello, fundó y dirigió, en 1852, el *Jornal das Senhoras: Modas, Litteratura, Bellas Artes, Theatros e Crítica* (...) (Silva, 2020b, p. 83).⁴¹

Dessa maneira, podemos analisar que, com um repertório cultural enriquecido por suas experiências internacionais, Juana Manso viu no periodismo uma forma poderosa de difundir suas ideias. A fundação do *O Jornal das Senhoras*, em 1852, não apenas promoveu a literatura e as artes, mas também destacou seu papel pioneiro na cultura e na crítica social do Brasil oitocentista.

Juana Manso fundou *O Jornal das Senhoras*, em 1852, um marco na imprensa feminina oitocentista, pois foi o primeiro periódico com uma duração consideravelmente longa para a

⁴¹ O vaivém de Juana Manso por diversos países e seu contato com diferentes culturas, intelectuais, pessoas comuns e experiências intensas exigiram constantes ajustes ideológicos que se refletiram em seu aprendizado e na forma como via o mundo (...) Com esse “repertório cultural” adquirido - e de volta ao Brasil - Manso procurou uma maneira de transmitir suas ideias e viu no jornalismo uma oportunidade. Para isso, fundou e dirigiu, em 1852, o *Jornal das Senhoras: Modas, Literatura, Belas Artes, Teatros e Crítica* (...) (Silva, 2020, p. 83, tradução nossa).

época e que foi criado pensando na divulgação da emancipação feminina. Como nosso foco é o trabalho da periodista, iremos apresentar como era o jornal durante o período no qual ela foi redatora chefe, além de artigos publicados no jornal após sua saída.

Antes de ser distribuído, *O Jornal das Senhoras* foi anunciado no periódico *O Jornal do Commercio*. Na busca foram encontradas 53 ocorrências ao longo dos anos de 1850, 1851, 1852, 1853, 1854, 1855, 1858 e 1859. Do total, 52 são anúncios do periódico sobre as novidades encadernadas no jornal. Ademais, no ano de 1858 há uma chamada sobre o interesse de comprar a coleção completa do jornal de Manso, enquanto a chamada de 1859 é um artigo sobre a segunda diretora-chefe, Violante Atabalipa, que traduziu algumas obras e adicionam em sua apresentação o fato de ter comandado *O Jornal das Senhoras*. Na figura abaixo podemos visualizar um desses anúncios:

Figura 16 - Anúncio da segunda publicação do *O Jornal das Senhoras* presente no periódico *Jornal do Commercio*, no ano de 1852.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

No site da Hemeroteca Digital do Brasil, encontra-se disponível para livre acesso os quatro anos de vida que o periódico teve: 1852, 1853, 1854 e 1855. Juana Manso foi redatora chefe no primeiro ano, no entanto, a partir da edição número 27, a direção do jornal passou a ser de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, que durou de julho de 1852 até dezembro de 1852. No ano de janeiro de 1853 até junho de 1853, Violante Atabalipa divide o

cargo com Gervázia Nunezia, a qual perdurou sozinha no cargo de redatora chefe de julho de 1853 até dezembro de 1855, ano de sua última edição⁴².

Para Joelma Lima (2012), o fato de Juana Manso e Violante Atabalipa deixarem seus cargos de diretoras chefes em um período tão curto envolvia a falta de recursos financeiros, pois o periódico “sobrevivia graças às assinaturas e aos recursos próprios das suas diretoras” (Lima, 2012, p. 46). Além do mais, a saída de Juana Manso da direção do jornal também foi ocasionada pela sua separação conjugal e a queda de Juan de Rosas, na Argentina, como já mencionado no início deste capítulo.

Figura 17 - *O Jornal das Senhoras: Modas, Litteratura, Bellas - Artes; Theatros e Critica*, 1 de janeiro de 1852.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Joelma Lima (2012) identifica que o jornalismo brasileiro teve duas fases: a primeira caracterizada pelo trabalho manual na produção dos periódicos, o alto custo das produções e da mão de obra especializada e cara, além do maquinário ser todo produzido pela Europa e exportado para o nosso país. O segundo momento iniciou-se em 1880 com a industrialização dos jornais, o que acabou tornando-se verdadeiras fábricas industriais de informações em larga escala em todo o planeta. Dessa forma, *O Jornal das Senhoras* estava inserido no primeiro momento, visto que o trabalho de produção do periódico estava na “fase efêmera e artesanal do jornalismo brasileiro” (Lima, 2012, p. 46).

Ademais, buscando informações mais técnicas, temos algumas características importantes a serem mencionadas: em primeiro lugar, o periódico ao longo de sua vivência possui 3 títulos, de início, sob o comando de Juana Manso, intitulava-se como *O Jornal das Senhoras. Modas, Literatura, Bellas-Artes, Theatros e Críticas*, que se manteve em todas as

⁴² Souto, 2020, p. 118.

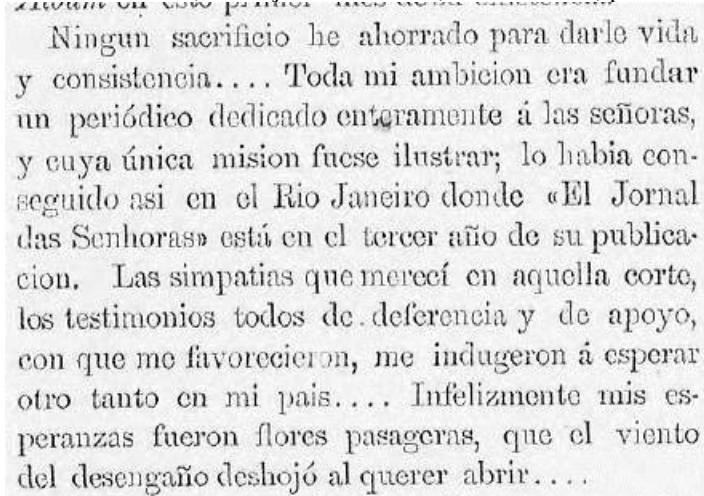
publicações do ano de 1852, mesmo depois da saída de Juana Manso da redação, até o fim do ano de 1852.

Com a direção de Violante Ataliba, em seu primeiro ano à frente do jornal, já na primeira edição de janeiro de 1853, podemos constatar a retirada da palavra *crítica* do título do periódico, passando a ser denominado *O Jornal das Senhoras. Modas, Literatura, Bellas-Artes e Theatros*. E em janeiro de 1854, agora sob o comando apenas de Gervásia Nunezia, terá como título nos próximos dois anos: *Jornal das Senhoras. Jornal da boa companhia. Modas, Literatura, Bellas-Artes e Theatros*.

Outra mudança observada por Everton Barbosa (2018) foi a retomada da palavra crítica na edição de março de 1853 e a saída do artigo “O” de *O Jornal*. Essa mudança de título com retiradas e acréscimos de frases, para Bárbara Souto (2022), indicava o medo, principalmente do significado da palavra *crítica*, pois “remete a interferências incisivas e questionadoras, o que poderia causar reações não almejadas pela redação do Jornal das Senhoras” (Souto, 2022, p. 126).

Dessa forma, podemos levantar a hipótese de que, se Juana Manso ainda tivesse continuado à frente do jornal, a crítica que era temerosa entre as redatoras futuras não seria empecilho para nossa periodista, já que ela enfrentava os seus opositores. Além do mais, as mudanças, aparentemente, não causaram desentendimento nas relações de Juana Manso. Para confirmar tal argumento, no jornal *O Album de Señoritas*, também fundado pela escritora, em 1854, na Argentina, há a informação de que, no Rio de Janeiro, o seu jornal recebeu muito apoio de colaboradores e estava em seu terceiro ano de circulação.

Figura 18 - *O Album de Señoritas*, 29 de janeiro de 1854, Buenos Aires, por Juana Manso



Ningun sacrificio he ahorrado para darle vida y consistencia.... Toda mi ambicion era fundar un periódico dedicado enteramente á las señoras, y cuya única mision fuese ilustrar; lo habia conseguido así en el Rio Janeiro donde «El Jornal das Senhoras» está en el tercer año de su publicacion. Las simpatias que merecí en aquella corte, los testimonios todos de deferencia y de apoyo, con que me favorecieron, me indugeron á esperar otro tanto en mi pais.... Infelizmente mis esperanzas fueron flores pasageras, que el viento del desengañó al querer abrir....

Fonte: Biblioteca Mariano Moreno

Segundo Bárbara Souto (2020), além da troca de subtítulo, houve uma diminuição expressiva nos artigos sobre emancipação feminina, que abordaremos no próximo tópico. A pesquisadora destaca:

É relevante ressaltar que a troca de subtítulo mencionada tinha relação com o conteúdo do jornal, que a partir de 1854, diminuiu a veiculação de matérias sobre emancipação das mulheres. Ou seja, a palavra “crítica” estava vinculada ao pensamento crítico e não apenas à crítica literária e de arte. Houve alteração também no logotipo, mas não parece ter tido relação com a mudança de estabelecimento tipográfico (Souto, 2022, p. 128).

Sobre a tipografia do periódico, mencionada por Souto (2022), de acordo com a pesquisa realizada por Everton Barbosa (2018), o jornal passou por cinco endereços diferentes: a Tipografia Parisiense, durante a primeira edição, em janeiro de 1852, até a nona edição em fevereiro de 1852; o segundo local foi a Tipografia de Santos e Silva por um período de um ano, de 1852 até fevereiro de 1853; o terceiro endereço foi a Tipografia do Jornal das Senhoras de G. Luzinger durante apenas quatro meses; o quarto local foi a Tipografia do Jornal das Senhoras, publicado a partir da 79ª edição, em julho de 1853. Por fim, a última Tipografia consistia na mesma anterior, porém o que ocorreu foi uma mudança de endereço, anteriormente localizado na Rua da Alfândega, passando para a Rua do Cano; nesse endereço foram publicados da edição de número 86 até a última de 30 de dezembro de 1855⁴³.

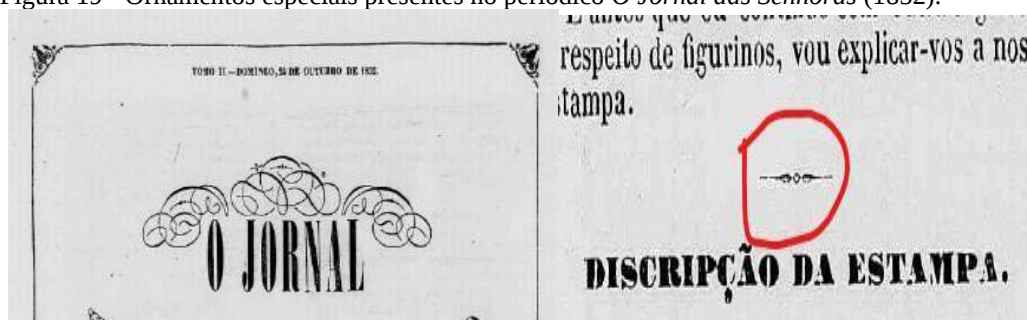
O periódico possuía duas colunas, uma média de 8/9 páginas, ornamentos nos quatro cantos do papel e os textos eram assinados no final, em seguida era adicionado uma tracejado de separação ao texto seguinte (figura 19). Além do mais, observamos que o primeiro texto sempre possuía um tom de apresentação às leitoras, o que podemos classificar como um editorial, contendo os mais diversos assuntos daquele período (figura 20).

Compuesto de ocho páginas con dos columnas, utilizó el sistema común de la época, la numeración continuada, empezando un nuevo conteaje cuando cambiaba de redactora. Las páginas que corresponden al período de actuación de Manso van de la página 1 hasta la 215, un total de 26 números (Silva, 2020b, p. 84).⁴⁴

⁴³ BARBOSA, Everton. *Mapeando as tipografias do periódico O Jornal das Senhoras (1852-1855): as relações socioespaciais nos impressos*. I Encontro de pós-Graduandos da Sociedade de Estudos do Oitocentos, São João del Rei, 2016. Disponível em: [Everton.Barbosa.pdf \(seo.org.br\)](http://seo.org.br).

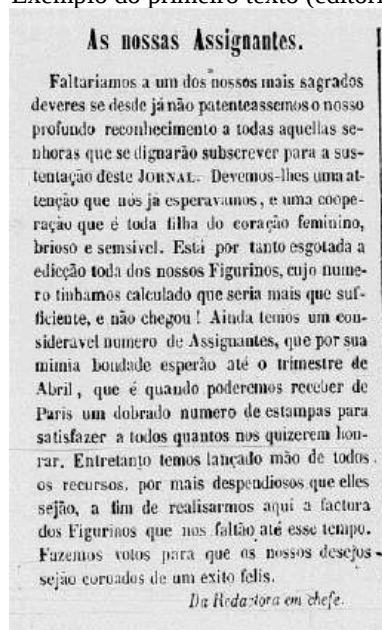
⁴⁴ Compuesto por oito páginas com duas colunas, utilizava o sistema comum da época, a numeração contínua, começando uma nova contagem ao mudar de redatora. As páginas que correspondem ao período de atuação de Manso vão da página 1 até a 215, totalizando 26 números (Silva, 2020, p. 84, tradução nossa).

Figura 19 - Ornamentos especiais presentes no periódico *O Jornal das Senhoras* (1852).



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 20 - Exemplo do primeiro texto (editorial).



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Regina Silva (2020b) destaca a organização do periódico quase sempre impresso no mesmo formato aos domingos, contendo uma carta da redatora, moda, artigos, teatro, poesias, crônica, música, bordados e um folhetim:

Así, el semanario solía traer: carta de la redactora y/o lectoras; moda –siempre de inspiración parisiense–; artículos –en los que Manso divulgaba sus ideas de ilustración y emancipación de las mujeres–; teatro, siempre acompañado de una crítica; poesías; crónica de la semana; música –preferentemente una partitura de su esposo Noronha–; bordados y el folletín *Misterios del Plata: romance historico contemporaneo*, finalizado (sin epílogo) en la edición del día 04 de julio de 1852, cuando Manso ya se había retirado de la redacción del periódico, dejando una “nota de la autora” en que habla de su novela (Silva, 2020b, p. 84).⁴⁵

⁴⁵ Assim, o semanário costumava trazer: carta da redatora e/ou leitoras; moda - sempre de inspiração parisiense -; artigos - nos quais Manso divulgava suas ideias de ilustração e emancipação das mulheres -; teatro, sempre acompanhado de uma crítica; poesias; crônica da semana; música - preferencialmente uma partitura de seu esposo Noronha -; bordados e o folhetim 'Mistérios do Prata: romance histórico contemporâneo', finalizado (sem epílogo) na edição de 4 de julho de 1852, quando Manso já havia se retirado da redação do periódico, deixando uma 'nota da autora' na qual fala de sua novela (Silva, 2020, p. 84, tradução nossa).

Assim, para Regina Silva (2020b), Juana Manso, por meio do seu periódico, não só promovia moda e cultura parisiense, mas também disseminava suas ideias de ilustração e emancipação feminina. Seu legado inclui não apenas a valorização das artes e da crítica teatral, mas também a publicação de obras literárias como *Misterios del Plata*, marcando, de certa forma, sua influência no cenário intelectual brasileiro do século XIX.

Por último, Bárbara Souto (2022) observa que, na segunda publicação, a redatora-chefe incentiva suas leitoras a guardarem o periódico, tal como os folhetins dos rodapés de outros jornais do Oitocentos. Para a pesquisadora, “o ato de colecionar os jornais feministas oitocentistas fazia sentido devido ao caráter reflexivo dos textos veiculados. (...) ou seja, elementos duradouros que faziam jus a serem arquivados ou colecionados para consulta posterior” (Souto, 2022, p. 107). Dessa forma, Juana Manso acreditava que seus textos tinham um valor educacional e informativo para as suas leitoras atuais e posteriores,

Ora pois, isto que eu digo, é na suposição que haverá quem leia o que eu escrevo a esse respeito, do que eu tenho minhas duvidas, porque as vezes tambem acontece pregar-se o sermão no deserto; e eu, desde que ha dias deparei com uma folha do Judeu Errante-*Embrulhando assucar* — para logo fiz tenção de pedir ás minhas assignantes de fazerem encadernar este Jornal, bem encadernadinho (Manso, 1852, p. 12)⁴⁶.

Marlyse Meyer (1999), em seu trabalho sobre os folhetins no Brasil, frisa a importância dos jornais femininos na publicação dos folhetins no território, nele ela enfatiza *O Jornal das Senhoras* como um dos jornais que publicaram os romances folhetinescos. A pesquisadora menciona alguns exemplos desses romances como *Mistérios del Plata* (1852), da própria diretora do periódico; *Karolina* (≅ 1852), sem autor mencionado, porém traduzido pela redatora chefe; *A Jarilla* (1851), de Carolina Coronado (1820-1911) e *Amor, ciúmes e vingança, novela brasileira* (1838), de Pereira da Silva (1876-1944), obras essas que foram publicadas na página inteira do periódico, diferentemente do que popularmente ficou conhecido como folhetins. Portanto, podemos entender que o periódico divulgava diferentes tipos de narrativas romanescas, o que dialogava com os leitores da época, que buscavam ler os romances nos rodapés dos jornais.

Luma Medeiros (2022) afirma que abarcava um grupo ínfimo de leitores e leitoras, pois a pesquisadora salienta o número considerável de analfabetismo no Brasil. Além do mais, o discurso de Manso não abrangia todas as mulheres por causa da escravização, o que acontecia era de alguma forma uma “ruptura no discurso hegemônico e tematizava assuntos controversos na imprensa, como política e escravidão, que não costumava vir nos jornais para mulheres”

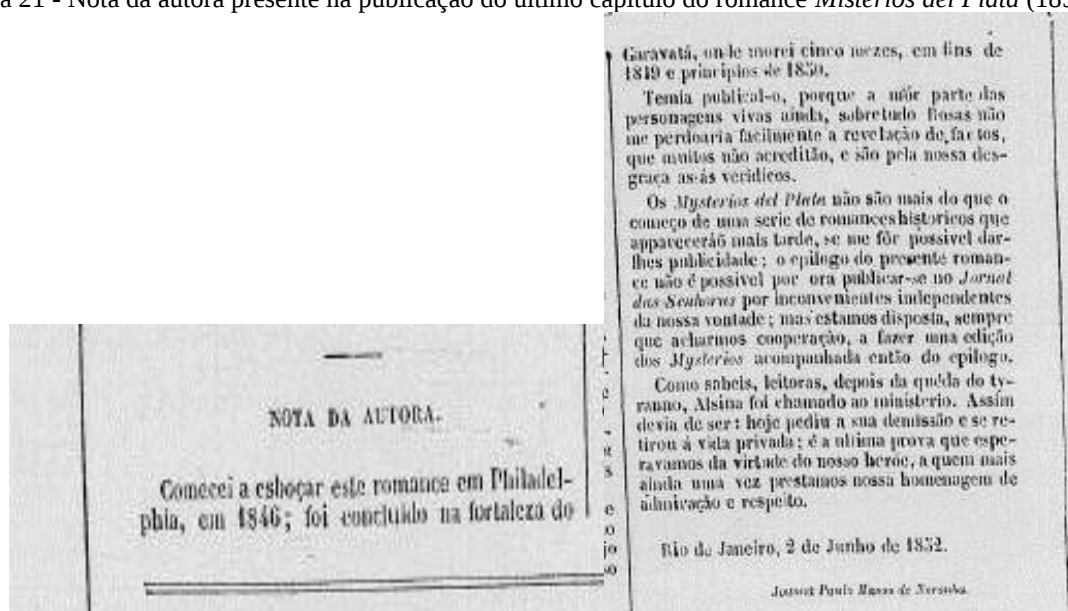
⁴⁶ Mantivemos o texto original do periódico.

(Medeiros, 2022, p. 50). Ou seja, o discurso presente no periódico buscou demonstrar que as leitoras poderiam se envolver em outros assuntos além de moda, casamento, cuidados do lar. Manso apresenta uma perspectiva de que a mulher conseguiria aprender e transmitir determinado assunto, uma vez que é por meio de uma boa educação e de conhecimentos de diversas áreas que a mulher seria capaz de dar um bom ensinamento aos filhos, como veremos mais adiante.

Ademais, durante a análise do periódico encontramos alguns textos enviados pela escritora como colaboradora, após sua saída como redatora chefe, além de anúncios, poemas, homenagens, todos direcionados à Juana Manso. Dessa forma, as contribuições e homenagens são as seguintes:

A primeira colaboração está presente na edição de número 27, datada em 04 de julho de 1852, contendo o último capítulo do seu romance histórico *Mistérios del Plata*, além de um texto final sobre a criação do romance (figura 21).

Figura 21 - Nota da autora presente na publicação do último capítulo do romance *Misterios del Plata* (1852)



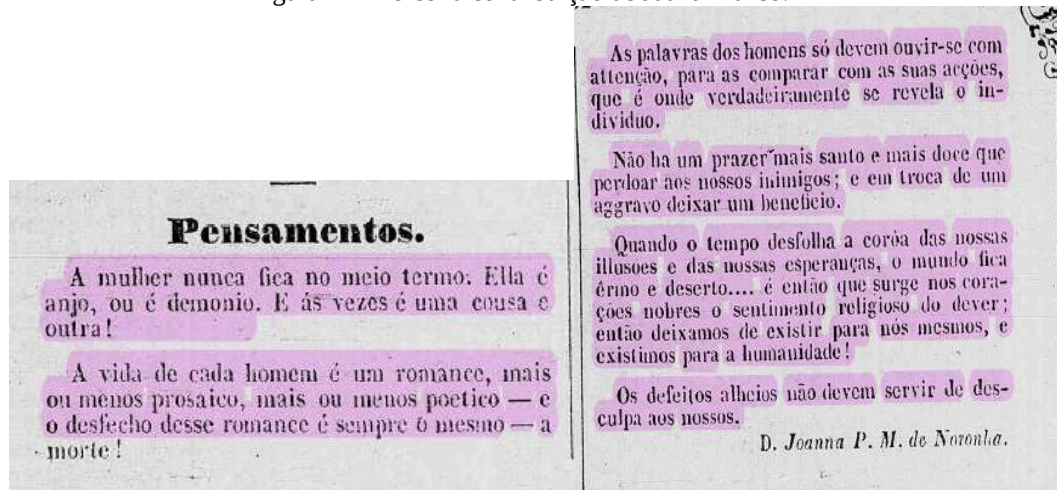
Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

A segunda parceria está na edição 43, datada em 24 de outubro de 1852, na qual foi publicado um texto colaborativo, de Juana Manso, sobre a emancipação feminina, que durante os anos em que o periódico esteve sob sua direção fizeram parte a massiva divulgação, o seu conteúdo será mais explicitado no tópico seguinte.

Na terceira contribuição, na edição de 17 de julho de 1853, número 29, sob supervisão de Gervásia Nunezia, temos um texto intitulado *Pensamento*, dividido em seis parágrafos. Ele

versa sobre o valor das palavras das mulheres e dos homens, o perdão, o valor da mulher, as ilusões e os defeitos alheios (figura 22).

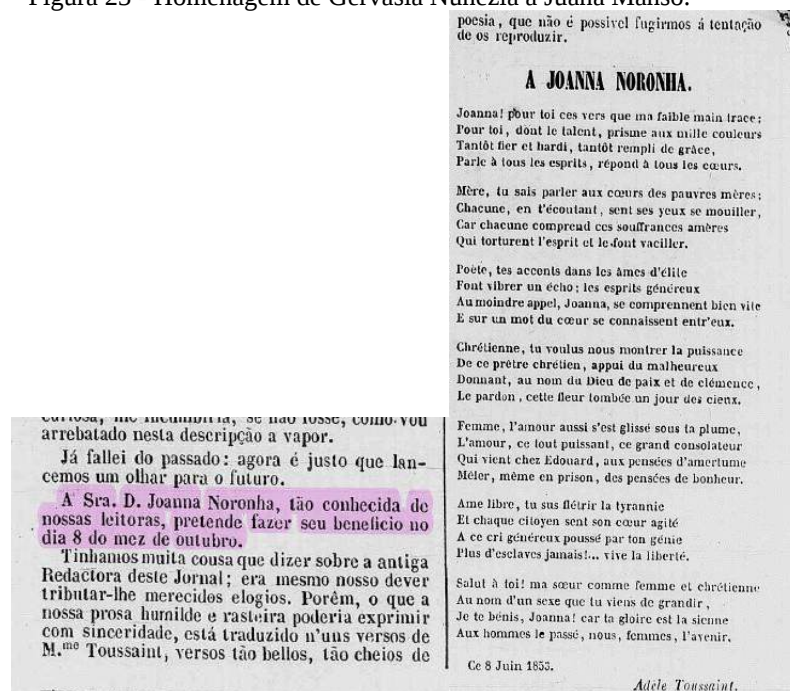
Figura 22 - Terceira contribuição de Juana Manso.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

A quarta participação encontra-se na publicação de 25 de setembro de 1853, edição 39, ainda sob comando da Gervásia Nunezia. Na verdade, é uma homenagem à antiga redatora do jornal e, para tal, foi publicado um poema de Adele Toussaint, que nas palavras do redator (a) que não é revelado no final do texto, o poema consegue transmitir um justo agradecimento à escritora, de acordo com a autora do texto da homenagem (figura 23).

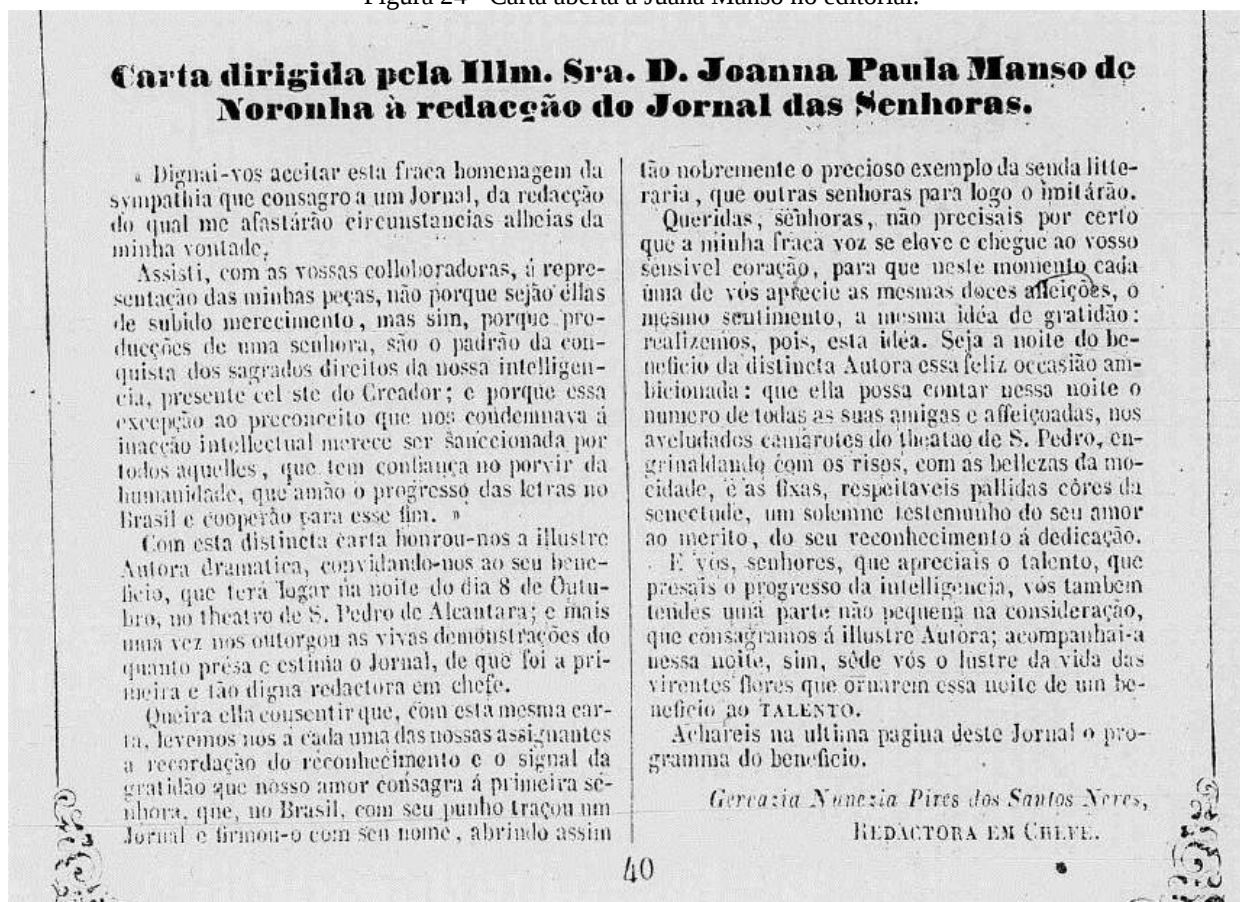
Figura 23 - Homenagem de Gervásia Nunezia à Juana Manso.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Na quinta cooperação, que está na edição de 2 de outubro de 1853, número 40, temos o primeiro texto do periódico, redigido por Gervásia Nunezia, ainda redatora chefe, intitulado *Carta dirigida pela Illm. Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha à redação do Jornal das Senhoras*; é uma carta direcionada à Juana Manso, na qual agradece à fundadora do jornal, além da divulgação do trabalho que Juana Manso estreou no teatro S. Pedro de Alcantara (figura 24).

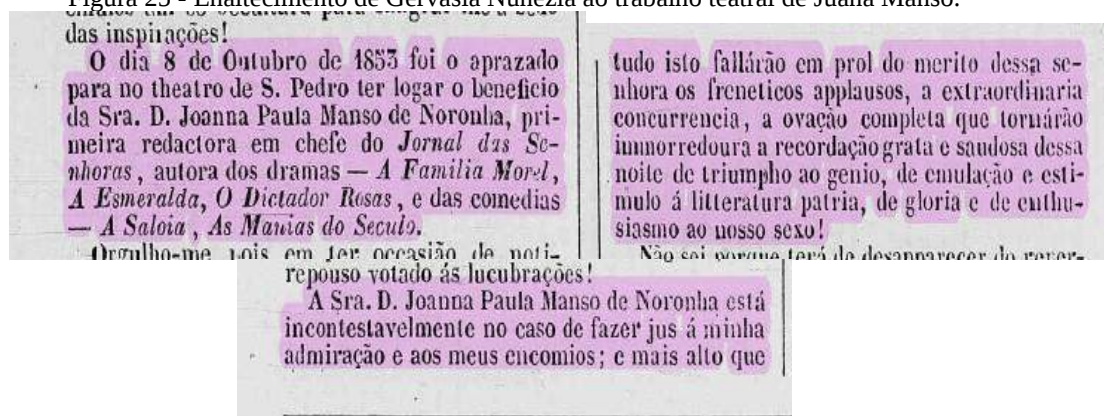
Figura 24 - Carta aberta à Juana Manso no editorial.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

A sexta participação foi na edição de 9 de outubro de 1853, número 41, na crônica semanal, escrita nesse dia por Gervásia Nunezia, e contém informações sobre a apresentação de Juana Manso no teatro, além da redatora engrandecer a escritora por toda sua dedicação artística no teatro, pois Juana Manso, agora atriz, escreve, dirige e atua nas peças teatrais apresentadas no Rio de Janeiro (figura 25).

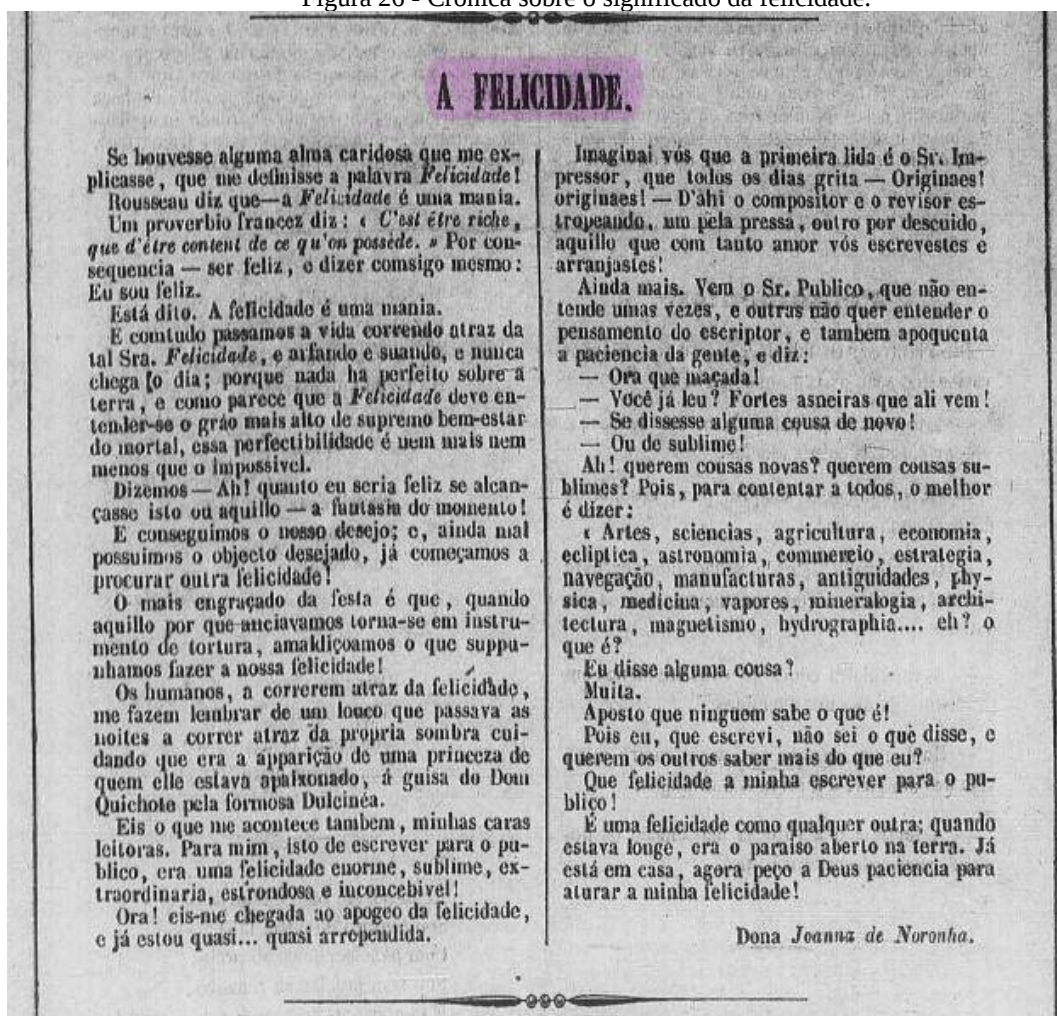
Figura 25 - Enaltecimento de Gervásia Nunezia ao trabalho teatral de Juana Manso.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Na sétima parceria, na edição de 1 de outubro de 1854, número 40, foi publicada uma crônica, escrita por Juana Manso, intitulada *Felicidade*. No texto, a periodista questiona o significado da felicidade e lança os conceitos propostos por Rousseau e de um provérbio francês. Além do mais, afirma que, para ela, a felicidade está no seu ato de escrever para o público, no entanto, está quase arrependida desse ato ao perceber que os leitores não entendem os textos e nem fazem questão de interpretação, ou que querem buscar interpretações mirabolantes que ela nunca ousou pensar, salientando que “eis o que me acontece também, minhas caras leitoras. Para mim, isto de escrever para o público, era uma felicidade enorme, sublime, extraordinária, estrondosa e inconcebível” (Manso, 1854, p. 319). (figura 26).

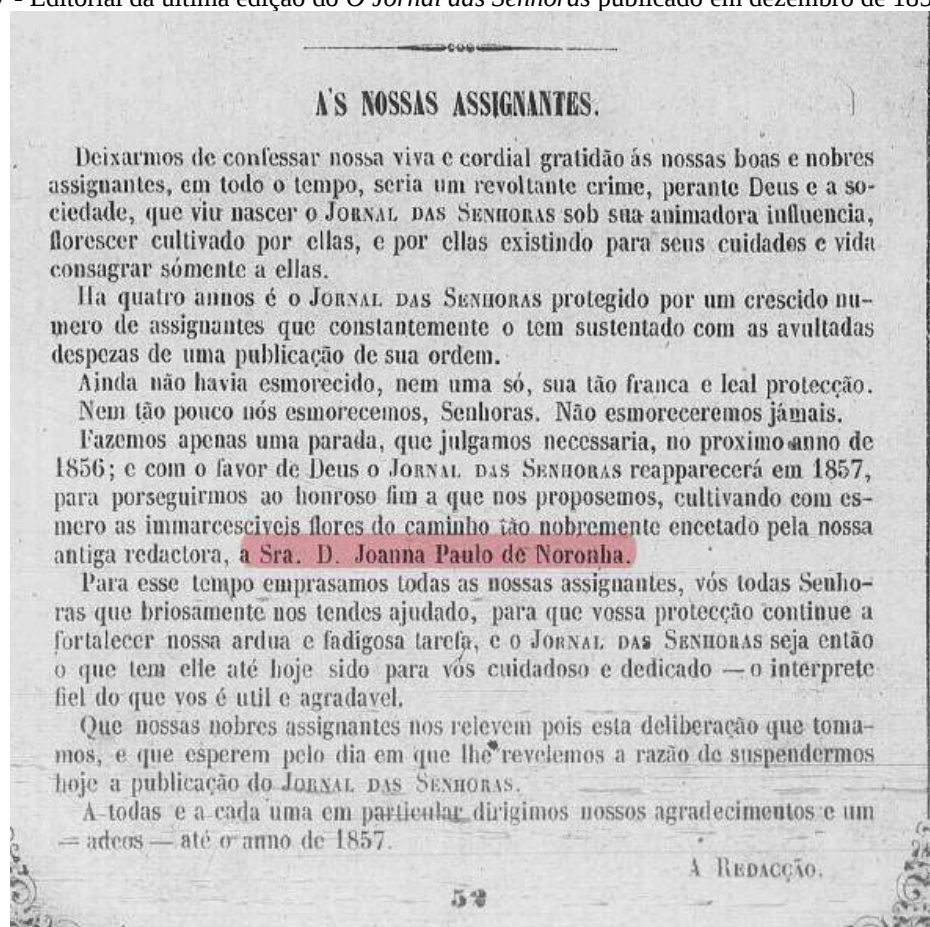
Figura 26 - Crônica sobre o significado da felicidade.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

A última publicação no *Jornal das Senhoras* foi datada em de dezembro de 1855, ainda sendo supervisionado pela Gervásia Nunezia. No primeiro texto, que é direcionado às leitoras, há uma mensagem sobre a paralisação dita como necessária para a continuidade do jornal, além de afirmar que o jornal voltará no ano seguinte, em 1857, o que não aconteceu. Por fim, nesse mesmo texto, Juana Manso é citada, elogiada por sua criação e a importância que o periódico trouxe para as leitoras, além do mais, a redatora roga a Deus que em 1857 o periódico possa voltar e possa dar seguimento ao caminho trilhado pela criadora do periódico (figura 27).

Figura 27 - Editorial da última edição do *O Jornal das Senhoras* publicado em dezembro de 1857.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

No entanto, apesar dos elogios direcionados à criadora e de dar continuidade ao seu trabalho, o jornal já não era o mesmo sem a redatora, pois o seu principal intuito, de emancipação das mulheres, a crítica à sociedade oitocentista e ao mal comportamento dos homens, foram sendo retirados do periódico. Logo, podemos comprovar, ao analisar os anos em que Juana Manso não esteve à frente do periódico, que o único texto sobre emancipação feminina, após sua saída da direção, é assinado pela escritora; as outras diretoras evitaram mencionar qualquer assunto polêmico.

Como podemos perceber, após a saída de Juana Manso da direção do *O Jornal das Senhoras*, houve breves colaborações suas no periódico, além do mais, observamos que os seus textos eram os únicos que retomavam o objetivo inicial, ou seja, a divulgação da emancipação feminina e os direitos da mulher. Ao longo das trocas de editoras-chefes é nítida a mudança do periódico, não apenas nos títulos, mas no conteúdo que pouco abordava a educação feminina e voltava-se para os conteúdos como os romances-folhetins e, principalmente, a moda.

Ademais, pontuamos que, para Nathália Carvalho (2023), em sua tese sobre a vida de Juana Manso, apresentada de forma romanceada na obra de Silvia Miguens, 2021, no livro

intitulado *Cómo se atreve - una vida de Juana Paula Manso*, a romancista enfrentou rejeição de suas compatriotas, encontrando uma recepção mais calorosa no Brasil, país ao qual ela se refere com carinho em vários momentos de sua narrativa, aqui salientamos que em quase todos os escritos de Manso ela recorda com grande satisfação sua estadia nas terras brasileiras. Além do mais, *O Jornal das Senhoras* teve uma longevidade significativa; mesmo após o período em que Juana Manso foi editora por seis meses, outras mulheres assumiram a publicação, como mencionado anteriormente.

Por fim, acrescentamos aqui a colaboração de Juana Manso por meio de um pseudônimo, *Bellona*. Luma Medeiros (2022) defende que as crônicas escritas por Bellona eram na verdade de Juana Manso e que foi uma estratégia de escrita da periodista: “defendemos ser uma personagem de Manso para simular uma leitora que passa a ser colaboradora, com o intuito de apresentar estratégias de escrita” (Medeiros, 2022, p. 79). Luma Medeiros (2022) e Regina Silva (2020b) mencionam que Bellona é o mesmo nome do primeiro periódico fundado por uma mulher no Brasil, Maria Josefa Barreto (1786-1837), em Porto Alegre – como já mencionei anteriormente –, elas acreditam que Juana Manso teve conhecimento do título desse primeiro jornal, já que Manso possui um relato de passagem pelo Rio Grande do Sul. Logo, podemos pensar que ela utilizou Bellona como forma de homenagear e lembrar o nome feminino presente na imprensa.

Como observado anteriormente, a fundadora e editora-chefe tinha um objetivo principal que será abordado no próximo tópico dedicado aos textos de emancipação feminina.

3.3 Emancipação feminina no periódico *O Jornal das Senhoras*

Juana Manso ficou à frente da direção do *Jornal das Senhoras* durante apenas 26 edições. E, posteriormente, ela possuiu algumas participações no jornal. Dessas edições, destacamos as publicações que a periodista assinou com seu nome de batismo: 1ª edição de 1 de janeiro de 1852, 2ª edição de 11 de janeiro de 1852, 4ª edição de 25 de janeiro de 1852, 6ª edição de 8 de fevereiro de 1852, 11ª edição de 14 de março de 1852, 27ª edição de 4 de julho de 1852 e 43ª edição de 24 de outubro de 1852. Desta forma, nelas estão contidos os textos sobre o propósito de Juana Manso, ou seja, a *emancipação feminina* que ela apoiava e divulgava, as respostas às cartas enviadas ao jornal em tom de ódio e um pensamento sobre a vida da mulher. Bárbara Souto (2020) elenca as principais reivindicações de Juana Manso nos textos sobre emancipação feminina:

1) consolidar os direitos das mulheres, que eram “naturais”, existentes desde a criação dos seres humanos, mas que os homens não reconheciam; 2) aprimorar a ilustração das mulheres para que elas pudessem exercer com maestria sua “missão” na sociedade: ser mãe e esposa – a primeira educadora dos homens e mulheres; 3) reconhecer o efetivo valor das mulheres enquanto seres pensantes, tão capazes intelectualmente como os homens, e superiores na sensibilidade e virtude, sendo anjos, não bonecas (Souto, 2020, p. 263).

Como podemos ver, para Bárbara Souto (2020), Juana Manso procurava não apenas consolidar os direitos naturais das mulheres, negligenciados pelos homens, mas também elevar sua ilustração para que pudessem desempenhar com excelência seu papel social como mães e esposas, fundamentais na educação da sociedade.

Lidia Lewkowicz (2000) apresenta, de forma sistemática, os artigos sobre emancipação moral da mulher no livro biográfico dedicado a Juana Manso. Além do mais, também expõe dois textos de periodistas distintos que abordam o comportamento da mulher oitocentista. Contudo, antes elencaremos três pontos relevantes a serem mencionados. O primeiro é o fato de Manso não ter receio em assinar seus textos, como veremos em um dos artigos destacados. Regina Silva (2020b) salienta que, diferentemente das colaboradoras e das leitoras, Juana Manso não tinha medo de expor seu nome:

Diferentemente de las lectoras/colaboradoras, que tendrán sus identidades protegidas, Manso no teme exponer su nombre, firmando orgullosamente la carta: “Joanna Paula Manso de Noronha”. Según Batticuore (2005, p. 132), este hecho es, sin duda, “un rasgo moderno que la singulariza y la desmarca de la mayoría de sus predecesoras y también de muchas de sus contemporáneas, inaugurando a través de la prensa femenina (...) la modalidad de la autoría *apropiada y exhibida*” [la bastardilla es de la autora] (Silva, 2020b, p. 87).⁴⁷

Sendo assim, de acordo com o trecho, Juana Manso, ao assinar orgulhosamente como Joanna Paula Manso de Noronha, destaca-se por um traço moderno ao expor sua autoria na imprensa feminina. Além disso, também é destacado como ela se separa de suas antecessoras e contemporâneas ao evidenciar uma autoria própria e visível, conforme destacado por Batticuore (2005, p. 132).

O segundo é o encarte das últimas vestimentas presentes em todas as edições de *O Jornal das Senhoras* (1852). Regina Silva (2020b) aponta que Manso tinha conhecimento de que seu periódico precisava de um atrativo para sua chegada e permanência no público feminino. À vista disso, ela decidiu incluir as últimas tendências de moda como uma excelente estratégia editorial. Além do mais, ainda em consonância com Silva (2020b), a experiência da

⁴⁷Diferentemente das leitoras/colaboradoras, que terão suas identidades protegidas, Manso não teme expor seu nome, assinando orgulhosamente a carta como 'Joanna Paula Manso de Noronha'. Segundo Batticuore (2005, p. 132), este fato é, sem dúvida, 'um traço moderno que a singulariza e a diferencia da maioria de suas predecessoras e também de muitas de suas contemporâneas, inaugurando através da imprensa feminina (...) a modalidade de autoria *apropriada e exibida*' [o destaque em itálico é da autora] (Silva, 2020b, p. 87, tradução nossa).

imprensa francesa foi um grande exemplo para essa atitude de Manso, logo, a pesquisadora reforça seu argumento com a pesquisa de Perrot (2017), realizada com as leitoras parisienses sobre a maneira que elas se interessavam por periódicos que reproduziam anúncios de moda e folhetins.

Pero ¿cómo conquistar la confianza y el interés de las lectoras para convencerlas de abrir las páginas del Jornal? Al analizar este periódico se deduce que Manso demuestra tener conciencia de que es preciso que haya un atractivo para ello, y la moda surge como una salida, una vía muy eficaz para seducir a las lectoras. Este aprendizaje Manso lo asimiló de las experiencias de la prensa francesa, pues, según Perrot (2017, p. 33), las primeras lectoras del siglo XVIII, en Francia, no demostraban interés por los periódicos de contenido político, destinados más a los hombres, pero se convirtieron en fieles lectoras de las columnas de los folletines y de las secciones de moda, lo que llevó a la prensa a especializarse en ese tipo de segmento que tendrá gran desarrollo en el siglo XIX, en razón del éxito entre las mujeres (Silva, 2020b, p. 88).⁴⁸

De acordo com o trecho acima, para atrair a confiança e o interesse das leitoras, Juana Manso reconhece a importância de utilizar a moda como um atrativo eficaz, aprendendo com a história da imprensa francesa. Esta compreensão demonstra sua habilidade em adaptar estratégias que se mostraram bem-sucedidas entre as mulheres, transformando *O Jornal das Senhoras* em um espaço não apenas informativo, mas também atrativo e relevante para o seu principal público, o feminino.

O terceiro ponto consistiu no jogo semântico que Juana Manso propunha para suas leitoras junto com o encarte dos figurinos, ou seja, o título dos anúncios dos trajes era acompanhado de alguma palavra que remetesse à emancipação feminina. Assim, Regina Silva (2020b) destaca o anúncio presente na última página da primeira edição do periódico, no qual enuncia: “advertimos as nossas assignantes que para o seguinte numero daremos um padrão de diversos bordados mui lindos, e o molde do —colete de emancipação— todas as senhoras que devem usar” (Manso, 1852, p. 8). A pesquisadora enfatiza o uso das palavras “colete de emancipação” e “devem” influenciando no comportamento das suas leitoras a respeito do que deveriam vestir.

Para seducirlas utiliza como estrategia el interés de las mujeres por estar a la moda. No se trata de una prenda cualquiera, el chaleco es, simbólicamente, un signo de

⁴⁸ No entanto, como conquistar a confiança e o interesse das leitoras para convencê-las a abrir as páginas do Jornal? Ao analisar este periódico, deduz-se que Manso demonstra ter consciência da necessidade de atrativos para isso, e a moda surge como uma saída, uma via muito eficaz para seduzir as leitoras. Manso assimilou esse aprendizado das experiências da imprensa francesa, pois, segundo Perrot (2017, p. 33), as primeiras leitoras do século XVIII na França não demonstravam interesse pelos jornais de conteúdo político, destinados mais aos homens, mas se tornaram leitoras fieis das colunas dos folhetins e das seções de moda, o que levou a imprensa a se especializar nesse tipo de segmento que teria grande desenvolvimento no século XIX, devido ao sucesso entre as mulheres (Silva, 2020b, p. 88, tradução nossa).

identidad que pretende destacar las lectoras del *Jornal das Senhoras* de las demás mujeres de la sociedad carioca (Silva, 2020b, p. 88).⁴⁹

Logo, com o uso do colete, mencionado acima por Regina Silva (2020b), as leitoras brasileiras não só seguem as tendências da moda parisiense, mas também utilizam um poderoso símbolo para destacar individualidade e sofisticação das mulheres que usariam tal peça. Assim, o colete ultrapassa seu papel de acessório, tornando-se uma afirmação de estilo e demonstração de sua emancipação frente à sociedade carioca.

Por fim, para Regina Silva (2020b), *O Jornal das Senhoras* não foi apenas um periódico dedicado à moda:

Por supuesto el proyecto de Manso no está pensando solamente en cambios relacionados a la moda, lo que por sí solo ya provoca discusión, sino que, y principalmente, busca una transformación en lo íntimo de las mujeres, pues solo con la ilustración y la educación del sexo femenino es posible desarrollar la inteligencia y, consecuentemente, cambiar la realidad a la cual ella está sometida (Silva, 2020b, p. 89).⁵⁰

Dessa maneira, conforme Silva (2020b), o projeto de Manso não apenas aborda mudanças na moda, mas também busca uma transformação profunda nas mulheres, promovendo educação e empoderamento para alcançar uma mudança significativa na realidade que enfrentam.

Sendo assim, buscando compreender o que cada texto de Juana Manso abordava, passamos a identificá-los a seguir. Na primeira edição do periódico (figura 28) há uma identificação do jornal e o seu propósito. Para tanto, Juana Manso lança mão da comparação entre editores masculinos e femininos, destacando que os homens sempre são bem recebidos e agraciados com votos de coragem e iniciativa para continuarem suas publicações, enquanto editoras femininas são imediatamente questionadas por estarem trabalhando em algo que é dito como masculino.

Além disso, outro dado que a editora apresenta é o fato de que na França, Inglaterra, Itália, Espanha, Estados Unidos e Portugal, as mulheres estavam cada vez mais se engajando em campanhas editoriais, tanto fundando periódicos, quanto colaborando com os que estavam em circulação pelos países. Consequentemente, a crítica consiste que apenas a América do Sul continuava estagnada no progresso das ideias morais e materiais da sociedade. Dessa forma, ela

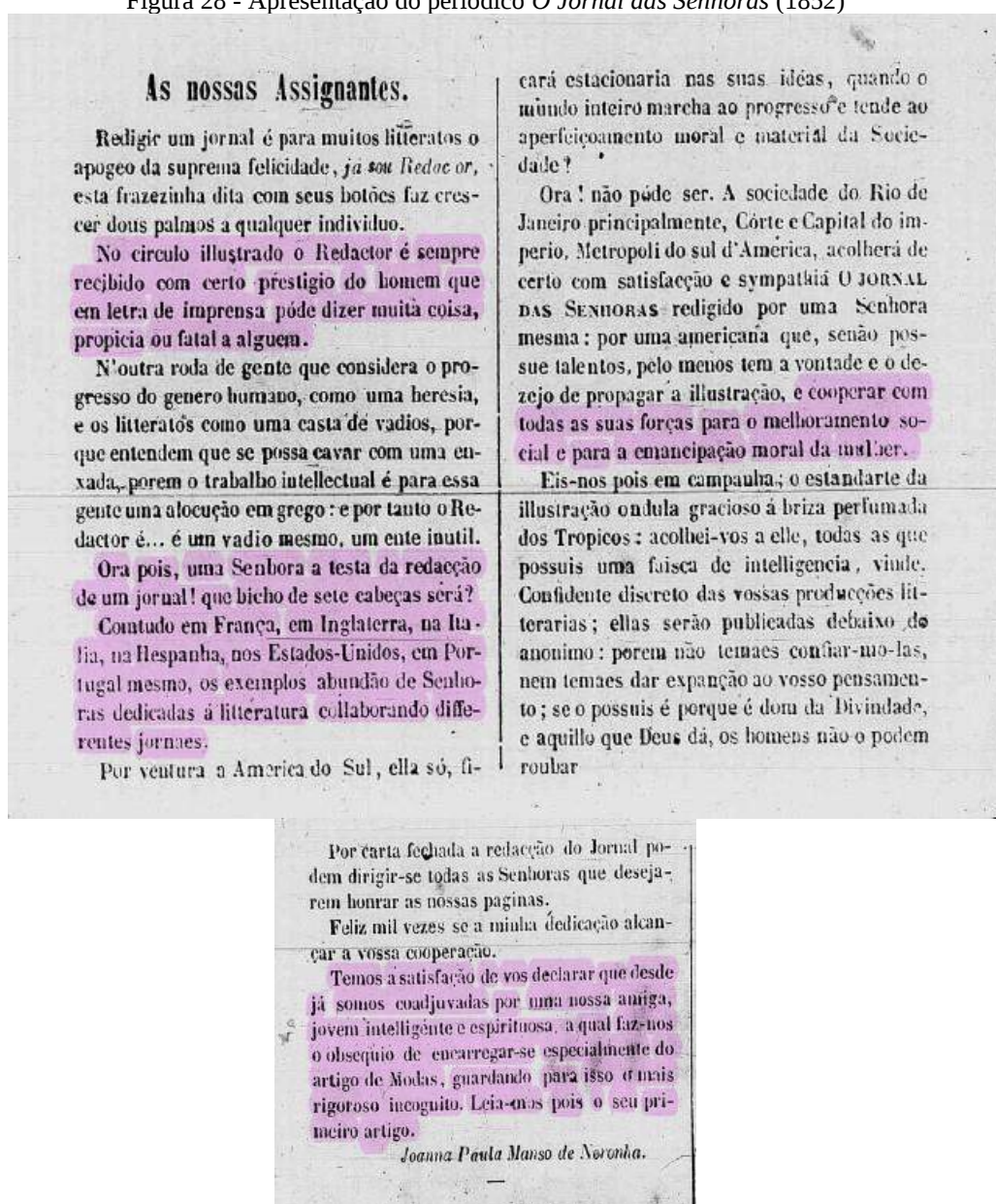
⁴⁹ Para seduzi-las, ela utiliza como estratégia o interesse das mulheres pela moda. Não se trata apenas de uma peça de roupa qualquer; o chalé é, simbolicamente, um sinal de identidade que visa destacar as leitoras do *Jornal das Senhoras* das outras mulheres da sociedade carioca (Silva, 2020, p. 88, tradução nossa).

⁵⁰ Claro, o projeto de Manso não se limita apenas às mudanças relacionadas à moda, que por si só já provoca discussão, mas busca principalmente uma transformação íntima das mulheres. Pois somente com a ilustração e a educação do sexo feminino é possível desenvolver a inteligência e, consequentemente, mudar a realidade à qual ela está submetida (Silva, 2020, p. 89, tradução nossa).

expõe as suas leitoras e leitores que o jornalismo feminino estava em constante expansão pelos demais países, enquanto outros permaneciam parados no passado.

No entanto, ao analisarmos detalhadamente os locais que Juana Manso cita, todos são regiões as quais praticaram o colonialismo, ou seja, exploraram outras cidades exercendo seus poderes de domínio. Deste modo, o que Juana Manso dita como estagnação, não poderia ser considerado uma forma de interferência dos países colonizadores sobre as colônias? Assim, os locais ditos civilizados ditavam as regras para que os países explorados continuassem estagnados, pois o acesso à educação se configurava como um risco para seus domínios de exploração.

Figura 28 - Apresentação do periódico *O Jornal das Senhoras* (1852)

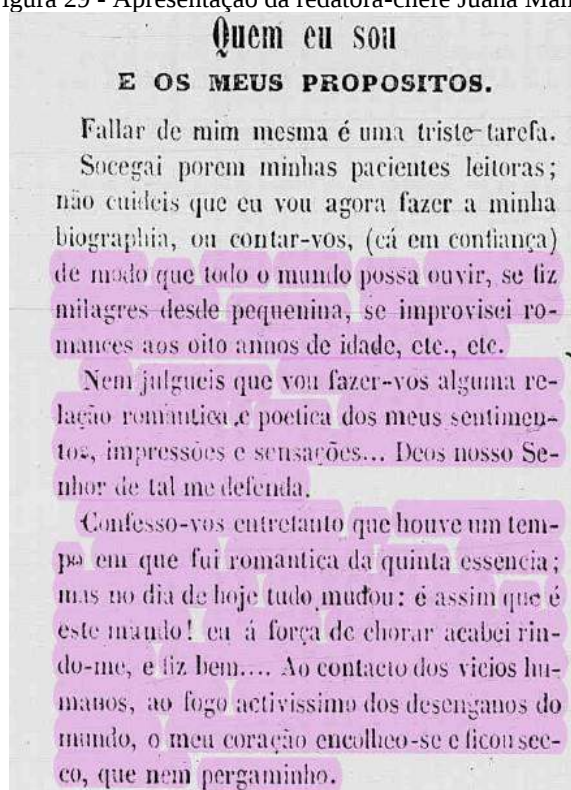


Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Ainda no editorial, a periodista comenta suas intenções com a publicação do jornal, sendo elas “a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher” (Manso, 1852, p.1). A partir do momento em que a escritora cita o termo “emancipação moral da mulher”, muitos leitores, principalmente os homens, ficam assustados com a ideia do que seria a libertação da mulher e a julgam sem ao menos esperar uma explicação da redatora. Em consequência disso, ocorre uma extensa chuva de críticas ao jornal e à editora, sendo revelado pela própria Juana Manso nas próximas edições do periódico, no qual ela divulga o que é a emancipação moral da mulher e em outra edição responde a uma carta ultrajante que recebeu de um homem. Por fim, a periodista termina o seu primeiro editorial.

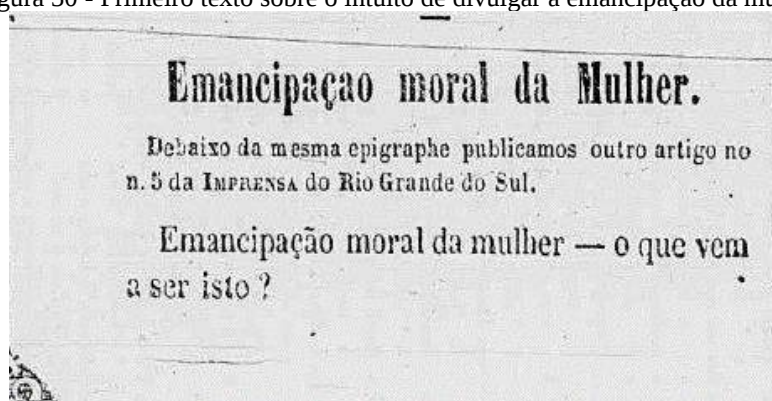
Na segunda edição, datada de 11 de janeiro de 1852, Juana Manso escreve dois textos, sendo eles intitulados: *Quem eu sou e meus propósitos* (figura 29) e *Emancipação moral da Mulher* (figura 30). Os dois textos não são assinados com o nome da escritora, porém, ao lermos, detectamos que foram escritos por Juana Manso, pois ambos trazem identificações que levam a redatora chefe do periódico.

Figura 29 - Apresentação da redatora-chefe Juana Manso.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 30 - Primeiro texto sobre o intuito de divulgar a emancipação da mulher



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

No primeiro artigo de apresentação, Juana Manso, curiosamente, vai construindo seu texto no sentido de se apresentar fisicamente às suas leitoras. No entanto, ela conta uma história de como conheceu um ídolo seu, Echeverría (1805-1851), e como se assustou com o monstro (palavras da escritora) que viu, o que ocasionou nunca mais conseguir ler nada do que ele escrevia, ou seja, a idealização daquele homem havia sido destruída. Dessa forma, ao tentar apresentar-se, ela tinha receio de que suas leitoras tivessem a mesma reação com sua aparência, assim deixaria a imaginação e a idealização de sua apresentação física por conta dos leitores, “nunca mais li as rimas de Echeverria. Por isso não vos direi quem eu sou. Deixo-vos adivinhar (não sou vesga nem bexigosa) e vou tratar dos meus propósitos” (Manso, 1851, p.11). O mais importante era seus leitores saberem e se identificarem com os seus propósitos ao dar vida ao *Jornal das Senhoras*, “falar em diferentes coisas, e sobretudo, das mulheres, dos seus direitos, sua missão etc. [...] falar nos direitos, na missão da mulher, na sua emancipação moral!” (Manso, 1852, p. 11-12).

A escritora também detalha que desde pequena escreve romances, precisamente, com oito anos de idade, além de confessar uma certa ausência de sentimentalismo, ela revela que perdeu o romantismo da sua vida, pois os vícios humanos, os desenganos do mundo tornaram seu coração seco, comparando-o com um pergaminho. Ademais, a escritora finaliza sua apresentação afirmando que, apesar de estarem no século das luzes, a sociedade encontra-se às escuras. Além disso, enfatiza que seria um erro ignorar as contribuições que jornalistas como ela teriam para a sociedade oitocentista brasileira. Por fim, expressa as seguintes palavras, “porém o que seria mais monstruoso e inaudito era que - os outros ouvissem sem ninguém lhes falar — atendendo, pois a esta consideração, que é de grande peso, irei adiante com a minha tarefa; em nome de Deus — *en avant!*” (Manso, 1852, p. 12).

Podemos perceber nesse texto como Juana Manso possui preocupações em relação a sua aparência ao sinalizar o medo que possui de contar sobre suas descrições físicas, proporcionando o mesmo desânimo que ocorreu com ela no passado aos seus leitores. Além do mais, a periodista não conta sua trajetória até o nascimento do jornal, visto que ela havia contribuído com questões políticas na Argentina e no Uruguai. Aliás, no Brasil, a escritora vinha trabalhando como preceptora de meninas divulgando os novos métodos educacionais que estavam sendo utilizados na França, talvez o motivo de seu acanhamento em contar sua história fosse que suas futuras leitoras não se comovessem em solidariedade a sua história de vida, mas se interessassem em adquirir o jornal por vontade de ler seu conteúdo.

Depois de sua apresentação, Juana Manso inicia seu segundo texto abordando o que seria a *Emancipação moral da Mulher*, a escritora tranquiliza suas leitoras, pois seu intuito não é causar uma revolução ou rebelião inútil, mas abordar sobre verdades inerentes à humanidade e não delírios utopistas. Para ela, com o crescimento do progresso, os homens tendem a segui-lo e desejam que suas companheiras façam o mesmo, uma vez que são elas que lhe dão a vida, perpetuando a raça e sendo suas companheiras nas dores e nos prazeres. No fim da sua digressão, finalmente, ela revela o seu conceito de emancipação redigindo o seguinte parágrafo:

É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o *brutal egoísmo* do homem lhe rouba, e dos quaes a desherda, porque tem em si a força material, e porque ainda se não convenceo que um anjo lhe será mais útil que uma boneca (Manso, 1852, p. 12).

Ao analisarmos o sentido de emancipação feminina proposta por Juana Manso, percebemos que ele está relacionado à educação das mulheres, ao direito de saber como se comportar socialmente, ser uma excelente dona de casa, uma boa mãe a qual saiba educar seus filhos, principalmente os meninos. A concepção de superioridade dos homens, para Manso, constituía um erro primário, pois para uma educação bem feita seria necessário o amor, o qual, segunda ela, é o único capaz de dispersar a hegemonia que os meninos vão adquirindo ao longo de sua vida. Dessa forma, se os homens souberem o que é amor desde a tenra idade, saberão entender os sentimentos de suas companheiras. A escritora afirma que o casamento, para as mulheres, é o alvo principal da existência feminina, enquanto para os homens é uma forma de “satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado ou assegurar a sua fortuna” (Manso, 1852, p. 13), ocasionando sentimentos conflitantes entre ambas partes, além da mulher se deparar com a tirania e a mais profunda decepção no casamento. Ademais, o homem com o seu comportamento em relação à mulher utiliza termos tais como “minha mulher” e “meu cavalo, minhas botas”, Juana Manso sugere que, ao utilizarem tal

comportamento, eles estão relegando à mulher um status de objeto, o qual pode ser esquecido sem utilidade alguma.

A periodista também alega o fato de ser comum nas rodas de conversas que as mulheres estejam com a cabeça baixa e respondam com monossílabos, sendo, para ela, uma injustiça tremenda, destacando que esse tipo de comportamento é comum nas classes mais pobres. No entanto, podemos alegar um certo nível de generalização na opinião da escritora, visto que, ao longo da história das mulheres no Brasil, todas as classes sociais foram atingidas pelo fato delas não terem o direito à educação. Sendo assim, é comum percebermos esse tipo de comportamento negativo com a mulher, independente se fossem elas de classes mais abastadas ou pobres da sociedade brasileira. Como vimos no capítulo anterior, o acesso à educação deu às mulheres o direito de ter mais liberdade, principalmente àquelas que se dedicaram à profissão de professoras.

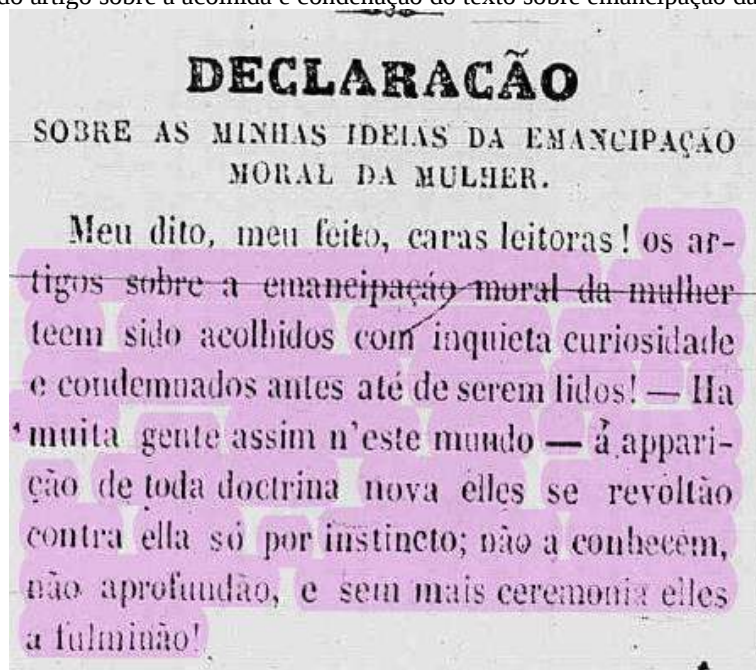
A jornalista continua seu artigo afirmando que na Europa e nos Estados Unidos as mulheres têm o direito de exercer qualquer profissão, diferentemente do que acontece no Brasil. A partir desse ponto, salientamos o seguinte trecho: “nós sabemos perfeitamente, que toda a família necessita de um chefe, e que o chefe natural da família, é o homem” (Manso, 1852, p.14). A interpretação realizada consiste na definição, para Juana Manso, da emancipação, a qual está relacionada ao fato de a mulher ter o direito de trabalhar fora de casa, tendo seus próprios proventos. No entanto, o marido sempre será o “chefe” da casa, porém a sua pretensão não está atrelada quanto a mulher não se casar e o seu desejo sobre ter filhos, mas o direito à educação, ao trabalho e igualdade entre homens e mulheres. Ela defende que as mulheres não sejam tratadas como enfeites dentro de sua casa ou desprezadas, mas que possam ser ouvidas dentro do seio familiar. A emancipação está no direito da mulher em ser vista como parceira daquele com quem se casa:

Sim! É dos lábios da mãe que o filho ouvirá a voz, sagrada e imperiosa do dever, traçar-lhe a senda que tem de percorrer na vida; é da voz meiga e majestosa da mãe que ele deve aprender as primeiras lições da resignação, da paciência e da coragem, tão necessária neste mundo. É no silêncio da noite, na conversa íntima do esposo com a esposa, que ele relatara à aquela, que é metade de si mesmo, suas esperanças, seus projetos, e até as decepções que de dia em dia marcam uma por uma por uma as rugas da sua fronte; e é dos lábios da esposa que ele tomará conselho para os projectos, fé para as esperanças, e consolação para as decepções, porque o coração da mulheres, ilustrada sobre a verdadeira missão, é o receptáculo das dores e dos prazeres da família: é em torno d’ella que todos se grupão e ella é jovem e graciosa, ali estará meiga e risonha como o anjo da esperança; se é velha, santa e imaculada como a mesma mãe do salvador (Manso, 1852, p. 14).

Embora essa ideia seja considerada normal em nosso século, para o Brasil oitocentista, era ultrajante disseminar pensamentos da liberdade feminina sobre sair de casa para trabalhar, principalmente para as mulheres casadas. Tanto que, na edição de número 4, datada de 25 de

janeiro de 1852, Juana Manso publicou um artigo intitulado *Declaração sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher* (figura 31), sendo uma resposta à inquietação causada pelo seu texto publicado na edição anterior, o qual será mais detalhado a seguir.

Figura 31 - Início do artigo sobre a acolhida e condenação do texto sobre emancipação das mulheres.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

A declaração se inicia com a periodista expondo como a emancipação das mulheres foi “acolhida com curiosidade e condenada” (Manso, 1852, p. 27) antes de saberem do que se tratava, afirmando que no mundo há muitas pessoas que condenam as novidades antes mesmo de conhecê-las por puro instinto de negação. Além do mais, mostra a indignação com que os leitores, principalmente os homens, receberam suas ideias da emancipação feminina, pois para eles as mulheres não deveriam ter direito a nada ou ao fato dessas ideias revolucionárias trazerem ideias contrárias às certezas do que os homens acreditavam serem verdadeiras.

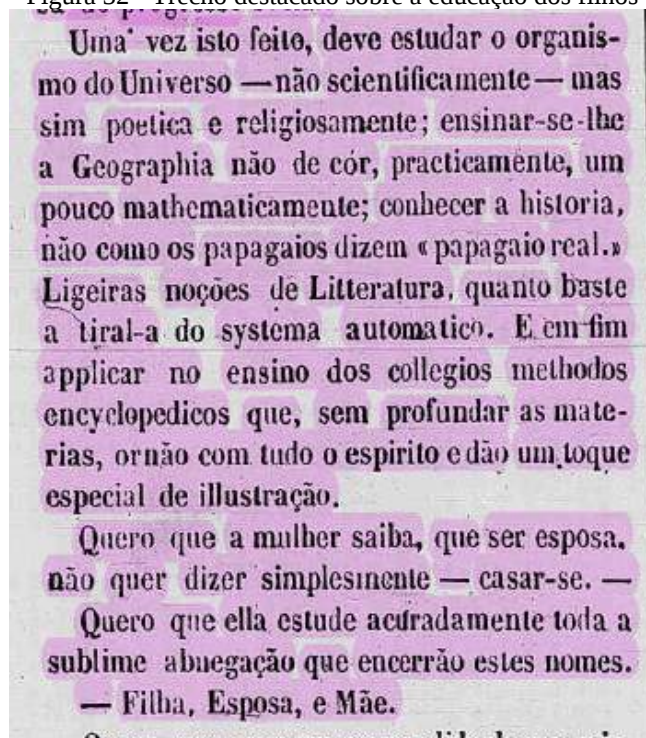
Sendo assim, nessa declaração a periodista evidencia que é a favor do casamento, das ideias, como ela mesma destaca, das ideias do Criador, incomum é o fato dela afirmar que sua definição de emancipação está vinculada ao conhecimento do que ela acreditava como deveres femininos, o fato de ser uma boa filha, esposa e mãe. Juana Manso destaca que não quer a mulher trabalhando como soldado, empregado público, oficial da marinha, Ministro de Estado e nem Doutor graduado em leis, seu intuito era promover o conhecimento das mulheres para serem excelentes mães e donas de casa, tanto que ela afirma o seguinte: “com quanto deva ella conhecer as do seu próprio país, porque tem de educar seus filhos no espírito da lei” (Manso,

1852, p. 27). Desse modo, tal frase é utilizada como argumento do porquê não querer as mulheres nos cargos anteriormente citados.

Mais uma vez Manso reafirma nessa declaração que seu intuito não é promover o abandono do lar doméstico, nem que a mulher “marche à campanha enquanto o marido em casa trata da cozinha”, infelizmente, a periodista vai relatando mais exemplos dos quais não deseja que a mulher se torne, como um “espírito forte e heroico das Espartanas” (Manso, 1852, p. 27), seu objetivo é a ilustração da mulher. No entanto, essa ilustração está ligada à religião e não a “coisas fúteis” (Manso, 1852, p. 28), a religião, para a escritora, “é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com Deus, baseados no amor e na caridade para com os nossos irmãos” (Manso, 1852, p. 28). Dessa maneira, é por meio do conhecimento da religião que a mulher saberá as “subdivisões” de seus deveres para com Deus e como mulher.

Destacamos também o parágrafo seguinte, pois Juana Manso afirma que a mulher deve ter conhecimento de mundo, estudar o universo, saber geografia, matemática, história, noções de literatura, mas não deve aprofundá-los. Sendo assim, a finalidade é ter instrução o suficiente para dar educação aos filhos (figura 32), tanto que ela reitera o seguinte sobre esses conhecimentos: “e enfim aplicar no ensino dos colégios métodos enciclopédicos que, sem aprofundar as matérias, ornão com tudo o espírito e dão toque especial de ilustração. Quero que a mulher saiba, que ser esposa, não quer dizer simplesmente – casar-se-” (Manso, 1852, p. 28).

Figura 32 - Trecho destacado sobre a educação dos filhos



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Ao final da declaração, Juana Manso mistura “Creador” (Deus) e a mulher, além do mais, para ela, a humanidade não se resume apenas ao homem e a mulher, a solidão individual de ambos. As mulheres devem aprimorar suas inteligências, pois é por meio desse aperfeiçoamento que conseguirão encontrar forças na moralidade e na preservação para se protegerem das humilhações masculinas. A periodista finaliza seu texto com a seguinte frase: “mulher que possa encontrar na sua educação recurso honesto contra a opressão, contra a crápula, e contra a miséria” (Manso, 1852, p. 28).

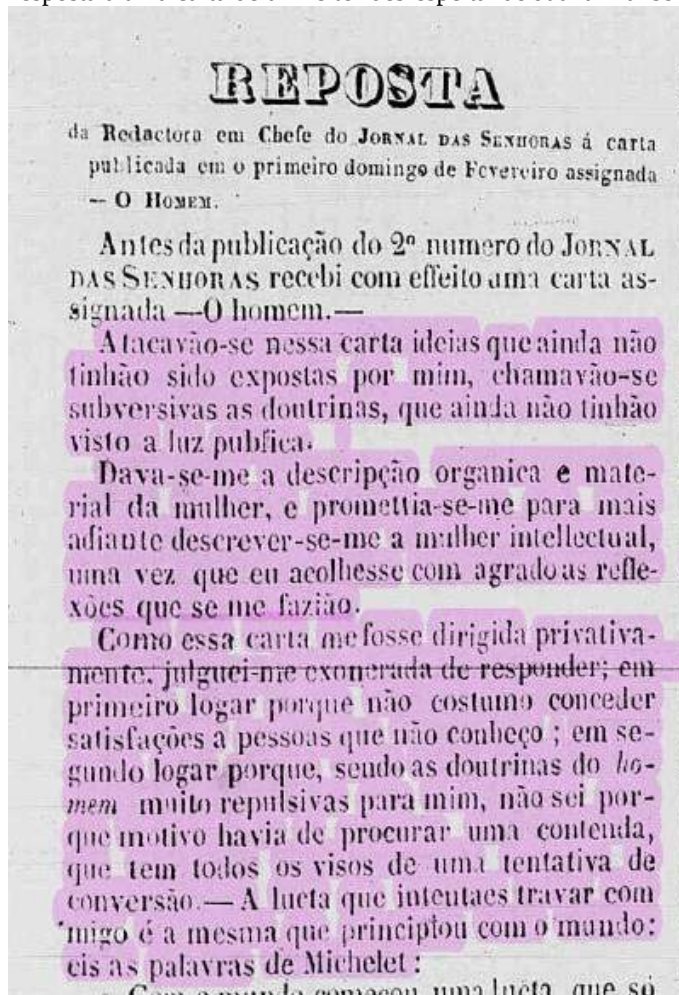
Como podemos analisar, a ideia de Juana Manso é ao mesmo tempo contraditória e favorável às mulheres, pois, pensando no período e no meio em que ela estava inserida, é “normal” ditar em seus escritos que acreditava no casamento e na religiosidade. Enquanto, por um lado, ela não abdicou ao fato de que o “fim da mulher é o casamento”, por outro, ela incentivava os estudos, mesmo que esses fossem com o propósito educacional para os filhos, visto que em seus escritos ela tentava ensinar como as mulheres deveriam educar os filhos para romper o ciclo vicioso do péssimo comportamento masculino.

Dessa maneira, talvez, os protestos masculinos tivessem algum sentido (para eles), se pensarmos que quanto mais a mulher ingressa no meio educacional, mais elas têm como objetivo continuar naquele espaço. Logo, como a educação dos homens nunca foi pautada em favorecer a mulher, torna-se mais difícil ter uma carreira profissional e cuidar do lar, dado que a educação masculina é baseada em não ajudar nos serviços domésticos. Ao analisarmos por esse lado, podemos pensar que os homens soubessem que quanto mais educação as mulheres tivessem, mais elas compreenderiam de seus direitos (e a falta deles) e deixariam de lado o fardo de se casarem e serem oprimidas por seus parceiros.

No terceiro artigo captado no periódico, datado em 8 de fevereiro de 1852, Juana Manso destaca no início de seu jornal uma resposta a uma carta anônima, assinalada como *O Homem* (figura 33), o qual ameaçava a periodista por causa das ideias de emancipação moral feminina e que suas ideias eram doutrinas subversivas. O recebimento desta correspondência ocorreu quando ela ainda não tinha explicado do que realmente se tratava suas ideias, pois essa tal carta é recebida após a primeira edição do periódico *O Jornal das Senhoras*, onde na descrição editorial era expresso o intuito focado na emancipação feminina sem mais nenhuma explicação aprofundada, apenas o aparecimento do termo. Nessa resposta, ela elucida dois motivos para ter respondido rapidamente essa carta, primeiro, ao fato de ser endereçada apenas para ela, segundo, que ela não se sentia na obrigação de “conceder satisfações a pessoas que não

conheço” (Manso, 1852, p. 41). Por fim, comenta que as doutrinas dos homens são repulsivas para ela e que não vê motivo para tentar convencê-los de uma mudança.

Figura 33 - Resposta à uma carta de um leitor desrespeitando Juana Manso e seus ideais.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Assim, a romancista declara que é uma pessoa humanista e progressista, palavras estas usadas pelos filósofos iluministas, o que demonstra que Manso estava atenta às transformações pelas quais a Europa passava, como já mencionado no capítulo anterior, diferentemente de quem mandou a carta, sendo destacado como alguém materialista, absolutista e inimigo do progresso. Dessa maneira, ambos lutariam pelas suas ideias até “ao rancor” e nunca chegariam a um acordo pacífico, isto é, jamais deixariam de ser o que são. Logo depois, mais fascinante é o parágrafo seguinte de Juana Manso (1852, p. 42) ao afirmar que a carta é apenas mais um espinho em comparação com a obra colossal a qual vem propondo, visto que sua carreira sendo adjetivada como perigosa teve seu início há anos. Ademais, por ele ser um materialista, estaria indo contra as ideias do criador e que cada conquista realizada por um povo rios de sangue, a escritora pergunta: “Pensaes que estou muito assustada?” (Manso, 1852, p. 43). Ela pensava,

além de aguardar o embate com um grande opositor de suas convicções, no entanto, as ameaças e calúnias feitas na carta pouco a abalaram. Dessa forma, ela dará continuidade ao seu ideal de emancipação moral feminina.

Manso destaca uma frase presente na carta, a qual considera horrível, sediciosa e aniquiladora “acto pelo qual a mulher deixa de reconhecer o poder marital” (Manso, 1852, p. 43), sua argumentação afirma que se a inquisição ainda estivesse em vigor e o dono da carta tivesse tais poderes, ela, com certeza, estaria sendo atirada contra “o fogo, a água, a cadeira, potro, os anneis, e por fim estava a esta hora carbonizada” (Manso, 1852, p. 43). A escritora considerava o matrimônio não como uma venda do corpo e da alma da mulher, mas um contrato social que Deus concedeu o direito de elas usufruírem, sendo considerado como egoísmo do homem ser negado. Por fim, ressaltamos a definição de contrato social o qual está inteiramente ligado ao iluminismo, esclarecido como algo que não valorizava a inteligência feminina, mas pregava a submissão dela. No entanto, mesmo que Manso pregue muitas características do iluminismo e do protestantismo, ela avançou ao indagar sobre o direito e a valorização do papel da mulher, de acordo com o contexto no qual a pesquisadora estava inserida.

Além disso, outro ponto relevante levantado nessa resposta é o fato de que na carta são citados os países como China e Turquia como locais de opressão. No entanto, Juana Manso rebate que o Brasil é o único lugar da América e da Europa onde a maior parte das mulheres são domesticamente tiranizadas, ou seja, oprimidas, as quais vegetam como plantas, não possuindo direitos, refletindo que a inteligência feminina é considerada um crime.

Assim sendo, a explicação continua ao exemplificar com nos Estados Unidos, país que a autora visitou de maioria protestante, sendo a religião que ela se vinculava, as mulheres tinham direito a trabalhar, ter uma vida mais ativa e até mesmo mais inteligente que os homens, assim, o que pensaria o dono da carta? Concluindo, a periodista reafirma que quanto mais civilizada for a sociedade, mais profissões as mulheres podem exercer, tendo acesso ao mercado de trabalho, consequentemente, a mulher se afastará da miséria, das privações e da perdição.

Em 1832, Nísia Floresta publicou o seu livro *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, o conteúdo do livro segue a mesma linha de pensamento que os artigos de Juana Manso sobre os direitos das mulheres. Da mesma forma que Manso afirma sobre a sociedade civilizada, Nísia Floresta afirma que:

Julgo, pois, ter provado de uma maneira evidente, que não há ciência, empregos e dignidades, a que as mulheres não tenham tanto direito de pretender como os homens; pois que eles não podem alegar outra superioridade que a força do corpo, para justificar o cuidado que têm de arrogar a si toda autoridade nas mulheres, que possa privá-lo de seu direito, senão a que resulta da injusta opressão dos homens, que é fácil refutar (Floresta, 1832 [2016, p. 159).

Ou seja, anos antes, Nísia Floresta defendia que as mulheres possuíam a capacidade de estarem em qualquer âmbito que quisessem, pois a capacidade feminina era superior à masculina. Do mesmo modo, Juana Manso traz à luz, novamente, enfatizando que as mulheres têm direitos a exercerem qualquer profissão.

Para Manso, o remetente esqueceu um importante dado, isto é, ela era mãe de família e por conhecer seus direitos, ela divulgaria para outras mulheres que elas são livres. Além do mais, o conhecimento das dignidades femininas, sem oposição aos deveres (lembrando que a escritora era a favor do casamento e da instrução da mulher como um serviço, o qual prestaria à educação dos filhos, posteriormente) ajudaria a desempenhar seu papel (mãe, mulher, filha, como é destacado no texto anterior) com mais inteligência e devoção.

Ao mesmo tempo em que o dono da carta lança mão de que a periodista está prejudicando as mulheres e que o cristianismo as reabilitou, Manso argumenta utilizando as palavras de Jesus de Nazaré pregando a liberdade, a fraternidade e a humanidade, sendo recebidas como ideias “horríveis, perniciosas e subversivas” (Manso, 1852, p. 42), e, no fim, levaram-no ao martírio da cruz. A romancista critica veemente a argumentação usando o cristianismo, pois, para ela, sobre o corpo de Jesus e de outros santos se formou um pacto “abominável e sanguinolento” (Manso, 1852, p. 42). Ademais, salienta que o catolicismo e o cristianismo não possuem nada em comum, ou seja, ser católico e ser cristão são coisas diferentes, pois cada um possui ideias diferentes, além disso, salienta que as fogueiras da inquisição não interpretavam as palavras doutrinárias de Cristo.

Além do mais, a tal reabilitação da mulher no cristianismo era como a humanidade sucumbida nas trevas da ignorância. Luma Medeiros (2022) destaca que as referências à religiosidade não apenas refletiam a convicção de Manso, a qual via no protestantismo mais liberdade em comparação ao catolicismo, mas também integrava uma estratégia para usar argumentos bíblicos e religiosos em favor da liberdade da mulher. Deste modo, isso representava uma subversão, uma vez que esses mesmos argumentos, frequentemente, eram usados para justificar seu comportamento submisso. Para Juana Manso, Jesus Cristo era a figura de um líder político, com princípios que ecoavam os ideais da Revolução Francesa: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.

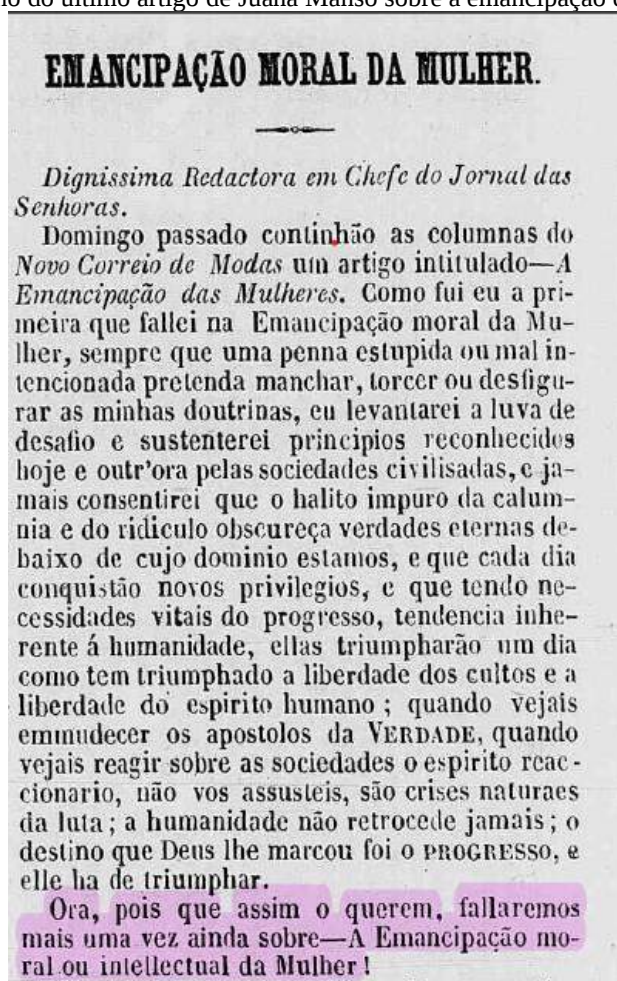
Antes de finalizar sua resposta, Manso declara que a mulher sabe quando é tiranizada e não consegue se revoltar por conviver com a opressão. Assim, ela devolve ao remetente contestando a sua revolta, a qual deveria ser direcionada a Deus e não a ela, pois foi o Criador que deu alma e sentimentos a mulher, isto é, à sua imagem e semelhança. Reitera a importância da ilustração da mulher, compreendendo seus deveres, sinalizando que “melhor compreendera

os seus deveres, mais amplamente prehenchera, essa missão sagrada de esposa e mãe; missão cujas bases principais são uma terna adesão, uma abnegação profunda, prudência, doçura e paciência” (Manso, 1852, p. 43).

Como conclusão, a periodista sinaliza dois pontos, o primeiro se refere à recusa do afastamento de seus ideais, não tendo medo de protestos e das ameaças, uma vez que sabe argumentar. No entanto, enfatiza que não responderá mais tais cartas direta ou indiretamente, caso sejam anônimas, pois ela não tem receio algum de assinar o seu nome e solicita que o indivíduo faça o mesmo, assegura que será uma disputa desigual, isto é, o seu público saberá com quem ela estará discutindo, sem deixar espaços para arrependimentos.

Por último, finalizamos com o artigo intitulado *Emancipação Moral da Mulher*, presente na edição do dia 24 de outubro de 1852 (figura 34), época em que a direção do periódico não era mais de Juana Manso, mas de Violante Ataliba Vellasco. O artigo inicia com a periodista pedindo para a nova redatora chefe publicar seu manifesto, pois no periódico *Novo Correio de Modas* foi publicado um artigo de título *Emancipação das Mulheres*, que, segundo a periodista, foi completamente deturpado no jornal e seu dever naquele momento era reafirmar do que realmente se tratava a emancipação moral e intelectual da mulher. Logo, sendo ela a primeira a levantar a bandeira da emancipação, tinha o dever de vir a público, novamente, e explicar, mais uma vez, que suas ideias não eram imorais, pelo contrário, ajudariam a retirar a sociedade do obscurantismo e levariam ao progresso.

Figura 34 – Trecho do último artigo de Juana Manso sobre a emancipação da mulher.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

No primeiro momento, Manso destaca que, ao ver tantas calúnias em uma publicação, não sabe o que pensar. Visto que no artigo é dito que a emancipação da mulher é negligenciar a formação de uma família, o que não é o objetivo da periodista, muito pelo contrário, Juana Manso sempre enfatiza em seus textos que sua emancipação é voltada para o fortalecimento das famílias, como já explicitado anteriormente. Ao longo de sua queixa ela destaca que tal ideia é uma anomalia, dado que não existe sociedade sem família, ela questiona o fato de atacarem suas ideias e argumenta que Turquia, Portugal e Brasil são os únicos lugares onde as mulheres não são livres, além de não serem consideradas como racionais com a ausência de uma vida intelectual igual ao homem. O questionamento vai ainda mais longe ao revelar a origem da subordinação das mulheres na América, assim ela afirma que “a escravidão das mulheres é uma herança funesta que o domínio dos Árabes deixou na península Ibérica, e que foi transmitido e implantado na América pelos conquistadores (Manso, 1852, p. 143)”.

Em seguida, é dado como exemplo a Espanha que, de acordo com Manso, “perdeu parte de suas negras⁵¹ tradições” (Manso, 1852, p. 143), e, com a subida da rainha Maria Christina de Bourbon, viu-se a abertura intelectual da mulher espanhola e que até aquele momento podiam ser encontradas diversas associações literárias das quais ilustres escritoras faziam parte. Enquanto isso, Portugal ainda não se “livrou” das tradições do Oriente, no entanto, as classes medianas do país estão avançando aos poucos; no quesito das “américas hespanholas”, o comércio com outras nações estrangeiras tem dado abertura às ideias liberais e do direito das mulheres, conforme Manso, há leis a favor dos direitos da mulher. Ademais, mais uma vez a periodista destaca a liberdade intelectual feminina que há nos Estados Unidos e que podemos encontrá-las trabalhando nas manufaturas, nas lojas, nos mercados, nos campos, casas de família e hotéis administrados por mulheres. Além do que, ela chama de “folhas publicadas” as redigidas por mulheres, destacando que em diversos âmbitos da sociedade estadunidense as mulheres estão trabalhando e, por isso, elas são superiores aos demais países os quais não aceitam que a mulher tenha alguma liberdade.

Pontuamos que Juana Manso, nesse último texto, enfatiza que a mulher, mesmo tendo filhos, deve trabalhar, pois é necessário para viver e se sustentar. Além do mais, se o marido trabalha e o salário não é suficiente, é necessário que a esposa entre no mercado de trabalho; ainda mais encorajador é o fato dela afirmar que “a mulher tem a força intelectual e a força física adquire-se” (Manso, 1852, p. 143), e finaliza manifestando que é mais honroso uma mulher trabalhar do que encher-se de filhos e não ter como cuidá-los.

A periodista aponta que em países como Inglaterra, Itália, Suíça, Alemanha e França, a mulher está completamente emancipada e vive ao lado do homem; e se elas têm liberdade, então não possuem famílias? É o que questiona aos seus jornalistas rivais —A resposta é negativa, pois tais países vivem a glória do progresso. Manso afirma que deveria existir uma lei que protegesse os direitos da mulher, para a escritora, os seguintes atos são crimes que deveriam ser punidos: o fato da maioria dos pais serem tiranos com as filhas; quando o irmão vira um usurpador dos bens (por exemplo, os pais faleceram e a herança não se destina à filha, mas ao filho, mesmo que este seja menor de idade); no ato concubinação e/ou adultério (masculino). Ou seja, situações em que a mulher é nitidamente lesada deveriam ser crimes factíveis de punição, pois com esse entendimento, acabaria a guerra injusta contra a emancipação moral da mulher no Brasil.

⁵¹ O termo “negras tradições” só foi utilizado neste trabalho, pois retirou-se diretamente do texto de Juana Manso. Ademais, a expressão possui teor racista e não deve ser utilizada.

Por fim, em seu último parágrafo, observa que a emancipação moral ou intelectual da mulher, no Brasil, não é utópica e que marcha em conjunto com a chegada da moda francesa, afirmando que a “Emancipação moral ou intelectual da Mulher, no Brasil, não é uma utopia, nem um paradoxo, e sim é uma verdade dominadora que marcha ao seu total desenvolvimento, envolta nas fitas, nos chapéus e nas casas francesas que nos chegam todos os meses nos paquetes ingleses” (Manso, 1852, p. 143).

Portanto, podemos perceber que nesse último texto, em comparação aos anteriores, alguns pontos são repetitivos, como a afirmação de que os Estados Unidos são um país no qual as mulheres têm total liberdade intelectual e acesso ao mercado de trabalho; a questão dos países do Oriente Médio também já havia sido levantada na resposta à carta endereçada à periodista, visto que, nos países que fazem parte desse bloco, as mulheres não possuem nenhum direito, igualmente ao Brasil oitocentista. No entanto, sobressai nesse artigo o fato de a periodista não ressaltar em demasia a questão religiosa e a formação da família, esse último tópico ela até cita, mas não com tanta veemência como nos textos anteriores. Da mesma forma, notabiliza a importância do trabalho feminino fora de casa, na ajuda nas despesas e no sustento dos filhos. Nos primeiros textos, ela enfatiza que não quer que a mulher seja soldado, ministro etc., distinguindo-se do texto atual que aponta a importância do trabalho feminino e a favor da não concepção demasiada de filhos que a família não poderá sustentar. Dessa maneira, podemos inferir que houveram diferenças ao longo de seus textos sobre emancipação moral e/ou intelectual da mulher; a possibilidade dessas mudanças e acréscimos aparecerem, o que pode ter sido consequência dos acontecimentos que estavam ocorrendo em sua vida, já que ela enfrentava a missão de cuidar de si e de duas filhas sozinha.

Ademais, pontuamos que, para Luma Medeiros (2022), o *O Jornal das Senhoras* valorizava a inteligência da mulher, a qualidade de serem leitoras, escritoras, não formava apenas leitores e conseguia construir uma relação de cumplicidade narrador-leitor. Medeiros (2022) salienta que o jornal inferia que não existia uma escritora que não fosse leitora, conseguindo demonstrar a alegria da existência de mulheres escritoras e preocupadas com a questão da emancipação feminina. Por fim, o periódico questionava o modelo dominante da época “como o poder de fala, de imposição das roupas, da educação, da economia que excluía as mulheres etc. - nem sempre de maneira cifrada, desde a coluna de modas até o enredo folhetinesco” (Medeiros, 2022, p. 85). Ou seja, a partir dos textos referidos anteriormente e do exposto por Medeiros (2022), vemos que o periódico conseguiu alcançar com êxito seu propósito, pois seu intuito era apresentar às leitoras uma perspectiva de notícias e da luta pela

bandeira da educação/emancipação feminina, conseguindo, de alguma forma, atingir ao que foi proposto em seu primeiro encarte.

Após sua saída do periódico *O Jornal das Senhoras*, Juana Manso, que decide voltar à Argentina, onde permanece por um curto período, retorna ao Brasil e dedica-se ao teatro no qual, provavelmente, tomou conhecimento de muitas outras vivências femininas, tendo em vista que, nos anúncios presentes em alguns periódicos do Rio de Janeiro, ela divulgava o seu trabalho (o seu nome) ao lado dos demais atores e atrizes que interpretavam os papéis por ela escritos. Observando tais questões, será o seu trabalho no teatro e na publicação de romances que abordaremos no tópico seguinte.

3.4 As obras de Juana Manso no Brasil

No Brasil, Juana Manso não apenas fundou o primeiro periódico feminino e feminista *O Jornal das Senhoras*, mas deixou sua marca em outras áreas artísticas, como no teatro e nos romances que aqui foram publicados. Dessa maneira, catalogamos a presença da escritora nos jornais, principalmente no Rio de Janeiro, ao longo de sua estadia no território brasileiro. Assim, encontramos um número considerável de anúncios das suas peças teatrais, bem como o de seu romance *As Consolações*, publicado pela casa editorial Paula Brito.

Elizabeth Azevedo (2021) realizou um levantamento das peças teatrais nas quais Juana Manso participou como atriz. Nesta listagem, a professora aponta cerca de 79 peças, dessas, em 16 não foram identificadas as personagens interpretadas e uma não foi localizada o gênero, nem o número do ato em que a atriz aparece e nem a personagem. Além do mais, ainda de acordo com Azevedo (2021), as peças teatrais foram representadas durante os anos de 1840 a 1850 e, além das apresentações no Rio de Janeiro, também foram anunciadas e interpretadas em Salvador e no Rio Grande do Sul.

Diferentemente de Elizabete Azevedo (2021), buscamos catalogar os anúncios que conseguimos encontrar até o momento no site da Hemeroteca Digital do Brasil, com o intuito de demonstrar as diversas facetas de Juana Manso. Além disso, buscamos demonstrar sua presença em diferentes áreas no cenário cultural brasileiro e enfatizar a sua trajetória literária.

Para facilitar o entendimento, organizamos uma tabela, primeiramente, apenas apresentando os anúncios das peças teatrais nos jornais, buscando identificar o nome do periódico em conjunto com o local, o ano, o nome da peça e o número de ocorrências desse anúncio. Após análise da tabela, construímos, novamente, outra catalogação, no entanto, apresentando as obras literárias da romancista.

A primeira tabela encontra-se abaixo:

Tabela 1 - Anúncios das peças teatrais que Juana Manso escreveu e nas quais atuou no Brasil

Periódico	Ano	Nome da peça	Ocorrências	Tipo
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1853	As manias do século ou os rapazes d'agora	21 de novembro	Anúncio
Diário do Rio de Janeiro	1853	A Esmeralda	21 de setembro 23 de outubro	Anúncio
Diário do Rio de Janeiro	1853	O ditador Rosas	4 de outubro 8 de outubro	Anúncio
Diário do Rio de Janeiro	1853	As manias do século ou os rapazes d'agora	24 de outubro 25 de outubro 26 de outubro 29 de outubro	Anúncio
Diário do Rio de Janeiro	1854	A Esmeralda	2 de fevereiro	Anúncio
Diário do Rio de Janeiro	1855	A atriz, o teatro e os doidos	14 de julho	Anúncio
O Jornal das Senhoras (RJ)	1855	- As manias do século, - A partida do marinheiro⁵² - O ditador Rosas e a Mashorca.	2 de outubro	Anúncio
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1856	- A noiva de sessenta e quatro anos (traduzida do Italiano), - O casamento a marche marche, - Celibatário e a Menina	17 de maio	Anúncio e crítica positiva
A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro (RJ)	1856	A Viscondessa Lollota	24 de julho 25 de julho	Anúncio
A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro (RJ)	1856	A Viscondessa Lollota	27 de julho	Anúncio e crítica
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1856	A torre de Londres	6 de agosto	crítica
A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro (RJ)	1856	As mulheres de mármore	6 de dezembro 16 de dezembro	Anúncio
A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro (RJ)	1857	O Marquez de Pombal ou o Terremoto de 1755	22 de fevereiro	Anúncio
A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro (RJ)	1857	--	7 de março	Anúncio sobre o recital de Eulália.
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	- Um fogo de Chaminé, - Oh! Que apuros ou O noivo em mangas de camisa	28 de abril 1 de maio	Anúncio
A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro (RJ)	1857	Paris que chora ou Paris que ri	3 de julho 4 de julho	Anúncio
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	As aves de rapina	17 de junho	anúncio

⁵² Sinfonia apresentada entre as peças teatrais.

Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	Luiza Nantueil	10 de julho	Anúncio
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	---	10 de julho	Anúncio de cobrança e dívidas
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	A noiva de 64 anos	10 de julho 11 de julho	Anúncio
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	Chiquinha presa	18 de agosto	Anúncio
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	O ditador Rosas e a Mashorca	1 de outubro 2 de outubro 3 de outubro 4 de outubro	Anúncio e crítica
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	O ditador Rosas e a Mashora	8 de outubro	Anúncio do cancelamento da peça
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	O ditador Rosas e a Mashora	21 de outubro	Anúncio ⁵³
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	--	24 de outubro	Texto de crítica ao comendador João Caetano dos Santos.
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1857	--	27 de outubro	Resposta de um leitor sobre o posicionamento de Juana Manso.
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1858	Os pobres de Paris	3 de janeiro	Anúncio
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1858	--	16 de fevereiro	Artigo sobre as peças teatrais e os atores que participaram
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1858	A família Morel dos Mistérios de Paris	17 de outubro	Anúncio
Diário do Rio de Janeiro	1858	A Saloia	22 de setembro 29 de setembro 30 de setembro	Anúncio
Diário do Rio de Janeiro	1858	A família Morel dos mistérios de Paris	26 de outubro 27 de outubro 28 de outubro	Anúncio
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1859	• Por direito de conquista, • A filha bem guardada, • A cabeleira de meu tio	19 de janeiro	Anúncio

⁵³ Repito esse título, pois o anúncio no periódico é diferente, apesar de ser a mesma peça teatral.

Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1859	• Por direito de conquista, • A viúvas das camélias, • A filha bem guardada	24 de janeiro	Anúncio
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1859	• Por direito de conquista, • A viúvas das camélias, • A filha bem guardada	25 de janeiro	Anúncio
O Correio da Tarde: Jornal Commercial, Político, Litterario e Noticioso (RJ)	1859	• Por direito de conquista, • A viúva das camélias, • A filha bem guardada	25 de janeiro	Anúncio
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1859	Chiquinha presa	17 de fevereiro	Anúncio ⁵⁴
Correio Mercantil, e Instructivo, Político, (RJ)	1859	--	22 de fevereiro	Anúncio do retorno da periodista à Argentina
O Brado do Sul (RS)	1860	• A Saloia, • Anjo e Demônio	5 de agosto	Anúncio
D. Pedro IV: Periódico Artístico, Literário, Crítico e Noticioso (RJ)	1871	Companhia dramática infantil	12 de novembro	Anúncio
O Lobishomem (RJ)	1871	A Saloia	2 de fevereiro	Anúncio e crítica positiva.

Fonte: Barros, Carolina, 2023.

Nessa primeira tabela apresentamos os anúncios encontrados nos periódicos presentes no site da Hemeroteca Digital do Brasil. Como podemos perceber a partir dos anúncios catalogados, encontramos apenas um fora do Rio de Janeiro, que foi a chamada das peças *A Saloia* e *Anjo e Demônio*, no periódico *O Brado do Sul*, no Rio Grande do Sul, os demais estão todos presentes em jornais do Rio de Janeiro. Destacamos o *Correio Mercantil, e Instructivo, Político*, *O Diário do Rio de Janeiro* e *A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro* com as maiores frequências de anúncios das peças de Juana Manso.

O periódico *O Correio Mercantil* (figura 35) divulgou as peças teatrais, críticas positivas e negativas, questionamentos e respostas irônicas envolvendo o trabalho da atriz Juana Manso. Durante os anos de 1853, temos dois anúncios da peça *As manias do século ou os rapazes d'agora*, obra essa escrita pela própria periodista. Nos anos de 1854 e 1855 não há divulgação de trabalhos, o que é compreensível, visto que em 1854 Juana Manso está na Argentina. No entanto, em 1856 temos dois anúncios das peças *A noiva de sessenta e quatro anos* (traduzida do Italiano), *O casamento a marche marche*, *Celibatário e a Menina* e *a Torre de Londres*, nelas Manso atuou como atriz. No ano de 1857, há um número expressivo de anúncios, no total

⁵⁴ Neste anúncio é relatado que são os últimos dias de Juana Manso e as filhas no Brasil, pois elas retornarão à Argentina.

de 16 chamadas, sendo essas de obras em que ela atuou e outras que apenas escreveu, além de um texto direcionado ao Comendador João Caetano dos Santos, que criticava o trabalho de Manso no teatro. Assim, a escritora se viu no direito de respondê-lo, além de dois dias depois um leitor criticar a resposta de Manso e afirmar que suas falas não vão persuadir os leitores a acreditarem que o comendador é um hipócrita (sic). No ano de 1858, temos apenas dois anúncios de peças nas quais atua a escritora. Por último, temos o ano de 1859 com 5 anúncios, sendo que a peça *A filha bem guardada* é interpretada por Eulália, filha de Juana Manso. Ademais, além das peças também há trechos de despedida da escritora avisando que esse será seu último ano Brasil e que retornará, novamente, à Argentina.

Figura 35 - Anúncio da peça *As Manias do século ou os rapazes d'agora* no periódico *O Correio Mercantil* (1853).

Tratamento por correspondência para os doentes do interior.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE S. PEDRO DE ALCANTARA.

102^a recita dos Srs. accionistas e assignantes.

QUINTA-FEIRA 24 DE NOVEMBRO DE 1853

ESPECTACULO VARIADO.

Finda a execução da grande ouverture

JOANNA D'ARC

subirá a scena a muito applaudida comedia brasileira em 3 actos, do Sr. Dr. Castro Lopes,

A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES.

No 2º acto será executada (analogia á comedia) pelas Sras. Petit, Berthani, Ricciolini e Veluti,

A POLKA.

No fim da comedia as Sras. Petit, Berthani, Vaudras e Ricciolini dançarão os

BOLEIROS DE CADIZ.

Seguindo-se a representação do vaudeville em 2 actos, da Sra. D. Joanna P. M. do Noronha,

AS MANIAS DO SEculo

ou

OS RAPAZES D'AGORA.

Dará fim, sendo executado pelas Sras. Petit e Berthani o passo a dous,

A SICILIANA.

Terminando o espectáculo com a muito applaudida representação da comedia magica em 1 acto:

KABRI-O-TAMANQUEIRO

ou

OS PIPAROTES.

O qual finalizará por

Um passo a dous,

pelas Sras. Vaudras e Ricciolini.

Os bilhetes de camarotes, cadeiras e gerases vendem-se no escriptorio do theatro.

Começará ás 8 horas.

Hamburgu Amelia.

Embarca

Novembro

Horas.

6 da man

10

2 da tar

6

Céo nubl

ento SE e

durante a

horas da ma

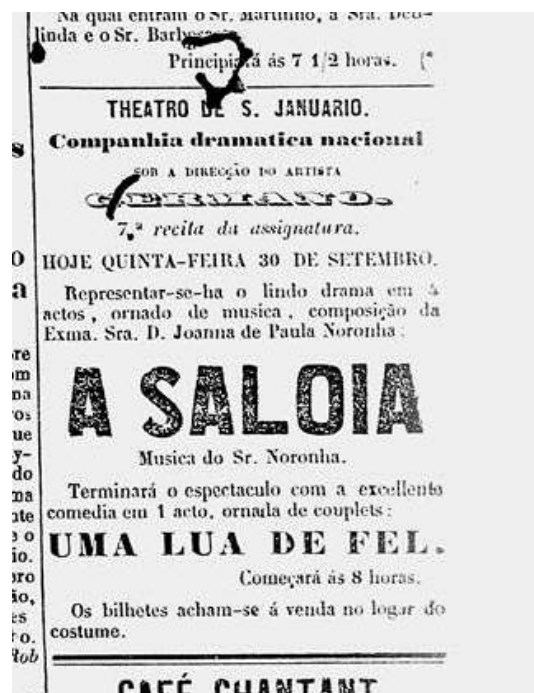
Itio do Jai

charel José

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

No periódico *Diário do Rio de Janeiro* (figura 36), temos, no ano de 1853, o encarte de 8 anúncios de peças atuadas e escritas por Manso. Destacamos o mês de outubro, quando foi publicada sucessivamente a chamada da peça *As manias do século ou os rapazes d'agora*, nos dias 24, 25, 26 e 29 do mês mencionado. Já nos anos de 1854 e 1855, houve apenas um anúncio das peças *A Esmeralda* e *A atriz, o teatro e os doidos*, a primeira foi escrita por Manso, enquanto a segunda deu destaque a seu papel como atriz. Nos anos de 1856 e 1857, não há menção ao trabalho da periodista, no entanto, em 1856 temos 6 anúncios. Logo, as peças *A Saloia* e *A família Morel dos mistérios de Paris*, que foram escritas pela teatróloga, também são anunciadas em dias seguidos, a primeira em setembro e a segunda no mês de outubro. No ano de 1859 não há nenhuma menção a Juana Manso no periódico.

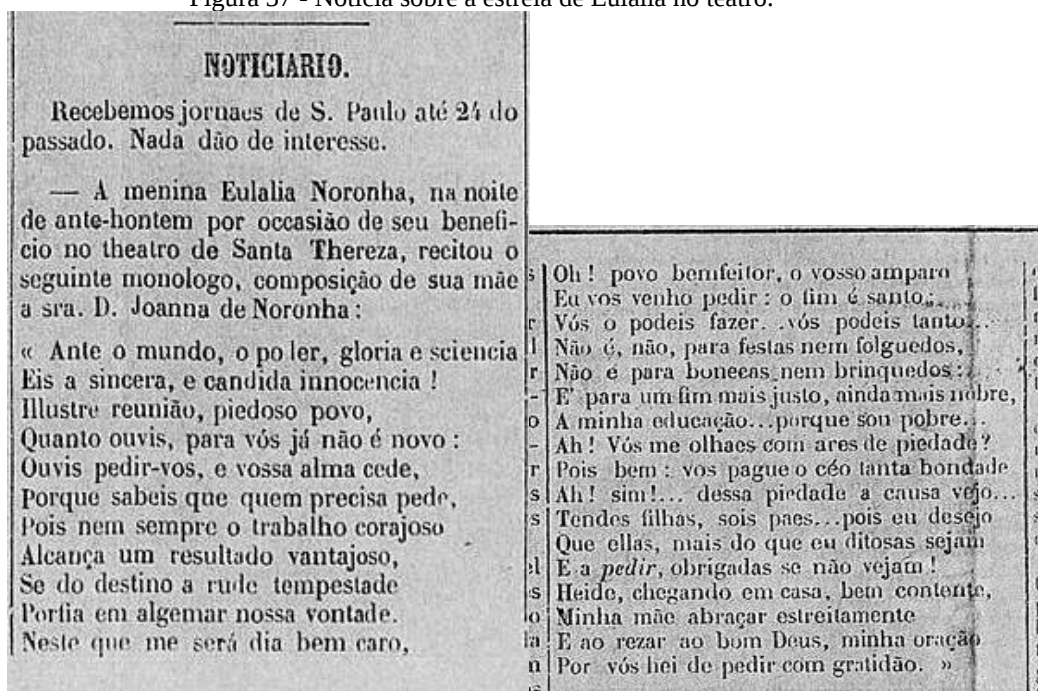
Figura 36 - Anúncio da peça *A Saloia* presente no periódico *Diário do Rio de Janeiro* (1853).



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

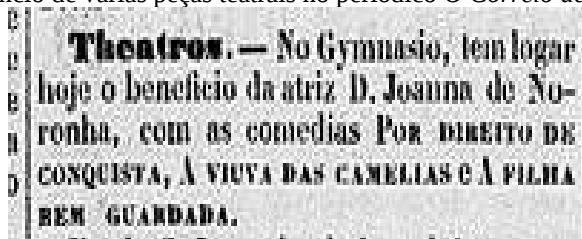
No periódico *A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro* (RJ), nos anos de 1853, 1854 e 1855 não há registros dos anúncios das peças teatrais. Em 1856, temos 6 anúncios de obras nas quais Juana Manso interpretou alguma personagem. No ano de 1857, há 4 chamadas, sendo essas divididas em obras que Manso escreveu, *O Marquez de Pombal ou o Terremoto de 1755* e *Paris que chora ou Paris que ri*. E, por último, no dia 7 de março de 1857, há um texto que anuncia o primeiro recital de sua filha, Eulália. No artigo é publicado integralmente o texto que a menina recitou no teatro, além de muitos elogios pelo seu talento (figura 37).

Figura 37 - Notícia sobre a estreia de Eulalia no teatro.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Por fim, temos os periódicos com apenas uma única chamada como: *O Correio da tarde* (figura 38), anunciando, em 25 de janeiro de 1859, as peças: *Por direito de conquista*, *A viúva das camélias* e *A filha bem guardada*, trabalhos esses de atuação. *Brado do Sul* (figura 39) divulga as peças *A Saloia* e *Anjo e demônio*, escritas por Manso; no texto há um breve parágrafo elogiando a atuação dos atores que interpretaram a obra. O anúncio presente no periódico *D. Pedro IV* (figura 40) traz a mensagem de que as obras infantis foram traduzidas por Juana Manso. Em *O Lobishomen* (figura 41), há uma longa crítica à peça *A Saloia*, publicada em 2 de fevereiro de 1871. O texto elogia a peça escrita por Manso e enaltece as interpretações dos atores. Por último, ressaltamos o periódico *O Jornal das Senhoras* (figura 42) que, no dia 2 de outubro de 1855, publica, na última folha do periódico, uma página inteira da apresentação das obras escritas pela antiga redatora-chefe, além de elogiá-la e instigar o público leitor a apreciar as peças teatrais escritas por Juana Manso.

Figura 38 - Anúncio de várias peças teatrais no periódico *O Correio de Assú* (1859).

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 39 - Anúncio de duas peças teatrais no periódico *O Brado do sul* (1860).

NOTICIARIO.

Theatro. — Na terça-feira p. p. subiu a scena o bello drama original de D. Joanna de Noronha, a *Salvia*, e a espirituosa comedia *Anjo e Demônio*.

Uma regular concorrência acolheu essas duas bellas produções, que foram representadas com toda a perfeição, distinguindo-se honrosamente todos os actores aos quaes couberam papeis de maior transcendência.

Amanhan publicaremos a revista d'essa recita, o que não faremos hoje por causa do extenso apêdido que fica em outro lugar.

Lellão. — Amanhan fará o Sr.

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 40 - Anúncio da companhia infantil presente no periódico *D. Pedro IV* (1871).

ANNUNCIOS

THEATRO S. LUIZ
Propriedade de Furtado Coelho & C.

NOVIDADE DA ÉPOCA
COMPANHIA DRAMATICA
INFANTIL

Organisada e sob a direcção do artista
FRANCISCO ESCUDERO
ENSAIADOR O ARTISTA MONCLAR

HOJE
Domingo 12 de Novembro de 1871

Quarta representação da sublime opereta em tres actos, sendo o primeiro acto do distincto artista Vasques e os dois ultimos traducção da Ex. Sra. D. Joanna de Noronha.

O
REINADO DAS MULHERES
OU
O MUNDO AS AVESSAS

Principiará ás 8 horas.

N. B. Os bilhetes achão-se desde já á disposição do respeitavel publico em casa do Sr. Eduardo Bum, praça da Constituição n. 62, até ás 6 horas da tarde do dia do espectáculo, e dessa hora em diante no bilheteiro do theatro.

Typ. D. Pedro V, Travessa de S. Francisco de Paula n. 5 A.

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 41 - Anúncio referente a peça teatral A Saloia presente no periódico O Lobishomen (1871).

Piparotes theatraes S. PEDRO.—<i>Grande Sucesso!</i> Está em scena o melodrama — <i>A Saloia</i>, da Sra. D. Joanna de Noronha, que não temos a honra de conhecer. Pobre <i>Saloia</i>, que te condemnaram a morrer enforcada, quando a pena de morte está por assim dizer abolida, e enforcada de mais a mais, nas bochechas de um publico como o que frequenta este theatro! Foi uma noite de luto. A Sra. Eugénia Camara, éra a victima designada ao sacrificio, e para maior irrisão, appresentou-se em scena vestida de <i>vivandeira</i> e não de <i>saloia</i>, como convinha á moralidade da peça. Inclinações para a carreira militar! O Sr. Pereira engasgou-se por varias vezes, o que não admira porque o <i>engasgamento</i> éra geral, mas no que elle esteve admiravel, soberbo, divino, talvez unico no seu genero, foi durante alguns <i>arrebatamentos</i>, principalmente, quando elevava a mão... tão alto, que se por um triz não rasgou a casaca debaixo do braço, deixou-nos, todavia, persuadidos de que tinha essa malevola intensão. De quem seria ella? Oh! mas a <i>arte</i> subiu ao quinto céu, tocou ás portas do sublime nos arroubos seriamente melodramaticos da marquez de Villa-Nova (Sra. Julia)! Foi tal o pasmo que nos causou, que ainda perguntamos a nós mesmos, se nos inspirou payor ou indignação. Ambas as cousas a um tempo. Quizeramos ver o Sr. Braga mudar de gestos, de acção, variar a declamação segundo os papeis que lhe são distribuidos, mas perdemos o tempo porque é e será sempre o mesmo Braga, que todos conhecem, e que para nós adquirio os fóros de monumento gothico desde a exhibição do <i>Mascara Negra</i>, no qual mostrou o que é a <i>arte a recuar</i> no momento de se reconhecer uma filha criminosa. Falta-nos fallar ainda de dois artistas em nada somenos aos que ahi ficam, apontados e de uma actriz, cujo merecimento declina de dia para dia.	Falta-nos fallar ainda de dois artistas em nada somenos aos que ahi ficam, apontados e de uma actriz, cujo merecimento declina de dia para dia. Os primeiros são os Srs. Galvão e Leal Junior, este que se caracterizou soffrivelmente e soffrivelmente disse o seu papel, e aquelle que, na sua alta qualidade de procurador de Manoel Fontes, casacalmente vestido fez o que costuma fazer sempre: ajuda a puchar a corda do enforcado, e para desengargo de consciencia, acompanha o enterro da victima até o cemiterio. A segunda é... todos advinham... a Sra. Apollonia, que se não chegou a ser uma actriz consummada, era no entretanto uma esperanza do nossos theatros. Pois coube-lhe um papel insignificante, e esse mesmo, ou por desdem ou porque lhe desagradou, ou ainda porque se lhe affigurasse como a nós que aquillo era o enterro da <i>saloia</i>, disse-o mal, disse-o assim como quem dá o seu recado, vai de caminho, e não está para aturar massadas. Hão-de ter notado que o Sr. Germano ficasse esquecido, elle, o só que illumina todos estes satellitos? Enganam-se: foi o unico que brilhou, o unico que preencheu os desejos dos espectadores, e que, aqui para nós, seria digno de uma surraivada de applausos pelo facto de não ter entrado na representação do melodrama de que nos occupamos. Ao menos não fez estremecer o theatro até os alicerces com a sua maviosa declamação. E não nos pregou, portanto, <i>pega</i> nenhuma. S. LUIZ.— Estão á bica o <i>Cincinato quebra louca</i> do Dr. Macedo, e o <i>Jovem Telemaco</i>, zurzuella tradusida por E. Garrido. Temos um palpitaute que hão-de ser dois primores cada um no seu genero. Para a exhibição da ultima d'aquellas composições tem havido uma leva em massa de peregrinas formosuras decahidas! O amor pela arte dramatica desenvolve-se a olhos vistos. PHENIX.—Subio-lhe o pudór ao rosto e deu de mão á fanqueria das parodias. Annuncia-se o <i>Pelotiqueiro</i>, em que deve estrear Joaquim Augusto. E' bom ir fazendo jus a benevolencia do Conservatorio. Typ. de F. A. de Souza, rua do General Camara 113
--	---

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 42 - Anúncio presente no *O Jornal das Senhoras* (1855).

— 320 —

THEATRO
S. PEDRO DE ALCANTARA.

Sabbado 8 de Outubro de 1855

RECITA LIVRE DOS SRS. ACCIONISTAS E ASSIGNANTES

EM BENEFICIO DA AUTORA DOS DRAMAS

**Esmeralda, Família Morel, Saloia, Dictador Rosas,
e vaudeville — Manias do Seculo.**

Folia a execução da overture

REGENERAÇÃO

terá lugar a primeira representação da comedia-vaudeville, original:

AS MANIAS DO SEculo

finda a qual, repetir-se-ha a muito applaudida symphonia

A PARTIDA DO MARINHEIRO.

Seguir-se-ha a quarta representação do drama historico original, em 5 actos e 7 quadros

O DICTADOR ROSAS

A MASHORCA

No intervallo do 1.º ao 2.º quadro, f. de São Noronha executara na sua rabeça as brilhantes variações do Domínio-Neir — e entre o 3.º e o 4.º, a sua fantasia sobre motivos do Sul da America.

No intervallo do 5.º ao 6.º, tocara a orchestra a linda valsa

SAUDADES DE NAPOLES

Respeitosamente dedicado á S. M. a Imperatriz, por Noronha.

O 7.º quadro será ornado com todo o esmero e apparato.

Os bilhetes podem ser procurados em casa do Beneficador, rua da Regente, loja do n. 37,
e por obsequio no loja do Sr. Paula Brito, praça da Constituição n. 64.

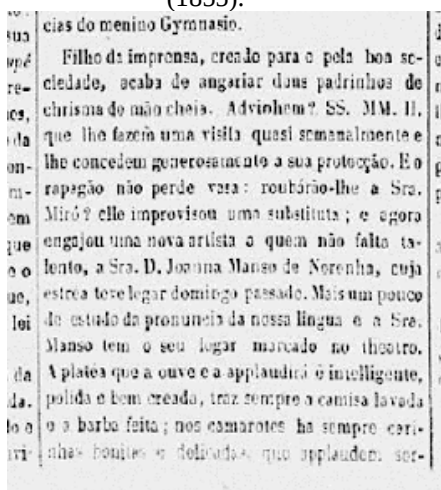
Tira do *Jornal das Senhoras*, n.º 11, p. 111.

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Portanto, após a saída da periodista da direção do jornal, Juana Manso tenta voltar à Argentina, porém não obtém o sucesso e nem o provento necessário para cuidar das filhas e de si mesma. Assim, regressa ao Brasil e inicia seu trabalho no teatro brasileiro. Percebemos que seu percurso teatral foi longo e profícuo; Manso não apenas atuou, mas escreveu grandes sucessos para a época. De acordo com Elizabeth Azevedo (2021), a romancista atuou em peças escritas por José de Alencar, como *Asas de um anjo* (1858), *O Rio de Janeiro - verso e reverso* (1857), *O Demônio Familiar* (1817) e *O Crédito* (1857). Além disso, a pesquisadora afirma que o escritor Machado de Assis apoiou a estreia de Juana Manso no teatro brasileiro. Em uma coluna publicada dia 22 de junho de 1855 (figura 43), assinado apenas por M., o redator relata

que assistiu à interpretação de Manso e que, apesar do forte sotaque espanhol, ela possui um grande talento artístico.

Figura 43 - Elogio de Machado de Assis à atuação de Juana Manso presente no periódico *Correio Mercantil* (1855).



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Para além do periódico *O Jornal das Senhoras* e as peças teatrais, Juana Manso publicou em solo brasileiro alguns romances, ensaios, poema e artigos (fora de seu periódico). Na tabela a seguir, apresentamos a presença dessas obras em distintos periódicos oitocentistas:

Tabela 2 - Folhetins e anúncios das obras de Juana Manso no Brasil

Periódico	Ano	Obra	Ocorrências	Tipo
Periodico dos Pobres (RJ)	1851	Casamento	9 de outubro	Artigo
A verdadeira Marmota (RJ)	1851	Casamento	19 de novembro	Artigo
O Jornal das Senhoras (RJ)	1852	Los Misterios del Plata (romance)	1 de janeiro 11 de janeiro 18 de janeiro 25 de janeiro 1 de fevereiro 8 de fevereiro 15 de fevereiro 20 de fevereiro 7 de março 14 de março 21 de março 27 de março	Folhetim - completo ⁵⁵

⁵⁵ Exceto o epílogo. Em 1899, há uma edição contendo um epílogo, Ricardo López Muñoz, anexando um epílogo na narrativa. De acordo com Margarita Pierini (2016) o anexo ocorreu em concordância e revisão das filhas de Juana Manso.

			4 de abril 11 de abril 18 de abril 25 de abril 2 de maio 9 de maio 16 de maio 23 de maio 30 de maio 6 de junho 13 de junho 20 de junho 27 de junho 4 de julho	
A Imprensa (RJ)	1852	A mulher do artista (romance)	17 de outubro 24 de outubro 31 de outubro 7 de novembro 19 de novembro 26 de novembro 5 de dezembro 11 de dezembro 18 de dezembro 24 de dezembro	Folhetim - completo
A Imprensa (RJ)	1853	A Família do Comendador (romance)	15 de janeiro 30 de janeiro 6 de fevereiro 13 de fevereiro 27 de fevereiro	Folhetim - incompleto
Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades (RJ)	1856	As Consolações (ensaio)	28 de outubro	Ensaio - incompleto
Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades (RJ)	1857	A Soror Dolores (poema)	17 de abril	Poema
Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades (RJ)	1857	As Consolações	6 de janeiro	Anúncio do livro e elogio
Diário do Rio de Janeiro	1857	A tirania de rosas	5 de outubro	Artigo
Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades (RJ)	1858	As Consolações	27 de abril	Lista de livros vendidos na tipografia Paula Brito
Diário do Rio de Janeiro	1858	Páginas da Mocidade	5 de outubro 27 de outubro 29 de outubro 30 de outubro 31 de outubro	Crônicas - Completo

			7 de novembro 9 de novembro 10 de novembro 11 de novembro 12 de novembro 14 de novembro 16 de novembro 18 de novembro 19 de novembro	
A Marmota (RJ)	1859	As Consolações	26 de abril	Lista de livros vendidos na tipografia Paula Brito
A Marmota (RJ)	1859	Carta	27 de setembro	Breve carta de Juana Manso aos amigos do Rio de Janeiro
A Marmota (RJ)	1859	As Consolações	30 de setembro	Lista de livros que os assinantes ganham ao assinar o periódico
A Marmota (RJ)	1859	As Consolações	1 de novembro	Lista de livros que os assinantes ganham ao assinar o periódico
O Correio da Tarde: Jornal Commercial, Político, Litterario e Noticioso (RJ)	1861	As Consolações	21 de outubro	Lista de livros baratos
Echo Popular (RJ)	1869	As Consolações	2 de novembro	Lista de livros vendidos pela Livraria Acadêmica
O Domingo: Jornal Litterario e Recreativo (RJ)	1874	A mulher casada	15 de novembro	Artigo
Correio do Assú: periódico político, moral, noticioso (RN)	1875	O Jornalismo	13 de fevereiro	Artigo ⁵⁶

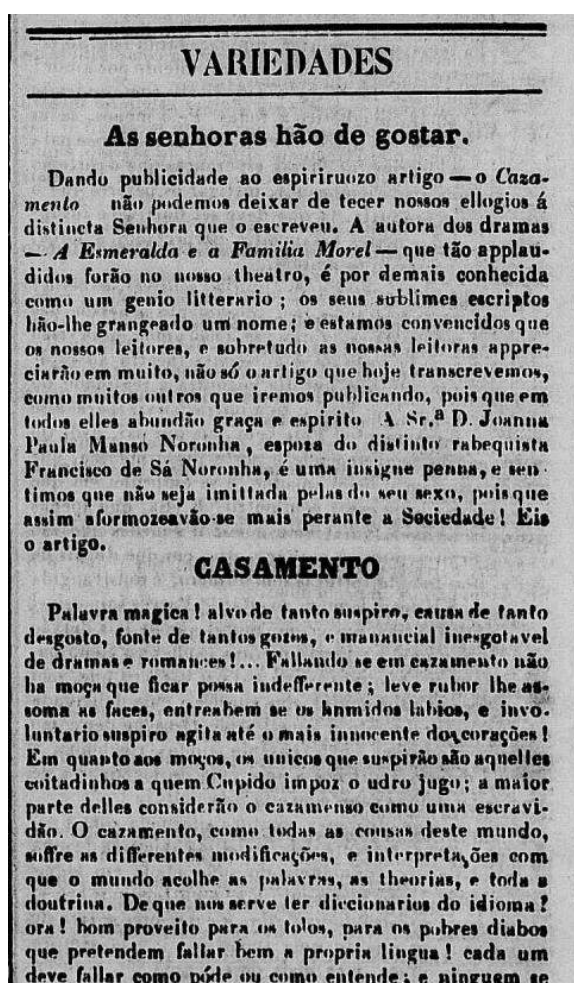
Fonte: Barros, Carolina, 2023.

Nesta segunda tabela, destacamos as demais obras de Juana Manso publicadas no Brasil, sendo elas romances, ensaios, poema, lembranças, biografia e artigos sobre moralidade. Em 1851, Manso publicou o artigo intitulado *Casamento* (figura 44 e figura 45) em dois periódicos,

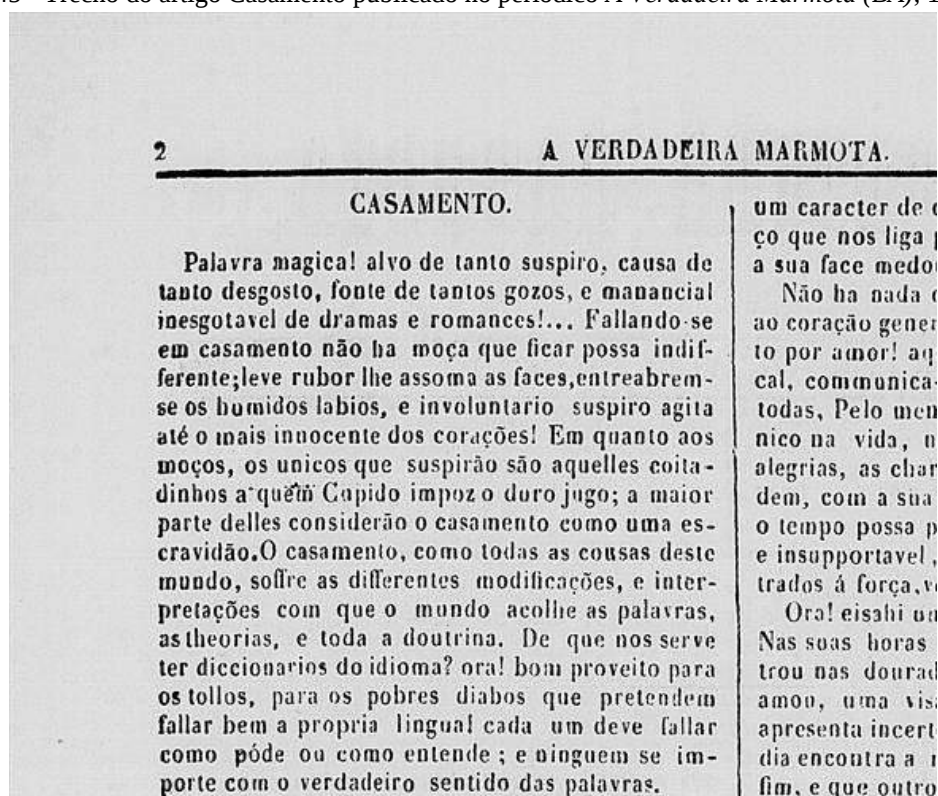
⁵⁶ Artigo sobre o jornalismo brasileiro e o nome das últimas mulheres que fundaram jornais pelo Brasil; o texto cita o caso de Juana Manso no Rio de Janeiro.

Periódico dos Pobres (RJ) e *A Verdadeira Marmota* (BA), nos quais comenta seu posicionamento sobre o casamento e o papel do marido e da esposa. Posteriormente, o romance *Misterios del Plata* foi publicado no *O Jornal das Senhoras*, em 1852, e narra os horrores da ditadura de Juan de Rosas, na Argentina. *A Mulher do Artista* (figura 46), publicado em 1852, no *A Imprensa*, é uma breve narrativa sobre o romance de um violinista e uma jovem, uma autobiografia, e *A Família do Comendador*, publicado parcialmente em 1853, em *A Imprensa*, no Brasil e, posteriormente, na Argentina, apresenta a formação da sociedade brasileira e os horrores da escravidão. Tais romances só foram publicados e anunciados nos periódicos mencionados. Tanto *Misterios del Plata* quanto *La Familia del Comendador* foram publicados por uma casa editorial, apenas na Argentina, enquanto em relação à obra *A Mulher do Artista* não há nenhuma menção de sua publicação fora do periódico.

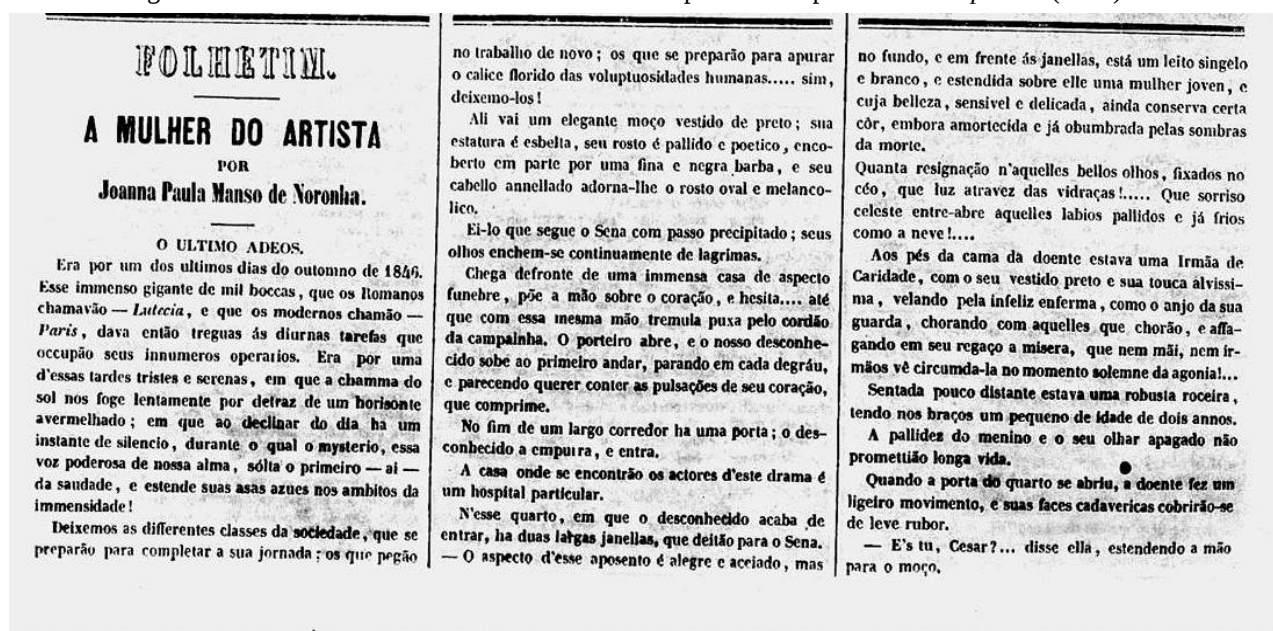
Figura 44 - Trecho do artigo Casamento presente no *Periódico dos Pobres* (RJ), 1851.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 45 - Trecho do artigo Casamento publicado no periódico *A Verdadeira Marmota* (BA), 1851.

Fonte: Hemeroteca digital do Brasil

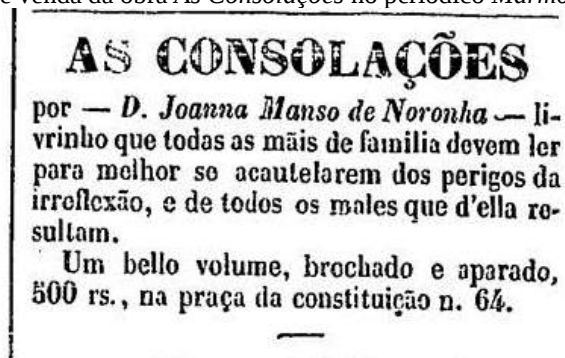
Figura 46 - Trecho do folhetim *A Mulher do Artista* presente no periódico *A Imprensa* (1852).

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

As obras *As Consolações* (figura 47) e *Páginas da Mocidade* (figura 48) são ensaios que resgatam a infância, a adolescência e os episódios bons e traumáticos da vida da periodista, bem como a separação de Sá de Noronha. A primeira obra ensaística foi anunciada intensamente nos

periódicos *A Marmota*, *A Marmota Fluminense*, *o Correio da Tarde* e *Echo Popular*, durante os anos de 1856, 1857, 1858, 1859, 1860 e 1869, além do mais, ela foi publicada pela casa editorial Paula Brito, no Rio de Janeiro. Tais anúncios, em sua maioria, eram da venda do livro pela casa editorial, sendo que alguns eram a listagem dos livros disponíveis para compra, outros era anunciando que, ao assinar o periódico *A Marmota*, o assinante ganharia o livro como brinde. Apenas na edição de 1856, em *A Marmota*, é publicado um dos ensaios presentes no livro como forma de instigar o público leitor para adquirir o livro (figura 47). O segundo ensaio está completo no periódico *O Diário do Rio de Janeiro*, no entanto, a leitura é um pouco difícil, pois o estado do periódico quando foi digitalizado estava deteriorado. Porém, podemos mencionar que nessa segunda obra Juana Manso foca nos aspectos da tirania de Juan de Rosas durante sua mocidade. O texto não é anunciado em outros periódicos, estando presente apenas no *Diário do Rio de Janeiro*, diferentemente de *As Consolações*.

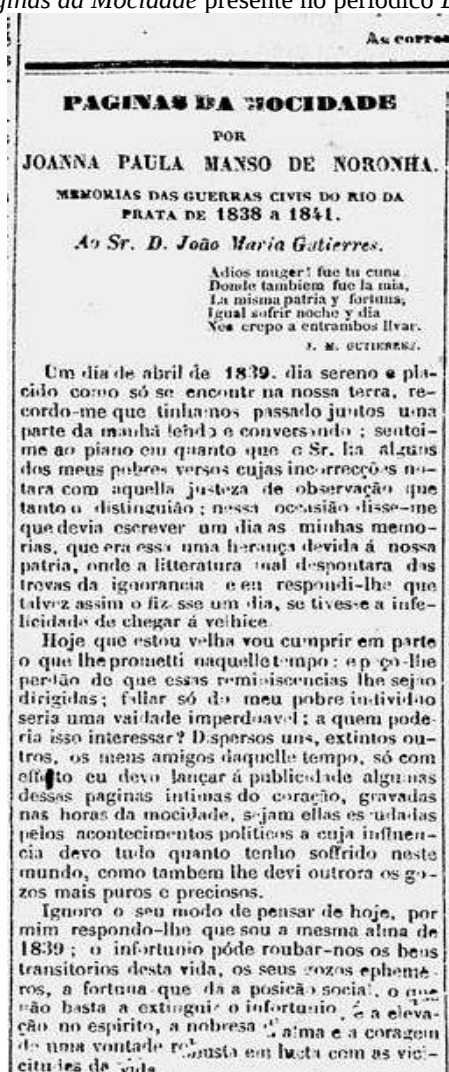
Figura 47 - Anúncio de venda da obra *As Consolações* no periódico *Marmota Fluminense* (1857).



AS CONSOLAÇÕES
 por — *D. Joanna Manso de Noronha* — li-
 vrinho que todas as mãs de família devem ler
 para melhor se acautelarem dos perigos da
 irreflexão, e de todos os males que d'ella re-
 sultam.
 Um bello volume, brochado e aparado,
 500 rs., na praça da constituição n. 64.

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 48 - Trecho da obra *Páginas da Mocidade* presente no periódico *Diário do Rio de Janeiro* (1858).



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

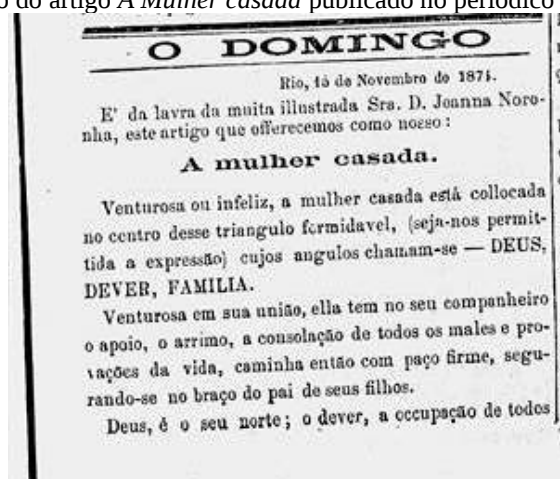
Figura 49 - Trecho da obra *As Consolações* presente no periódico *Marmota Fluminense* (1856).

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

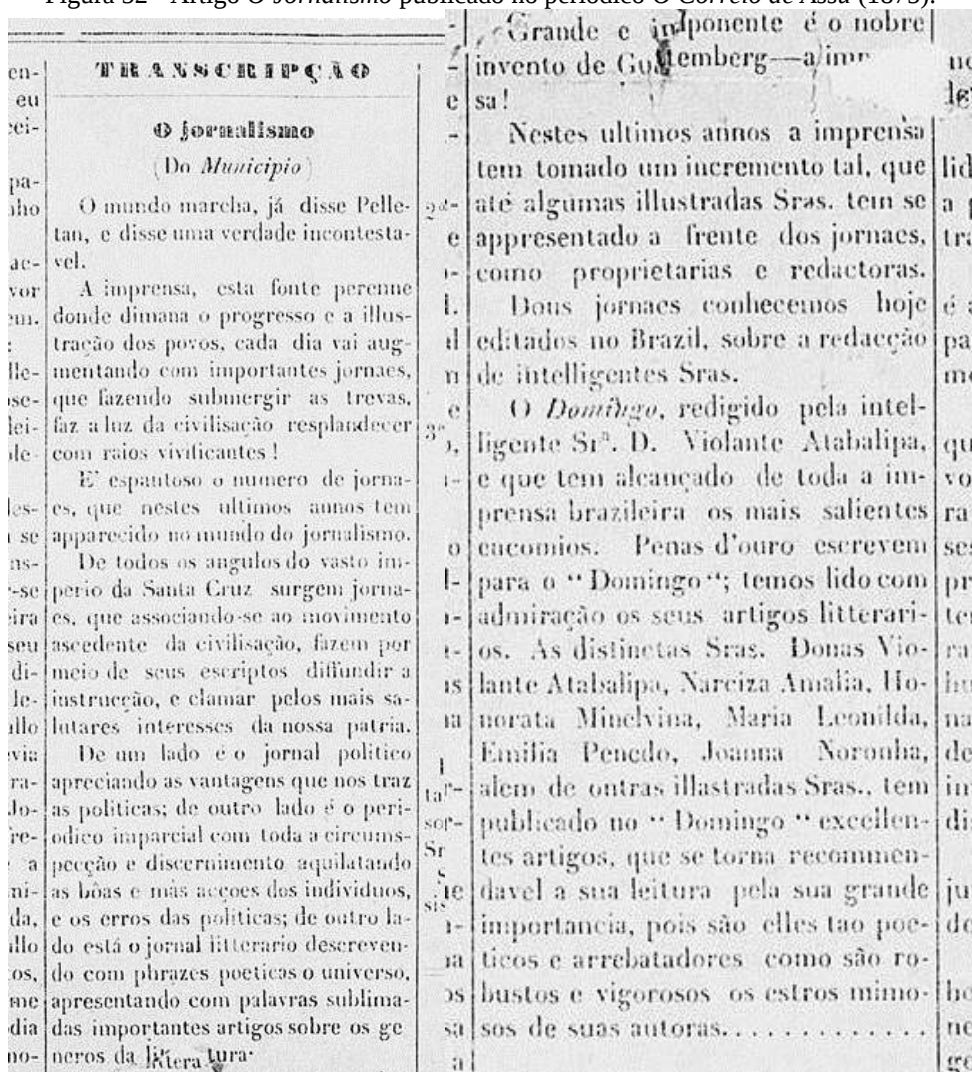
Os demais textos são: *Um episódio da tirania de Rosas* (figura 50), *A mulher casada* (figura 51), artigos presentes nos periódicos *Diário do Rio de Janeiro* e *O Domingo: Jornal Literário e Recreativo*, respectivamente. Enquanto o artigo *O Jornalismo* (figura 52), presente no periódico *O Correio de Assú*, na verdade, versa sobre o trabalho da mulher brasileira na abertura de jornais pelo Brasil e cita o nome de Juana Manso como uma das colaboradoras no periódico *O Domingo*, sob direção de Violante Ataliba.

Figura 50 - Trecho de *Um episódio da tirania de Rosas* publicado no periódico *Diário do Rio de Janeiro* (1857).

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 51 - Trecho do artigo *A Mulher casada* publicado no periódico *O Domingo* (1874).

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Figura 52 - Artigo *O Jornalismo* publicado no periódico *O Correio de Assú* (1875).

Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Por último, temos um poema dedicado e intitulado a *Soror Dolores* (figura 53), poeta portuguesa. Na realidade, aquele era um dos pseudônimos utilizados pela poeta Maria da

Felicidade do Couto Browne. O poema de Juana Manso discorre sobre o azar de ambas no amor e a fragilidade dos sentimentos femininos e de como elas são dominadas pela paixão. O texto está presente apenas no periódico *Marmota Fluminense*.

Figura 53 - Poema que Juana Manso dedicou a Soror Dolores publicado no periódico *Marmota Fluminense* (1875).

A Soror Dolores	
PORTA PORTUENSE.	
Pas de deuil infini, pas de meaux incurables. HUGO.	
Eis teos versos! singellos cantares, Vagas notas de ignara harmonia Me revelam meus proprios pezares, Do meu fado a sinistra porfia.	
Como tu, trouxe n'alma o segredo Que a sentir e soffrer nos condemna; Como tu, cumprio aqui meu degredo, Libo a taça de pranto e de pena.	
Cruzai, cruzai, meus versos, Os azulados mares, Levai dos meus cantares A vaga inspiração!	
Levai a dor suprema D'uma alma dolorida, Soffrendo repellida No ermo do soidão.	
A' minha irmãa levai O canto de agonia, Que ao declinar do dia Entoa a fraca voz.	
Nosso destino, eu vejo, Identico formado E o peito torturado Por identica dor!	
Seus cantos são os ecos Das minhas proprias maguas; Cruzai, cruzai as aguas, Levai-lhe o coração!	
Ella o verá sangrando, Rasgado em mil feridas, As fibras extendidas Em barbara pressão.	
Em desigual combate Martyr, mas não vencido, Pedindo a Deus rendido Consolo na afflicção.	
Ail que no mundo que ambas nos rodeia Não somos senão plantas parasitas; Dous typos — duas mulheres esquisitas Difficéis de explicar e comprehender!	
Plantas malditas, sobre a terra impura Objectos de desprezo, ou de irrisão, Victimas que condemna a sem razão Que estigmatiza a alma na mulher.	
Para nós o amor não tem sorrisos, Todo o nosso sentir é excentricidade, Incomprehensivel cousa até a amizade, Tudo em nós leva o cunho da paixão!	
Calumniadas, sem tregua, sem repouso, Do resto dos humanos isoladas, Por todos sem reserva atraíçoadas, Maltratadas sem dó, sem compaixão!	
Não te queixes, irmãa, Deos ou o mundo Marca das creaturas o destino! Accitemos a cruz do peregrino, Levantemos ao céu o coração.	
Levantemos á Deos o pensamento E inda no cavallete da tortura Bebamos nosso calix de amargura Entre os brandos preludios da canção.	
Do acerbo pesadello da existencia Desperta-se no seio da Eternidade Onde o bramir da humana tempestade Não perturba o silencio de — Não-Ser.	
Quando a vida é um spasmo doloroso, Uma lucta sem tregua com a sorte, Não resta outra esperança que a da morte Para deixar ao menos de soffrer.	
Levai, levai, ó brisas, A voz dos meus cantares; Cruzai os verdes mares, Levai minha canção!	
Seus cantos são os ecos De minhas proprias maguas; Cruzai, cruzai as aguas Levai meu coração!..	
Joanna de Noronha.	

Juana Manso publicou obras com temáticas significativas no Brasil, porém não é lembrada pela historiografia literária tradicional. Do mesmo modo, de acordo com Regina Silva (2020b), quando se trata dos estudos sobre o romantismo oitocentista, poucos estudiosos citam os escritos da autora. A escritora é mencionada no livro *Historia de La Literatura Argentina* (1922), de Ricardo Rojas, e é representada apenas como amiga de Domingo Sarmiento (Presidente da Argentina).

Nota-se que Belline (1997), ao tratar do romantismo na Argentina, não inclui Juana Manso no grupo dos “proscritos”, citando apenas os representantes masculinos, entre eles Echeverría, Mármol, Alberdi, Gutiérrez, Sarmiento, Ascasubi e Hernández. Já Ricardo Rojas, ao escrever sua *Historia de la Literatura Argentina*, em 1922, no capítulo dedicado a “Las mujeres escritoras”, escreveu: “de Juana Manso sólo diré que fue amiga de Sarmiento, a quien se parecía por su cara hombruna y por sus aficiones pedagógicas” (Rojas, 1957, p. 474) (Silva, 2020b, p. 204 - 205).

Assim, Regina Silva (2020b) destaca que Belline (1997) não considera Juana Manso como parte dos “proscritos” do romantismo argentino, ao contrário de Ricardo Rojas, que a descreve como amiga de Sarmiento, destacando suas características físicas masculinas, aqui refletindo uma natureza machista, e seu interesse pela educação.

Portanto, podemos perceber que a trajetória literária de Juana Manso, no Brasil, foi extensa. A escritora trilhou tantos caminhos em nosso território que é quase impossível dedicar-se a apenas um deles. Assim, buscando investigar ainda mais sua ligação com o Brasil, o próximo capítulo será dedicado à análise do romance *A Família do Comendador* (1854).

4. O ROMANCE *A FAMÍLIA DO COMENDADOR* (1853)

4.1 Publicação e circulação do romance *A Família do Comendador* (1853) no Brasil

O romance *A Família do Comendador*, escrito por Juana Paula Manso de Noronha, teve diferentes publicações até sua última edição. A primeira publicação foi em 1853, no periódico *A Imprensa*, no Rio de Janeiro, contendo apenas 4 capítulos, sendo o último dividido em dois dias consecutivos, escrito em português. A segunda aparição foi em 1854, no seu periódico *Álbum de Señoritas*, em Buenos Aires, no entanto, o encarte encerra no capítulo 9, junto com o encerramento do periódico argentino, escrito em espanhol. A terceira publicação também foi produzida em Buenos Aires pela gráfica J. A. Bernheim, em 1854, uma edição atualmente raríssima, também em espanhol. A quarta publicação ocorreu 152 anos depois pela Biblioteca Nacional da República Argentina, com o prólogo de Lidia F. Lewkowicz, em 2006, novamente em língua espanhola. Por fim, 168 anos depois, mais especificamente em 2021, ocorre a publicação do romance, em uma tradução completa para o português, pela editora Pinard, coordenado pela pesquisadora Regina Simon Silva. Neste trabalho usaremos como base para análise a tradução em português, além disso, apresentaremos algumas diferenças entre a publicação presente no periódico *A Imprensa* e a última versão da escritora que foi analisada neste trabalho.

A publicação como folhetim no periódico *A Imprensa*, de *A Família do Comendador*, de Juana Paula Manso, é diferente da narrativa publicada nas terras argentinas, no ano de 1854. A história presente no jornal possui apenas 5 capítulos, sendo a última publicação como continuação do capítulo 4.

Além do mais, são apresentados no folhetim os seguintes personagens: o comendador, Gabriel das Neves; D. Carolina; os filhos: Gabriela, Carolina e Henrique, além do braço direito do comendador, Daniel, por fim, temos o pretendente de Gabriela, o senhor Santos Cordeiro. Na narrativa folhetinesca, Gabriel das Neves é apresentado como um homem tirano dentro de casa e bondoso para com o restante da sociedade. Carolina é uma mulher bondosa que se casou forçada com Gabriel, aturando a frieza e a tirania do marido. Quanto aos filhos, temos Gabriela como a filha mais velha, que deverá se casar com um amigo do pai, o Sr. Santos Cordeiro, Carolina está prometida a ser freira, pois uma irmã de Gabriel deixou uma carta dizendo que um dote seria disposto caso uma das filhas do comendador servisse a Deus e, por último, temos Henrique, jovem de 18 anos o qual tem como destino se casar com alguma jovem de família rica.

A narrativa se inicia quando o comendador após conversar com Santos Cordeiro, depois de uma missa, anuncia que Gabriela irá se casar com o mencionado homem. Assim, D. Carolina e seus três filhos entram em profunda tristeza, Henrique decide fugir de casa deixando uma carta ao pai pedindo que os destinos das irmãs fossem diferentes, o que o pai enfurecido nega veementemente. A narrativa finaliza com a continuação do capítulo 4, porém, é o início da narração sobre a vida misteriosa de Santos Cordeiro.

Em comparação ao romance disponível em espanhol, no site em homenagem à escritora e sua tradução, realizada pela pesquisadora Regina Silva e suas orientandas do PIBIC, temos uma diferença enorme entre os romances. O comendador possui voz no folhetim e tem uma personalidade tirânica, enquanto que no romance o personagem obedece à ordem da mãe, Maria das Neves, e aos comandos da esposa, Carolina, sendo essa última completamente reescrita, pois no folhetim temos uma mulher bondosa e amorosa com os filhos. Em comparação à narrativa, ela passa a ser uma mulher gananciosa e autoritária com os filhos. Em relação aos três jovens, tanto no folhetim quanto na obra, Gabriela continua tendo a mesma personalidade e se apaixonando por alguém que não conhece, apenas frequentando a igreja e os bailes.

Além disso, Henrique é completamente diferente de Pedro, o primeiro, apesar do pouco conhecimento de mundo que possui, como é mencionado pelo narrador, abre mão de sua vida na fazenda para mostrar ao pai que consegue ser alguém na vida, além do mais tenta, de alguma forma, salvar Gabriela do casamento arranjado e Carolina de se tornar freira. A terceira filha é Carolina, que no romance muda para Mariquinha; apesar da mudança dos nomes, a aparição das personagens é quase a mesma, ou seja, sem muito destaque. No entanto, Gabriela possui um destino traçado, isto é, casar-se com o tio demente, ir para o convento foi a saída que ela encontrou para não se casar, enquanto que Mariquinha, por ser jovem, ainda não tem um destino selado pela família, mas apaixona-se pelo primo no final do romance.

Por fim, temos um personagem negro, escravizado, Daniel, mas que é apresentado como braço direito do comendador e, na ausência de Gabriel da fazenda, Daniel é o encarregado de todos afazeres. Na obra posterior, não temos esse personagem, pelo contrário, temos a presença de mais personagens negros, os quais movimentam a narrativa, como Camila e Maurício. O último é Santos Cordeiro, que é trocado por Ernesto de Souza, aqui temos um verdadeiro apagamento do primeiro e a escrita de um novo pretendente para Gabriela.

Uma semelhança entre as duas obras consiste no destaque para o sentimento do povo escravizado, pois tanto no folhetim quanto no romance Juana Manso deixa um parágrafo de denúncia, como podemos verificar no trecho abaixo presente no folhetim:

(...) As moças choravão, os escravos corrião pela casa desorientados, alguns persavão-se pela cosinha e pelas senzallas e beberem com socego o seu café; a perda do senhor moço, apesar de não terem d'elle motivo de quixa, pouco as apoquentava, porque não obstante a senhora e seus filhos não serem crueis, mas curvados ao despotismo do dono da casa, não possuíam coragem, nem acredito para suavizar a crueldade com que os miseros negros eram tratados; e como a fidelidade é uma virtude filha do amor, e como ninguém pode amar a quem o mortifica, os escravos do Comendador supportavão porque a sua sina o queria mas não tinham affeição nem a elle nem a sua familia (Manso, 1853, p. 3).

Dessa forma, como podemos perceber, o espaço para o tratamento com os homens e mulheres escravizados foi abordado tanto no folhetim quanto na obra que analisaremos a seguir. Enquanto o folhetim não é mais publicado, em 1853, Manso retorna a sua terra natal e lá publica o folhetim no periódico *O Album de Senhoritas*, mas por motivos financeiros o periódico deixa de circular, no entanto, no mesmo ano o romance é publicado por uma casa editorial, como mencionado no início deste capítulo. Sendo assim, focaremos na análise realizada com a tradução do romance.

A *Família do Comendador* (2022) narra a história do encontro de duas famílias: a do Comendador Gabriel das Neves, herdeiro brasileiro e Dom Egas de Souza, marinheiro português. Assim, engana-se quem acredita que o primeiro tem algum domínio na trama, pois a família do comendador é controlada por duas mulheres, dona Maria das Neves, mãe de Gabriel, e Carolina, sua prima e esposa.

A narrativa inicia com a ideia de Maria das Neves em juntar a filha de Gabriel, Gabriela, com o tio demente,⁵⁷ João das Neves, por puro interesse em permanecer com a fortuna da família entre os seus. A ideia do casamento não é apenas aceita pelos pais da jovem, como Maria e Carolina também buscam decidir a vida de Pedro e Mariquinha, irmãos de Gabriela. No entanto, Gabriela apaixona-se por Ernesto de Souza, filho de Dom Egas de Souza e Maria de Souza. Além do mais, o tio tido como demente, João das Neves, está sob os cuidados de Camila, com quem teve dois filhos, Maurício e Emília. Contudo, Camila é uma mulher escravizada pela família e os dois jovens, perante a lei, de acordo com a narrativa, também são considerados escravizados e, para os demais membros familiares, não possuem direito à herança familiar.

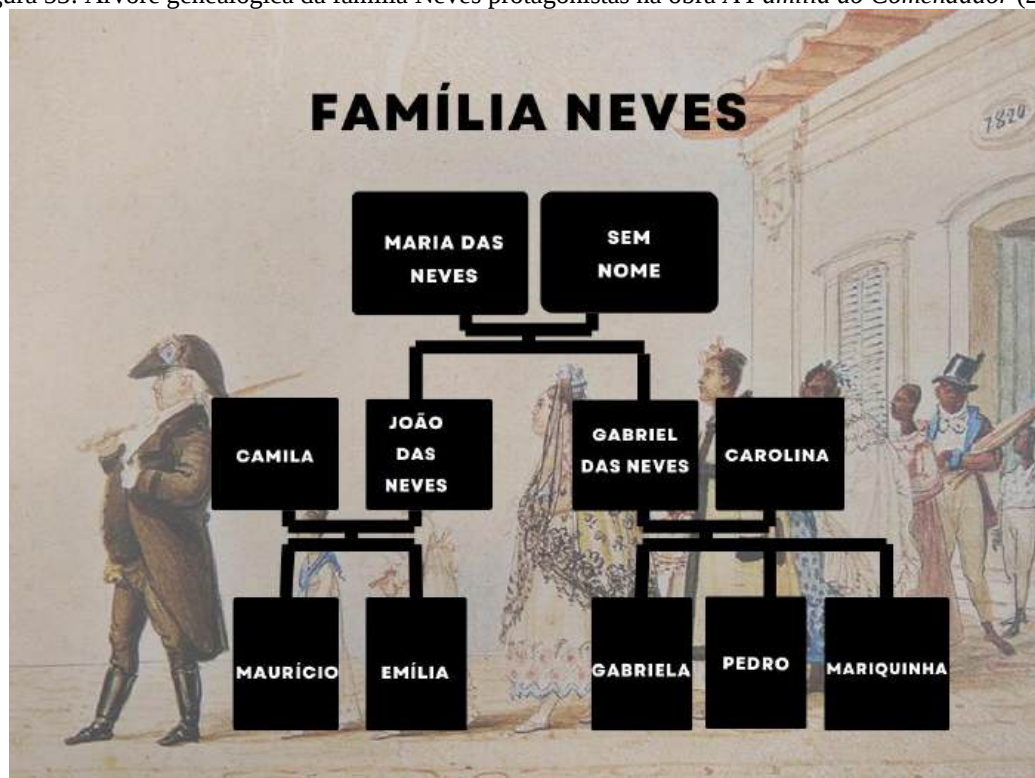
Após uma longa conversa entre sogra e nora, o narrador apresenta no diálogo entre as duas mulheres, o qual é diluído em todo o romance, o retrato da escravidão no Brasil do século XIX. Desse modo, elas decidem que Pedro se casará com a prima Anita, a qual mora em Minas Gerais, por isso, o jovem viaja para tal local. Mariquinha não é destinada, até o momento, a

⁵⁷ O termo é utilizado na narrativa, por isso utilizo neste breve resumo de apresentação da obra. No entanto, ressalto que, atualmente, a palavra possui o teor capacitista e não deve ser utilizada, pois ao utilizarmos estaremos discriminando e subestimando a aptidão e a capacidade das pessoas com deficiência.

nenhum casamento e Gabriela têm a obrigação de casar-se com o tio, no entanto, foge para um convento.

O romance finaliza com o resgate de Gabriela, realizado pela família de Ernesto, do convento Santa Tereza, uma vez que o padre e as freiras a mantêm presa por puro interesse religioso e financeiro. Maria das Neves e João das Neves em seus minutos finais: a primeira perde perdão pelos seus pecados e tenta reparar as injustiças familiares através do testamento e quanto ao segundo, João recobra os sentidos e relembra toda a tragédia familiar que o deixou naquele estado, pede perdão aos filhos e casa-se com Camila, oficialmente, antes de morrer. Pedro casa-se com a prima Anita; Gabriela com seu amor Ernesto de Souza e, por fim, Mariquinha e Maurício passam a ter sentimentos amorosos um pelo outro. Desta forma, para melhor visualização das famílias, organizamos uma árvore genealógica:

Figura 53: Árvore genealógica da família Neves protagonistas na obra *A Família do Comendador* (2022)

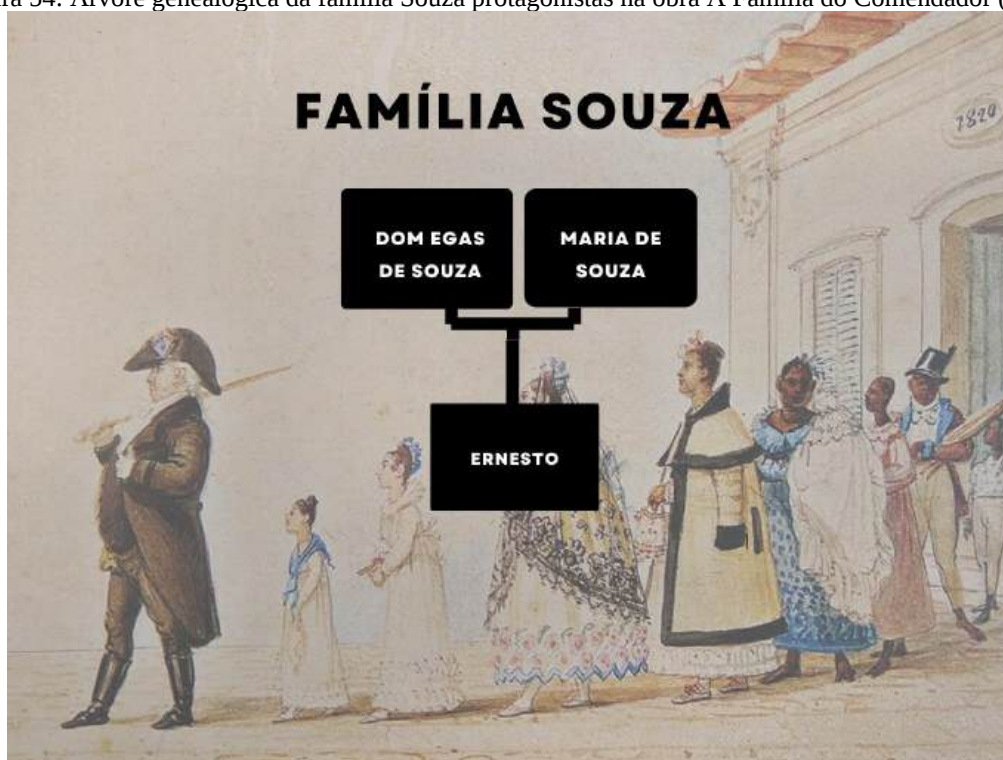


Fonte 1: Jean Jean-Baptiste Debret, *Famille allant à la Messe*, 1846.

Fonte 2: Juana Paula Manso, *A família do Comendador*, 2022.

Fonte 3: Barros, Carolina; árvore genealógica, 2024.

Figura 54: Árvore genealógica da família Souza protagonistas na obra *A Família do Comendador* (2022)



Fonte 1: Jean Jean-Baptiste Debret, *Famille allant à la Messe*, 1846.

Fonte 2: Juana Paula Manso, *A família do Comendador*, 2022.

Fonte 3: Barros, Carolina; árvore genealógica, 2024.

Ademais, antes de analisarmos alguns aspectos da narrativa, como as personagens femininas e os personagens negros, destacamos algumas características encontradas na obra, tais como: o narrador, a ambientação e a sutil presença do gótico.

Em primeiro lugar, o narrador de *A Família do Comendador* pode ser caracterizado como narrador onisciente intruso, pois está presente em vários ângulos da narrativa. Lígia Leite (1985) explica sobre as ideias de Norman Friedman acerca do narrador onisciente intruso:

Esse tipo de NARRADOR tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, por trás, adotando um PONTO DE VISTA divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse de fora, ou de frente, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada (Leite, 1985, p. 26-27).

Logo, no interior da narrativa, percebemos em diversos momentos essa presença conforme o trecho acima. Por exemplo, na citação a seguir, podemos verificar o narrador estando diante dos acontecimentos, no caso, a conversa de Carolina e Gabriel das Neves sobre o casamento de Gabriela e o tio:

Aqui Dona Carolina deu uma alta gargalhada e depois de esgotar sua risada em que seu marido a acompanhava, ao ritmo dos sacolejos de sua cadeira de braço, disse ela: Tua mãe tem razão; tu e teu irmão são os únicos herdeiros, Gabriela casando-se com ele, tudo será nosso desde agora, porque tu administrarás os bens de teu genro (Manso, 2021, p. 18-19).

Em outro momento, nesse segundo trecho, podemos perceber o narrador no centro dos acontecimentos. A citação está presente no capítulo de apresentação da vida de João das Neves:

Em poucos dias, seu desacordo com a família era completo. Então, falou com franqueza à sua mãe e disse-lhe que não assumiria a administração dos engenhos, se não o deixassem livre para fazer as melhorias que considerava necessárias. Mandaram-lhe calar, e para desistir de suas convicções, os castigos foram mais frequentes (Manso, 2021, p. 26).

Além disso, é possível verificar a característica da intrusão, pois no final da maioria dos capítulos da narrativa, o narrador deixa alguma mensagem sobre os acontecimentos os quais ele acabou de narrar. No trecho a seguir, o parágrafo final do capítulo de apresentação de Ernesto, paixão de Gabriela:

Assim é que prescindindo de todos os defeitos inerentes à humanidade, pelo menos a educação moral, religiosa e inteligente de Ernesto de Souza era uma garantia para Gabriela, e para nós que já o conhecemos, suponho que será um amigo simpático com quem não será desagradável entreter-se nos momentos de lazer (Manso, 2021, p. 60).

Sendo assim, o narrador de *A Família do Comendador* é intruso, já que seu comportamento ao longo da narrativa permite caracterizá-lo de acordo com as particularidades apresentadas por Norman Friedman. Do mesmo modo que identificamos o narrador de acordo com a perspectiva apresentada por Ligia Leite (1985), a narrativa de Juana Manso se enquadra em duas questões apresentadas por David Lodge (2017). A primeira consiste em relação ao narrador, o qual é intitulado pelo pesquisador de autor intrometido, pois para Lodge:

Afinal de contas, lemos ficção não só pela história, mas também para ampliar o nosso conhecimento e a nossa compreensão do mundo, e a voz autoral é um dos recursos narrativos mais atados a incorporar o conhecimento enciclopédico e a sabedoria proverbial ao texto (Lodge, 2017, p. 20).

Logo, esse conhecimento proposto por Lodge pode ser analisado na narrativa como conhecimento da história sobre a formação das famílias brasileiras, além de trazer à tona o conhecimento sobre o período escravocrata.

Além do mais, podemos elencar dois momentos do autor intrometido, o primeiro é localizado no capítulo inicial do romance quando o narrador afirma: “a chácara onde iniciam as cenas do nosso romance estava localizada em uma pequena colina, que apesar de sua pouca elevação dominava, contudo, uma linda paisagem” (Manso, 2021, p. 15) e o segundo ocorre na apresentação das paisagens do Rio de Janeiro e Manso se aproveita para relembrar memórias

boas e ruins que possui das terras brasileiras: “sempre que eu falar de ti, Brasil, o farei com entusiasmo, porque por muitos anos tu foste minha pátria adotiva (...)” (Manso, 2021, p. 120). Posto isto, o autor intrometido proposto por Lodge (2017), além de narrar a realidade brasileira oitocentista, também se apresenta como primeira pessoa dentro da narrativa, pois se coloca como “eu” e narra sua experiência nas terras brasileiras. Por último, temos o leitor no texto, também exposto por David Lodge (2017):

Todo romance precisa de um narrador, por mais impessoal que seja, mas não necessariamente de um narratário. O narratário é qualquer evocação ou substituto ao leitor do romance dentro do próprio texto. Pode apresentar-se de modo casual, como na conhecida apóstrofe dos romancistas vitorianos, “Caro leitor”, ou mais elaborado, como em “Mrs. Bathurst”, de Kipling, obra já elaborada, como em “Mrs. Bathurst”, de Kipling, obra já discutida (capítulo 7), onde o narrador em primeira pessoa é, ao mesmo tempo, o narratário de uma história contada para outros três personagens que oscilam entre próprios entre um papel e outro (Lodge, 2017, p. 89).

Da mesma forma ocorre na narrativa de Manso, na qual o narrador frequentemente convida o leitor a seguir acompanhando a história, além de se identificar com os personagens ou a ponderar sobre situações de violência ao povo escravizado. Deste modo, na citação a seguir, é possível constatar o narrador convidando o leitor a entrar com ele na casa da família Neves: “embora imperfeito, acreditamos ter dado **ao leitor** um breve esboço da casa a que agora vamos conduzi-lo” (Manso, 2021, p. 16, grifo nosso).

No próximo exemplo, o narrador pede aos leitores para não serem rígidos com o beijo de Ernesto e Gabriela, visto que sofreram muito e, finalmente, estão juntos. Além do mais, o trecho não possui o termo “leitor”, mas ao lermos percebemos implicitamente tal direcionamento:

(...) Ernesto se despediu de Gabriela, deixando-lhe seu relógio para que ela medisse as horas que iriam passar separados, levando de sua amada um beijo de despedida; **ora, vamos, foi o primeiro, e não precisa ser tão rígido**, era pouco para tanto empenho e tortura! Pobres apaixonados! (Manso, 2021, p. 147, grifo nosso).

Em seguida, o terceiro exemplo consiste quando o narrador indaga sobre o sentimento de piedade, o qual, possivelmente, os leitores podem sentir pela história de Camila e seus filhos:

Se alguma vez no discurso desta história, **houve da parte dos leitores um impulso de piedade** por este louco roubado de seus amores, suas esperanças, sua juventude e sua inteligência, por um crime tão sombrio e nefasto; acreditamos também que essa pobre Camila, essa alma nobre e ardente, esse coração de ouro encerrado em um peito bronzeado, não será indiferente ao que recorra às páginas deste livro... e seus filhos? Pobres deserdados como sua mãe, tristes frutos de um amor indizível... destinados a uma dupla afronta segundo o mundo... a raça e o nascimento! (Manso, 2021, p. 93, grifo nosso).

Assim sendo, nas três citações, é possível observar, de forma explícita ou implícita, as interações do narrador com o leitor na obra. Ademais, a narrativa apresenta outros momentos

em que o narrador interage de modo explícito com seus leitores, convidando-os a refletirem sobre os acontecimentos, desta forma, os exemplos mencionados foram selecionados por estarem dentro de momentos importantes da trama. Em vista disso, o romance de Manso possui aspectos que dialogam com as características da época, pois essa interferência do narrador e leitor era muito comum nos romances oitocentistas.

O próximo tópico se refere à ambientação do romance, sendo a cidade do Rio de Janeiro como principal palco dos acontecimentos. Deste modo, ao longo da narrativa, é possível verificar várias passagens diferentes elogiando as paisagens da cidade e também onde estão localizadas o Engenho da Estrela do Sul, em Macacu, moradia de João das Neves, Camila e seus filhos, a residência de Maria das Neves, localizada na Rua Direita; a chácara de Botafogo, moradia de Carolina, Gabriel das Neves e os três filhos, o Engenho da Solidão, localizado em Minas Gerais e moradia de Alexandre, primo de Maria das Neves, e sua filha Anita, além das citações das ruas que a personagem Gabriela atravessa até chegar ao Convento de Santa Tereza e passagens que misturam a perspectiva do narrador e a visão da própria autora, não somente uma visão, mas um sentimento de saudosismo. Para termos a visualização dos principais espaços, construímos a imagem abaixo:

Figura 55: Principais espaços presentes na narrativa *A Família do Comendador* (2022)



Fonte 1: Jean-Baptiste Debret, *Famille allant à la Messe*, 1846.

Fonte 2: Juana Paula Manso, *A família do Comendador*, 2021.

Fonte 3: Barros, Carolina; ambientes, 2024.

Para ilustrar os exemplos de ambientação, apresentaremos alguns momentos da obra: o trecho a seguir é o início do romance onde o narrador descreve a casa da família Neves e o ar do Rio de Janeiro:

A enseada que se estende entre o Pão de Açúcar e a Glória recebe o nome, no Rio de Janeiro, de Botafogo; e além de ser o centro da alta sociedade, tanto nacional como estrangeira, é também um dos lugares mais pitorescos e mais adornados com as maravilhosas belezas da fértil natureza da terra de Santa Cruz.

A chácara onde iniciam as cenas do nosso romance estava localizada em uma pequena colina, que apesar de sua pouca elevação dominava, contudo, uma linda paisagem.

Vestida de uma robusta e verde vegetação tropical, a branca e rica casa assentada em seu topo parecia, vista de longe, uma grande pérola encravada em milhares de esmeraldas; das janelas que davam para o Oriente, via-se a vasta e rica Vila Imperial esparramando seus gigantes edifícios, nas suas numerosas ruas, no sopé de seus montes, e elevando as torres de suas Igrejas sobre os coloridos tetos de telhas; de um relance se abarcava a imensa baía, com sua eterna cadeia de montanhas, suas verdes ilhas, suas infinitas enseadas. A Serra dos Órgãos estendia ao longe sua negra cortina ao poente, e quase sobre a casa parecia curvar-se a colossal cabeça do Corcovado (Manso, 2021, p. 15).

O trecho selecionado é o início da narrativa e descreve a paisagem do Rio de Janeiro, tanto da natureza exuberante da época, quanto dos edifícios que ali estavam sendo erguidos. Maraysa Silva (2023) observa que, durante o Brasil do período oitocentista, os viajantes apresentaram as paisagens brasileiras por meio das pinturas:

As obras produzidas pelo cânone literário desse período também exaltam a fertilidade da terra de palmeiras onde canta o sabiá. No entanto, sendo a literatura uma atividade interpretativa da realidade que a coloca pelo avesso e questiona os valores de uma sociedade, também podemos observar nela registros de uma violência enraizada em nosso passado histórico: a escravidão (Silva, 2023, p. 308).

Assim, concordando com Maraysa Silva (2023), as terras brasileiras, além de exuberantes, possuíam um quadro de muito sofrimento devido à escravidão e, conseqüentemente, o racismo que, infelizmente, será perpetuado até os séculos seguintes. Considerando a narrativa de Manso, há estas duas representações, isto é, das paisagens e da escravidão.

A próxima ambientação diz respeito ao engenho de Macacu, o local em que morava Maria das Neves e os filhos após João das Neves perder a memória. Por esse motivo, Maria das Neves o abandona no engenho, deixando os cuidados dele para Camila. Além disso, neste ambiente, será o cenário do nascimento e crescimento de Maurício e Emília, também palco de algumas cenas de escravidão.

O segundo ambiente é a residência de Maria das Neves, localizada na Rua Direita, de acordo com a nota de rodapé presente na obra, Regina Silva (2022) destaca que o local é a rua mais antiga do Rio de Janeiro e a mais importante do século XIX devido a ser uma região de comércio e de passeios da Corte. A casa será um ponto importante, pois será cenário das

reuniões familiares, principalmente em relação aos casamentos arranjados, além dos últimos momentos de Maria das Neves e o filho João das Neves, o pedido de perdão ao padre (confissão), escrita do testamento, a liberdade de Camila e seus filhos, o casamento de João das Neves e Camila e, por fim, o enterro de João das Neves e Maria das Neves.

O terceiro local é a chácara de Botafogo, residência de Carolina, Gabriel das Neves e os filhos, o espaço é o cenário onde ocorrem o surto de Carolina, o castigo de Alina e a fuga de Gabriela. Além do mais, a chácara é um dos locais onde o narrador realiza uma descrição dos arredores da residência, apresentando a entrada do local e afirmando que ali será um dos palcos do romance: “a chácara onde iniciam as cenas do nosso romance estava localizada em uma pequena colina, que apesar de sua pouca elevação dominava, contudo, uma linda paisagem” (Manso, 2021, p. 15). Além de o narrador conduzir o leitor pela paisagem ao redor da casa, ele também afirma que irá conduzir para o interior da casa: “Embora imperfeito, acreditamos ter dado ao leitor um breve esboço da casa a que agora vamos conduzi-lo” (Manso, 2021, p. 16).

O próximo local é o Engenho da Solidão, palco do romance de Pedro e Anita. O narrador nos conduz com uma série de descrições das paisagens de entrada e saída do Rio de Janeiro, uma breve dedicatória da própria autora às terras brasileiras, sobre a passagem de Pedro que estava a bordo de um navio a vapor, as margens (paisagem) de São Paulo e, por fim, o personagem chega ao engenho da Solidão, em Minas Gerais: “esse povoado era um imenso casario rodeado de verdes colinas não muito altas, plantadas, simetricamente, de cafezais, cana-de-açúcar e milho. A residência do tio de Pedro era uma casa de pedra, espaçosa e cheia de todas as comodidades do luxo” (Manso, 2021, p. 121-122).

Por último, ressaltamos dois episódios quanto ao saudosismo da escritora, onde ocorre a mistura entre a narrativa e a história de vida da escritora; nele, Manso declara seu amor pela localidade em sua primeira viagem, em 1842. No primeiro, percebemos a mistura da voz do narrador e o sentimento da escritora, principalmente para os leitores que sabem da trajetória de Manso: “é tão doce esse nome Pátria! E Chegar diante da terra onde já não somos estrangeiros! Ali onde a cada passo surge uma lembrança da infância, dos primeiros e únicos dias serenos da existência” (Manso, p. 25). Nesse fragmento, o narrador usa o retorno de Dom João ao Brasil para refletir sobre a palavra pátria e sente saudade da sua terra, assim, podemos analisar como um sentimento da própria escritora. O segundo cenário de saudosismo da romancista ocorre ao descrever um local de natureza, o qual pode ser a saída ou entrada da cidade, onde estão enterrados seu pai e um filho. Manso, assim, recorda:

A saída ou entrada da barra do Rio de Janeiro é uma das paisagens mais deliciosas, mais pitorescas e mais grandiosas que já vimos. Jamais esqueceremos a primeira vez que cruzamos essa deliciosa barra, em nossa primeira viagem em 1842.

Essas montanhas colossais vestidas de eterna vegetação, formando grupos caprichosos, essas casinhas brancas e pitorescas espalhadas nas suas encostas e nos seus picos, e esse céu tropical tão lindo e azulado, nunca poderemos esquecer!... Há perdidos mil pensamentos de ausente no topo dessas montanhas; há mil recordações queridas ao coração de uma das mais belas páginas da vida, espalhadas por essas paisagens deliciosas, gravadas na superfície das enormes jaqueiras, ou das frondosas e aromáticas mangueiras...

Sempre que eu falar de ti, Brasil, o farei com entusiasmo, porque por muitos anos tu foste minha pátria adotiva, e estás ligado ao meu coração e ao meu pensamento, por um altar e dois túmulos!...

O altar em que liguei o meu destino ao destino de outro, os túmulos do meu velho pai falecido na emigração e a do meu primeiro filho, que morreu antes de nascer! (Manso, 2021, p. 119-120).

Como podemos constatar, Juana Manso aproveitou o momento para narrar a paisagem do Rio de Janeiro contando uma parte de sua história familiar. Regina Silva (2022) destaca na nota de rodapé presente na tradução do romance, em relação ao trecho anterior, sobre as mortes de familiares da escritora, que no original de 1854 há esse trecho, mas não encontramos no pdf de domínio público e nem na edição de 2006, com prólogo de Lidia F. Lewkowicz.

Dentro dessas ambientações, Mary Del Priore (2016) destaca as mudanças nas residências das famílias brasileiras ao longo do século XIX, tais variações podem ser percebidas ao longo das características nas casas apresentadas pelo narrador. Mary Del Priore (2016) afirma que algumas famílias mais ricas decidiam morar mais afastadas do centro da cidade, fugindo do barulho, “proximidade com os escravos que passavam oferecendo produtos. Dos ladrões e assaltantes. Dos pobres e mendicantes que então batiam à porta, com fome ou frio. E das carruagens e coches que tudo enchiam de poeira” (Priore, 2016, p. 154).

Assim, a fala da pesquisadora dialoga com um trecho da narrativa de Manso logo após o narrador identificar que a moradia de Maria das Neves está localizada em uma área de comércio; o neto Pedro em conversa com as irmãs afirma querer ir embora o quanto antes daquele ambiente e regressar para o terraço da família: “- Quando chegará a hora de voltar a Botafogo! Não respiro satisfeito enquanto não estivermos em nosso lindo terraço!” (Manso, 2021, p. 41). Ao compararmos o trecho da narrativa e o contexto apresentado por Priore, percebemos a concordância entre a obra e o contexto histórico brasileiro.

Na narrativa, a casa de Maria das Neves e a residência dos Souzas possuem, de acordo com a perspectiva de Priore (2016), fortes influências europeias: “sobrados de dois, três ou quatro pavimentos, erguidos nos terrenos sem recuo frontal ou lateral, com sua mistura de jardim e quintal aos fundos, passou-se às referências projetadas sob clara influência europeia (Priore, 2016, p. 154). Dessa forma, podemos verificar essa forte inspiração, mais

especificamente inglesa, na apresentação da casa dos Souzas: “era uma residência de arquitetura moderna, de estilo misto, como são geralmente no Rio, havia o Jardim Inglês na entrada com pavilhões à chinesa, as persianas verdes e as janelas imitando a China” (Manso, 2021, p. 57).

Sendo assim, além das mudanças que irão ocorrer nos personagens ao longo do romance, é possível identificar a mudança nas paisagens, principalmente, no aspecto urbano. Mary Del Priore (2016) assegura que: “mudaram a rua, a casa e o jardim. Transformou-se a paisagem. O espaço urbano tradicional foi europeizado tanto no âmbito privado como no âmbito público, configurando-se em novo cenário para a cidade brasileira” (Priore, 2016, p. 165). Logo, essa mudança influenciada pela Europa é perceptível não apenas na narrativa de Manso, como também na vida pessoal da escritora, conforme discutido no capítulo anterior.

Além de tais aspectos, chamamos a atenção agora para outra característica desse romance: o gótico. Zahidé Muzart (2008), em seu artigo sobre a presença do gótico nos romances de escritoras brasileiras oitocentistas, cita o romance *Misterios del Plata* (1852), de Juana Manso, como um exemplo de narrativa que possui tais características.

Zahidé Muzart (2008) elenca algumas ambientações encontradas em narrativas femininas oitocentistas, tais como:

(...) masmorras, castelos, donzelas ameaçadas, a loucura dominando os finais dos romances (...) Ruínas, de catedrais, masmorras e perigos assim como sentimentos inconfessáveis, paixões proibidas, além de dar ao sentimento do medo um lugar principal na trama. Pode-se perguntar por quais razões este estilo frutificaria em um país tropical e como se transformaria adaptando-se à paisagem local, selvagem. Tal como seu ancestral, também aqui, o gótico não é um romance urbano. O romance inglês tem por moldura as velhas abadias e as mansões de outrora. Aqui, abóbadas, escadarias se transformam nas lianas e cipós emaranhados das florestas virgens de outrora. O tenebroso de uma abadia se transforma no tenebroso da floresta associado a tempestades e escuridões e escuridões ou ao tenebroso do oceano selvagem em D. Narcisa. Ou ao tenebroso dos castigos infringidos aos escravos em Úrsula, ou aos mistérios em A rainha do ignoto ou ao enredo de A judia Rachel... (Muzart, 2008, p. 300).

Assim, considerando as discussões de Muzart (2008) sobre o trabalho com o gótico nos romances brasileiros, podemos refletir quanto à paisagem sombria do convento para onde Gabriela vai após sua fuga. Logo, o lugar possui, pela descrição do narrador, um aspecto soturno. Além do mais, o último lugar no qual a personagem é encontrada possui um aspecto tenebroso; outro fator para essa ambientação gótica são as vestes e o desmaio de Gabriela sob a tarimba⁵⁸. Portanto, se pensarmos na proposta do gótico de Zahidé Muzart (2008), verificamos que a cena seguinte, em que a personagem está no convento, possui um teor gótico:

⁵⁸ De acordo com o meu dicionário on-line, tarimba é um substantivo feminino que significa um estrado de madeira sobre o qual dormiam os soldados que estavam de guarda, também pode significar uma cama desconfortável. Disponível em: <https://www.meudicionario.org/tarimba>. Acesso em: 2 de ago. 2024.

Já passava das onze horas quando ele chegou à montanha, a noite estava escura, relampejava ao longe e trovões ecoavam pelas cavidades da serra. Ernesto rodeou o convento e escalou o muro pelos fundos, saltou para um pequeno pomar separado de um jardim por uma treliça de ferro. Desse jardim separado passou para um pátio abandonado, onde havia alguns quartos em ruínas, dali atravessou um longo corredor e se encontrou em outro pátio quase igual àquele de que acabava de sair: enfiou-se por um claustro e foi entrando, uma por uma, nas celas abandonadas que encontrou, quase em um canto do último claustro, havia uma porta fechada por fora com um ferrolho, em todo caso o jovem aventureiro, deslizou-o suavemente e deu uma olhada dentro, levantando sua lanterna à altura da cabeça. Uma mulher estava estendida, na tarimba que lhe servia de cama, pálida e desfigurada, parecia dormir um sono agitado e soluçava murmurando palavras entrecortadas, Ernesto colocou a lanterna sobre a mesa que havia ali, entre uma caveira e um jarro de água, depois se ajoelhou, pegando entre suas mãos a mão fria e seca da jovem, cujo pulso revelava uma forte febre. Era Gabriela, mas em que estado!...

O rapaz a contemplava reprimindo sua respiração e procurando serenar a convulsão que o agitava. O que fazer nessa hora? Carregar a sua querida como o solitário de Arlincourt, quando roubou o cadáver de Elódia da capela onde estava depositado? Mas como pular grades e muralhas? Como expô-la naquele estado à chuva que já começava a cair torrencialmente? O próprio barulho da tempestade o fez tentar outro meio, despertar a Gabriela e ver se seria possível combinar com ela o que deveria fazer (Manso, 2021, p. 145-146).

No trecho acima podemos identificar algumas características que estão presentes nas narrativas góticas, tais como o fato de ser uma noite com muita chuva e relâmpagos e o convento ter sido construído com muros e os ferros entrelaçados por plantas, quartos em ruínas, além de celas abandonadas. A personagem Gabriela está pálida, desfigurada, com febre e ainda desacreditada no amor de sua família; o quarto contém uma caveira ao lado de um copo com água e, por fim, o fato do narrador indagar se Ernesto levaria Gabriela carregada como um cadáver, além de citar um escritor francês de 1821, Arlincourt, sendo que o momento do resgate de Ernesto com Gabriela evoca uma possível cena gótica, pois o ambiente narrativo remete a um momento sombrio.

Como se vê, a cena apresentada anteriormente, do resgate de Gabriela por Ernesto, se enquadra nas descrições de Muzart (2008), pois demonstra as adaptações realizadas para criar um aspecto tenebroso. Assim, o convento, as celas abandonadas (masmorras), os cipós emaranhados no ferro do muro do convento, tempestades e escuridões estão presentes na cena e são qualificadas pela pesquisadora como características presentes em romances oitocentistas escrito por mulheres. Portanto, apresentadas as características elencadas como importantes, daremos destaque às personagens femininas presentes na narrativa oitocentista brasileira.

4.2 As personagens femininas e a construção das relações familiares no romance *A Família do Comendador* (2022)

Em relação às figuras femininas presentes na obra, destacamos 10 personagens que comandam a história para o bem ou mal, dependendo da perspectiva do leitor. Classificamos essas personagens em duas categorias, 7 mulheres burguesas: Carolina, D. Maria das Neves, Gabriela, Mariquinha e Maria de Souza, Anita e Emília e 3 mulheres em situação de escravidão: Camila, Emília e Alina.

A nossa primeira personagem é Carolina, como afirma Antonio Candido (2018, p. 54), “a personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos”, Carolina se constitui como uma personagem que vive a narrativa do começo ao fim. Por esse motivo, ao ler o romance, provavelmente, ela será um dos pontos mais memoráveis, seja de forma positiva ou negativa para o leitor. A personagem é descrita da seguinte forma pelo narrador:

Dona Carolina era morena, seus cabelos eram negros, seus olhos tinham a mesma cor, coroados de longos cílios e grossas sobrancelhas; mandava só com um olhar e sua palavra era rápida, assim como sua voz era rouca e vigorosa. Era baixa e magra como seu marido, mas nada delicada, bastava vê-la uma única vez para compreender sua força de vontade e o fogo das paixões adormecidas no fundo de sua alma ardente e impetuosa (Manso, 2021, p. 17).

No decorrer do romance, podemos classificar Carolina como uma mulher gananciosa, fria e que não mede esforços pela continuidade da herança familiar, mesmo que seus atos ameaçassem a felicidade e integridade física e/ou psicológica dos próprios filhos. Além do mais, a partir dos conceitos apresentados por Antonio Candido (2018) acerca da classificação dos diferentes tipos de personagens, Carolina pode enquadrar-se no que se delimita como uma personagem de costumes, pois seus traços são marcantes e de fácil identificação na narrativa. Carolina também pode se enquadrar como uma personagem plana, outra classificação proposta por Candido (2018), uma vez que a personagem não tem mudança ao longo da obra e seu interesse por dinheiro percorre desde o começo até ao fim da narrativa.

Assim, o enredo de Carolina ocorre em torno da herança da família Neves, visto que, primeiramente ela casou-se com o seu primo, Gabriel das Neves, como é dito no trecho: “casou-se com sua prima Carolina, porque sua mãe assim o ordenou, e ele obedeceu...” (p. 17). Posteriormente, ela decide os casamentos de seus dois filhos, Gabriela e Pedro. Ela inicia tal decisão, principalmente de Gabriela, pois ela e o marido acreditam que João logo morrerá, diante disso, comentam sobre a decisão: “Tua mãe tem razão; tu e teu irmão são os únicos herdeiros, Gabriela casando-se com ele, tudo será nosso desde agora, porque tu administrarás os bens de teu genro. (...) Que fortuna para nossa filha!” (Manso, 2021, p. 19). Após Gabriela

descobrir que casaria com o tio demente, entra em desespero e na primeira discussão com Carolina, a mãe diz que a filha está louca em não aceitar o casamento, já que herdará uma das maiores fortunas da corte, “Mas esta menina está louca! Casar-te com teu tio e possuir, por esse casamento, uma das fortunas mais abundantes desta corte é querer tua desgraça? (...) nós apenas desejamos a tua felicidade, e só assegurando tua fortuna poderás ser feliz” (p. 53).

Ao longo da narrativa, destacamos que Carolina não muda seu pensamento quanto ao dinheiro, pois mesmo antes e após a morte de Maria das Neves e de João das Neves, o narrador afirma que a personagem pensava apenas na leitura do testamento, “que pressa tem esse frade para que a outra faça o testamento em vez de tratar de confessá-la! Nós somos os únicos herdeiros! ... que ânsia!” (p. 114). No trecho destacado, referente à ganância de Carolina, observamos a relação com o personagem Maurício, o qual, apesar de ter estudado e se formado em medicina, ainda é considerado escravizado. Dessa forma, após a leitura do testamento, Maurício herda toda a fortuna do pai, sendo maior que a do comendador Gabriel das Neves, por isso, Carolina decide torná-lo seu médico particular:

Como já dissemos, a fortuna de Maurício fazia com que seus amáveis parentes não o renegassem em absoluto, porque isso e renegar dinheiro eram a mesma coisa, a verdade é que se pode desprezar um homem apesar da sua inteligência e de suas virtudes quando ele é pobre, o mesmo não acontece com o rico, porque se São Pedro tem as chaves do céu, os ricos têm as chaves da terra e talvez as do inferno (Manso, 2021, p. 153).

A esse respeito, Mary del Priore (2016) afirma que, durante o século XIX, os casamentos, principalmente os das camadas mais abastadas socialmente, eram por interesse, as esposas sendo mulheres frequentadoras da paróquia, família ou vizinhança⁵⁹. Logo, o casamento por interesse, orquestrado com muita ganância e frieza por parte de Carolina, era uma representação do que ocorria na sociedade brasileira durante o século XIX.

Nossa próxima personagem, Maria das Neves, da mesma maneira como classificamos Carolina, o destaque quanto à matriarca da família Neves, consiste na sua concepção em personagem esférica ou plana com pretensão a esférica, pois para Antonio Candido (2018) “a prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente. Se nunca surpreende, é plana. Se não convence é plana com pretensão a esférica” (Candido, 2018, p. 63). Uma vez que ao longo da narrativa, Maria das Neves é apresentada como uma mulher cruel, tanto com filhos quanto com as pessoas escravizadas nas fazendas da família, no entanto, ao final da obra a personagem, ao se deparar com um missionário, tenta se redimir de seus “pecados”. Desse modo, se analisarmos por outra perspectiva, Maria das Neves

⁵⁹ (Priore, 2016, p. 379).

teria se comportado da mesma forma se, nos minutos finais de sua vida, não tivesse encontrado com um pároco, sendo este de boa índole? Visto que existem na narrativa dois padres, o primeiro cometendo os pecados da gula e da ganância, o segundo é descrito como um andarilho, missionário evangélico, que não aceita dinheiro em troca de seus serviços paroquiais. Analisando o enredo e as possibilidades de interpretação, Maria das Neves não convence o leitor da redenção dos seus pecados, na realidade, pode ser considerada como uma crítica à igreja, pois a personagem pecou (cometeu crimes) a vida toda e ao fim apenas pediu perdão pelos seus erros.

Na narrativa, Maria das Neves é a primeira a propor ao filho, Gabriel das Neves, o casamento da neta Gabriela com o filho mais velho, João das Neves. Gabriel conta à esposa Carolina que, pensando na herança familiar e de imediato, aceita a proposta. A primeira aparição de Maria das Neves consiste em um momento de crueldade com seu filho João das Neves, a qual abordaremos ao final dessa apresentação da personagem. Maria das Neves enfrenta diversos momentos, os quais podem ser enumerados da seguinte forma: proposta de casamentos aos netos, doença e impossibilidade, pecados, confusão e testamento. Após isso, Maria das Neves será citada nas conversas sobre os casamentos dos netos, Gabriela e Pedro, sendo apenas no capítulo cinco que conheceremos a fisionomia da personagem, descrita pelo narrador como:

D. Maria das Neves era uma senhora na casa dos sessenta, extremamente branca e rosada; tinha sido loira, não estava muito grisalha, mas sim totalmente calva. Seus olhos eram pequenos, de cor verde claro, coroados por sobrancelhas duras e espessas, eram raros os cílios que adornavam suas pálpebras, quase sempre meio fechadas e bastante inchadas, o que contribuía para tornar seu gesto mais cruel e seu olhar mais sombrio; tinha o rosto, o queixo e o lábio superior cobertos de uns cabelos duros e ruivos; o resto de suas feições demonstrava um tipo rude e repulsivo; verdade seja dita que ela também, estava desfigurada pela velhice e por uma dessas gorduras disformes que são uma verdadeira praga, e que a impedia de se deitar, vendo-se obrigada a dormir sentada numa imensa cadeira de rodas, onde dia e noite era assistida por quatro escravas que cuidavam dela. Seja movendo a cadeira, seja lavando-a, penteando-a, abanando ou dando-lhe de beber (Manso, 2021, p. 40).

Dessa forma, após o encontro, a narrativa se concentra no enredo do casamento e nos personagens envolvidos; Maria das Neves só será citada pelos personagens e aparecerá apenas no capítulo 10, adoecendo, e no capítulo 16 ocorrerá seu falecimento. Ao longo dessas aparições da personagem, destacamos o seu intuito dos casamentos familiares, no qual afirma:

Particularmente Gabriela e Pedro. Ontem eu disse ao teu marido que João era um partido conveniente para Gabriela; certamente que com a sua morte eu sou herdeira da parte dele, e vocês são meus herdeiros, mas por seu casamento com a menina, ela será a herdeira em seu falecimento, e com a parte do patrimônio paterno e outros, já tens uma fortuna respeitável; porque um dos deveres mais sagrados é perpetuar a riqueza nas famílias. João está velho, é verdade, mas isso não importa, também conheci meu falecido marido no dia em que fomos à Igreja, é certo que só depois de dois anos de casada olhei para o rosto dele, pois não me pareceu nada bonito, embora

na verdade fosse um santo... enfim, para casar, o essencial é que seja conveniente...
 (...)

- e Mariquinha?
- Ainda não é hora (...) (Manso, 2021, p. 44).

Mariquinha é a única que, até o momento, não possui um destino traçado por terceiros, por conta da idade. No anúncio do casamento feito pela avó, não há nenhuma descrição do narrador sobre a reação de Pedro. No entanto, quanto a Gabriela, muito elogiada pela avó, exclama que o tio é louco e que não pretende se casar com ele, contudo, sua avó argumenta sobre a herança que a menina poderá receber após a realização do casamento:

O primeiro a ouvir sua sentença foi Pedro; ou seja, foi notificado que partiria para a província de São Paulo para a fazenda do tio Alexandre, porque lhe era conveniente casar com sua prima Ana⁶⁰.
 Em seguida, a avó elogiou Gabriela pelo carinho, enumerou as joias destinadas a ela à parte de sua família legítima, fez um longo discurso sobre a importância que o mundo dá aos ricos e, por fim, também lhe deu sua sentença.
 Gabriela empalideceu terrivelmente, um tremor convulsivo a dominou, mas ela ainda foi capaz de responder:

- A vizinha se esqueceu de que o tio João é louco?
- Teu tio é mais rico do que teu pai, porque além de manter intacta sua herança, os juros acumulados quase que dobram a sua fortuna (Manso, 2021, p. 45).

Outro destaque será após o derrame cerebral que acomete Maria das Neves. Assim, a personagem em um momento de fúria pela fuga de Gabriela manda punir os escravizados⁶¹ e inicia uma série de castigos na fazenda. Para Maria da Neves, Gabriela fugiu ao lado de Ernesto.

Nesse meio tempo, a senhora, por estar doente, perde os movimentos dos membros, a pessoa que se encontra na residência é o seu filho mais novo, Gabriel das Neves, o qual manda chamar médicos e um padre. Por esse motivo, nessa entrada do segundo padre, as situações familiares serão, de alguma forma, "resolvidas" por meio do testamento, pois o servo do senhor não abrirá mão de realizar as devidas correções no testamento, principalmente ao saber da história da família Neves, e que os erros seriam sanados.

⁶⁰ Nos capítulos específicos sobre o destino de Pedro, o nome da personagem é grafado como Anita e anteriormente é citada também como Anita, apenas na página 45 ela é denominada de Ana, Regina Simon Silva manteve conforme o original do romance.

⁶¹ No decorrer desta dissertação utilizamos o termo escravizados em vez de escravos. Ademais, o termo escravo também será encontrado ao longo do texto, no entanto estão presentes nas citações da obra oitocentista e em artigos de pesquisadores. Carolina Carvalho, Rafael Botelho e Marcos Rossi (2021, p. 112) destacam que: Quanto ao uso do termo escravo, tem-se uma naturalização da situação. Utilizando-se desse termo, fica a noção de que o cativo é o culpado pela sua condição de submissão e inferioridade. A sua condição não é transitória; é uma condição de vida, portanto, natural.
 (...)

As recentes discussões têm demonstrado que a expressão “escravizado” é mais adequada para se referir aos agentes passivos do processo de opressão, por respeitar a humanidade dos agentes passivos desse processo, deixando claro que eles foram submetidos à escravização e não estão submetidos a ela de maneira natural.

Portanto, buscamos utilizar o termo correto e assim respeitar aqueles que sofreram tal processo de escravização.

Assim que foi descoberta a fuga de Gabriela, para proceder em ordem, dom Gabriel foi à casa da senhora para lhe contar o que havia acontecido e para receber conselhos da sua prudência e experiência: Dona Maria estava nesse dia com o diabo nas tripas, como vulgarmente se diz: desde o amanhecer, que haviam iniciado as punições, e a fé de que a vizinhança não deveria estar muito satisfeita de tal espancamento (...)

Ao voltar à casa de sua mãe, viu um grupo de pessoas em sua porta, escravos que corriam de um lado para outro e o alarme dos vizinhos; o comendador saltou da carruagem e subiu correndo as escadas, foi recebido pelos escravos em confusão, dona Maria estava tensa e roxa em sua poltrona, aniquilada por uma furiosa apoplexia⁶². O comendador enviou a seu pajem no coche para que chamasse o médico, enviou outro escravo diligente ao *Morro do Castelo* para buscar um sacerdote (Manso, 2021, p. 73-74).

Após a expectativa de morte da matriarca, os acontecimentos do capítulo 16 possuem forte teor sentimentalista, ocorrendo a realização da confissão da personagem, o testamento e sua morte. Além disso, evidencia o breve retorno da consciência de João das Neves que, após seu casamento oficial com Camila, visita o leito de sua mãe, que se encontra em completa agonia. De acordo com o narrador, João faleceu duas horas depois da vista e Maria das Neves algumas horas em seguida.

Enquanto isso, o escrivão aproximou uma mesa à poltrona de dona Maria, e como faltavam apenas as cláusulas, começou a preenchê-las segundo a enferma ditava, auxiliada pelo bom religioso, que com admirável instinto guiava a razão debilitada da moribunda; pode-se dizer que aquele testamento era uma confissão expiatória de todos os crimes daquela senhora tão orgulhosa, tão cruel e tão avara.

(...) A agonia do remorso duplica a fadiga do transe fatal, e uma angústia amarga a atormentava.

Em meio a esses conflitos, a essas lágrimas e a essa agonia da morte e do arrependimento, a voz suave e a palavra de esperança e perdão do missionário podiam ser ouvidas. Ao cabo de duas horas o testamento estava terminado, foi lacrado, fechado numa gaveta da escrivaninha que havia ali, o homem da lei se retirou, e dona Maria ficou sozinha com o apóstolo evangélico contando-lhe os segredos de sua alma e recebendo o consolo de um irmão nas falas daquele homem singular (Manso, 2021, p. 114-115).

Portanto, os desejos finais de Maria das Neves foram justificados como sua forma de se redimir dos seus pecados em vida:

Dona Maria lhes falou com carinho, perguntou se Gabriela já tinha sido encontrada e recomendou que a deixassem livre, e pediu ao filho que naquele momento mandasse recado a Macacu, chamando Camila e seus filhos; porque era de sua vontade que dom João, mesmo insano, legitimasse seus filhos casando-se com a escrava que já não o era, visto que no testamento ela a reconhecia como sua nora.

(...) O primeiro desejo de dom João, ao voltar à razão era perdoar e abraçar a mãe: dona Maria manifestou o desejo de vê-lo, abraçou Maurício, fez-lhe muitas carícias, chamou-o de neto, entregou-lhe a chave da gaveta onde estava o testamento, dizendo que sua vinda era uma prova da providência (...) (Manso, 2021, p. 115-116).

A próxima citação descreve o testamento de Dona Maria das Neves, destacando as disposições de como ela organizou a distribuição de sua fortuna e os legados que deixou. A

⁶² Apoplexia é uma hemorragia cerebral que causa a suspensão dos movimentos e da sensibilidade.

personagem libertava muitos escravos e os beneficiava com pequenos legados. Além disso, ela dividia sua fortuna igualmente entre seus filhos, João e Gabriel, deixando legados iguais para suas noras Carolina e Camila:

Dona Maria das Neves deixava livre muitos escravos, particularmente os que mais sofreram, acompanhando-lhes a liberação de pequenos legados. Dividia o resto de sua fortuna igualmente entre seus filhos João e Gabriel. Deixava legados iguais para suas noras Carolina e Camila, e o mesmo espírito de justiça dominava as demais ordens do testamento em relação aos netos (Manso, 2021, p. 151).

Por outro lado, mesmo que a personagem tenha se arrependido (ou apenas foi o medo religioso de ser punida pelos erros), uma das passagens marcantes de Maria das Neves ocorre em sua primeira aparição. João das Neves retornou da Inglaterra com ideias sobre libertação dos escravizados e novas formas de seguir a fazenda, além de informar que estava apaixonado por uma inglesa, cujo pai era padre e casado (evangélico) e iria se casar, com a permissão da mãe ou não. Em razão disso, Maria das Neves, enlouquecida de ódio, manda o capataz segurar João e amarrá-lo ao tronco, nele o personagem é açoitado violentamente até perder os sentidos e a consciência, não sabendo distinguir ninguém e nem a si mesmo:

Quando D. Maria das Neves ouviu a história do namoro de seu filho com uma *herege*, *filha de um padre casado*, sua ira foi tanta que se lançou sobre o jovem e o acertou com o chicote que levava sempre na mão. Dom João falava com lucidez, e ela dava golpes, então o rapaz exasperado, jurou que ao completar a maioridade, exigiria o que era seu e fugiria de sua família e de seu país para sempre. A essa ameaça feita diante do administrador, de seu filho caçula, Gabriel, e das duas fileiras de mucamas que cosiam na varanda, dona Maria chamou o feitor (capataz) e mandou prender o filho. A tempestade tinha chegado a seu ponto máximo. O rapaz resistiu como um leão, seis escravos vieram em auxílio dos feitores. Então não houve filho para mãe, senão um homem enfurecido: afastemos os olhos e tapemos os ouvidos... O jovem caiu vencido... ele foi amarrado de pés e mãos... e D. Maria das Neves mandou açoitar o filho, com a mesma chibata com que os escravos eram açoitados... Dom João foi amarrado ao tronco do castigo, e só quando suas carnes voaram em pedaços, quando o sangue correu de suas grandes feridas, quando o açoitado era um corpo inerte, que a força da dor mesmo aniquilara, e quando os escravos, todos de joelhos, imploraram misericórdia para seu jovem senhor, o castigo cessou, o mártir foi envolto em panos de vinagre e lavado para enfermaria (Manso, 2021, p. 26- 27).

Como podemos perceber, a descrição da cena é muito realista e faz o leitor relacionar o momento de sofrimento de um jovem branco e burguês com o que as pessoas que estão em situação de escravidão passam diariamente. Maraysa Silva (2023) analisa que “do ponto de vista do narrador, é estabelecido um contraste entre a mãe violenta e o filho humanista” (p. 314), ou seja, o ponto de vista do narrador faz o leitor ter um direcionamento da leitura dos personagens, no caso, o sofrimento de João das Neves. Do mesmo modo, podemos pensar na seguinte situação aos leitores da época: o sofrimento de João das Neves foi mais sentido do que o sofrimento de Alina? Será que Juana Manso colocou dois personagens distintos na mesma situação para que o leitor tivesse consciência da infame realidade que estava ocorrendo no

Brasil oitocentista? Sendo assim, de alguma forma, podemos pensar que Manso, com as denúncias em suas narrativas, estava apresentando às suas leitoras e aos seus leitores o lado cruel da história brasileira.

Ao analisarmos as personagens Carolina e Maria das Neves, podemos analisá-las como uma metáfora dentro da narrativa, pois ambas fogem do modelo esperado de uma mulher brasileira oitocentista, “frágil, bonita, sedutora, boa mãe, submissa e doce. As que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais” (Priore, 2016, p. 410). Manso tinha conhecimento desse modelo, tanto que, na sua primeira tentativa de escrita do romance, coloca Carolina como uma mulher frágil e dedicada, mas, no ano seguinte, muda a personalidade da personagem.

Dessa maneira, as duas mulheres não são antinaturais, mas uma metáfora do comportamento masculino, dado que, de acordo com os estudos de Mary Del Priore (2016) e Gerda Lerner (2019), os homens têm o poder de decidir o que acontecerá com suas filhas e esposas. Logo, modificar o traço das personagens pode ter sido uma forma de demonstrar e denunciar o comportamento dos homens da sociedade brasileira oitocentista. Além do mais, Maraysa Silva (2023, p. 129) reforça que Carolina e Maria das Neves praticam “violência psicológica exercida sobre as filhas/netas nessas narrativas como uma metáfora do patriarcado”.

As relações familiares construídas no romance são, em sua maioria, comandadas por mulheres. No entanto, a realidade brasileira era diferente, enquanto Carolina comandava o seu engenho e Maria das Neves sua residência e suas vozes eram lei, fora do romance, as leis dentro da casa eram comandadas pelos homens, normalmente, o pai. Por isso, podemos pensar na metáfora sobre as duas mulheres, a voz delas que eram respeitadas, enquanto que a voz do marido e de outros personagens masculinos fica em um plano praticamente esquecido na narrativa. A possível hipótese é que Juana Manso pode ter utilizado o comportamento masculino nas personagens femininas para que seu romance circulasse entre os leitores, sendo criticado ou respeitado, mas o importante era que sua mensagem fosse divulgada. Ademais, há, de fato, uma crítica à hipocrisia no comportamento de Carolina, que troca o controle e a segurança financeira por ignorar as infidelidades do marido. Por sua vez, dona Maria, insatisfeita, transmite sua própria história aos filhos como uma forma de vingança. O objetivo é retratar um panorama dos costumes da época, especialmente para alcançar o público masculino, já que ela desejava educar e conscientizar as mulheres. Para Gerda Lerner:

A conexão das mulheres a estruturas familiares tornou muito problemático qualquer tipo de desenvolvimento da solidariedade feminina e coesão grupal. Cada mulher individual foi ligada a seu parente homem em sua família e origem por laços que implicavam obrigações específicas. Seu doutrinamento, desde a tenra idade em diante,

ênfatizava sua obrigação não apenas de contribuir em termos econômicos com a família e a estrutura familiar, mas também de aceitar um parceiro de casamento alinhado com os interesses familiares (Lerner, 2019, p. 268).

Ou seja, ao analisarmos o trecho anterior, percebemos que a solidariedade feminina é quase inexistente, na verdade, temos duas mulheres que se solidarizam com outras mulheres, Maria de Souza e Alina. Outro ponto dessa análise é a ligação com algum parente homem, mesmo a narrativa sendo construída por mulheres, as personagens principais possuem ligações com os personagens masculinos, vejamos Carolina casada com o primo; Maria das Neves ligada aos filhos; Gabriela ligada ao pai, ao tio; a Ernesto; Mariquinha ligada ao pai e ao primo Maurício e Camila ligada a João das Neves. Por último, temos a história de Gabriela, pois o escolhido é seu tio e ela como filha mais velha tem que casar primeiro⁶³ e de acordo com os interesses familiares envolvidos no arranjo.

Nossa terceira personagem é Gabriela, cuja vida é decidida primeiramente pela avó e, posteriormente, pela mãe. Desde o primeiro momento, percebe-se que a personagem tem uma personalidade forte e não aceitaria facilmente o casamento com tio João das Neves. Além do mais, Gabriela surpreende o leitor ao realmente fugir de casa e ir para um convento. Assim, levando em consideração os pressupostos de Antonio Candido (2018), a personagem pode ser caracterizada como esférica, de modo que surpreende as leitoras com sua audácia em questionar a avó, a mãe e ter a iniciativa na tomada de decisões, o que não é comum nas personagens femininas presentes nas narrativas oitocentistas. Dessarte, o narrador caracteriza Gabriela da seguinte forma:

Gabriela tinha a fisionomia e o caráter diferente de sua família. Era melancólica e concentrada, leal e sincera em suas afeições, compassiva com os escravos, e possuía uma alma altamente comedida, debaixo de um exterior delicado.

Era alta, e sua cintura flexível e graciosa tinha uma certa preguiça adorável em seus movimentos, a cor de sua pele não era o branco alabastro da raça-anglo-saxônica, nem o trigueiro dos trópicos, era um desses morenos suaves e pálidos, animados por um colorido quase imperceptível. Seus grandes olhos negros eram coroados por longos cílios e brilhavam sobre ela as negras mechas de seu cabelo de ébano fino e sedoso, sua boca era regular e um certo sorriso melancólico deixava ver duas fileiras de dentes brancos e pequenos como dois fios de pérolas.

Tinha em seus olhos, esse olhar límpido e sereno que também reflete as sensações do coração, e um certo não sei que de choro que os tornava mais interessantes (Manso, 2021, p. 34).

No decorrer da narrativa é perceptível a maioria dessas características, principalmente, a lealdade e a sinceridade. O enredo de Gabriela inicia-se na varanda de sua residência, em uma noite enluarada na qual seus irmãos, Pedro e Mariquinha, estão conversando e rindo da vida em

⁶³ Mary Del Priore (2016, p. 426) ao contar a história de amor da escritora piauiense Amélia de Freitas e Clóvis Beliláqua descreve que a própria escritora comenta que, por ser a filha mais velha, devia se casar por primeiro.

direção oposta à da irmã que é questionada sobre seus pensamentos naquele momento. Gabriela começa a falar da beleza daquela noite e seus irmãos a questionam sobre o cavalheiro que dança com ela todas as valsas, a personagem fica enrubescida, nesse momento, Pedro exclama algo que será perceptível até o fim da narrativa: “Não sou tão bobo a ponto de namorar sem o consentimento de mamãe, porque em nossa família o gênero feminino é o mais forte!” (Manso, 2021, p. 36). Ao final da obra, podemos perceber o quanto Pedro estava certo de sua afirmativa sobre o poder das mulheres dentro da família Neves.

No dia seguinte, Gabriela e os irmãos, junto com os pais, vão até a fazenda da avó, cujo objetivo dos mais velhos é falar sobre o destino dos três jovens. Após a reunião, d. Maria das Neves anuncia o casamento de Gabriela e tio João das Neves, como mencionado anteriormente. Durante o anúncio percebemos o quanto Gabriela fica aterrorizada pela notícia, questionando sua avó pela decisão, além das leitoras verem a característica da sinceridade mencionada pelo narrador quando a personagem afirma: “A vizinha esqueceu que o tio é louco?” (p. 45), seguido de outro comentário sincero de Gabriela à sua avó: “Pois eu, - continuo a jovem com voz firme - prefiro virar freira a me casar com o pobre louco do meu tio” (p. 45). Com isso, a personagem sai abalada pela decisão e no capítulo seguinte descobrimos que há algo mexendo com os sentimentos de Gabriela, a jovem está apaixonada por Ernesto de Souza, um jovem rapaz formado em Direito, filho de um marinheiro português.

O narrador diz que a família Souza não era pobre, mas não eram ricos como os Neves, contudo, possuíam influência, pois conheciam pessoas da monarquia. Assim, os jovens se conheceram nas noites de baile, o narrador afirma que o casal dançava nos bailes, mas não conversavam, tinham fortes sentimentos um pelo outro, contudo, não tinham coragem de iniciar um diálogo. No entanto, no baile seguinte, após o descobrimento do casamento arranjado, Ernesto convida Gabriela para dançar e iniciam as suas primeiras trocas de palavras. A personagem avisa que essa será a última noite de encontro entre ambos, já que ela é uma infeliz e a família dela quer o seu casamento com outro, Ernesto responde que se ela é infeliz, então, ambos serão infelizes, porém, no momento que a jovem tenta contar quem é o pretendente que sua família deseja, ela é interrompida pelo seu irmão Pedro a chamando para ir embora.

-Creio que será a última vez que nos vemos.

O jovem apaixonado, por sua vez, sentiu que todo seu sangue fluía ao coração e com um olhar de atroz inquietude, respondeu à jovem:

- Por Deus... explique-me, senhora, que mistério escondem suas palavras.

- - Sou muito sofredora, Senhor!

- Então o sou também?

- Ambos somos infelizes...

- Ambos! - repetiu ele-, mas se a senhora compreende a tormenta que me causam suas primeiras palavras... explique-se como! Não nos veremos mais?

- Ah, senhor! São segredos horríveis!

- Mas é horrível não nos vermos mais... não sente que isso não é possível? E por quê?
- Porque querem que eu me case com outro, e esse outro...
- Gabriela - disse Pedro aproximando-se de sua irmã -, é hora de nos retirar (Manso, 2021, p. 51).

O momento acima citado pode ser analisado como algo único entre os jovens casais, pois, como mencionado antes, eles apenas se olhavam durante os bailes. Mary Del Priore (2016) menciona que:

O olhar, por exemplo, era importantíssimo. Exclusivamente masculino, ele escolhia, identificava e definia a presa. Era um lugar de relações de dominação, de poder e força, inclusive sexual. Um olhar feminino livre seria percebido como um olhar obsceno, lúbrico. Olhar, portanto, era coisa de macho. Esse foi, também, um tempo em que as paixões se apresentavam na forma de modificações corporais: as lágrimas, os suores frios, o tremor, o rubor das faces, os gemidos e suspiros. Esses eram signos gerados na alma e no coração. A tristeza? Ela fazia o sangue correr mais espesso e lento, acentuando a palidez do rosto (Priore, 2016, p. 379).

Dessa forma, o encontro de olhares, que é mencionado por Gabriela, consiste justamente no tal encontro mencionado por Priore (2016), mesmo que na narrativa Ernesto realmente seja um homem bom e sem más intenções, a paixão desses dois personagens ocorre por meio do olhar. Além do mais, a historiadora destaca dois ambientes para encontrar pretendentes no Brasil: a igreja e as reuniões nas residências para dançar e cantar, sendo, precisamente, em um baile que Ernesto e Gabriela se apaixonam.

Após a chamada de Pedro, Gabriela e família deixam o baile e retornam para casa com ares de tristeza e insatisfação. Ao chegarem em casa, Carolina e Gabriela iniciam uma discussão na qual a jovem comunica que está apaixonada pelo jovem com quem estava dançando no baile, mas Carolina se revolta com a situação, porque ela sabia das informações pessoais do rapaz e, para ela, ele não era um nobre digno de fazer parte de sua família. Durante a discussão, destacamos os tipos de relações estabelecidas na narrativa e também durante esse período oitocentista brasileiro, pois Gabriela afirma que não sabe nada sobre seu amado, nem mesmo seu nome ou seu endereço, mas está apaixonada por ele.

Logo, ao mesmo tempo que a mãe de Gabriela, Carolina, está errada quando quer obrigar a filha a um casamento com o tio, ela também está certa ao questionar a filha afirmando que a menina é petulante e sem discernimento ao afirmar que ama uma pessoa sem ao menos conhecê-la, levando em consideração que a reação da mãe é algo a ser questionável pelo leitor. Destacamos nessa discussão dois pontos, o primeiro seria durante a publicação da obra, já que os relacionamentos amorosos da classe burguesa eram construídos a mando de terceiros (pai, mãe, avô, tio etc...). Dessa forma, talvez as leitoras não tenham se questionado do comportamento de Gabriela em se apaixonar por alguém que não conhecia. Ademais, para as leitoras do século XXI, o comportamento de Gabriela é ainda mais efêmero, dado que os

relacionamentos amorosos parecem ser cada vez mais superficiais, baseando-se menos no verdadeiro conhecimento da índole do parceiro (a).

Após a conversa, há uma passagem de tempo de mês na narrativa, no qual se menciona a situação de total desolação da personagem e da sua reclusão em seu quarto. Nesse ínterim, Carolina manda trazerem para sua residência João das Neves para acelerar os preparativos do casamento. Enquanto a família Neves cuidava do casamento, na família Souza Ernesto andava cabisbaixo, até que não aguentando de angústia conta a seus pais de sua paixão por Gabriela. Assim, sabendo do sofrimento do filho, o pai, Dom Egas de Souza, decide ir no dia seguinte à casa da família Souza para pedir permissão para casar o filho Ernesto e a jovem Gabriela Neves. O dia seguinte é o próximo capítulo intitulado "A fugitiva", nele acontece 3 situações, a primeira é a chegada do tio de Gabriela, João das Neves, na noite anterior; a segunda é a fuga de Gabriela e a terceira é a conversa de Dom Egas e Carolina sobre o destino de seus filhos.

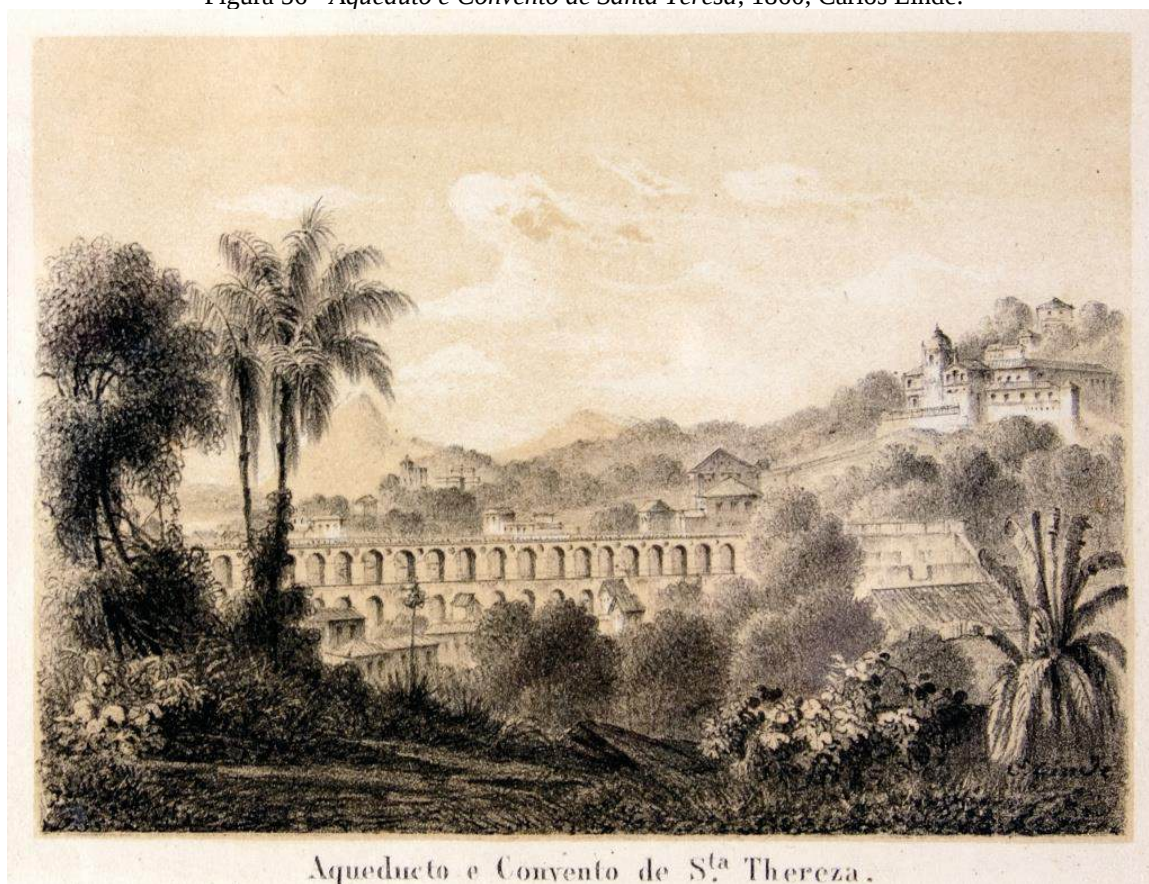
Para entendermos a segunda situação é necessário situar o leitor nas duas anteriormente citadas, pois é com a chegada do tio que Gabriela tem uma conversa sincera com a mãe e decide fugir para um convento. Assim, Gabriela diz à mãe que escutou os gritos do tio e ajoelha na frente da outra, implorando para que esse casamento não aconteça. Carolina, já sem paciência aos apelos da filha, diz:

-Oh! não sejas boba, uma mulher não morre porque a casam contra o seu gosto e muito menos quando se adquire uma fortuna com esse casamento.
 - De sorte que só um milagre da Providência poderia me afastar do meu destino fatal.
 - Chega de loucura e impertinência - gritou D. Carolina, empurrando a filha -, levanta-te e retira-te a teu quarto, e deixa de bobagem. Amanhã, aproveitando a melhora de João, os contratos serão assinados e assim que o médico disser que não há perigo se casarão. Pela última vez repito, não exageres um pequeno sacrifício com o qual obterás uma posição vantajosíssima... esses amores que perturbam tua cabeça não valem a pena sequer ser lembrados. sabes o que acontece com a maioria das moças que se casam por amor com um desses galanteadores da moda? Que aos seis meses de casamento eles já desprezam a mulher e a substituem por qualquer amante; e aquela que se sacrifica por algum homem não vai enganada, porque o pagamento que eles dão é sacrificar por sua vez a que se sacrificou por eles (Manso, 2021, p. 67).

Assim, Carolina afirma que casar por amor não é válido e logo o esposo trocará a mulher pela amante, semelhante a história de vida da própria Juana Manso. Após o discurso de Carolina, Gabriela pede a bênção da mãe, retira-se para o seu quarto e lá ela encontra sua ama de companhia Alina, a qual será destacada no tópico seguinte.

Gabriela decide fugir, despede-se de Alina e foge para o Convento de Santa Tereza (figura 56):

Figura 56 - *Aqueduto e Convento de Santa Teresa*, 1860, Carlos Linde.



Fonte: *Brasiliانا Iconográfica*

Priore (2016) destaca que a fuga e o rapto das meninas eram comuns durante o oitocentos devido a, em sua maioria, os pais não aceitarem que a filha escolhesse um pretendente.

Muitas vezes, o namoro não aprovado pelos pais encorajou o rapto da moça pelo pretendente. Os jornais brasileiros de meados passado - quem conta é Gilberto Freyre - estão cheios de notícias sobre o assunto. Eram moças a quem os pais não consentiram o casamento e que afirmavam seu direito de amar, independentemente das situações de raça, dinheiro ou credo. Segundo ele, essas fugas de novela marcam o declínio da família patriarcal e o início da família romântica (Priore, 2016, p. 393).

De acordo com a citação acima, os raptos eram comuns, analisando nossa narrativa, Gabriela não foi raptada, mas fugiu por causa do casamento arranjado com o tio e a não aceitação de sua escolha por Ernesto.

Ao sair de casa durante a madrugada, às 2h00 mais especificamente, Gabriela atravessa algumas paisagens destacadas pelo narrador até chegar ao Convento, na porta do prédio a personagem pede para entrar, mas a freira a interrompe. No entanto, a jovem acaba desmaiando na entrada e a freira escuta a queda e abre a porta do estabelecimento levando-a para dentro.

Gabriela acorda no convento e é levada até o capelão que a questiona sobre qual o motivo de ela estar ali. O padre, ao ouvir o desabafo da jovem, diz que tudo foi uma provação para que ela pudesse chegar até ele e tornar-se esposa de Cristo, Gabriela então responde que irá pensar nas palavras do padre.

Enquanto Gabriela se retira para um dormitório, o padre recebe em seu escritório D. Egas, pai de Ernesto, para retirar Gabriela daquele lugar e assim poder casá-la com seu filho, no entanto, o capelão e o senhor acabam tendo uma discussão calorosa, que resulta sem sucesso no reencontro de Gabriela com o jovem mancebo, mas para o padre resulta em saber quem é a moça que "socorreu" em seu convento.

Assim, o reencontro de Gabriela e Ernesto ocorre após o rapaz saber pelo pai que a jovem estava no convento e proibida de receber visitas. O mancebo decide se vestir de mulher e vender objetos, tecidos, roupas, sedas, agulhas, o que acaba persuadindo a madre e deixá-lo entrar no convento, em um instante ele/ela vende todos os objetos que trouxe, as freiras trazem Gabriela para reanimá-la e ela acaba reconhecendo seu amado pelo olhar, ele consegue entregar-lhe uma carta orientando que no dia seguinte irá resgatá-la, o dia seguinte chega, mas as coisas não ocorrem como planejado. Acontece que o capelão vai até a casa dos Souzas para influenciar na permanência de Gabriela no convento, o comendador escutar a ladainha do sacerdote. No entanto, no dia que a jovem terá de vir até a casa para se despedir da avó que acabou de falecer, o capelão revoltado retorna ao convento e afirma a Gabriela que os pais a abandonaram, ela acredita na armação e cai em uma profunda desilusão. No dia seguinte, aparece no convento Mauricio, primo de Gabriela, a mando do pai dela para buscá-la do convento e se despedir dos parentes, Maurício percebe as mentiras contadas pelo capelão e retorna para a fazenda dos Neves. Ernesto, indignado com a situação, acaba indo até a fazenda da família Neves e encontra Maurício, que comenta ao mancebo sobre as intrigas do convento. Assim, na mesma noite, Ernesto pula o muro do convento à procura de Gabriela e a acha chorando muito e com febre, a jovem reconhece o mancebo, eles conversam e ela pergunta o seu nome, ele responde e ela retruca pedindo para ele ir embora, mas ele afirma que:

- Ernesto!... Vá embora, senhor, já me viu ... não diga a ninguém o que pensariam de mim... talvez a presença do senhor nesta casa seja um crime!
- Eu não sou porventura seu esposo, Gabriela... desde que nos amamos, a senhora não se considera ligada a mim, como eu sou... desde esse dia que nossas almas se encontraram e se uniram, não nos pertencemos mutuamente?
- Não diante do mundo!
- E o que importa o mundo, Gabriela, se estamos diante de Deus! (Manso, 2021, p. 147).

Assim, após essa conversa, Gabriela escreve uma carta ao bispo contando sobre sua situação e pedindo sua liberdade do convento. Ernesto e Gabriela se despedem com um beijo, no qual o narrador pede às leitoras um pouco menos de rigidez, pois o casal já sofreu demais:

(...) Ernesto se despediu de Gabriela, deixando-lhe seu relógio para que ela medisse as horas que iriam passar separados, levando de sua amada um beijo de despedida; ora, vamos foi o primeiro, e não precisa ser tão rígido, era pouco para tanto empenho e tortura! (Manso, 2021, p. 147).

No dia seguinte, o bispo aparece no convento, escuta a história do capelão, mas responde que quer ouvir Gabriela, essa se ajoelha, pede perdão ao bispo e conta toda a verdade. O bispo, diferente do padre, é descrito pelo narrador como uma pessoa boa e atende aos pedidos da jovem Gabriela. Na mesma hora há uma carruagem de fora do convento esperando por Gabriela, é a mãe de Ernesto que vai buscar a menina. A jovem é levada até a casa dos Souzas, pois sabiam que a menina não suportaria as últimas notícias da família sem um zelo maior de terceiros.

Assim, passado o luto, as famílias se acertaram e os jovens tornaram-se noivos e casaram seis meses depois da morte de Maria de Souza.

Gabriela, livre da prisão conventual e do horrendo casamento que forjara a ganância e desfizeram a morte, havia voltado para o lado dos pais, após ser informada sobre tudo o que tinha acontecido; e como as circunstâncias mudaram e os Souzas eram pessoas de tão nobre linhagem, já que não houve obstáculos para a união dos dois amantes, ficando decidido que ao finalizar o tempo do luto o casamento aconteceria (Manso, 2021, p. 152).

Durante esse tempo, os jovens estavam sempre juntos e com a felicidade estampada no rosto de ambos. Gabriela se casaria:

vestida de branco, a coroa de flores de laranjeira nos cabelos, o véu virginal na cabeça, ajoelhada ao lado de seu querido Ernesto, recebia a bênção nupcial, e pronunciava com voz emocionada de prazer o juramento que ligava sua vida à de quem amava!

(...)

Diferente do costume, quando a cerimônia acabou, os noivos partiram para Petrópolis; para esconder dos olhos profanos e curiosos a imagem encantadora dos seus amores e das suas alegrias (Manso, 2021, p. 155).

Mary Del Priore (2016, p. 383) afirma que “o que se observa na literatura romântica desse período são propostas de sentimentos novos, onde a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade”. E é o que podemos visualizar na citação acima, apesar de todas as dificuldades impostas durante a narrativa, Gabriela consegue casar com quem escolheu como parceiro e, principalmente, com quem amava e, acredita-se, que foi feliz.

Por último, destacamos as últimas 4 personagens femininas que são: Emília 1⁶⁴, Emilia 2, Maria de Souza, Anita e Mariquinha, elas possuem pouco ou nenhum espaço na narrativa, mas cada uma tem sua importância na história. Ademais, todas essas mulheres podem ser consideradas personagens planas ou tipos, pois elas são apresentadas superficialmente, não que elas sejam caricatas, mas não há um processo evolutivo de suas personalidades ou de suas histórias.

A Emília, a qual marcamos como a primeira, é a mulher que João das Neves se apaixona na Inglaterra. A personagem é descrita pelo narrador como alguém que amou Ernesto, o rapaz gostaria de se casar com a moça, mas o pai dela era protestante e gostaria que as coisas fossem acertadas também com a família de Ernesto. A família de Emília era muito religiosa e no dia da partida de Ernesto para o Rio de Janeiro, o casal ora com a bíblia em suas mãos: “D. João e Emília trocaram suas bíblias, era sobre elas que eles oravam e meditavam com frequência, principalmente Emília, acostumada a essa leitura desde a adolescência” (Manso, 2021, p. 23). O rapaz se despede da amada e da família que o acolheu e retorna ao Rio de Janeiro em uma viagem de dois meses.

A segunda personagem é Maria de Souza, cujo seu aparecimento é em torno de seu filho, Ernesto de Souza, e seu marido, D. Egas de Souza. Maria não aparece muitas vezes na narrativa e nas poucas aparições está na presença do filho e do marido. O narrador inicia seu relato sobre Maria de Souza no capítulo de apresentação da família e da casa de Ernesto, ele diz que “Não abriremos a porta da alcova de Dona Maria de Souza, mãe de Ernesto, onde durante tantos anos goza essa felicidade, a mais bela de todas, a de um amor honesto e legítimo” (Manso, 2021, p. 59). O narrador destaca que a pureza e a serenidade da alma⁶⁵ familiar refletia na harmonia da casa. O segundo momento da personagem é quando o filho Ernesto conta aos pais sobre sua paixão por Gabriela e a mãe prontamente afirma que o casamento entre os jovens era a forma mais eficaz para a felicidades de ambas as partes, destacamos que sabemos desse posicionamento através do pensamento do narrador, pois Maria de Souza não possui falas individuais na narrativa. Por fim, seu último aparecimento é ao buscar Gabriela no convento de Santa Tereza e levá-la para sua casa em busca de acolher a menina.

A terceira personagem é Anita, pretendente de Pedro. Anita é citada no começo da narrativa pela avó Maria das Neves e Carolina. A jovem, diferente de algumas personagens aqui

⁶⁴ O nome das personagens é o mesmo, Emília, mais adiante será apresentado o motivo. No entanto, para distingui-las enumerei como 1 e 2.

⁶⁵ Manso, 2021, p. 59.

citadas, ganha destaque na narrativa nos capítulos 17 e 18, pois neles veremos o enredo de Pedro e Anita, que já possuía um pretendente antes da chegada do primo.

Da personagem não sabemos suas características físicas, pois, após a chegada de Pedro na fazenda da família localizada em Minas Gerais, o narrador apresenta as discussões em torno do sentimento dos personagens. A moça já possui um interesse amoroso por um tenente da região, no entanto, o pai dela é contra a união. Esse mesmo rapaz acaba virando amigo de Pedro durante a viagem, os dois acabam conversando e possuindo uma “troca recíproca de conhecimentos e relações” (Manso, 2021, p. 121), mas ao chegaram na cidade o tenente descobre que o rapaz é o novo pretendente de Anita determinado pela família dela.

Pedro é bem recebido por Alexandre, pai de Anita, quanto a filha o tratou com frieza e uma distância considerável para demonstrar que ele não terá chances com ela. O narrador comenta que, diferentemente do que a Anita esperava, Pedro não demonstrava interesse na menina e aproveitava os dias na fazenda como se estivesse de férias e conversava com Anita da forma mais respeitosa possível. No entanto, Alexandre estava odiando a situação, porque acreditava que Pedro deveria investir em Anita e agindo dessa forma estava facilitando a relação da filha com o tenente. Todavia, Pedro, de acordo com a narrativa, estava jogando, sem querer, o pior jogo amoroso, o desinteresse. Assim, veremos que o desinteresse de Pedro afetou Anita, pois ela adorava quando ele contava sobre o Rio de Janeiro e mexia com os sentimentos dela o fato dele não a cortejar. Na história, o rapaz passa 4 dias fora e, nesse momento, o narrador declara que Pedro também está interessado na prima, mas por saber que ela tem sentimentos por outro homem decide que ao regressar à fazenda conversará com o tio e irá retornar ao Rio de Janeiro. No retorno de Pedro, ele e Anita tem um breve diálogo/discussão, uma vez que ambos estão interessados um no outro, mas não conseguem assumir seus sentimentos:

- O que minha senhora quer? Amor com amor se paga.
- O que o senhor quer dizer com isso?
- Quero dizer que somos indiferentes um para o outro, que nossos destinos não devem se unir e que sou para vós apenas um primo. Vós, para mim, sois também uma prima, porque sou a favor da reciprocidade de sentimentos (Manso, 2021, p. 128).

Assim, percebemos o quanto Pedro, de alguma forma, está correto em seu posicionamento, pois, para ele, ela tem outro amor, e não adiantaria ele demonstrar interesse por alguém que não teria reciprocidade.

A história romântica dos dois é decidida após a realização de um baile, na festa Anita não consegue disfarçar os ciúmes e o interesse em Pedro, que virou o centro das atenções, além do que, ao mesmo tempo o tenente, que está no local, percebe que Anita está interessada em outro rapaz e não nele e sai de cena. Passados 3 dias após o baile, Anita e Pedro saem para

observar o pôr do sol, o ambiente em que estão é tranquilo e romântico e de alguma forma ajuda na reação chorosa de Anita, que em seguida se declara para Pedro e pede para ele não retornar ao Rio de Janeiro:

Anita passou seus braços em volta do pescoço do primo e, escondendo a cabeça em seu peito, murmurou soluçando:

- Não partas não, meu Pedro, porque eu te amo!

Pedro apertou-a contra o peito e não conseguiu articular uma palavra de tão comovido que estava (Manso, 2021, p. 131).

Assim, igualmente às narrativas oitocentistas de características românticas, o final de Anita e Pedro, como podemos ler acima, está de acordo com as outras obras românticas da época, no qual o casal tem pouco desenvolvimento e logo aparecem apaixonados um pelo outro. A construção do relacionamento não é imediata, Manso apresenta um casal que teve um casamento arranjado, mas que traz um homem que respeita a decisão da moça, que já tem um amor, mas acaba conquistando-a porque se apaixona por ela, um tipo de casamento quase impensável para a época. É como se ela apresentasse o tipo de homem que ela pregava no seu periódico, respeitoso, que aceita um não em prol da felicidade da amada. Essa atitude chamou a atenção da moça e fez com que ela se apaixonasse por ele.

A última personagem é Mariquinha, que também aparece apenas em alguns momentos dentro da narrativa e possui um final surpreendente em comparação às narrativas oitocentistas publicadas na época. Mariquinha é a única jovem que, de acordo com a avó Maria das Neves, por ser muito jovem, não tem o destino determinado por um casamento arranjado, pois ela só tem 14 anos de idade.

A personagem é apresentada pelo narrador como uma menina alegre, bonita e que possuía um caráter brando e indulgente. Como podemos verificar no trecho seguinte:

Mariquinha era um desses tipos alegres, bonitos e encantadores como se encontram nas garotas de sua idade. Era, além disso, de um caráter brando e indulgente, mas simultâneo a essa docilidade, era indolente e irresoluta, era uma cópia menos exagerada de seu irmão. Por isso, ambos se davam melhor e embora os três se amassem, Pedro e Mariquinha eram amigos íntimos (Manso, 2021, p. 34-35).

Após a fuga da irmã, Mariquinha só aparece para lembrar e pedir à mãe que parasse de castigar Alina. Nesse sentido, a família se reúne para ir até a fazenda de Maria das Neves e na saída Mariquinha orienta a um mensageiro que libertasse Alina do cruel castigo imposto por Carolina.

O narrador destaca que Mariquinha fica atordoada com os acontecimentos, por isso ela demora em ter alguma atitude decente com Alina. Após isso, o retorno da personagem ocorre apenas ao final da narrativa, o narrador afirma que Mariquinha e Maurício se encantam um pelo outro. Após se conhecerem e da leitura do testamento, ocorre que Carolina, mãe de Mariquinha,

por puro interesse financeiro, decide criar laços com o rapaz e os demais parentes. No entanto, depois de Carolina descobrir o interesse amoroso da filha pelo primo, ela se enfurece e não aceita que a filha se envolva com o rapaz.

Deixo à vossa consideração, leitoras, o espanto e a dor de dona Carolina e de seu esposo quando descobriram tão hediondo crime!
Amar a um mulato! Mesmo sendo primos e tão próximos, era uma coisa monstruosa!
É verdade que eram primos, mas não tinham culpa disso! E a tinham por acaso de se amarem? (Manso, 2021, 153-154).

Após seis meses de luto, no casamento da irmã, Mariquinha é vista de braços dados com Maurício durante a cerimônia: “(...) e Maurício, pálido e pensativo ao lado de Mariquinha, que trêmula de emoção apenas toca o braço de seu primo, com sua mão rígida, ainda dentro das luvas de Jouvin!” (Manso, 2021, p. 155).

O que surpreende é que a narrativa termina com o narrador contando que, após um mês do casamento de Gabriela e Ernesto, são vistos, na entrada do paquete inglês da carreira Southampton⁶⁶, de mãos dadas, Carolina e o marido Gabriel das Neves e Maurício e Mariquinha, dando a entender que os dois formavam um casal. Logo, o narrador afirma:

Quando a campainha da comida chamou os passageiros à mesa, entraram no vasto salão que serve de refeitório, entre outros diversos passageiros - o Comendador e sua esposa -, e Maurício, dando o braço para a prima Mariquinha.
É que hoje está muito na moda viajar, e nem a bordo, nem nessas populosas capitais europeias, vão perguntar a um estrangeiro, quem sois?
Sois branco ou preto? Nem é preciso temer as fofocas; por isso guardamos a esperança de que Mariquinha tenha sido tão feliz quanto seus irmãos.
Fim (Manso, 2021, p. 158).

Portanto, mesmo que a história não tenha realmente fechado um final feliz para Mariquinha e Maurício, o romance ultrapassa as barreiras em colocar dois personagens distintos juntos, pois no contexto histórico no qual o romance está inserido, Maurício ainda é considerado escravizado, bem como tal situação é citada no romance. Assim, da mesma forma que Gabriela, Mariquinha também escolhe seu parceiro, logo, podemos utilizar a mesma perspectiva anteriormente citada, de Mary Del Priore (2016) acerca da escolha dos cônjuges como sinônimo de felicidade na literatura romântica⁶⁷ e, também, na sociedade brasileira oitocentista. Além do mais, para Adriele Souza (2020), o final de Mariquinha e Maurício surpreende, principalmente levando em consideração as obras de autoria masculina com temáticas antiescravistas. Outro ponto seria a viagem da família à Inglaterra, porque, para a pesquisadora, o problema não está na união do casal, mas na sociedade brasileira escravista e racista dos oitocentos.

⁶⁶ Manso, 2021, p. 155.

⁶⁷ Priore, 2016, p. 383.

Portanto, apresentadas as personagens femininas, podemos verificar algumas questões persistentes na criação de mulheres. Assim, na construção dessas personagens femininas podemos verificar formas do patriarcado presentes nas famílias dentro do romance, já que, apesar dos comandos de casamento partirem das figuras femininas, conseguimos distinguir o quanto o poder simbólico de dominação masculina está presente nas relações. Gerda Lerner (2019) no seu livro sobre *A Criação do Patriarcado* afirma que:

O sistema do patriarcado só pode funcionar com a cooperação das mulheres. Assegura-se essa cooperação por diversos meios: doutrinação de gênero, carência educacional, negação às mulheres do conhecimento da própria história, divisão de mulheres pela definição de “respeitabilidade” e “desvio” de acordo com suas atividades sexuais, por restrições e coerção total; por meio de discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político e pela concessão de privilégios de classe a mulheres que obedecem (Lerner, 2019, 267).

Cada exemplo desse pode ser enquadrado nas figuras femininas da nossa narrativa, por exemplo: a doutrinação de gênero pode ser vista na obrigação dos casamentos de Pedro e principalmente Gabriela, com pessoas de dentro do seio familiar, com o intuito de dar continuidade na herança, sobretudo para que a herança não saia desse círculo familiar. No quesito sobre a negação às mulheres do conhecimento, pode ser analisada quanto à opção da personagem poder escolher com quem casar, o conhecimento do amor ou da possibilidade de conhecer o que poderia ser uma relação amorosa. Desse modo, podemos fazer o seguinte questionamento: porque a personagem Gabriela não pode se casar com quem ama e tem a obrigação de se casar com o próprio tio? Da mesma forma, Mariquinha, que tem o sentimento negado pela família por questões racistas contra Maurício, mesmo que a narrativa coloque a questão do parentesco (primos), o peso da cor dos personagens possui um valor maior. Quanto a personagem Camila, que mais adiante abordaremos com mais detalhes, dentro do romance, é vista como respeitável e até mesmo como a segunda pessoa mais importante do engenho da família Neves, tanto que ensinam ela a ler e a escrever, contudo, a partir do momento que ela deita com o patrão, Camila “perde” a “respeitabilidade” e possui um “desvio” que seria o último traço do patriarcalismo apontado por Gerda Lerner (2019).

Logo, ao mesmo tempo que temos personagens femininas com grandes atitudes sobressaindo aos mandos dos homens, temos mulheres com raízes dominantes do machismo e do patriarcado, pois a criação familiar e o contexto em que estão inseridas ajuda nesse ciclo.

Silvia Federici (2017) afirma que “Karl Marx nunca reconheceu que a procriação poderia se tornar um terreno de exploração, e pela mesma razão, um terreno de resistência” (p. 179); do mesmo modo também que “tampouco imaginou que os homens e mulheres poderiam ter interesses distintos no que diz respeito a fazer filhos, uma atividade que ele tratou como um

processo indiferenciado, neutro do ponto de vista do gênero” (p. 180). Assim, podemos refletir sobre duas personagens femininas do nosso romance, Carolina e Maria das Neves, as quais vão explorar os filhos e netos pensando na continuidade dos bens da família, que não escape das mãos delas para pessoas desconhecidas. Carolina vai tentar casar os dois filhos mais velhos, Gabriela com o tio, que não consegue; e Pedro com a prima Anita, que se apaixonam e se casam. Já Maria das Neves obrigou o filho a casar com Carolina, que é sua prima; e o rapaz, dito como louco, não se casou com ninguém por consequência da dominação da mãe, que ficou comandando a herança do filho, e da loucura que a própria lhe causou.

Antes de concluirmos, é interessante pensarmos em um contraponto existente nessas personagens, Silvia Federici (2017) salienta que, a partir do século XVII, surge um novo método de feminilidade:

(...) a mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. Esta mudança começou no final do século XVIII, depois de as mulheres terem sido submetidas a mais de dois séculos de terrorismo de Estado. Uma vez que foram derrotadas, a imagem da feminilidade construída na “transição” foi descartada como uma ferramenta desnecessária, e uma nova, domesticada, ocupou o seu lugar (Federici, 2017, p. 205).

A partir das personagens já apresentadas, a exemplo de Carolina, Maria das Neves e Gabriela, podemos verificar que não ocorre tais características, já que todas não são passivas, muito menos obedientes ou parcimoniosas, todas elas possuem de alguma maneira um comportamento transgressor dentro da narrativa.

4.3 Uma tentativa (in)eficaz de dar voz aos personagens negros em um romance oitocentista

A narrativa de Manso possui uma característica que só terá destaque, novamente, na publicação do romance *Úrsula* (1859), da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis. Juana Manso aborda em seu romance a pauta escravista da época, dando destaque aos castigos sofridos pela população negra. No entanto, como mencionado na introdução desta dissertação, Regina Silva (2022) destaca que a primeira autora brasileira a dar visibilidade a essa população é Maria Firmina dos Reis.

Pontuamos também que Nísia Floresta publicou *Páginas de uma vida obscura*, em 1855, no formato de folhetim no periódico *O Brasil Ilustrado*, no Rio de Janeiro. A narrativa conta os sofrimentos do escravizado Domingos, dividida em dezessete partes, os sofrimentos de Domingos incluem ser traído por seu senhor após assumir a culpa por um crime, sendo

vendido como escravo no Rio de Janeiro em vez de receber a liberdade prometida. Ele também enfrenta a separação de sua amada Maria devido à guerra civil, além de perder seus filhos e enfrentar a morte da esposa. Domingos passa por privações físicas e emocionais profundas, mantendo-se firme em suas virtudes cristãs, apesar das adversidades cruéis impostas pela escravidão. Assim, Nísia Floresta também escreveu sobre a escravidão no Brasil praticamente no mesmo período que Juana Manso, o que demonstrava que as escritoras brasileiras estavam envolvidas em denunciar as práticas escravistas presentes no território brasileiro.

Ademais, é inevitável fazer comparações entre os personagens de Maria Firmina dos Reis e Juana Manso. Percebemos que a primeira autora coloca os personagens em situação de escravidão em igualdade aos mocinhos, dando-lhes o espaço necessário dentro da narrativa. Enquanto no romance de Manso, percebemos a indignação da autora com a escravidão, mostrando situações vivenciadas por escravos. No entanto, os personagens negros não ganham tanto destaque no plano narrativo com falas, diálogos, pensamentos, apresentações individuais e até mesmo capítulos de destaque individual. Desse modo, eles são apresentados pelo narrador ou por outros personagens, ficando afastados na história, eles possuem um papel importante, como o fato deles mexerem nas estruturas da família Neves, mas não ao ponto de terem destaque como Carolina e Gabriela, o único que possui as características consistentes apresentadas acima é Maurício, mas ele, diferentemente das mulheres, é um homem negro, filho de uma escravizada com um homem branco, e que saiu do país para estudar Medicina.

No entanto, as mulheres permanecem somente em casa cuidando dos afazeres domésticos e da família. Sendo assim, o romance de Manso possui uma validação ao expor personagens que refletem a realidade da sociedade escravista brasileira oitocentista, porém, da mesma forma, peca ao não, realmente, dar voz às verdadeiras personagens da história contada por Manso e da história brasileira. Quanto ao personagem Domingos, de Nísia Floresta, destacamos como um indivíduo principal da narrativa e os seus sofrimentos demonstram como a autora tinha sensibilidade pela luta abolicionista que ocorria ao longo dos oitocentos.

Adriele Souza (2022) apresenta que há uma diferença na narrativa mostrando que ela está dividida em dois níveis, o primeiro seria “os escravizados aparecem por meio da menção da narradora e de falas dos personagens brancos. Nesse caso, não são representados em sua individualidade, mas sim um coletivo sem rosto, ou sensibilidade; são os ‘negros no geral’” (p.18). Em respeito ao segundo nível, seriam os personagens que “têm, rosto, nome, fala (e história)” como Camila, Maurício e Alina. Em outros termos, dentro da narrativa, possui a separação dos personagens negros ou, como menciona a pesquisadora, há um branqueamento para aqueles que a narradora destaca no romance, como o personagem Maurício.

Logo, a partir dessas análises apresentaremos os seguintes personagens: Camila, Emília 2, Alina e Maurício, a ordem é de acordo com as aparições deles durante o decorrer da narrativa. Assim, apresentaremos Camila, a qual na obra é apresentada como uma das mucamas⁶⁸ de dona Maria das Neves, na narrativa ela é descrita pelo narrador como alguém de raça mista, já que ela é filha de uma mulata⁶⁹ e um homem branco, além do filho Maurício, é a única que possui uma descrição de suas características, o narrador assim a descreve:

Era uma bela mulher de raça mista, isto é, filha de mulata e de branco; reunia o tamanho alto e flexível das Africanas, a pele lisa, ligeiramente bronzada, o cabelo preto e brilhante da raça portuguesa. Em seu rosto oval de feições bastante regulares, em seus olhos grandes e pretos adornados por longos cílios, havia tanto bondade quanto tristeza no seu olhar e dignidade em seu porte (Manso, 2021, p. 29).

Na narrativa, Camila é considerada uma mulher resignada, mas que não era submetida a escravidão, além de ser considerada como alma da administração do Engenho, ela se destaca por sua “inteligência, sobriedade, asseio e estrito cumprimento de suas obrigações” (Manso, 2021, p. 30). Camila tinha acesso às chaves dos armazéns que guardavam as comidas, roupas, ou seja, tudo passava pelas mãos da personagem desde remédios até na vigilância de outros empregados, outro fator mencionado pelo narrador é que Camila foi permitida a aprender a ler, escrever e a somar. Mary Del Priore (2016, p. 340) alega que “ler e escrever não eram habilidades estimuladas para moças pobres, obrigando-as a realizar trabalho doméstico e a sonhar com o casamento e a maternidade como única via de passagem para o mundo adulto”.

Logo, como vimos no capítulo 2 desta dissertação, ler e escrever não eram estimulados para as mulheres no geral, enquanto para as mulheres brancas e burguesas ocorreu uma verdadeira luta para terem direito à educação, para as mulheres pobres, negras e escravizadas aconteceu de uma forma pior. Assim, identificar que Camila sabia ler e escrever tem seu ponto positivo e negativo, pois a personagem sabia administrar a fazenda e, como consequência de seu bom trabalho, lhe foi ensinado a ler e escrever. Ou seja, aqui temos uma dualidade, porque ler e escrever não eram estimulados para mulheres pobres, mas ao mesmo tempo temos a

⁶⁸ Manso, 2021, p. 29.

⁶⁹ Atualmente o termo é considerado racista sexista, pois para Liliam Silva (2018, p. 77) o termo de acordo com:

Os movimentos negros brasileiros refutam a utilização da palavra por dois motivos: 1) linguístico – derivação de ‘mulus’, do latim, atualizado por ‘mula’, o animal que surge da cópula de duas raças diferentes – o asno e a égua, que, no século XVI, derivou-se na América hispânica para ‘mulato’ como uma analogia ao caráter híbrido do animal, considerado uma raça inferior já que não possui a possibilidade da reprodução; e 2) cultural – a falsa impressão de democracia racial que há no país, associado à representação da mulher negra ou mestiça através do corpo branqueado e hiperssexualizado.

Assim, a utilização do termo nesta dissertação ocorreu devido a palavra ser utilizada pela escritora para caracterizar a personagem Camila. No entanto, reafirmamos nosso papel em salientar que o termo não é adequado.

representação de uma mulher, escravizada, que sabia ler e escrever, além de conseguir administrar sozinha uma fazenda.

O restante da história de Camila envolve D. João das Neves, pois desde criança ela sentia algo especial pelo rapaz, após ele retornar da Inglaterra ela: “sentiu os primeiros sintomas de uma paixão crescendo em seu coração” (Manso, 2021, p. 30), mas a personagem escondia seus sentimentos de todas as pessoas da fazenda. O narrador afirma que, durante o castigo de João das Neves, Camila sofreu muito e segurou as lágrimas para evitar descobrirem sua paixão pelo patrão. Assim, depois de ser atestado como um louco incurável, Camila é designada a cuidar de João, o que a deixou alegre e triste, uma vez que o rapaz não estava em suas faculdades mentais saudáveis. Na fazenda para qual o rapaz foi mandado, Camila podia demonstrar o seu amor pelo patrão sem receio e por conta desse cuidado o rapaz se habituou a Camila e, de acordo com o narrador, os dois se entregaram, conforme dito: “(...) sem lembranças do passado, sem consciência do presente, um dia seu sangue jovem ferveu em suas veias e Camila foi mãe” (Manso, 2021, p. 31). Com isso, duas crianças nascem dessa paixão, Maurício e Emília que, após a descoberta do nascimento das crianças, Maria das Neves acusou a ambos afirmando que João das Neves não era louco para se deitar com alguém e Camila era uma mulher hipócrita, acusando-a de ser uma canalha sem virtude. Assim, a família era feliz à sua maneira e Camila vivia pelos filhos e por João, ao contrário do que pensava Maria das Neves, a personagem não tinha pretensão pela herança dos Neves.

A história termina com Camila chegando à fazenda de Maria das Neves, visto que ela foi chamada pela patroa para lhe conceder a liberdade e o casamento com João das Neves. Em seguida, a matriarca colocaria no testamento Camila e os netos como herdeiros da herança de João das Neves e aos demais negócios que ela achou como necessários a eles.

Mary Del Priore (2016, p. 387) salienta que “matrimônios eram, sobretudo, atos sociais de grande importância”. Na narrativa, a solicitação de Maria das Neves em querer oficializar o casamento entre Camila e João das Neves, oficializar uma união existente, dar liberdade à Camila e aos filhos, além dos bens materiais que têm por direito, pois no testamento de Maria das Neves ela afirma os direitos devidos à nora e aos netos, porém para eles receberem seus direitos devidos eles precisavam ser pessoas livres. Dessa forma, o casamento de Camila e João das Neves foi um ato social de grande importância, como mencionado pela pesquisadora, uma vez que oficializou a liberdade daqueles que até então eram pessoas escravizadas.

Ao ler a história de Camila e João das Neves, podemos levantar uma discussão sobre o ato sexual deles, pois no início da narrativa o narrador afirma que o “sangue de D. João das Neves ferveu e Camila foi mãe”, como se ela não tivesse tido coragem de negar algo ao amor

dela, o que nos direciona a uma interpretação de abuso sexual. Assim, tal interpretação pode ser confirmada mais adiante, quando João das Neves tem um breve momento de lucidez e pede desculpas ao filho Maurício pelo seu comportamento com Camila, além de afirmar o seguinte:

-Tua mãe?... Ah! É verdade!... Oh! Filho, perdão... o que eu fiz no meu delírio...
 - O senhor não é culpado.
 - Não mesmo, enquanto a razão me ajudou, sempre respeitei as escravas! Oh! infelizes! São muito miseráveis! Estou muito fraco, filho... se Deus me conceder sua graça, amanhã decifrarei todo este mistério que me envolve! (Manso, 2021, p. 99).

A partir das questões apresentadas pelo narrador sobre o primeiro ato sexual de João e Camila e a citação acima sobre o pedido de perdão de João ao filho, podemos pensar na hipótese que ela foi vítima de abuso sexual. No entanto, a personagem, de alguma forma, também se aproveita da situação com João, nutrindo sentimentos pelo patrão e não negando um carinho dele, mesmo ele não estando lúcido de seus atos. Dessa forma, podemos pensar que ambos estão errados na narrativa, João por dizer que estava em delírio e se aproveitou da situação e Camila por ter se deitado com um homem que não estava lúcido.

Nossa segunda personagem é Emília, que não tem uma apresentação de suas características, apenas é citada durante a narrativa como a filha ilegítima de João das Neves e Camila, além do mais, ela aparece em dois momentos, o primeiro, não em forma física, apenas ocorre uma apresentação do narrador ao abordar sobre os filhos de Camila com João das Neves e ao mesmo tempo o motivo dela levar o mesmo nome que a primeira paixão de João. O segundo momento é quando mencionam a chegada dela na fazenda de Maria das Neves para se despedir da avó, além de testemunhar o casamento do pai, a morte dele e receber sua liberdade, enquanto sua avó determina que os três, Camila, Emília e Maurício fossem libertos e recebessem sua devida herança familiar.

João das Neves, em seus delírios, menciona o nome de Emília e, assim, após o envolvimento do rapaz com Camila, sua cuidadora, ela dá o mesmo nome para a filha deles: Emília. O narrador afirma:

Os filhos de Camila se chamaram: o primeiro, que foi um varão, Maurício; a mais nova, que era mulher, Emília.
 Emília, porque o louco pronunciava esse nome, às vezes involuntariamente, e porque ela, Camila, sabia que esse era o nome da jovem a quem seu senhor amava na Inglaterra. (Manso, 2021, p. 31).

Como podemos perceber Emília, além de ter o nome em homenagem a uma pessoa desconhecida, é totalmente apagada da narrativa, pois o romance termina e não sabemos o destino dela. Assim, esperamos que, ao receber a herança, ela tenha aproveitado da melhor forma possível e encontrado um final razoavelmente feliz.

A terceira personagem é Alina, a qual aparece quatro vezes na narrativa. A moça acompanhava Gabriela, que a considerava como sua ama. A primeira aparição de Alina ocorre no capítulo 9, na fuga da moça, pois a jovem chora nos braços de Alina por conta da tentativa de casamento forçado com o tio. Durante o momento de lágrimas, a personagem roga dizendo que está muito triste pelo o que estão planejando a sua ama:

-oh, Alina! dizia a infeliz - meu tio chegou! O que será de mim meu Deus!
 -Sinhazinha! - respondia Alina - ama do meu coração! Tua escrava rogando a Deus muito! Não ouve a mim!
 -Pobre Alina! Tu pelo menos tens compaixão de mim!
 -Oh, muita! Eu mãe de minha ama, eu não faz isso!
 -É preciso tentar um último esforço- disse Gabriela -, e levantando-se da cama onde há dois dias a febre e a prostração a mantinham, dirigiu-se ao quarto da mãe (Manso, 2021, p. 66).

Na citação acima, destaca-se, levando em consideração os leitores dos últimos séculos e aqueles mais sensatos, o fato de Alina reafirmar sua posição de subordinação para com Gabriela ao usar os termos "sinhazinha", "ama", "tua escrava". Tais termos refletem, de alguma forma, o pensamento da sociedade da época, já que, a julgar pela história, tais palavras eram usuais e "normais". Ainda no mesmo capítulo, após a conversa de Gabriela com a Mãe, ela decide fugir e faz de Alina sua cúmplice:

- Está bem, mãe - respondeu a infeliz menina, e foi para o quarto. Alina a esperava inquieta e, ao vê-la, correu para ela.
 - Que diz, Senhora?
 - Não há esperança... Alina, eu vou fugir esta noite!
 - Eu com vós, Sinhazinha?
 - Não pode ser,
 - Oh! À noite sozinha vós?
 - Sim.
 - E para onde?
 - Para um convento!...
 - Vós freira, minha ama? Eu não ver-te mais?
 - Será o que Deus quiser! (Manso, 2021, p. 68).

Às duas horas da madrugada, Gabriela e Alina se despedem uma da outra, o narrador enfatiza que naquele momento não há diferença entre as duas, "nem branca nem negra", apenas mulheres se despedindo: "chegando à porta lançaram-se nos braços uma da outra, ali não havia escrava nem senhora, nem branca nem negra, havia duas mulheres aflitas, cujos corações igualavam a dor e a amizade" (Manso, 2021, p. 68).

No parágrafo seguinte, há algo que podemos relacionar com questões religiosas e o sofrimento, flagelo, pois o narrador afirma que Gabriela começa a andar e Alina fica de joelhos com as mãos cruzadas rogando a Deus proteção à Gabriela. Sendo assim, podemos pensar que o autoflagelo de Alina por Gabriela seria uma forma de rogar a Deus pela proteção da jovem. Além do mais, o ato é considerado um gesto penitencial. Ademais, podemos refletir outro

simbolismo, considerando a jovem Gabriela como algo divino e Alina estaria rogando por e para ela:

Gabriela começou a andar e Alina, de joelhos, a seguiu com as mãos cruzadas em oração, até que seus olhos não puderam mais distinguir as ondulações do branco vestido de sua adorada ama e que a areia amortecesse os passos de sua carreira... então, Alina deu os mais violentos sinais de desespero, até que, acalmando-se um pouco, subiu a ladeira veloz como um servo, entrou no quarto de sua ama, e deitou-se em um canto, cobrindo a cabeça e remexendo em sua mente de que modo executaria a cena de comédia que teria que representar essa manhã (Manso, 2021, p. 69).

Logo após a fuga de Gabriela, Carolina conversa com D. Egas de Souza afirmando que a filha fugiu e Alina está sendo "açoitada" por não querer revelar o paradeiro da jovem: "Não tenho dúvidas, senhor, mas... minha filha fugiu de casa esta noite; a escrava que a servia foi açoitada e ela não quer confessar... diz apenas que a menina queria entrar para um convento..." (Manso, 2021, p. 71).

No capítulo 11, temos a última aparição de Alina sendo castigada a mando de Carolina. A mãe de Gabriela estava furiosa por conta da fuga de sua filha e descontava sua raiva em Alina, a qual não sabia responder sobre o paradeiro de Gabriela. Alina sabia que Gabriela ia para um convento, mas não sabia qual. No entanto, Carolina acredita que Alina estava mentindo e, por isso, fez uma última tentativa de persuasão em oferecer dinheiro, roupas e até mesmo sua liberdade, contudo, tudo foi em vão, como podemos notar:

E quando se cansou de pesquisar, de renegar os Souzas, de mandar um escravo a cada dez minutos para ver se avistava o coche do comendador, ela se irritou com a infeliz Alina, chamou-a de volta à sua presença e começou a fazer-lhe mil ofertas, seja de dinheiro, de vestidos, até de sua liberdade, para que confessasse se sua ama não recebia cartas de algum rapaz, se ela nunca havia falado de algum com ela etc., etc., perguntas infames todas, Alina de nada sabia e por isso não lhe custava negar, contudo, sua ama vendo que suas ofertas no (sic) surtiam efeito, recorreu de novo aos aços (Manso, 2021, p. 82).

Nesse episódio de Alina, o narrador descreve a cena de violência cometida contra a personagem. Para Adriele Souza (2022), a circunstância abaixo representa “uma realidade bárbara, essa cena concentra o ápice da denúncia de Manso ao escravismo, dada a brutal violência da qual Alina é vítima” (p. 24). Além do mais, também podemos analisá-la como uma marca do abolicionismo no romance oitocentista de Manso devido a seu apelo ser fortíssimo para o leitor de qualquer século:

Existem diversos castigos nos países escravocratas, mas o das mucamas quase sempre nos pequenos delitos se restringe à palmatória; Alina já havia recebido o suficiente essa manhã; suas mãos ainda estavam inchadas e doloridas; por isso, diante da nova ameaça de punição, ela chorou e implorou; foi em vão. Veio o terrível feitor e recomeçou o suplício da vítima. Quando as mãos de Alina estavam todas arrebentadas, gotejando sangue, eles a deixaram lamentar seu martírio em um canto e Dona Carolina voltou a enviar escravos em diferentes direções; enquanto buscava resposta a sua inquietude, voltou a chamar a Alina, novas promessas e novas ameaças lhe foram

feitas, mas Alina já estava determinada, e quando um negro fica obstinado e obcecado, poderão matá-lo, ele é valente para a dor, e é indiferente às promessas, só o afeto reina em seu coração e doma sua natureza irritada. Se Dona Carolina ameaçou, Alina respondeu que a matassem, pois já a haviam castigado à toa duas vezes, era melhor acabar logo.

(...)

A pobre negra foi levada para o quartel do castigo, brutalmente despida, amarrada ao tronco da dor, e torturada diante daquela fúria sem alma e sem consciência!

Em vão ela viu a carne de sua vítima enrugar-se açoitada pelo chicote, depois voar em pedaços e o sangue correr de seu corpo; ela sequer piscou! Aos gemidos de angústia, aos gritos de dor, ela respondia com uma risada triunfante e com irônicos apelidos (Manso, 2021, p. 82-83).

Maraysa Silva (2023) salienta que “a violência sofrida por Alina é considerada um martírio ético, dado o sacrifício para proteger, ao mesmo tempo, Gabriela e a imagem de si” (p. 316). Dessa forma, a tortura sofrida por Alina foi uma forma brutal da escritora em demonstrar aos leitores da época que o povo escravizado sofria e a consequência de tais atos violentos e racistas. Ainda em consonância com a pesquisadora, Alina é totalmente desumanizada, porque, ao lermos o trecho acima, o leitor pode perceber que a personagem se torna um objeto nas mãos de Carolina e que ela pode descartá-la sem nenhuma dor na consciência.

Além disso, conforme a citação acima, após as últimas agressões em Alina, Gabriel das Neves chega em casa sem notícias de Gabriela e depois de uma breve conversa com a esposa, o casal e Mariquinha se retiram para fazer uma refeição ao mesmo tempo que Alina estava amarrada. Desse modo, é possível realizar uma observação quanto ao comportamento social daquela época, pois percebemos pelos personagens como era o tratamento dos escravizados, com total e absoluto desprezo pela vida dessas pessoas. Mary Del Priore (2016) comenta que durante as refeições à mesa não se escutava barulhos além da mastigação dos alimentos e “considerado de mau gosto interromper qualquer refeição para receber visitas” (p. 216), se para receber visitas era mal visto saírem da mesa, imagine tendo como motivo a libertação de um escravizado? É praticamente impossível imaginar tal ato, visto que a família brasileira seguia regras, mesmo que não tivessem humanidade, sendo justamente verificado na cena da família Neves comendo e Alina sendo penitenciada. Após a família se retirar para fazenda de Maria das Neves, chega na casa o jovem Maurício, o capataz pede que vejam a jovem Alina:

(...)

- Na verdade é que bem apressado me encontrava agora, e se o senhor tivesse a bondade de vir para ver a negrinha.

- Que negrinha?

- É, como o senhor é médico, e parece que está morrendo...

- Onde está?

- Neste quarto - disse o capataz, entrando com Maurício no quarto de castigo, não muito longe de D. João.

Que espetáculo horrível se apresentava ali! Alina tinha seu corpo em chagas, amarrada e contorcendo-se nas convulsões da agonia!

- Rápido - disse Maurício -, ajude-me.

- Mas senhor - responde o capataz -, foi a senhora que a fez castigar, ela não falou nada quando saiu e...
 - Ela esqueceu - respondeu Maurício com um sorriso dolorido e sarcástico -. Vamos, ajude-me ou o farei sozinho.
 Alina foi desamarrada, mas já era tarde... uma espuma sanguinolenta entre horríveis convulsões saía de seus lábios... e um momento depois morreu, aniquilada pelas horríveis dores do seu martírio!
 - Deus receba sua alma! Murmurou Maurício pálido e comovido... vamos ao quarto de D. João (Manso, 2021, p. 85).

Infelizmente, como podemos verificar no trecho, a jovem Alina acaba falecendo na história. A jovem era fiel a sua "ama" Gabriela, sofreu as piores violências e acabou não resistindo. Alina é a representação, na narrativa, de milhares de pessoas negras/pretas que sofreram durante o período escravocrata no Brasil. Assim, demonstrar naquela época de que maneira esse povo era tratado, por meio do romance, expressa como Manso se utilizou de uma ferramenta popular, o romance, para denunciar a escravidão no Brasil.

Por último, Maraysa Silva (2023) observa um comportamento importante a ser destacado, as diferentes ações quanto as agressões corporais sofridas por Alina e João das Neves, o personagem é levado para ser cuidado na enfermaria, enquanto que Alina é abandonada, mesmo com a chegada de Maurício, era tarde demais e a jovem acaba falecendo. A pesquisadora afirma que essas separações são ocasionadas por “questões de classe, raça e gênero”. Ou seja, as camadas sociais existentes entre os personagens são apresentadas de forma nítida e, na sociedade brasileira da atualidade, questões como essas denunciadas no romance oitocentista ainda são discutidas. Domício Proença afirma o seguinte sobre os personagens negros na literatura:

O personagem negro ou mestiço de negros caracterizado como tal ganha presença ora como elemento perturbador do equilíbrio familiar ou social, ora como negro heroico, ora como negro humanizado, amante, força de trabalho produtivo, vítima sofrida de sua ascendência, elemento tranquilamente integrador da gente brasileira (...) (Proença, 2004, p. 174).

Analisando essa citação, podemos verificar que a Camila seria então esse “elemento perturbador”, visto que o grande medo da família Neves seria o interesse dela e os filhos na herança, mesmo sendo direito deles; e a Alina seria então um “negro heroico”, além de também ser uma vítima sofrida, pois, ela não conta o paradeiro de Gabriela, ajudando na continuidade da fuga desta personagem.

Nosso último personagem é Maurício, filho de João das Neves e Camila. O rapaz tem um destaque na narrativa a partir da metade do livro quando Maria das Neves cai enferma e a personagem pede a presença dos netos para se despedir e “remediar” os erros cometidos no passado. Ao lermos a narrativa de Maurício e compararmos com os demais personagens negros

da obra, é nítida uma diferença na apresentação e atuação do personagem. Assim, Maurício, que é um homem, filho de João das Neves (homem branco) e Camila (escravizada), possui mais presença que as demais personagens femininas negras na narrativa. Logo, podemos pensar que Juana Manso pode ter pensado na criação de Maurício como um “personagem tipo”, no caso, o personagem representaria uma crítica à sociedade oitocentista brasileira, devido a ele como homem conseguir ter mais “direitos”, dentro do que é possível para sociedade do século XIX em comparação às personagens femininas negras. Além do mais, podemos pensar na própria irmã de Maurício, Emília 2, que não recebeu a mesma educação que ele. Assim, representando o quadro da época, seria incoerente expor as mulheres às mesmas condições.

O narrador destaca que Maurício possuía uma inteligência fora do comum e por causa disso, Maria das Neves, sua avó, lhe propôs que escolhesse entre ser capelão ou médico, o rapaz escolheu a segunda opção e assim o personagem viaja à França. Mary Del Priore (2016, p. 420) salienta que “na segunda metade do século XIX, daguerreótipos e, depois, fotografias ilustram a ascensão de mestiços, já como bacharéis, médicos, engenheiros, militares, entre outras atividades”. Com efeito, o personagem de Maurício foi ao mesmo tempo um desejo da romancista à população negra e se enquadra de alguma forma na perspectiva de Priore (2016) quando pesquisadora afirma que era possível encontrar pessoas negras em posições fora da escravidão. Entretanto, podemos perceber a diferença entre alguém que vivenciou o período e a ideia da historiadora, pois Manso traz à luz Maurício como seu desejo à população escravizada e Priore (2026) afirma que era comum encontrarmos pessoas negras com ascendência social, no entanto ela comenta apenas um exemplo de um homem negro que ascendeu socialmente em oitocentos.

Maurício retorna ao Brasil e, de acordo com o narrador, acredita que o diploma era uma garantia mais que suficiente para sua sobrevivência: “Concluído o tempo dos seus estudos, o jovem voltou ao Brasil, ignorava se era livre ou escravizado, mas com seu diploma de médico pela escola de Montpellier acreditava que fosse uma garantia mais que suficiente” (Manso, 2021, p. 32). Após seu retorno, o jovem cuidava do pai, da mãe, da irmã e dos demais moradores da fazenda de Macacu.

Na metade da narrativa Maurício é apenas citado pelo narrador e pelos familiares em suas falas. O personagem terá um espaço especial, ganhando destaque a partir do capítulo que narra a sua chegada na fazenda de Carolina para conversar com o pai, João das Neves. Sendo assim, ocorrem dois destaques, o primeiro é a tentativa de salvar a vida de Alina, que foi açoitada a mando de Carolina, e o segundo é a conversa do rapaz com o pai que, com a chegada

do filho, tem uma melhora repentina ocasionada ao escutar o espancamento de Alina, que estava na sala ao lado.

Para nos aprofundarmos em tais destaques, assim como destacado na passagem sobre Alina, Maurício chega à fazenda de Carolina, sendo solicitado pelo capataz para que o médico pudesse olhar por Alina que está amarrada ao tronco e com o corpo coberto de chagas. O médico solicita que a moça seja desamarrada, mas já era tarde demais e Maurício apenas pede para que Deus receba a alma da pobre moça.

O segundo momento de Maurício é o encontro com o pai, João das Neves, no qual ocorre o momento lúcido do pai. Maurício entra no quarto onde o pai está preso pela cunhada Carolina:

Assim, o fez o criado, e quando o Dr. Maurício fechou a porta, aproximou-se da cama onde estava o infeliz insano, então, caindo de joelhos, soltou um choro exclamando:

- Meu pai!

O louco se incorporou, ergueu a cabeça do rapaz; os últimos raios de sol poente iluminaram o rosto viril e melancólico de Maurício com um tênue reflexo avermelhado... o louco olhou para ele surpreso, depois sorriu, a expressão de seu rosto suavizou, seus olhos se encheram de lágrimas também, e aproximando a nobre fronte de Maurício contra seu peito, respondeu-lhe:

-Filho! Meu pobre filho!

Os dois se abraçaram! Por uma súbita revolução da natureza debilitada, uma estranha reação acabava de acontecer, D. João das Neves acabava de reconhecer o seu filho, recuperando sua razão perdida há tantos anos! (Manso, 2020, p. 85-86).

Como podemos ler no trecho acima, João das Neves reconhece seu filho, tem um súbito momento de lucidez e o narrador comenta sobre a passagem de pensamentos de João ao relembrar as situações que o deixaram em um estado de loucura. Após a recuperação de sua memória, o narrador cita Maurício afirmando saber o significado daquele momento de repentino retorno de seu pai, pois as horas seguintes seriam de despedida⁷⁰.

Maurício especialista na sua arte, médico-filosófico e espiritualista, compreendeu imediatamente que acontecia o que já não esperava obter, mas também não se enganou e percebeu que a partir daquele momento, as horas de vida do seu pai estavam contadas! ... e, como era religioso, sua voz trêmula de emoção, espontaneamente começou a recitar o Pai Nosso... e seu infeliz pai com prazer e calor, repetia essas suaves e caras palavras da oração de Cristo, que ele havia esquecido em meio a perda de sua razão (Manso, 2020, p. 87).

⁷⁰ Na ciência, casos como o de João das Neves, é comum entre paciente terminais ou com problemas neurológicos, Marcelo Valadares (2021) informa que na medicina não existe um termo específico para a situação, mas podem denominar como “lucidez terminal” ou “lucidez paradoxal”, o neurocirurgião afirma que: quando isso foi descrito, inicialmente no século XIX, foi em pessoas que tinham demência, ou seja, em pacientes que apresentavam doenças neurológicas ou psiquiátricas, que se encontravam totalmente sem condições de interagir, ou em casos de esquizofrenia, e que num determinado momento melhoraram e em seguida morriam (Valadares, 2021, p 1).

Logo, João das Neves tem esse momento de lucidez terminal e por ser descrito como um personagem com um distúrbio neurológico, ocasionado pela mãe.

Maurício, a partir do seu conhecimento médico, como mencionado no trecho acima, inicia sua despedida com o seu pai. Os dois capítulos seguintes são destinados a Maurício e a conversa de despedida do pai e filho. O capítulo 12, denominado Dr. Maurício, destaca uma análise breve do perfil desse jovem médico. O narrador aponta que Maurício está com 26 anos de idade, era parecido com o pai e o mais alto da família Neves e nessas características é destacado que o personagem não tinha traços negros, de acordo com a narrativa, “não o traía” (p. 93), o narrador destaca que:

Era difícil classificá-lo como mulato, porque nenhuma de suas afeições o traía, seus lábios mesmos não eram arroxeados, mas sim finos e pontiagudos, seu cabelo era preto e fino, não tinha nem buço no rosto, era moreno, mas havia certo reflexo de bronze dourado na sua pele fina e aveludada. Seus dentes eram branquíssimos e somente suas mãos podiam atestar sua origem; em torno de suas unhas polidas e rosadas, havia um círculo negro, um filete indelével da raça africana. À sua alta inteligência Maurício reunia uma educação completa adquirida na primeira Capital da Europa; possuía uma rica biblioteca em Macacu e era um homem eminente em todos os aspectos... Contudo, Maurício era um escravo, e bastardo... (Manso, 2021, p. 93-94).

Adriele Souza (2020) ressalta que Maurício ter um destaque significativo tem similaridade com o fato dele ser branqueado na narrativa, pois ele poderia ser “qualquer herói romântico: lábios, finos, cabelo preto e fino, sem barba, moreno, pele fina e aveludada, dentes branquíssimos” (p. 20). Assim, para o personagem ser apresentado na obra e demonstrar o sofrimento racista tanto dele quanto da sua família foi diluído por esta razão, isto é, o seu embranquecimento. De acordo com a pesquisadora, Manso utilizou a mestiçagem como “estratégia de anulação dos conflitos racistas” (p. 20).

Dessa maneira, a partir do trecho acima, em comparação com as personagens femininas, Maurício se destaca em sua aparição e desenvolvimento do personagem em relação às mulheres. Nesse aspecto podemos refletir que ele por ser um homem, sem tantas características, como mencionado na narrativa, facilita, de alguma maneira, a vida de Maurício, porque os homens oitocentistas⁷¹ possuem mais direitos do que as mulheres, tendo como exemplo a questão educacional trabalhada no capítulo 2 desta dissertação. Por outro lado, ele continua sendo um homem sem liberdade, escravizado socialmente, mesmo que tenha saído do Brasil e estudado medicina na França.

Seguindo o capítulo 12, o narrador enfatiza que, por Maurício ser uma pessoa dedicada à família e de um coração generoso, o personagem deveria encontrar uma mulher com “uma

⁷¹ Não apenas os homens oitocentistas, mas ao longo de todos os séculos, acreditava-se, e acredita-se, infelizmente, que eles possuíram e possuem o pensamento e a educação de que eles são superiores às mulheres, além de tentarem exercer o domínio das mulheres, como podemos verificar nos dois textos apresentados.

alma tão amorosa e espiritual quanto a sua” (Manso, 2021, p. 94), assim fortalecendo que o casamento seria uma forma do personagem ser efetivamente feliz em sua vida.

No capítulo seguinte, 13, Maurício e João das Neves realizam uma conversa sincera entre pai e filho. João das Neves, aos poucos, tenta recuperar sua memória e pede ajuda ao filho e esse conta a história do passado até aquele momento do próprio pai. Após descobrir o que aconteceu, se recorda de sua relação com Camila e pede perdão ao filho pelo que fez com a mulher, após a conversa, Maurício cuida do pai e o leva para tomar água e deitar, um momento muito afetuoso entre pai e filho, o qual é comparado pelo narrador como um momento como o de “uma mãe a seu filho pequenino, contemplou por um longo momento aquele rosto pálido e descarnado, ajoelhou-se orando em voz baixa, com fervor...” (Manso, 2021, p. 99). Dessa forma, Maurício e João das Neves conseguem ter seu momento afetivo de pai e filho nas horas finais de João, além do mais, percebemos que ocorre a oportunidade de redenção do pai para com o filho.

Nos momentos finais de Maurício, dois episódios se destacam, o primeiro após a morte de João das Neves e Maria das Neves, visto que, a mando de Gabriel das Neves, Maurício vai até o convento resgatar sua prima, mas o reverendo não aceita o rapaz e o médico percebe o jogo malicioso do religioso:

Maurício desconfiou da maquinação infernal que envolvia sua prima, e fez que o capelão soubesse que jogava um jogo muito arriscado, porque a justiça interviria no negócio e seria muito indecoroso para o convento se lhes pegassem em tal fraude, que ele tinha dados para desconfiar dessa súbita devoção em uma menina que não tinha outro motivo para refugiar-se no convento que fugir de um casamento que lhe repugnava (Manso, 2021, p. 142).

Como podemos perceber no trecho acima, Maurício era um homem inteligente e não se deixava enganar rápido, além do mais, ele tinha consciência de sua condição na sociedade oitocentista brasileira. Por fim, o último episódio marcante de Maurício é sua paixão por Mariquinha, sua prima. Como mencionado na descrição de Carolina, a mãe da jovem não aceitou a paixão dos jovens e rejeita veemente a possibilidade de ficarem juntos. No entanto, o rapaz, por ter herdado a fortuna do pai e uma parte da fazenda da avó, tornou-se o mais rico da família e Carolina, sempre ambiciosa, não o renegou totalmente e ainda o tornou médico oficial da família.

Assim, a narrativa de Maurício termina, sete meses depois do luto oficial da família, com o jovem subindo de mãos dadas a Mariquinha a bordo de um navio inglês a vapor. Apesar do narrador não expressar que os jovens estavam ou não juntos, as últimas linhas deixam em aberto ao leitor que Maurício e Mariquinha foram felizes.

A pesquisadora Gerda Lerner (2019, p. 263) também afirma que a “escravidão de mulheres, combinando tanto o racismo quanto o machismo, precedeu a formação de classes e a opressão de classes. As diferenças de classes foram, em seu início, expressas e constituídas em termos de relações patriarcais”. Essa “combinação” de escravidão de mulheres, racismo e machismo podem ser refletidas nas 3 personagens escravizadas: Camila, Alina e Emília 2. A última mencionada, Emília, é fruto da relação da mãe, Camila e do patrão João das Neves, sofre no romance o racismo, o machismo e a opressão de classe por ser filha de um casal “improvável”. A mãe, Camila, sofre o machismo oriundo das personagens femininas e, com isso, podemos confirmar que o maior medo da Carolina e da Maria das Neves era o fato da Camila e os filhos requererem a herança da família. Por fim, Alina, que é dama de companhia de Gabriela, sofre todas as opressões imagináveis a partir do momento da recusa em revelar o paradeiro da Gabriela, que fugiu para não se casar com o tio louco, nesse momento Carolina vai exercer o crime da tortura, o que levará à morte de Alina.

4.4 O Abolicionismo presente no romance de Juana Manso

Adrielle Souza (2022) afirma que a escravização era considerada como motor do desenvolvimento econômico, originando-se o racismo estrutural, o qual está até hoje impregnado na sociedade brasileira. Além do mais, ela também menciona o fato de Juana Manso ser uma mulher branca que esteve presente em países da América, tais como Argentina (seu país de origem), Cuba, EUA e o Brasil, presenciando a escravidão em todos esses locais, sendo as terras brasileiras como “a face mais cruel do processo” (p.13). Dessa forma, a apresentação de personagens negros dentro do romance *A Família do Comendador* (1854) foi mais do que apenas uma mera representação, pensando no contexto no qual a autora se encontra, mas um movimento abolicionista.

Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018) iniciam o capítulo três de seu livro *Brasil: uma biografia* afirmando que para o jesuíta Antonil os escravizados eram “as mãos e os pés do senhor do engenho porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho” (Schwarcz; Starling, 2018, p. 79). Assim, ao pensarmos no romance *A Família do comendador* (2022), a escritora utilizou do seu trabalho para denunciar a escravidão que presenciou no Brasil. Além do mais, os personagens escravizados presentes na narrativa, sejam eles os que estão envolvidos no romance ou aqueles que são apenas citados pelo narrador, demonstram o sofrimento do povo negro, explicando que sem eles as famílias, principalmente os Neves, não se sustentariam.

A citação das historiadoras nos remete ao estado da personagem Camila, pois ela é dita como a alma do engenho, sendo dela que partiam os comandos da casa e as chaves da cozinha, ou seja, ela é a concepção do conceito que o jesuíta intitula de as mãos e os pés do senhor de engenho. Enquanto Camila exercia seu papel dentro da casa grande ao lado dos patrões, os demais escravizados sofriam os tormentos da escravidão nas terras brasileiras, tais cenas serão apresentadas pelo narrador nas passagens a seguir.

Sendo assim, na primeira passagem a qual pode ser classificada como denúncia, consiste no momento de apresentação de Gabriel das Neves realizado pelo narrador. Em seguida, é afirmado que o comendador tinha relações extraconjugais com as mulheres escravizadas de sua própria fazenda, além de engravidá-las, as quais possuíam como destino, serem mortas ou vendidas para outras fazendas.

(...) reservando-se o direito de seduzir as mucamas de sua mulher e a todas as jovens inocentes de sua fazenda que cruzavam o seu caminho; desses inocentes passatempos resultavam sempre ora uma infeliz mulatinha, morta a chicotadas por ordem de sua ama, ora uma negrinha grávida vendida para alguma Província distante etc., etc (Manso, 2021, p. 17).

Nesse trecho, o narrador emprega palavras como “seduzir” e “inocentes passatempos” na tentativa de apaziguar a situação, ou uma ironia por parte do narrador, mas logo em seguida apresenta o destino cruel das moças. Schwarcz e Starling (2018) destacam que os senhores abusam de seus poderes e as mulheres escravizadas foram as que mais sofreram na mão de homens cruéis. Além do mais, o corpo dessas mulheres era utilizado como instrumento de prazer e tortura por parte de homens e mulheres:

Padecer com a arbitrariedade e o abuso dos senhores era moeda corrente, e mulheres escravizadas não poucas vezes foram vítimas do sadismo deles. Seu corpo não era apropriado apenas como produtor de riqueza, mas também como instrumento de prazer, gozo e culpa no caso dos proprietários, e de ódio, por conta dos ciúmes das senhoras. Aqui aparece pintada, e com tintas fortes, a sexualidade exercida com a “aparente” passividade da mulher escravizada, a qual era antes uma rendição apavorada (Schwarcz; Starling, 2018, p. 93).

A citação das historiadoras condiz com a realidade levantada pelo narrador do romance, pois algumas palavras utilizadas por ele nos remetem a essa “passividade” da mulher escravizada, infelizmente, sabemos que não era o que realmente acontecia. Por sinal, quando elas falam do ciúme e do ódio das senhoras, nos remete a duas personagens do romance, Carolina e Maria das Neves, que se apropriam dos corpos escravizados para demonstrar seus sentimentos de ódio, o que veremos um pouco mais adiante.

O segundo momento marcante que podemos afirmar como o anúncio e prol da causa abolicionista é o retorno de João das Neves para a casa de sua mãe, Maria da Neves, no qual é mencionado pelo narrador que o rapaz, antes mesmo de pisar nas terras brasileiras, pretendia

mudar o destino das pessoas escravizadas presentes na fazenda. Dessa forma, temos uma demonstração explícita em prol da visão abolicionista. O narrador diz o seguinte sobre o sentimento do personagem:

Passados os primeiros transportes, o nosso viajante lembrou-se dos outros tristes quadros da escravidão que havia presenciado na infância, e prometeu a si mesmo que hoje, como primogênito, se fosse chamado para administrar os negócios, grandes vantagens e reformas poderiam ser introduzidas nos engenhos. Ele contava em aliviar o destino de seus escravos, e então dizia: se eles não me deixarem fazer o que eu penso, e se minha mãe me negar o seu consentimento para meu casamento com Emília, esperarei minha maior idade, já tenho vinte e quatro anos, esperarei um ano mais, a essa época eles me entregarão minha legítima paterna e poderei voltar à Inglaterra (Manso, 2021, p. 25).

Dessa forma, João das Neves tinha uma visão diferenciada da família, no entanto, é válido mencionar que ele estava fora do Brasil e tinha passado por países nos quais a venda de pessoas para a escravidão já não era vista com bons olhos. Logo, o comportamento dele reflete também no da própria autora que sempre menciona os países “mais desenvolvidos” como locais para serem seguidos, como já destacamos no capítulo anterior. Além do mais, o personagem tinha muitos sonhos e uma lista de situações caso nada do que ele planejasse acontecesse e realmente nada do que ele planejou aconteceu.

Quando João das Neves chega à fazenda, temos o contraste ao sermos apresentados pelo narrador ao quadro de escravidão presenciado pelo jovem rapaz. O narrador destaca o sentimento humanístico e a empatia do personagem em relação aos escravizados:

Desde o dia seguinte à sua chegada, o canto lúgubre e monótono dos negros, que ao raiar do dia já saem ao campo para trabalhar, lembrou-lhe que esses homens, essas mulheres, essas crianças eram escravos, que iam regar a terra com o seu suor, sendo que Deus os havia feito livres como ele e um abuso cruel e feroz, atropelara essa liberdade, acorrentando-os a mais bárbara escravidão.
Nada tão oposto em aparência e costumes do que a modesta e pobre casa do Dr. Smith e o luxuoso engenho de Macacu.
Lá a prática simples da virtude, da caridade, do amor a seus semelhantes.
Aqui, a ausência absoluta da caridade, incompatível com a escravidão, a ausência da virtude que não se admite com a imoralidade de instituições viciosas. A crueldade e opressão em vez do amor a seus semelhantes (Manso, 2021, p. 25-26).

Dentro da passagem acima, temos muitas camadas sobre a situação exposta pelo narrador. Quando João das Neves mostra seu sentimento de empatia para com os escravizados, não é apenas o sentimentalismo que ali vivem, até porque a comparação que vem logo a seguir da casa do Dr. Smith e do engenho de Macacu reflete os contextos históricos nos quais a escritora estava inserida. O personagem de João das Neves, ao chegar na Inglaterra, logo se interessa por uma moça cuja família é protestante e seguem os ideais de caridade aos mais pobres. Juana Manso também era protestante, mas além disso versava sobre as ideias iluministas da época, de que o homem deveria ser livre, sem opressões políticas ou econômicas, pensamento esse que rondava a Europa e, conseqüentemente, a Inglaterra. Ou seja, João das

Neves reflete características da própria autora com a ideia de liberdade aos escravizados. Além do mais, quando é dito que na Inglaterra se praticava a caridade e no Brasil não temos, percebemos a influência que o personagem teve ao ter acesso aos comportamentos caridosos da família Smith.

O narrador desempenha um papel essencial ao denunciar a crueldade e a desumanização do sistema escravocrata dentro dos engenhos perpetrados pela família Neves. Os seguintes trechos destacados nos demonstram como pequenas frases do narrador ou do sentimento de algum personagem trabalham em prol da denúncia:

Pobre raça, que os brancos colocaram ao mesmo nível dos animais irracionais, despojando-a não só de seus direitos, mas também negando e proscurendo-lhe suas afeições mais justas e caras! E somente entre si, ao ouvido um do outro, podem murmurar suas dores e seus martírios! (Manso, 2021, p. 33-34).

No trecho acima, o narrador não poupa esforços em acusar os brancos de negar a liberdade a um povo negro que sofre as piores injustiças. Além desse trecho, também ressaltamos outros momentos, como o fato de os escravizados serem bem “tratados” na casa da família Souza, no entanto, não é identificado que são pessoas livres e ganham pelo trabalho: “para completar o quadro, vemos nos rostos sorridentes e satisfeitos, que eles são tratados como filhos por senhores” (Manso, 2021, p. 60). Assim, dizer que é tratado como filho não é o mesmo que afirmar que são homens e mulheres livres e trabalhadores.

Outras frases que evidenciam o cenário de escravidão, tais como o momento de ira de Maria das Neves antes de cair enferma: “Dona Maria estava nesse dia com o diabo nas tripas, como vulgarmente se diz: desde o amanhecer, que haviam iniciado as punições (...)” (p. 73); quando Gabriel das Neves retorna à casa da mãe que já está em seus momentos finais de vida e manda: “suspender as punições que ainda duravam em uma das salas interiores, levar ao hospital os açoitados, tirar das prisões os engrilhados (...) e o resto dos negros foram trancados em um quarto onde costumavam dormir” (p. 74), a cena de libertar os escravizados não quer dizer que o comendador era um homem justo ou de bom coração, pois ele manda trancar os demais em um sala de dormir. O que temos nesse momento é a tentativa de que os escravizados não vejam o sofrimento de Maria das Neves, é uma tentativa de proteger os minutos finais de sua mãe, proteção dos seus e privações dos outros. Outra análise é de como a casa seria visitada por muita gente e ele queria esconder da sociedade o que acontecia no interior da residência.

Sobre as cenas de castigos expostas acima, Schwarcz e Starling (2018) afirmam que os castigos foram uma forma de demonstrar o poder que os senhores (as) tinham sobre o corpo negro:

Segundo o padre Jorge Benci, que esteve no país no final dos 1600, a razão de submeter os escravos era “para que se não façam insolentes, e para que não busquem

traças e modos com que se livrem da sujeição de seu senhor, fazendo-se rebeldes e indômitos”. Servindo-se de um discurso paternalista e também religioso – no sentido da promessa da redenção futura –, o sistema era explicado a partir da necessidade do uso exclusivo da coação.

(...)

Punições públicas, o tronco exemplar, a utilização do açoite como forma de pena e humilhação (...) construiu-se, no Brasil, uma arqueologia da violência que tinha por fito constituir a figura do senhor como autoridade máxima, cujas marcas, e a própria lei, ficavam registradas no corpo escravo (Schwarcz; Starling 2018, p. 91 - 92).

Ou seja, dentro da narrativa, quando os escravizados eram postos para castigo, em sua maioria, era para demonstrar o poder que os senhores tinham sobre esses corpos, além de que viam como uma forma de “liberar” os seus sentimentos de raiva. Quando as historiadoras citam o paternalista e o discurso religioso, quanto ao primeiro citamos aqui a visão de Gerda Lerner (2019) ao afirmar que “para a manutenção do paternalismo (e da escravidão) é essencial convencer o grupo subordinado de que seu protetor é a única autoridade capaz de suprir suas necessidades” (p. 292), ou seja, na obra temos o caso de Camila e seus filhos, que não são agredidos fisicamente, mas são dominados por Maria das Neves que possuía o direito sobre eles, a manutenção da vida deles. Já o segundo ponto é justamente a vida de Maria das Neves, pois acreditava que seus pecados seriam perdoados após a morte e se utilizada de tal justificativa. Por último, ao falarem das punições, temos o que acontece com Alina, citada no tópico anterior, castigada até a morte, amarrada e espancada em um tronco; Carolina, a mandante do crime, quer evidenciar o seu domínio sobre Alina, castigando-a.

A última frase gira em torno dos destinos dos escravizados após a leitura do testamento de Maria das Neves: “Dona Maria das Neves deixava livre muitos escravos, particularmente os que mais sofreram, acompanhando-lhes a liberação de pequenos legados” (p. 151), neste trecho aborda a libertação de escravizados por Maria das Neves, enfatizando que ela deixava alguns deles livres, especialmente aqueles que enfrentaram maiores sofrimentos. Além disso, a menção de “pequenos legados” sugere que, junto à liberdade, ela também proporcionava uma forma de suporte financeiro, reconhecendo as dificuldades que esses indivíduos enfrentaram.

Por último temos outras três cenas de relevante importância que abordam a bandeira do abolicionismo nas terras brasileiras. O primeiro momento é a reunião de Carolina e a sogra, Maria das Neves, no qual discutem o destino dos filhos e netos, respectivamente. Assim, Carolina chega na casa e inicia a conversa falando sobre os escravizados que, de acordo com a personagem, é o motivo delas não se encontrarem muito, pois eles são uma luta. Além do mais, também podemos perceber um tom de ironia do narrador na passagem:

-Minha querida sogra, começou D. Carolina, vim visitá-la hoje, não só pelo prazer de passar o dia com a senhora, o que raramente acontece, principalmente desde que residimos em Botafogo, porque já sabe a senhora a luta em que vive quem tem escravos! Essa escória que tira o sossego da vida da gente.

- É um verdadeiro inferno – acrescentou o comendador.

Este incidente, dado o tom com que a conversa tinha começado, ocasionava,

naturalmente, uma pequena modulação ao gosto de D. Maria, porque uma vez sobre esse terreno, ela teria oportunidade de desabafar um pouco o azedume de sua bile, e já depois de passado aquele primeiro capítulo do preâmbulo ou introdução, restava apenas começar o assunto.

Assim, com a última palavra de D. Carolina, a senhora pediu sua caixa de rapé, inalou um pó e começou um longo e detalhado relato das desgraças, desgostos e amarguras causadas pelos negros aos brancos, pelos escravos ao opressor. Palavras tais que achamos por bem suprimir, mas que em suma provavam com evidência que as vítimas não são os negros arrancados de seu país, de seus afetos e de sua liberdade, carregados em correntes, amontoados à força em navios nauseabundos e depois vendidos como qualquer objeto de mercadoria ou animais, para senhores que os comprem para viver do suor de seu escravo, como se compra um boi para arar, um cavalo para montar etc., etc. Mas os negros insolentes não se submetem à superioridade dos brancos senão à força de castigos horríveis, eis aí a questão, e a luta do branco para ensinar ao negro certos pontos do direito natural que só se explicam a bordoadas; consequentemente, as vítimas são os brancos que oprimem e os algozes são os oprimidos - é uma lógica bastante simples (Manso, 2021, p. 42).

Como podemos analisar, esposa e marido concordavam em afirmar que os negros eram um empecilho em suas vidas, e por culpa deles não conseguiam sair de suas residências, o que realmente é uma falácia, já que a família vive saindo para os bailes. Na realidade, o casal se utiliza de uma mentira para justificar a sua não frequência na casa de Maria das Neves. Dado a abertura da conversa, o narrador afirma que Maria das Neves tinha muito o que falar sobre o assunto e assim inicia seu discurso escravista. Aqui é pertinente o comportamento do narrador ao dizer que irá suprimir as palavras das senhoras e inicia um discurso irônico para demonstrar como Maria das Neves estava errada em afirmar que os negros são os verdadeiros agressores. Ora, se os negros são os agressores, qual a justificativa para os inúmeros castigos e compra de escravizados? Schwarcz e Starling (2018) salientam que são poucos os relatos das viagens forçadas que os negros passaram, as historiadoras destacam o relato de um frei Sorrento, de 649, no qual ele afirma ter contado novecentos cativos dentro de um tumbeiro: “aquele barco [...] pelo intolerável fedor, pela escassez de espaço, pelos gritos contínuos e pelas infinitas misérias de tantos infelizes parecia um inferno” (Schwarcz; Starling, 2018, p. 84). Desse relato exposto e do trecho do romance, na realidade, o que é mais intolerável é a facilidade que os escravistas tinham em se colocar como inocentes. Portanto, Maria das Neves é a verdadeira face daqueles que cometeram atrocidades com o povo negro, seu papel na narrativa é demonstrar como é a face dos escravistas.

Por último, o narrador destaca que Maurício tinha consciência da sua posição social dentro da família Neves. O personagem percebe que no Brasil ele era considerado um homem escravizado mesmo tendo a oportunidade de estudar fora e se formado em medicina. Nessa perspectiva, ressaltamos dois momentos que o narrador acentua a consciência de Maurício, a primeira é quando o personagem decide ir atrás do pai para salvá-lo das mãos da tia:

Pouco lhe importava o que a família pudesse fazer com ele, havia chegado o dia em que falaria com eles de igual para igual, não como um escravo, mas como um *homem*,

cujos direitos não são ilusórios, mas sim verdades, as quais, embora desconhecidas ou atropeladas, são sempre argumentos irresistíveis da linguagem da razão e da consciência (Manso, 2021, p. 95).

No trecho acima, temos um destaque para a palavra *homem*, já que podemos pensar na ideia de que quando ele chegasse na casa de Maria das Neves ele não seria um filho ilegítimo, nascido de uma mulher escravizada, mas uma pessoa como os seus parentes brancos. Ou seja, ao enfatizar tal palavra, é tentar demonstrar que as pessoas, sejam elas negras ou brancas. Outro aspecto é a religiosidade do personagem, pois ele, igualmente a avó, acreditava em um reparo divino, como mencionado por Adriele Souza (2022, p. 21) “o personagem, assim como sua mãe, encontra-se em posição de subalternidade: em vez de rebelar-se contra sua realidade, acredita na redenção proferida na literatura cristã”. A última passagem é de consciência de Maurício no reencontro com pai, que voltou momentaneamente a consciência, assim o narrador se expressa:

A sua raça não lhe pesava, um exame cuidadoso de si mesmo dava-lhe a convicção de que, independentemente da cor, era igual a qualquer outro homem, tão bom ou tão mau, com a mesma inteligência, paixões e sentimentos. Maurício não se envergonhava de sua cor, mas sofria imensamente com a escravidão de sua família e com o estado de sua mãe; em sua maneira de pensar, antes a cabana do plantador no meio do deserto, antes a loja do judeu vagabundo, do que a escrava amancebada com o senhor (Manso, 2021, p. 99-100).

Portanto, Maurício não tinha vergonha por ser um homem negro, mas o sofrimento de sua mãe lhe pesava o coração. Em sua visão, ele era igual a qualquer outro homem, mas ser filho de uma mulher escravizada e amancebada com o seu senhor lhe custava viver sem dignidade no Brasil. Os exemplos que são destacados são utilizados como forma de apresentar o que era mais digno do que a situação no qual sua família se encontrava.

Podemos concluir que a obra *A Família do Comendador* foi um instrumento, voz de denúncia para o que estava acontecendo no Brasil. Na prática, a escritora, atriz, tradutora, redatora, mãe, utilizou sua voz em seus discursos e todos os seus escritos, sejam eles os romances, os artigos de jornais, peças de teatro ou os poemas, para revelar o que acontecia de criminoso no Brasil, na Argentina e nos países por onde passou.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve como objetivo apresentar a trajetória literária de Juana Paula Manso no Brasil. Para tanto, percebemos a necessidade de realizar um passeio pelo cenário literário das escritoras brasileiras oitocentistas, pois Juana Manso, que não era brasileira, lutava pela emancipação feminina e, além disso, nas terras brasileiras, desenvolveu diversos trabalhos artísticos e literários. A escritora estava inserida em um século no qual as mulheres brasileiras não tinham quase nenhum direito sobre si mesma, dessa maneira, buscamos entender os cenários nos quais as escritoras estavam inseridas.

Pontuamos que a diversidade da história literária feminina no século XIX é evidente, por isso, recuperar essa trajetória é fundamental. Muitas autoras da época foram reconhecidas pelo público, mas hoje estão esquecidas no cânone literário. Sendo assim, vários nomes foram importantes na sua época, porém, por diferentes razões, suas histórias foram negligenciadas. Desde o final do século XX, essas autoras estão sendo redescobertas e reintroduzidas à sociedade contemporânea. Por este motivo, há uma ampliação e diversificação do cânone literário, reparando o grave apagamento que enfrentaram ao longo dos últimos séculos.

Dessa forma, em nossas análises compreendemos o quanto a educação feminina no Brasil foi uma luta árdua, com aberturas e fechamentos de escolas, tal como o Colégio Dom Pedro II permitindo matrículas de jovens meninas e alguns anos depois achou “melhor” que as mulheres não frequentassem a escola. Apesar disso, algumas mulheres se sobressaíram, conseguiram estudar se tornando professoras e o ato de escrever foi se aperfeiçoando, o que evoluiu para professoras se transformando em escritoras, tendo a profissionalização da pena feminina. No entanto, mesmo as mulheres se sobressaindo na escrita literária, os homens continuaram impondo de que elas não pertenciam aquele espaço com base na seguinte frase: “mulher não deveria escrever”. Por este motivo, uma das formas utilizadas por elas para mudarem esse cenário consistiu na utilização do anonimato e o pseudônimo tentando alcançar a liberdade em seus escritos. Assim, constatamos que ao longo do século XIX, apesar de todas as dificuldades impostas pelos homens, as mulheres buscaram estratégias para desenvolver um direito que hoje nos parece básico: o exercício da escrita.

Após apresentar o cenário brasileiro literário, buscamos compreender a fuga de Juana Manso e sua família para o Brasil, ocorrida em 1842. A contextualização literária e histórica visou buscar conhecer os motivos da escritora quanto a sua luta pela educação das mulheres e a conjuntura na qual ela estava inserida, principalmente, no decorrer das fugas até se estabelecer por um período considerável nas terras brasileiras. Sendo assim, Juana Manso, que teve acesso

a uma boa educação, acreditava que todas as mulheres deveriam ter os mesmos direitos e não era o que acontecia no Brasil, o qual ela julgava como um local atrasado em comparação aos outros países da América que visitou.

No Brasil, Juana Manso desenvolveu inúmeros trabalhos, como abertura de escola para meninas, estreou no teatro como atriz e autora das peças, abriu o primeiro jornal considerado feminino e feminista, escreveu romances que retratavam a realidade brasileira e argentina, publicou artigos, poemas, músicas e, assim, se destacou como uma mulher de múltiplas facetas. Juana Manso, uma mulher do século XIX, começou sua vida com certos privilégios. No entanto, enfrentou diversos obstáculos que a levaram a perceber o quanto a vida das mulheres era uma luta contínua. Por este motivo, a emancipação feminina tornou-se um dos temas centrais de sua vida, a qual ela defendia incansavelmente todos os dias.

Em relação ao periódico fundado por Manso, podemos afirmar que, a partir da análise da imprensa feminina no Brasil do século XIX, se revela como um panorama fascinante e complexo, onde mulheres pioneiras, como Juana Manso, desafiaram as normas patriarcais ao utilizarem seus jornais como ferramentas de resistência e educação. Além do mais, através das publicações como *O Jornal das Senhoras*, fundado por Juana Manso, em 1852, essas mulheres não apenas abordaram temas diversos como moda, literatura e artes, mas também promoveram debates sobre emancipação feminina e educação, mesmo que esta fosse centrada na formação dos filhos. Esses periódicos não só documentaram a vida cotidiana da época, mas também serviram como ferramentas para o fortalecimento da voz e da presença feminina na esfera pública social. Desse modo, a imprensa feminina oitocentista não se concentrou apenas em informar, como também moldou atitudes contribuindo para o avanço social das mulheres no Brasil oitocentista.

Sinalizamos que, no último capítulo, foi analisado o romance *A Família do Comendador* (2022), no qual buscamos apresentar alguns aspectos da narrativa, tais como: narrador, espaço e a forte presença das personagens femininas. Além disso, procuramos agregar textos teóricos sobre o período oitocentista, tendo como exemplo as obras de Mary Del Priore (2016), Gerda Lerner (2019) e outras, buscando indicar como a narrativa estava dialogando com o contexto que a escritora e o romance estavam inseridos.

Pontuamos primeiramente, no capítulo final, a diferença entre a publicação presente no periódico *A Imprensa* (1853) e a publicação da tradução realizada em 2021, pois o nosso intuito consistiu em apresentar a versão da narrativa traduzida. Sendo publicada em 1853, mesmo com apenas quatro capítulos, partimos da ideia de analisar se os capítulos eram semelhantes ou se ocorreram mudanças significativas. Nesse sentido, percebemos que da primeira versão em

português para a versão final, Juana Manso mudou drasticamente o comportamento dos personagens, além da retirada e inclusão de terceiros, tendo como exemplo, a mudança de personalidades de Carolina e seu marido, Gabriel das Neves. Na primeira versão temos a mulher com qualidades de pureza e obediência, enquanto na última versão ela passa a ser uma mulher autoritária e gananciosa. Gabriel das Neves de homem autoritário passa a ser um personagem secundário.

Enfatizamos aqui a importância do narrador e dos cenários presentes no romance. Juana Manso buscou enaltecer as paisagens brasileiras e, ao mesmo tempo, mostrar a veracidade dos cruéis atos contra os corpos dos escravizados. Além do mais, do cenário de famílias burguesas arranjando casamentos entre parentes, temos o narrador sinalizando o cenário do sofrimento dos negros escravizados.

Ademais, enquanto a narrativa não avança na primeira publicação devido ao retorno da autora à sua terra natal, a Argentina, a obra foi publicada duas vezes no território argentino antes de receber a tradução mais de 150 anos depois. A última versão da obra possui um total de 10 mulheres representadas de acordo com a sua maneira de viver, destacando algumas personagens significativas: Carolina, Maria das Neves, Gabriela e Alina. As 4 personagens destacadas conseguem simbolizar um tipo de pessoa/situação que era comum ao período oitocentista, por exemplo: Carolina, apesar de ser uma personagem feminina, ao nosso ver, pode representar o próprio patriarcado da época, visto que suas atitudes em geral, ao analisarmos o contexto histórico fora do romance, eram comuns de serem partidas dos homens. Maria das Neves poderia ser vista como a representação da mulher burguesa oitocentista, cristã que acreditava na redenção dos seus pecados após a morte; Gabriela é a personificação das mocinhas de romance da época, pois sua paixão repentina, seu comportamento e sua visão de mundo dialogava com as demais personagens dos romances brasileiros quanto os do outro lado do atlântico e, por fim, Alina, figura representativa do sofrimento do povo escravizado no Brasil. Alina pouco aparece na narrativa, mas sua imagem ao leitor consegue permanecer na memória. Desse modo, as mulheres presentes em *A Família do Comendador* se destacam por estarem dialogando com a realidade brasileira oitocentista.

A obra *A Família do Comendador*, de Juana Manso, emerge como uma poderosa voz de denúncia contra os horrores da escravidão no Brasil do século XIX. Ao longo do romance, Manso não apenas retrata a brutalidade física e psicológica infligida aos escravizados, mas também critica profundamente as estruturas sociais e econômicas que sustentavam esse sistema desumano, como podemos perceber no seio da família Neves. Através de personagens como João das Neves e Maurício, a romancista revela o despertar de uma consciência abolicionista e

a busca por justiça em meio à opressão. Além disso, ao contrastar o cenário brasileiro com lugares onde a escravidão estava sendo questionada, como na Inglaterra, Manso sugere um caminho para a redenção e construção de uma sociedade mais justa, por meio dos finais utópicos como o de Gabriela e Ernesto; o casamento de Camila e Gabriel da Neves e a sugestão do casal Maurício e Mariquinha. Portanto, sua obra não é apenas um registro histórico, mas um apelo contundente pela libertação e pela dignidade humana, ecoando suas convicções abolicionistas em um contexto de resistência e transformação social.

REFERÊNCIAS

A Marmota (RJ) 1859-1869. Disponível em: [A Marmota \(RJ\) - 1859 a 1864 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 3 mai. 2023.

A Pátria: Folha da Província do Rio de Janeiro (RJ) 1856 a 1889. Disponível em: [A Pátria : Folha da Província do Rio de Janeiro \(RJ\) - 1856 a 1889 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 3 de mai. 2023.

ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ALMEIDA JÚNIOR. *A LEITURA*. Pinacoteca de São Paulo, 1892. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=836965355130122&set=a.629388382554488>. Acesso em 01 out. 2024.

A Imprensa (RJ) – 1852 a 1853. Disponível em: [A Imprensa \(RJ\) - 1852 a 1853 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 3 fev. 2023.

Archivo General de la Nación Argentina. *Juana Manso*. Disponível em: http://web.facebook.com/ArchivoGeneraldeLaNacionArgentina/photos/a.141923792499512/3090482994310229/?type=3&_rdc=1&_rdr. Acesso em 05 mar. 2022.

AZEVEDO, Elizabeth Ribeiro. Joana Paula Manso de Noronha: uma dramaturga no teatro brasileiro do século XIX (1840-1859). *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 41, set. 2021.

BARBOSA, Everton Vieira. A impressão de ideias e ideias de uma argentina em um periódico brasileiro feminino em meados do oitocentos. *Dourados: Revista eletrônica História em reflexão*, v.12, n. 23, jan. - jun. 2018, p. 16 – 32.

BARREIRA, Cecília. *O casamento e a família*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2014.

BARRIO, Cesar de Oliveira Lima. *O Império e a Política de intervenção no Rio da Prata (1843-1865)*. Brasília: FUNAG, 2018.

Biblioteca Nacional Mariano Moreno. *Álbum de señoritas: periódico de literatura, modas, bellas artes y teatros*. República Argentina. Disponível em: [javascript:open_window\("https://catalogo.bn.gov.ar:443/F/4F1JF7BPIB3XM5D1RRMPXHGKQXBAARAHGYA6L2LPSN4RMT7S73-85710?func=service&doc_number=001285935&line_number=0012&service_type=TAG%22"\)](https://catalogo.bn.gov.ar:443/F/4F1JF7BPIB3XM5D1RRMPXHGKQXBAARAHGYA6L2LPSN4RMT7S73-85710?func=service&doc_number=001285935&line_number=0012&service_type=TAG%22). Acesso em 10 fev. 2023.

CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A Personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2018.

CARVALHO, Carolina Vieira.; BOTELHO, Rafael Lucas Barros; RASSI, Marcos Antonio Caixeta. Escravo x escravizado: reflexões sobre a escravização. *Revista Pergaminho*, p. 108–

115, 2021. Disponível em: [Vista do Escravo x escravizado \(unipam.edu.br\)](http://vista.do-escravo-x-escravizado.unipam.edu.br). Acesso em: 13 abr. 2024.

CARVALHO, Nathalia Oliveira de Barros. *Uma vida de Juana Paula Manso: deslocamentos, construção da personagem e rede de conhecimento em *Cómo se atreve*, de Silvia Miguez*. 2023. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2023.

CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. v. 9, jul. 2011. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>.

CENTRO CULTURAL CÂMARA DOS DEPUTADOS. *As Mensageiras: Primeiras Escritoras do Brasil*. Série Histórias Não Contadas. Brasília, 2018 (Catálogo de Exposição).

COLASANTI, Marina. Ser mulher e escritora no Brasil. *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 217-225, 2012.

Correio do Assú: Periódico Político, Moral, Noticioso (RN) 1873. Disponível em: [Correio do Assú : Periodico Politico, Moral e Noticioso \(RN\) - 1873 - DocReader Web \(bn.br\)](http://www.docreaderweb.com.br/Correio-do-Assu-Periodico-Politico-Moral-e-Noticioso-RN-1873). Acesso em 3 de mai. 2023.

Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal. Disponível em: [Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal \(RJ\) - 1848 a 1868 - DocReader Web \(bn.br\)](http://www.docreaderweb.com.br/Correio-Mercantil-e-Instructivo-Politico-Universal-RJ-1848-a-1868). Acesso em 3 de mai. 2023.

CUNHA, Juliana. *Ser índio na Argentina: uma história de apagamento e genocídio*. Brasília, 2015. Disponível em: [Ser índio na Argentina: uma história de apagamento e genocídio – Vermelho](http://www.serindio.org.br). Acesso em 20 de nov. 2022.

DEBRET, Jean Baptiste. *Famille allant à la Messe*. 1846. Gravura, pb, 21 x 12,8 cm. Biblioteca Nacional (Brasil). Disponível em: [https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/17115/famille-allant-a-la-messe](http://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/17115/famille-allant-a-la-messe). Acesso em: 13 jun. 2024.

Diário do Rio de Janeiro (RJ) – 1821 – 1858. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/25414. Acesso em: 3 fev. 2023.

D. Pedro IV: Periódico Artístico, Litterario, Crítico e Noticioso (RJ) 1871 A 1873. Disponível em: [D. Pedro V : Periodico Artistico, Litterario, Critico e Noticioso \(RJ\) - 1871 a 1873 - DocReader Web \(bn.br\)](http://www.docreaderweb.com.br/D-Pedro-V-Periodico-Artistico-Litterario-Critico-e-Noticioso-RJ-1871-a-1873). Acesso em 3 de mai. 2023.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquistas: histórias de uma história mal contada. *Estudos de Literatura Brasileira*. Brasília, n. 30, jul. - dez., 2007, p. 63-70.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX – dicionário ilustrado*. São Paulo: Editora Autêntica, 2016.

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. Juiz de Fora. *Ipotesi*, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul.-dez., 2009.

DUARTE, Constância Lima. O Cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e Ciências humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos, 1994.

FANINI, Michele Asmar. Fazer da pena um ofício: a profissionalização literária feminina no Brasil da virada do século XIX para o XX. Blumenau. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 2, n. 3, p. 291 - 310, set.- dez. 2008.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GOTLIB, Nádia Battella. *A literatura feita por mulheres no Brasil*. Universidade Federal de Santa Catarina. 2012. Disponível em: https://singrandohorizontes.blogspot.com/2014/05/nadia-battella-gotlib-literatura-feita_5.htm.

Jornal do Commercio. Disponível em: [Jornal do Commercio \(RJ\) - 1850 a 1859 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 3 de mai. 2023.

JOSIOWICZ, Alejandra Judith. Juana Manso no Brasil: cidadania, educação e cosmopolitismo. *Revista Brasileira de História da Educação*. Rio de Janeiro, v. 8, p.1-22, 2018.

JUANA MANSO. Disponível em: <https://www.juanamanso.org>. María De Giorgio (criadora y responsable). Acesso em 20 de nov. 2022.

KESSAMIGUIEMON, Vera. A educação da mulher e a produção literária feminina na transição entre os séculos XIX e XX. Rio de Janeiro. *Teias*, n. 5, ano 3, jan. - jun. 2002.

KNAPP, Cristina Loff. A mensageira: consolidação da escrita feminina no século XIX. Belo Horizonte. *Aletria*, v. 31, n. 3, p. 167-186, 2021.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A profissionalização do escritor no Brasil do século XIX. *Fragmentum*. Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 45, abr. - jun. 2015.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LEWKOWICZ, Lidia F. *Juana Paula Manso (1819-1875) una mujer del siglo XXI*. Corregidor: Buenos Aires, 2000.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 8 ed. São Paulo: Ática, 1985.

LEWKOWICZ, Lidia F. *Dossier Escritoras argentinas del siglo XIX*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 2003. p. 41 – 46.

LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo* (Rio de Janeiro metade do século XIX). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Católica de São Paulo, 2012. 191 p.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. A Imprensa feminina, revista feminina. A imprensa feminina no Brasil. *Projeto História*. São Paulo, n. 35, dez., p. 221-240, 2007.

LINDE, Carlos. *Aqueduto e Convento de Santa Teresa*. 1860. Gravura, litografia, 18,7 x 22,6 cm. Coleção Brasileira Itaú. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18535/aqueduto-e-convento-de-santa-teresa>. Acesso em 19 jun. 2024.

LOBO, Luiza. *A Literatura de autoria feminina na América Latina*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <https://lfilipe.tripod.com/LLobo.html>.

LOBO, Luiza. Juana Manso: uma exilada em três pátrias. *Gênero*. Niterói, v.9, n. 2., 2009.

LODGE, David. A arte da ficção. Porto Alegre: coleção L&M POCKET, 2017.

LYNCH, John. *Argentine Caudillo: Juan Manuel de Rosas*. 2. ed. Wilmington: Scholarly Resources, 2001.

MANSO, Juana. *O Jornal da Senhoras (RJ) – 1852 A 1855*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/700096/75>. Acesso em 3 fev. 2023.

MANSO, Juana. *La familia del Comendador y otros textos*. Biblioteca Nacional de la República Argentina, Col. Los Raros, 2006, 168 p.

MANSO, Juana. *A Família do Comendador*. Tradução: Luma Virgínia de Souza Medeiros, Maraysa Araújo Silva, Miriam Cristine da Costa Souza, Regina Simon da Silva. São Paulo: Ed Pinard, 2022.

Marmota Fluminense: Jornal de Modas e Variedades (RJ) – 1854 a 1858. Disponível em: [Marmota Fluminense : Jornal de Modas e Variedades \(RJ\) - 1854 a 1858 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 3 de mai. 2023.

MEDEIROS, Luma Virgínia de Souza. “Mas afinal, o que vem a ser a mulher?”: representação da mulher oitocentista e formação da leitora no jornal das senhoras. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, p. 129, 2022.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina Fragmentos de uma vida*. São Luís – Maranhão, 1975.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. Universidade Federal de Santa Catarina. *Anuário de Literatura*. v. 3, p. 85-94, 1995. Disponível em: <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/issue/view/855/showToc>.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX – Antologia volume I*. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres do século XIX. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis. 2003. Disponível em: SciELO - Brasil - Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Sob o signo do gótico: o romance feminino no Brasil, século XIX. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, [S. l.], n. 10, p. 295–308, 2008. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/142>. Acesso em: 20 jul. 2024.

O Brado do Sul. Disponível em: [O Brado do Sul \(RS\) - 1859 a 1860 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 3 de mai. 2023.

O Correio da Tarde: Jornal Político, Litterario e Commercial (RJ) – 1848 a 1852. Disponível em: [O Correio da Tarde : Jornal Politico, Litterario e Commercial \(RJ\) - 1848 a 1852 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 03 mai. 2023.

O Jornal das Senhoras (RJ) – 1852 A 1855. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/700096/75>. Acesso em 3 fev. 2023.

O Lobishomem (RJ) 1870 a 1871. Disponível em: [O Lobishomem \(RJ\) - 1870 a 1871 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 3 de mai. 2023.

PALACIOS, Ariel. *Os Argentinos*. São Paulo: editora Contexto, 2013.

PAGLIARULO, Elisabetta. Juana Paula Manso (1819-1875). Presencia feminina indiscutible en la educacion y la cultura Argentina del siglo XIX, con proyección americana. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia Boyacá, Colombia. v. 13, n. 17, jul.-dez, 2011, p. 17-42.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.

PRIORE, Mary Del. *Histórias da gente brasileira: volume 2: Império*. São Paulo: Leyla editora, 2016.

PRIORE, Mary Del. *Sobreviventes e Guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*. São Paulo: Planeta, 2020.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 161–193, jan. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnmfBJVHR9x#>. Acesso em 23 abr. 2024.

REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

REZENDE, Rafael Ribeiro. *Grande americano ou tirano do prata? Juan Manuel de Rosas na imprensa brasileira*. 2016. 86 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ROITENBURD, Silvia N. Sarmiento: entre Juana Manso y las maestras de los EEUU. Recuperando mensajes olvidados. *Antíteses*, v. 2, n. 3, jan.-jun., 2009 p. 39-66.

SANTOS, Maria Aparecida Conceição Mendonça. *A domesticação do corpo e a subversão da sexualidade feminina na literatura: Do Iluminismo ao Naturalismo*. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Interdisciplinar) - Programa de Pós-graduação Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão, 2015.

SILVA, Liliam Ramos da. Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no brasil no par de línguas espanhol-português. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 1, p. 71–88, jan. 2018.

SILVA, Maraysa. As representações do patriarcado pelas personagens femininas em la familia del comendador, de juana manso e como agua para chocolate, de laura esquivel. *In.: Anais do 19º Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol [recurso eletrônico] : a formação do professor de espanhol na era da tecnologia : resistências, desafios e perspectivas no cenário brasileiro*. Alexandro Teixeira Gomes (org.). Natal, RN: EDUFRN, p. 122-130, 2023.

SILVA, Maraysa Araújo; SIMON, Regina da Silva. Tristes quadros da escravidão: violência no romance La familia del Comendador, de Juana Manso. *Revista Odisseia, [S. l.]*, v. 8, n. Especial, p. 307–322, 2023. DOI: 10.21680/1983-2435.2023v8nEspecialID31793. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/31793>. Acesso em: 19 jul. 2024.

SILVA, Regina Simon. La Familia del Comendador: um retrato do Brasil do século XIX, por Juana Manso. *In.: Contexto*. n. 37, 3, 2020a. p. 202-22.

SILVA, Regina Simon. El Jornal das Senhoras: un proyecto periodístico femenino para la emancipación de las mujeres brasileñas. *Revista Moara*: Belém. N, 56, v. 1, ago. – dez. 2020b.

SOUTO, Bárbara. *Mulheres e ideias impressas: Projetos feministas de emancipação em periódicos do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855)*. 2016. 319 f. Tese (Pós-graduação em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SOUTO, Bárbara. Juana Manso: uma intelectual feminista transnacional (Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1852-1855). *Dimensões*. Universidade Federal do Espírito Santo, v. 14, jul.-dez. 2020, p. 53-83.

SOUTO, Bárbara. *Mulheres e ideias impressas: Projetos feministas de emancipação em periódicos do Rio de Janeiro e Buenos Aires*. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.

SOUZA, Adriele Albuquerque de. *Argentina para brasileiras, brasil para argentinas: o projeto político-literário de juana manso*. 2021. 136 f. Dissertação (Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SCHELL, Deise Cristina. Baje usted la voz em sus discursos y en sus escritos: Juana Paula Manso e as tentativas de silenciar uma mulher pública na Argentina oitocentista. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*. n. 31, p.14-51 ago. - dez., 2021.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminina no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). *Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. *OPSIS - Revista do NIESC*, Vol. 6, 2006.

SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TELLA, Torcuato S. Di. *História social da Argentina contemporânea*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2017.

VASCONCELLOS, Eliane. Juana Paula Manso. In.: MUZART, Zahidé. *Escritoras brasileiras do século XIX – antologia*. Editora Mulheres: Florianópolis, 2000.

VASCONCELLOS, Eliane. Corina Coaraci. *Fundação Casa de Rui Barbosa*, 1999. Disponível em: www.casaruibarbosa.gov.br.

VASCONCELLOS, Eliane; MENDES, Moema. Corina Coaraci: crônicas do século XIX para serem lidas no século XXI. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 24, n. 46, p. 103-113, jan. - abr., 2022. Doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222446evmm>.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Construções do feminino no romance inglês do século XVIII. *Polifonia*, n. 02, p. 85 - 100, 1995.

ZILBERMAN et al. *As pedras e o Arco: Fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.